

**ORGANIZADORES**  
Carlos Augusto Pereira dos Santos  
Francisco Dênis Melo

# **CORREIO DA SEMANA**

## UM JORNAL CENTENÁRIO (1918-2018)



**SER  
TÃO  
CULT**

Edições UVA





**Carlos Augusto Pereira dos Santos**

Professor Adjunto do Curso de História da Universidade Estadual Vale do Acaraú – UVA. Graduado em Estudos Sociais e História pela UVA (1990 e 2015). Mestre em História Social pela Universidade Federal do Rio de Janeiro-UFRJ (2000) e Doutor em História do Norte e Nordeste do Brasil pela Universidade Federal de Pernambuco-UFPE (2008), pós-doutor em Estudos Culturais do Programa Avançado de Cultura Contemporânea PACC/UFRJ (2016). Autor de vários livros sobre história local, especialmente nas temáticas do cotidiano, cultura, história do trabalho e trabalhadores.



**Francisco Dênis Melo**

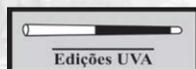
Possui Licenciatura em História pela Universidade Estadual Vale do Acaraú (1996) e Mestrado em História do Brasil - pela Universidade Federal de Pernambuco (2001). Atualmente é professor assistente da Universidade Estadual Vale do Acaraú. Doutor em História, na Linha de Pesquisa Cultura e Memória, da Universidade Federal de Pernambuco (2013). Kursou Pós-Doutorado junto ao PACC - Programa Avançado de Cultura Contemporânea da UFRJ, em 2017. Tem experiência na área de História, com ênfase em Cultura e cidade, ensino, História e Literatura, atuando principalmente nos seguintes temas: religiosidade, cultura e memória, educação e história. Professor da Licenciatura em História do Curso de História da Universidade Estadual Vale do Acaraú desde 2003.

**ORGANIZADORES**  
Carlos Augusto Pereira dos Santos  
Francisco Dênis Melo

# **CORREIO DA SEMANA**

## **UM JORNAL CENTENÁRIO (1918-2018)**

Sobral - CE  
2021



CORREIO DA SEMANA: UM JORNAL CENTENÁRIO (1918-2018)

Série Padre Lira - Volume 1

© 2021 copyright by: Carlos Augusto Pereira dos Santos, Francisco Dênis Melo (Orgs.)

Impresso no Brasil/Printed in Brasil



Rua Maria da Conceição P. de Azevedo, 1138

Renato Parente - Sobral - CE

(88) 3614.8748 / Celular (88) 9 9784.2222

contato@editorasertaoocult.com

sertaoocult@gmail.com

www.editorasertaoocult.com

Av. da Universidade, 850 - Campus da Betânia – Sobral-CE

CEP 62040-370 - Telefone: (88) 3611.6613

Filiada à



Reitor

Fabiano Cavalcante de Carvalho

Vice-Reitora

Izabelle Mont'Alverne Napoleão Albuquerque

### Coordenação Editorial e Projeto Gráfico

Marco Antonio Machado

### Coordenação do Conselho Editorial

Antonio Jerfson Lins de Freitas

#### Conselho Editorial

Andrea Rodrigues de Andrade

Antonio Iramar Miranda Barros

Camila Teixeira Amaral

Cícero João da Costa Filho

Geranilde Costa e Silva

Gilberto Gilvan Souza Oliveira

João Batista Teófilo Silva

Juliana Magalhães Linhares

Raimundo Alves de Araújo

Regina Celi Fonseca Raick

Tito Barros Leal de Pontes Medeiros

Valéria Aparecida Alves

#### Diretora das Edições UVA

Maria Socorro de Araújo Dias

#### Conselho Editorial

Maria Socorro de Araújo Dias (Presidente)

Alexandra Maria de Castro e Santos Araújo

Ana Iris Tomás Vasconcelos

Carlos Augusto Pereira dos Santos

Claudia Goulart de Abreu

Eliany Nazaré Oliveira

Eneas Rei Leite

Francisco Helder Almeida Rodrigues

Israel Rocha Brandão

Izabelle Mont'Alverne Napoleão Albuquerque

Maria Adelane Monteiro da Silva

Maria Amélia Carneiro Bezerra

Maria José Araújo Souza

Maria Somália Sales Viana

Maristela Inês Osawa Vasconcelos

Raquel Oliveira dos Santos Fontinele

Renata Albuquerque Lima

Simone Ferreira Diniz

Tito Barros Leal de Ponte Medeiros

Virginia Célia Cavalcanti de Holanda

#### Catálogo

Neto Ramos CRB 3/1374

#### Revisão

Daniel Martins de Carvalho

#### Diagramação e capa

João Batista Rodrigues Neto

#### Imagem da capa

Regina Raick

#### Catálogo

Leolgh Lima da Silva - CRB3/967

C824 Correo da Semana: um jornal centenário (1918- 2018). / Carlos Augusto Pereira dos Santos, Francisco Dênis Melo. (Organizadores.). – Sobral, CE: Sertão Cult, Edições UVA, 2021.

284p.

v.1 (Série Pe. Lira)

ISBN: 978-65-87115-14-6 – e-book - pdf

ISBN: 978-65-87429-95-3 - e-book - pdf

ISBN: 978-65-87429-96-0 - papel

Doi: 10.35260/87429953-2021

1. Periódico- Jornal. 2. Centenário- Correo da Semana. 3. Jornalismo. I. Santos, Carlos Augusto Pereira dos. II. Melo, Francisco Dênis. III. Título.

CDD 070



Este e-book está licenciado por Creative Commons

Atribuição-Não-Comercial-Sem Derivadas 4.0 Internacional

## SUMÁRIO

**Série acadêmica Padre João Mendes Lira: Escritos de História, Cultura e Memória em Sobral e Região.....5**

**Correio da Semana - um jornal centenário.....7**

**Parte 1 - O jornal Correio da Semana e seu uso como fonte histórica**

**A importância do jornal Correio da Semana para a pesquisa em história .....19**

*Telma Bessa Sales*

**O jornal Correio da Semana e sua contribuição como fonte de pesquisa para as produções acadêmicas do curso de história da Universidade Estadual Vale do Acaraú – UVA.....35**

*Yana Mara Vasconcelos da Ponte*

**Parte 2 - O jornal Correio da Semana e os embates político-ideológicos**

**Catolicismo e política: a Liga Eleitoral Católica e o Correio da Semana (1932-35).....65**

*Carla Alexandra Coêlho Guimarães*

**Os comunistas e a ditadura no jornal Correio da Semana.....87**

*Ricardo Luiz Martins*

*Edvanir Maia da Silveira*

**“Se todos os mezes houvesse um 19 de março, quem era que falava mais em comunismo”? O circulismo católico como fenômeno associativo no Noroeste do Ceará.....119**

*Carlos Augusto Pereira dos Santos*

**O “soldado” da Igreja nas páginas do “Correio da Semana”: fragmentos das performances do padre Sabino Guimarães Loyola na década de 1940**.....135

*Thiago Braga Teles da Rocha*

**A “bôa imprensa” em Sobral - Ceará.....157**

*Aurélio Ponte Filho*

### **Parte 3 – O jornal Correio da Semana e o cotidiano da cidade**

**“A princesa adormecida”. A introdução de Sobral-CE no cenário político do patrimônio cultural nacional.....179**

*Neycikele Sotero Araújo*

**Pobreza, sedução e defloramento: uma análise a partir dos processos-crime de sedução e do jornal *Correio da Semana* em Sobral-CE (1940 a 1945).....205**

*Rubens Francisco da Silva*

*Viviane Prado Bezerra*

**Sons do progresso e a cidade do barulho nas páginas do jornal *Correio da Semana* em Sobral-CE.....237**

*Francisco Dênis Melo*

**Jornal *Correio da Semana*, um intérprete da história do teatro sobralense**.....257

*Edilberto Florencio dos Santos*

**Sobre os autores.....279**

## SÉRIE ACADÊMICA PADRE JOÃO MENDES LIRA:

### ESCRITOS DE HISTÓRIA, CULTURA E MEMÓRIA EM SOBRAL E REGIÃO

Padre Lira fez de sua prática Histórica, entendida enquanto Ensino, Pesquisa e Escrita, uma espécie de *altar*. Um altar em que o **passado** da cidade de Sobral foi imolado, muitas vezes ressuscitado, tantas outras vezes transformado em **Presente**. Ocupando espaços estratégicos como escolas, universidade, rádio e jornal, o padre historiador consagrou na cidade a discussão histórica especialmente a partir de sua *Coluna Nossa História*, escrita durante 11 anos nas páginas do jornal *Correio da Semana* (1918), desejando, como escreveu, falar “mais alto ao coração dos sobralenses”, assim, tornou-se comum abrir semanalmente o jornal e *ouvir* o padre militando em favor de Sobral e sua História, suas memórias, seus mitos fundadores, suas genealogias, heróis locais, sem deixar de questionar a presença incômoda de pessoas de fora, estrangeiros audaciosos que assediavam a cidade e se arremetiam em suas trincheiras. A partir de seu *altar-história*, nas dobras de sua batina inconfundível, pilotando sua vespa cansada e mansa, nas franjas de seus escritos, sua presença bibliográfica desperta na produção histórica de hoje os sentidos do coração e da razão, apontando para a necessidade de superdimensionar a atividade histórica, como o padre fez um dia, ocupando espaços como páginas de jornal, ondas de rádio, sabendo que o desafio nos dias de hoje é maior, pela existência de variadas mídias que devem ser ocupadas pelos Historiadores. Portanto, o objetivo da **Série Acadêmica Padre Lira** é diversificar e publicizar nossos escritos sobre

História, Cultura e Memória em Sobral e Região, e ainda que desejemos falar “mais alto ao coração”, nossa empreitada tem a clara intenção de questionar o lugar santificado do Passado, da Memória e da História.

## CORREIO DA SEMANA - UM JORNAL CENTENÁRIO

“[...] É impossível dizer em quantas velocidades diferente se move uma cidade a cada instante [...]”

*Ferreira Gullar, Poema Sujo*<sup>1</sup>

As nossas cidades, a cidade que amamos, que construímos e reconstruímos, que inventamos sensivelmente, que exageramos em suas belezas ou suas faltas, se movem muito rapidamente, quase não alcançamos sua velocidade, e sua vertiginosa existência nos afiança que sua face polifônica é surreal, quebradiça. Mas o que dizer de nossa cidade e suas diferenças? O que dizer de nossa cidade e suas estranhezas? O que dizer de uma cidade que insiste em se fazer músculo e força, a comprimir o nosso peito com a lágrima da saudade e o estalar dolorido de um abraço quando ausentes? Massimo Canevacci nos adverte que “compreender uma cidade significa colher fragmentos. E lançar entre eles estranhas pontes, por intermédio das quais seja possível encontrar uma pluralidade de significados. Ou de encruzilhadas herméticas”<sup>2</sup>. Ferreira Gullar, de certo modo, em seu *Poema Sujo*, nos fala também de uma cidade estilhaçada, uma cidade de mil espelhos partidos à procura de um rosto que já não é mais o mesmo. Uma cidade-fragmento. Uma cidade plural porque toda cidade é composta de muitas outras cidades reais, outras possíveis, e tantas outras imaginárias e sedutoras.

1 GULLAR, Ferreira. *Poema Sujo*. Ed. José Olympio, Rio, 2006.

2 CANEVACCI, Massimo. *A Cidade polifônica: ensaio sobre a antropologia da comunicação urbana*. São Paulo: livros Studio Nobel, 2004, p. 35.

Com relação à cidade de Sobral, localizada na Zona Norte do Estado do Ceará, a 232 quilômetros da capital, Fortaleza, temos um espaço que se dilata e se fragmenta a todo instante; uma cidade sobre a qual lançamos estranhas pontes e podemos vagar por ruas de asfalto e encruzilhadas de chão batido. Como compreender uma cidade que tem peso e leveza, sabendo que sua existência, como qualquer outra cidade, só é relativamente possível de ser entendida estabelecendo-se uma relação entre o presente e o passado? Nesse sentido, compreende-se a importância fundamental do jornal *Correio da Semana*, fundado pela Diocese de Sobral em 1918. Esse jornal católico nasceu nos influxos da produção escriturária católica que ganhou força e se estruturou especialmente na segunda metade do século XX, com a criação de jornais e revistas, num contexto de expansão e redefinição da cultura impressa.

Podemos entender os periódicos como fragmentos da vida das cidades. O *Correio da Semana* vai se transformar e se articular com a cultura letrada (fragmentada) da cidade, tecendo assim “estreitas relações com os projetos e disputas para e pela cidade”, fabricando sentidos, distendendo sensações, conforme reflete a historiadora Heloisa de Faria Cruz<sup>3</sup>. Antes de qualquer coisa podemos refletir que o *Correio da Semana* é um espaço crucial para que possamos discutir a cultura letrada e sua relação com o viver urbano, conforme sentencia Cruz. Entretanto, os jornais não podem escapar a essa importante constatação; são fragmentos da vida em sociedade, conforme já frisamos. O que isso significa? Significa que *aquela* notícia que alimentou a nossa pesquisa, só está no jornal porque foi selecionada, quem sabe, entre outras tantas para figurar em suas páginas. Logo, podemos dizer que o jornal, apesar de multiplicar vozes, representar espaços diversos, ainda é espaço de hierarquização de sentidos e de emergência tangencial de perspectivas orais que ganham a cidade numa relação muitas vezes tensa. Como a oralidade, vital na constituição das culturas urbanas, se manifesta nas páginas do *Correio da Semana*? Talvez indiretamente, quando um articulista escreve, por

---

3 CRUZ, Heloisa de Faria. *São Paulo em papel e tinta: periodismo e vida urbana*. São Paulo: EDUC/FAPESP/Arquivo do Estado de São Paulo/Imprensa Oficial de São Paulo, 2000, p. 20.

exemplo, sobre a falta de energia na cidade e diz estar falando em nome do *povo* ou da *população*, o que nos faz perguntar: quem de fato escrevia nas páginas do jornal, ou seja, quem eram os articulistas, fora do corpo clerical, que muitas vezes não tinham o nome publicado? E mais: quem lia o jornal na cidade? Como o mesmo circulava? Quem projetou sua estrutura gráfica, idealizou sua formatação? Algumas dessas questões possivelmente serão respondidas aqui.

Antônio Bezerra de Menezes, em suas andanças pelo sertão do Ceará, fez muitas constatações, mas uma delas é particularmente importante para as nossas reflexões. Escreveu o naturalista e historiógrafo, em sua obra *Notas de Viagem*, que “uma cidade sem jornal é como uma fonte sem água”<sup>4</sup>. Surpreendido porque encontrou um sertão que lia, que comercializava livros, jornais e revistas, sua constatação mais do que incisiva é uma realidade que, desde então, compõe as formas de se entender a construção dos espaços urbanos. Por outro lado, quando Jesús Martín-Barbero reflete sobre *comunicação, cultura e hegemonia*, propõe uma importante análise sobre “o nascimento de uma imprensa popular de massas”<sup>5</sup>, atentando para uma questão que deveria ser discutida por nós, quando o mesmo enfatiza que a “a imprensa também participou do outorgamento de cidadania às massas”. E continua: “E o fez quando se deu a explosão daquilo que conformava sua unidade, que era o círculo letrado, e a ruptura com a matriz cultural dominante”<sup>6</sup>. Quando nos referimos ao *Correio da Semana*, estamos falando, sem dúvida, de um ciclo de letrados, mas podemos dizer que o jornal rompeu com a matriz da cultura dominante na cidade? E mais: de que cultura dominante é possível falar quando sabemos que cultura é prática e as dimensões urbanas nos dizem que os limites e fronteiras entre práticas chamadas populares e as consideradas não populares são sempre tênues? Essas perspectivas nos dizem, por outro lado, que por mais que utilizemos o jornal em tantas pesquisas, sobre os variados assuntos, muito há ainda a pensar e pesquisar com

4 BEZERRA, Antonio. *Notas de viagem*. Fortaleza. Imprensa Universitária do Ceará, 1935, p. 71

5 Ver: MARTÍN-BARBERO, Jesús. *Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2015.

6 Idem. p.246.

relação a tão importante hebdomadário. Nessa perspectiva de análise, por exemplo, poder-se-ia investigar os mecanismos de circulação e recepção do jornal na zona norte através do aparato das paróquias da Diocese de Sobral, ou mesmo, da importância colaborativa de articulistas que tinham espaço no jornal espalhados nesse espaço regional.

O jornal, nas mãos de historiadores e cientistas sociais, tem servido para nos fazer “Pensar o passado, chegar lá, nesse mundo escondido e misterioso da temporalidade escoada”, nas palavras de Sandra Jatahy Pesavento<sup>7</sup>. A temporalidade escoada presente em suas páginas faz do jornal um poderoso mecanismo de condensação temporal, de detecção de modos de pensar, viver, sentir e imaginar a cidade. Em suas páginas, encontramos a pedra dura do calçamento da rua e das edificações, o chão batido de terra, o asfalto, mas também a nostalgia, a saudade, a sensibilidade com relação ao *isso foi*, tão comum às cidades, os conflitos e disputas, que conjugam, em seus espaços, tensões entre modos de construção e reconstrução, modos de destruição e permanência.

O que propomos nesta obra é uma espécie de jogo, um caprichoso quebra-cabeça, em que se experimenta “a prática da montagem [...], a cruzar, a compor e a combinar as marcas do passado [...] a contrapor opostos, apostando nas revelações possíveis desse enfrentamento”, ainda segundo Pesavento<sup>8</sup>. O jornal, portanto, é lugar de enfrentamentos, na medida em que, por mais que seja um espaço oficial da Igreja Católica na cidade, sua espessura escriturária muitas vezes escapa ao controle do editor, e matérias outras que não as oficiais podem escapar por entre as brechas do poder instituído.

O que temos aqui é a possibilidade de experimentarmos o sabor do jornal, com suas chaves de leitura e sua disposição ideológica, moral e católica. Experimentaremos também o sabor de cada autor expresso em

---

7 PESAVENTO, Sandra Jatahy. Introdução – história cultural: caminhos de um desafio contemporâneo. In: PESAVENTO, Sandra Jatahy; SANTOS, Nádia Maria Weber; ROSSINI, Miriam de Souza (Org.). *Narrativas, imagens e práticas sociais: percursos em história cultural*. Porto Alegre: Asterisco, 2008, p. 11.

8 *Ibid.*, p. 17.

seu texto, com seus movimentos, suas perspectivas de leitura e visões de mundo a fluir em suas escolhas de pesquisa e temáticas abordadas.

Nesse sentido, a obra está dividida em três partes. Na primeira temos: **O jornal *Correio da Semana* e seu uso como fonte histórica.** O primeiro artigo, de autoria de Telma Bessa Sales, *A importância do jornal Correio da Semana para a pesquisa em história*, trata exatamente dos sabores do jornal como “prato” gostoso e apetecível para os historiadores. Um pergunta da autora é mais do que pertinente: “Então, quem é o aniversariante?” O nome do aniversariante nós já sabemos, mas o presente quem ganhou fomos nós! Suas reflexões ganham os caminhos do trabalho fabril na cidade e apontam para uma cidade cheia de tessituras, pontos e nós, uma cidade entre a rua e a fábrica, entre o lazer e o labor.

O artigo seguinte, *O jornal Correio da Semana e sua contribuição como fonte de pesquisa para as produções acadêmicas do Curso de História da Universidade Estadual Vale do Acaraú – UVA*, de autoria de Yana Mara Vasconcelos da Ponte, tem uma proposta mais do que interessante, porque elenca trabalhos apresentados que utilizaram o jornal como fonte. No entanto, o jornal como fonte não pode nos dar a falsa impressão de que a história da cidade, como um todo, cabe em suas páginas. O *Correio da Semana*, como qualquer outro jornal, através de seu editor, seleciona, recorta, dobra e desdobra representações sobre a cidade.

A segunda parte, **O jornal *Correio da Semana* e os embates político-ideológicos** é composta de cinco artigos. O primeiro, *Catolicismo e política: a Liga Eleitoral Católica e o jornal Correio da Semana (1932-1935)*, de autoria de Carla Alexandra Coêlho Guimarães, discute a Doutrina Social Cristã a partir do amplo projeto de “recristianização” católica, discutindo conceitos hoje tão atuais, como “crise de autoridade”, sendo que, no contexto da década de 1930, a Igreja Católica procurava sanear moral e politicamente a sociedade. A professora Edvanir Maia da Silveira e Ricardo Luiz Martins escreveram o segundo artigo, chamado *Os comunistas e a ditadura no jornal Correio da Semana*. Na perspectiva da Nova

História Política, os autores discutem a resistência católica na cidade com relação ao socialismo e, em especial, ao comunismo, entendido pelo editorial do jornal como “ateísta e materialista” e, fundamentalmente, anticristão. Uma interessante questão é colocada quando os autores debatem sobre o Programa da Semana Católica de 1945. O professor Carlos Augusto Pereira dos Santos, no terceiro artigo, intitulado “*Se todos os mezes houvesse um 19 de março, quem era que falava mais em comunismo?*”? *O circulismo católico como fenômeno associativo no noroeste do Ceará*, trata da constituição na zona noroeste do Ceará, dos Círculos Operários, de suas configurações no espaço urbano e de suas relações com a chamada “boa imprensa”, caso particular do *Correio da Semana*, enfatizando assim o mundo do trabalho. Questões como associativismo e práticas culturais e trabalhistas são discutidas pelo autor, de modo que o jornal se torna importante espaço de visibilidade de muitos sujeitos que, possivelmente, apontam, em suas práticas, para o possível rompimento com “a matriz cultural dominante” nas cidades pesquisadas pelo autor.

O quarto artigo, do professor Thiago Braga Teles da Rocha, O “*Soldado*” *da Igreja nas páginas do Correio da Semana: fragmentos das performances do Padre Sabino Guimarães Loyola na década de 1940*, nos faz refletir sobre a prática de pesquisa de um autor que foi se constituindo no dia a dia de sua formação no Curso de História da UVA. Sua relação com o Núcleo de Documentação Histórica (NEDHIS), a partir de suas atividades no Programa de Educação Tutorial (PET), cerne de sua relação com a pesquisa e lugar de farejar carne humana, fica explícita em sua narrativa. Além disso, foi em meio ao *mundo de documentos* do NEDHIS que o autor encontrou referências sobre um “soldado da igreja”, o Monsenhor Sabino Guimarães Loyola, defensor ardoroso da instituição católica e intelectual ativo a serviço da chamada *boa fé* dos católicos, no enfrentamento daqueles que, na visão da igreja, queriam *possuir* a cidade à revelia da igreja, caso particular de Francisco de Almeida Monte, o Chico Monte. Fechando a segunda parte deste livro, temos o artigo do professor Aurélio Ponte Filho, *A “Bôa Imprensa” em Sobral (Ceará)*, em

que se analisa como o *Correio da Semana* se inscreve e se constitui como um jornal defensor da imprensa católica, inserido no projeto maior dos objetivos do catolicismo romano de uniformização e normatização. Por outro lado, o artigo discorre como o jornal, enquanto agente político atuante na cidade, torna-se um órgão identificador dos inimigos em potencial do catolicismo, notadamente, os veículos associados à “má imprensa” e os defensores de ideias comunistas, além de colaborar essencialmente para a construção de uma identidade católica que primava por se opor a qualquer tipo de ideal liberal e a outras confissões religiosas.

Na terceira parte, denominada **O jornal *Correio da Semana* e o cotidiano da cidade**, temos o artigo de autoria de Neycikele Sotero Araújo, “*A Princesa Adormecida*”: a introdução de Sobral no cenário político do Patrimônio Cultural Nacional, que analisa a questão do tombamento da parte central da cidade de Sobral em 1999. Foi como se “A Princesa Adormecida” despertasse para a história – pelo menos em sua centralidade, o que de fato precisa ser pensado, como faz a autora, na perspectiva de entendimento dos embates, através do *Correio da Semana*, sobre as possibilidades de preservação, a princípio, de algumas edificações consideradas importantes para uma dada memória da cidade

A referência à coluna *Nossa História*, escrita no jornal pelo historiador local, padre João Mendes Lira, é digna de nota, na medida em que aponta para um duplo movimento: de um lado, a escrita historiográfica do padre e sua relação com a cidade e, do outro, a própria narratividade histórica e sua relação com as páginas do *Correio da Semana*.

Em *Pobreza, sedução e defloramento: uma análise a partir dos processos-crime de sedução e do jornal Correio da Semana em Sobral-CE (1940-1945)*, artigo de autoria de Rubens Francisco da Silva e Viviane Prado Bezerra, discute-se, a partir do significativo número de 14 processos, selecionados entre a documentação do NEDHIS, o cruzamento dessa documentação com reportagens do jornal, em que o olhar dos autores se voltam para as mulheres pobres da cidade, bem como encetam uma refle-

xão sobre um conceito escorregadio de Modernidade, ao mesmo tempo em que analisam regras de comportamento dessas mulheres, no contexto dos crimes de sedução. No artigo seguinte, *Sons do Progresso e a cidade do barulho nas páginas do jornal Correio da Semana em Sobral-CE*, parte do trabalho apresentado no Pós-Doutorado realizado na Universidade Federal do Rio de Janeiro em 2016, Francisco Dênis Melo discute a relação de determinados sonoridades com o espaço urbano. Advertimos sobre a necessidade dos historiadores abrirem os ouvidos para a constelação sonora comum a todas as cidades. Consideramos a possibilidade mais do que necessária de se pensar sobre os arquivos sonoros que são constituídos em modos de vida e relação imaginária com a cidade.

Seguindo, Edilberto Florêncio dos Santos, em seu artigo *Jornal Correio da Semana, um intérprete da história do teatro sobralense*, faz uma radiografia das práticas teatrais na cidade, utilizando não só o *Correio da Semana*, mas outros jornais como *A Cidade*, *O Rebate*, *A Ordem* e *A Lucta*, desnaturalizando a cena teatral sobralense, pluralizando espaços, redimensionando sentidos para a relação entre a história e as artes e enfatizando, por outro lado, a relação entre urbanidade e civilidade.

Para finalizar, precisamos pensar um pouco mais no sentido dessa comemoração. Precisamos nos *de-morar* na perspectiva de que o jornal nos apresenta embates em torno de determinadas memórias condensadas em representações sobre a cidade e que destilam temporalidades múltiplas, ao mesmo tempo em que, por certo, mais muitas vezes, de maneira involuntária, nos apresentam múltiplas cidades. Entretanto, por onde, ou melhor, em quais páginas a cidade marginal se mostra? Sabemos e comemoramos a importância do *Correio da Semana* para a cidade de Sobral. Sua existência constitui a presença de um espaço de inscrição precioso que teima contra o tempo e não deixa de se renovar e de se refazer em sua narratividade e *design*. Pensamos, por isso mesmo, o jornal como um indício, como rastro de uma temporalidade escoada, afinal de contas, como sugere Carlos Drummond de Andrade,

*De tudo ficou um pouco. Do meu medo. Do teu asco. Dos gritos gagos.  
Da rosa ficou um pouco [...] Pouco ficou deste pó de que teu branco sapato se  
cobriu. Ficaram poucas roupas, poucos véus rotos, pouco, pouco, muito pouco  
[...]"<sup>9</sup>.*

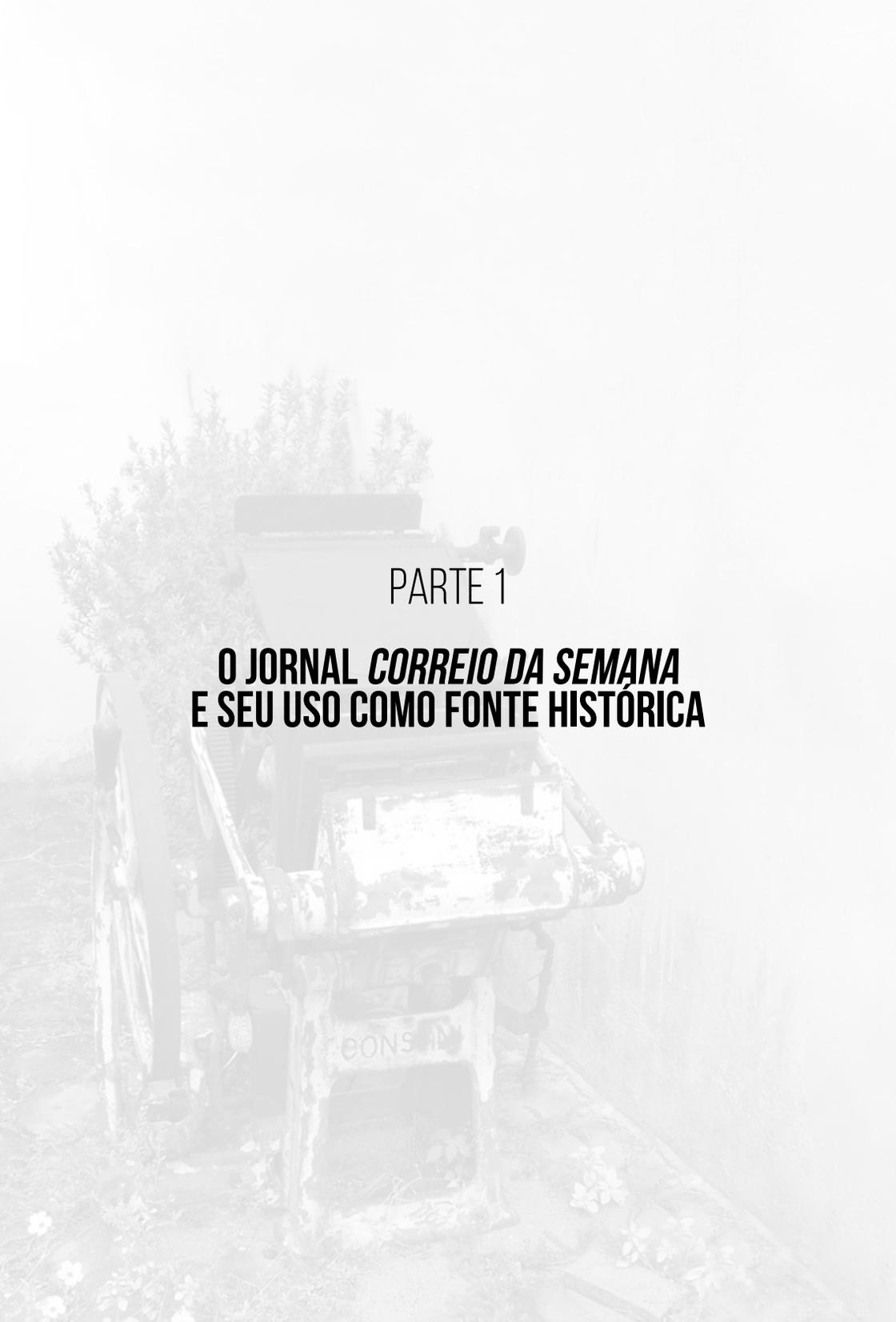
*Sobral-CE, agosto de 2018.*

Carlos Augusto Pereira dos Santos

Francisco Dênis Melo

*Organizadores*





PARTE 1

**O JORNAL *CORREIO DA SEMANA*  
E SEU USO COMO FONTE HISTÓRICA**



## A IMPORTÂNCIA DO JORNAL *CORREIO DA SEMANA* PARA A PESQUISA EM HISTÓRIA

Telma Bessa Sales<sup>1</sup>

O jornal rasga a toda a gente os mais dilatados horizontes, leva-os aos palácios dos reis, ao tugúrio do operário, viaja pelos grandes agrupamentos humanos, pelos hospitais, pelas prisões, mostra-lhes o mundo inteiro, fazendo ensinamentos (QUEIROZ, 1914, p. 62).

O jornal *Correio da Semana* comemorou seu centenário no ano de 2018. Esse jornal conquistou seu lugar nas mentes e corações dos sobralenses há tempos. Como veículo de comunicação, teve grandes articulistas como o jornalista Lustosa da Costa, que publicou seu primeiro artigo com as iniciais LC. Essa personagem, muito cara à Sobral, foi um grande propagador das terras e costumes sobralenses e começou a fazer jornalismo no *Correio da Semana*, em agosto de 1954, escrevendo a respeito da ascensão de Café Filho à Presidência da República<sup>2</sup>.

Portanto, cem anos após o primeiro exemplar, comemoramos sua duradoura produção e circulação. Nessa perspectiva, vale ressaltar que tal jornal

---

1 Professora do Curso de História da Universidade Estadual Vale do Acaraú – UVA. Doutora em História Social.

2 Ao chegar em Sobral, no ano de 2011, eu buscava dialogar com as pessoas da cidade sobre a fábrica. Um dos primeiros interlocutores sobre a Fábrica de Tecidos Ernesto Deocleciano (FTED) foi esse jornalista, que se mostrou acessível e que gostaria de ver a pesquisa que eu estava desenvolvendo. Em 2012, ao começar as entrevistas em minha pesquisa ele seria um dos entrevistados, tendo, inclusive, me enviado vários de seus livros autografados, para eu incluir na pesquisa. **O tempo é veloz e, de fato, não retornei nosso diálogo em 2011, e, inesperadamente, sua morte chocou a todos em 2012.**

até hoje desperta interesse em pesquisadores, sendo vislumbrado como importante fonte para a pesquisa histórica de Sobral e região. Enquanto fonte escrita, a imprensa é fundamental para este processo de investigação.

Além de fontes orais, de fontes audiovisuais, da existência de *internet* com sites, blogs e diversas redes sociais, hipertextos, mapas, cartas, arte, diários, fotografias etc., o jornal continua firme e forte, enfrentando várias transformações no campo editorial, ao longo do tempo, sendo, ainda, fonte cativa de pesquisadores.

Refletir sobre o jornal *Correio da Semana* é não esquecer a relação dialógica dessa fonte impressa com outras fontes, pois sabemos que a História se faz com textos e sim, faz-se com todos os textos, não somente o arquivo ou o escrito, isso todos sabemos.

Este livro, por exemplo, é fruto da caminhada dos professores do Curso de História da Universidade Estadual Vale do Acaraú – UVA, que há muito utilizam esse veículo de comunicação, formação e informação como fonte de pesquisa. Há o Núcleo de Estudos e Documentação Histórica (NEDHIS) – do Curso de História da Universidade Estadual Vale do Acaraú, que faz catalogação de muitos exemplares do jornal *Correio da Semana*. Tal núcleo tem como objetivo a preservação do patrimônio documental brasileiro. Seu acervo é composto por documentos do executivo, judiciário, legislativo, eclesiástico, periódicos e arquivos privados. Fundado em 2000, tanto é de grande utilidade para as pesquisas do corpo de alunos do curso de história, quanto é aberto às pesquisas do público em geral.

Na verdade, embora o acesso ao jornal seja relativamente fácil, e o NEDHIS tenha uma riqueza de exemplares, sente-se falta de muitos exemplares desse jornal, afinal, não é fácil preservar e arquivar exemplares das edições produzidas durante esses cem anos. No entanto, é indiscutível a importância do jornal na pesquisa historiográfica, sendo muito procurado e citado nos estudos dos estudantes de História e áreas

afins. Lembramos aqui quando Barros (2005, p. 63) informa a respeito da organização da escrita da História:

A fonte histórica é aquilo que coloca o historiador diretamente em contato com seu problema... é o material através do qual o historiador examina uma sociedade humana no tempo... É meio de acesso àqueles fatos históricos que o historiador deverá reconstruir e interpretar... a fonte pode ser vista como ‘testemunho’ de uma época e como ‘discurso’ de uma época.

Com esta dimensão, o centenário deste jornal nos diz muito, é-nos bastante significativo. Construtor de um discurso polêmico, por vezes, conservador, é estudado por muitos. O que estamos comemorando é a existência desse jornal que participou ativamente das reflexões, discussões e dinâmicas políticas, religiosas sociais e culturais da cidade de Sobral.

Para se perceber melhor o significado do jornal *Correio da Semana*, vale aqui destacar o trabalho de pesquisa com fontes dessa natureza. Em sua dissertação de Mestrado, Thiago Braga Teles da Rocha assinala o sentido e o sabor das páginas dessa fonte para sua investigação temática: “[...] revisitá-los pode gerar novas narrativas, novas problematizações que por ventura questionem o papel e o lugar da Igreja na narrativa da história sobralense” (ROCHA, 2017, p. 30).

Corroborando com a perspectiva desse autor, e com esse pensamento, reportamo-nos a Maria Helena Capelato, que informa sobre a imprensa de um modo geral, evidenciando seu caráter tendencioso. Portanto, sabe-se que a imprensa não é neutra, que deve ser compreendida pelo pesquisador de qualquer área do conhecimento “não como um nível isolado da realidade social na qual se insere, mas que ela representa fundamentalmente, um instrumento de manipulação de interesses e de intervenção na vida social” (CAPELATO, 1981, p. 118).

É com esse olhar que entramos no universo das matérias, opiniões, editoriais, notícias, propagandas existentes no jornal. Várias edições comemorativas já se passaram, dentre as quais queremos destacar, em 2018, uma homenagem aos 100 anos do *Correio da Semana*, que é coordenado

pela Diocese de Sobral e que está em circulação até os dias atuais. Criado por Dom José Tupinambá da Frota em 1918, tal jornal, que é publicado semanalmente, “vem fazendo história e contando a história das notícias”, acompanhando o apostolado do seu criador e de todo o restante do bispado sobralense, como afirma o editorial do jornal de 12 de agosto de 2016<sup>3</sup>.

Gostaríamos, ainda, de dar ênfase ao sentido das comemorações, que poderão inspirar sentimentos, inflamar visões apaixonantes, intensificar atitudes, mas não podemos esquecer o aspecto educativo das experiências e das evidências da história. Nessa seara, lembramo-nos do ensinamento de Peter Burke (2000), ao chamar atenção que o conhecimento era armazenado em livros e manuscritos, que era a forma mais prestigiada de saber. Era uma forma de saber dominante, e todos ficavam subordinados a ela. Nessa dimensão, Nicolau Sevcenko (1989) assinala sobre o lugar da imprensa no século XIX: “A imprensa... era monopolizada por três formas culturais... a literatura, a ciência e o jornalismo” (SEVCENKO, 1989, p. 226). Hoje vivemos num sistema em que o conhecimento é policêntrico e os saberes são descentralizados, interdisciplinares e complexos.

Mais ainda, é importante sabermos que, segundo Marcos Reis e Josias Souto (2016), é vasto o número de periódicos e revistas católicas que surgiram no Brasil a partir da segunda metade do século XIX. Assim, afirmam os autores citados que:

A título exemplificativo toma-se o periódico *O Apóstolo* gerado no Rio de Janeiro em 1866. Segundo Neves (2013) esse periódico é um marco para a imprensa católica no Brasil, pois inaugura a consolidação da atividade da igreja nesse ramo. Já Martins (2007) escreve que o referido periódico conseguiu penetrar em diversas regiões do Brasil sempre defendendo as causas religiosas, da sociedade e da pátria<sup>4</sup>.

3 MENDES, Breno. *Jornal Correio da Semana*, Sobral-CE, 12 de agosto de 2016.

4 REIS, Marcos Vinicius de Freitas; SOUTO, Josias Freitas. A Relação Igreja-Imprensa: O Nascimento da Imprensa Católica no Brasil no Século XIX. In: *Diversidade Religiosa*, João Pessoa, v. 6, n. 1, 2016, p. 152-182.

Escrever sobre o jornal *Correio da Semana* implica especialmente fazer da memória um campo de reflexão da História. Eis o que assinala Peter Burke (2000) sobre as comemorações, os rituais festivos e comemorativos: “[...] as comemorações... são encarnações do passado, atos de memória, mas também tentativas de impor interpretações do passado, formar a memória, e assim construir a identidade social. São, em todos os sentidos, representações coletivas” (BURKE, 2000, p. 43).

Comemoramos neste momento a vida do jornal *Correio da Semana* e desenvolvemos ações para fazer lembrar acontecimentos importantes e para valorizarmos a sua existência, considerando, evidentemente, que o sentido da comemoração está ligado também ao pensamento crítico, à análise da escrita: contextualizar o documento, se entender o texto no contexto de sua época, bem como os significados das palavras e expressões, enfim, ir além da reverência e glorificação desta, ou de qualquer outra fonte.

Então, “quem é o aniversariante?” - podemos indagar. Um jornal que trata de divulgar a linha pastoral da diocese. Além disso, folheando suas páginas, vamos encontrar diferentes contextos a respeito de questões sociais, religiosas, normas de comportamento, política, trabalhadores, mulheres, esporte, coluna social, histórias da cidade, crônicas, notícias sobre as ações da Igreja no Brasil e no mundo, economia, casamento, divórcio, aborto, além de encíclicas papais, doutrina da igreja católica. É possível, ainda, elencar alguns assuntos como organização trabalhista, segunda guerra mundial, saúde da mulher, política, violência, campanhas da fraternidade, temas religiosos como semana santa, procissões, missas, festas religiosas etc.

Entre os assuntos que estão presentes nas páginas do jornal, temos o mundo do trabalho. Sabemos que o processo de industrialização foi ocorrendo de forma desigual e que o jornal *Correio da Semana* também veicula o marco da chegada do novo ritmo de trabalho na cidade sobralense.

Assim, a entrada de Sobral na era das máquinas é registrada no jornal por meio do escrito do Pe. João Mendes Lira, como podemos verificar na coluna *Nossa História*. Essa notícia foi publicada no jornal no ano de 1971 e, a partir daí, esse autor começou a publicar livros também.

Os assuntos tratados por Pe. Lira eram eventos de grande visibilidade pública, fatos importantes. Ao citar as fábricas, as escolas, o teatro, Pe. Lira buscava demonstrar a evolução da cidade, esbanjando o que se tinha para se ter orgulho: “a integração com a vida industrial, intelectual e artística”<sup>5</sup>. Este sacerdote intelectual tinha o pensamento de preservação das memórias da cidade de Sobral. Para tanto, além de escritos em jornais, escreveu os livros *De Caiçara a Sobral* (1971), *Sobral na História do Ceará* e *a Personalidade do Padre Ibiapina* (1976).

Por meio das palavras escritas por esse padre, somos levados para uma visão geral do antigo espaço fabril, que levou Sobral para o ápice, sendo conhecida no mundo industrial:

Em nossa terra a Revolução Industrial apareceu somente em 1894 quando foi construída a primeira fábrica de Tecidos Ernesto Deocleciano. As máquinas foram todas importadas da Inglaterra, país onde foi iniciada a Revolução Industrial<sup>6</sup>.

**Figura 1** – Fábrica de Tecidos Ernesto Deocleciano



**Fonte:** foto cedida por Jeferson Parente, Sobral, 2011.

- 5 É o que assinala Ana Carolina Rodrigues da Silva no artigo 'A trajetória do Pe. Mendes Lira e a memória de Sobral em seus escritos. In: [www.encontro2014.se.anpuh.org/.../1423077981\\_ARQUIVO](http://www.encontro2014.se.anpuh.org/.../1423077981_ARQUIVO). Ana Carolina Rodrigues... 'História de Sobral em 10 minutos. *Jornal Correio da Semana*. Coluna Nossa História. Cap. XLVIII: História de Sobral em 10 minutos. 05 de fevereiro de 1972.
- 6 LIRA, Pe. João Mendes. *Nossa História – A Revolução Industrial em Sobral* Cap. LVI, *Correio da Semana*, Sobral-CE, 20 de maio de 1972.

Na cidade de Sobral, foram se constituindo algumas mudanças. A Fábrica de Tecidos Sobral em 1895 surge dentro de um contexto que a economia cearense vivia uma fase de grande dinamismo; e esse grande dinamismo é fruto da convergência, da interação, do “boom” algodoeiro ocorrido a partir da década de sessenta e dos imensos gastos públicos desembolsados pelo governo imperial no combate à seca de 1877 e de 1879. E o jornal *Correio da Semana* dá notícia sobre isso.

Sobre a fábrica de tecidos, segundo Carlos Negreiros Viana, ela nasceu dentro de um contexto de crescimento da tecelagem. A indústria têxtil cearense viveu dois surtos de investimentos, o primeiro de 1881 a 1895 e, o segundo, de 1927 a 1930. O primeiro, verificado nas duas últimas décadas do século XIX, ocorreu também em quase todos os centros de economia do mercado do país, como Rio de Janeiro, São Paulo, dentre outros. Porém, dois fatores fizeram com que o Ceará se destacasse neste período. O primeiro foi a abolição da escravatura no estado, que data de 1884. Ao contrário das outras regiões, sobretudo pelo impacto da difusão das relações de trabalho assalariadas, a economia cearense não se fundamentara em trabalho escravo. Sendo assim, as relações de trabalho existentes antes da abolição serão, predominantemente, as mesmas depois dela.

O segundo ponto é o Encilhamento, “política financeira e creditícia inflacionária”, em que, nesse caso, o Ceará seria beneficiado em relação à legislação de 1890, que tratava das sociedades anônimas, sendo um fator de fundações de várias empresas nesse estado durante a primeira metade da década de 1890.

A Fábrica de Tecidos de Sobral foi criada durante esse primeiro surto, que, com o declínio das charqueadas na região, fez nascer um novo ciclo econômico, o algodão, o qual gerou a implantação desta indústria, intensificando o comércio local.

É desta forma que o jornal divulga este “boom”:

**Figura 2** – Produção de algodão no Ceará



**Fonte:** *Jornal Correio da Semana*, Sobral, 30/11/68, p. 3.

Vimos como foi intensa a divulgação dessa indústria no jornal. Além disso, ao visitarmos a Fábrica de Tecidos Ernesto Deocleciano, nos anos de 2011 e 2012, para realização de nossa pesquisa, vimos nos arredores da fábrica, uma sucata de propriedade de um ex-operário, que teimava em viver do lado de fora do que significou o “ingresso de Sobral na era industrial”, como nos conta Padre Lira em uma de suas cartas.

Sim, importa aproveitar também este espaço e escrever sobre o que vimos em 2012, antes de a fábrica se tornar o campus da Universidade Federal do Ceará, em Sobral. Temos a impressão de que o fechamento, as crises, o desgaste com chefias, operários, não foram noticiados com tanta frequência como o foram o auge, o sucesso, o enriquecimento dos proprietários.

Após pesquisa para elaboração de artigos, monografias, exposições, documentários, perguntamo-nos a respeito do motivo da ausência desse processo, que inclui os bens em litígio, os personagens dispersos, os trabalhadores sem respostas. Até hoje esse assunto ‘paira no ar’. Há muitas opiniões, “tudo certo e nada resolvido”. Sem muitos textos, as imagens falam por si só e evidenciam o estado de abandono em que se encontrava a fábrica, conforme a figura 03 a seguir:

**Figura 3** - Visita à fábrica em 2011, realizada com estudantes e antigos operários. Turma do Curso de História da UVA



**Foto:** Hudson Costa.

Ao realizar diálogo intenso com antigos trabalhadores, é possível compreender a importância desse empreendimento para a cidade e conhecer o cotidiano do trabalho no ‘chão da fábrica’<sup>7</sup>. As imagens a seguir demonstram notícias da pujança dessa fábrica ao exportar os produtos, incremento e diversidade no processo de produção ao longo do tempo. O jornal não se omitiu em todos esses momentos e se pronuncia:

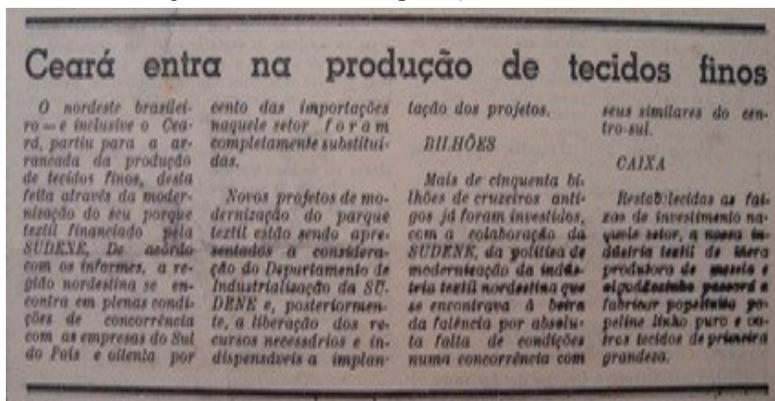
**Figura 4** – A Fábrica “Sobral” está exportando para a Argentina



**Fonte:** Jornal *Correio da Semana*, 06 de março de 1942.

7 Cf. SALES, Telma Bessa, ARAÚJO, Allana. *Sobral: outros olhares, outras memórias, outras histórias*. Ed. ECOA, 2012. E o documentário – A vida entre tecidos, fios e nós. <https://vimeo.com/81130179>.

Figura 5 – Ceará entra na produção de tecidos finos



Fonte: Jornal *Correio da Semana*, 1 de junho de 1968, ano 51, n. 7.

Ao ler com atenção o artigo do Pe. Lira sobre o momento em que a Revolução Industrial chega a Sobral, percebemos que o autor situa as transformações ocorridas no sistema econômico mundial dos séculos XVIII e XIX trazidos pela revolução, o que modificou “totalmente” (palavra utilizada pelo autor) o viver e pensar da humanidade.

Segundo Pe. Lira, apesar da substituição do trabalho manual pelo trabalho da máquina ser mais rápido, eficiente e lucrativo, ele abalou a estrutura familiar, social, política e religiosa. Isso se deve ao fato de, ao tirar os rapazes e moças de suas casas, onde eram acostumados a trabalhar durante o tempo que mais lhe conviesse, tendo o “Pai de família” como o “senhor absoluto”, desempenhando papéis de juiz, de chefe, de orientador moral e religioso, dentre outros, se contrapondo ao universo da fábrica, onde predominava a orientação do gerente, a fábrica, segundo o autor, “subtrai de modo violento a influência paterna e materna” onde os “jovens começaram a passar mais tempo fora de casa e a receber influências das mais categorias sociais”.

Nessa escrita, o que se pode perceber é o discurso do padre, preocupado, como já foi dito, com a estrutura familiar e com os novos pensamentos (políticos, sociais e religiosos, por exemplo) que esses jovens poderão adquirir com as influências diferentes, temidas e inovadoras.

Nesse processo, no que se refere à memória do operariado da referida tecelagem, constatamos que, apesar de Sobral ter um grande contingente de pessoas e memorialistas que escreveram sobre várias dimensões da cidade, até o momento, pouco se tem estudado sobre a questão da memória operária dessa fábrica, que também se arrola na temática do patrimônio industrial.

Por outro lado, a dimensão empresarial da fábrica era notícia nos jornais e livros, fazendo parte do cotidiano da população. Por exemplo, a chaminé viva e potente estava presente no imaginário dos trabalhadores e da população em geral. Está presente na literatura e nos escritos de personalidades da cidade, como exemplo na escrita do Pe. Ximenes, no livro “Sobral: na madrugada da Diocese”:

A chaminé da fábrica emergia do panorama dos telhados soltando constantemente sua fumaça como um cigarro preto. Nos começos e fins de expediente aquela fábrica apitava conclamando ou despedindo operários. E aquele apito rouquento e prolongado, quando rasgava o silêncio, despertava recordações distantes e indefinidas (XIMENES, 1972, p. 29).

E, sobre a entrada da mulher no mercado de trabalho, vale a pena conhecer o escrito publicado em 1967, de autoria de Ribeiro Ramos, um farmacêutico que possuía uma coluna no jornal *Correio da Semana* denominada “Homens, Coisas e Fatos”.

Ramos afirma que a mulher

[...] já se colocou em pé de igualdade com o homem”, tendo se libertado “[...] da tutela do pai, e quando casada, da inteira dependência do marido. E o mais lindo de tudo isso é que, mesmo assim, independente, educando-se, instruindo-se, diplomando-se galharda e brilhantemente, a mulher não deixou de ser a rainha do lar (RAMOS, 1967, p. 3).

E complementa adiante: “[...] não abdicou de sua sublime missão de esposa e mãe” (RAMOS, 1967, p. 3).

As datas comemorativas são consagradas e os discursos hegemônicos ou produzidos retornam ou buscam consolidar-se no imaginário coletivo. No centenário da cidade de Sobral, foi elaborado um catálogo em que a fábrica também esteve presente. A fotografia da Fábrica de Tecidos Ernesto Deocleciano é compreendida no álbum como símbolo da modernização e de desenvolvimento industrial. A fábrica, além de grandes instalações, também apresentava a vila industrial. A legenda que acompanha a fotografia no álbum apresenta a fábrica como o orgulho da indústria sobralense.

Esse orgulho ocorre por ter sido ela responsável pela expansão da cidade, já iniciada por Dom José, que construiu a Santa Casa nas extremidades da cidade, próximo aos trilhos do trem<sup>8</sup>.

Nas folhas do jornal *Correio da Semana*, encontramos diversas notas que se referem direta e, às vezes, indiretamente, a respeito do mundo do trabalho. O semanário, na década de 1970, dava notícias de que os sobralenses estavam despertando pela manhã sendo obrigados a suportar “o impacto de um intolerável mau cheiro”. Depois de abertas algumas fossas e verificados os bueiros, chegou-se à conclusão de que o fedor de detritos era proveniente da Fábrica Companhia Industrial de Algodão e Óleo - CIDAIO.

O centro comercial, por exemplo, em alguns momentos do dia, era envolvido por nuvem de fumaça e gases. A poluição tornou-se assunto sério a ponto de a Secretaria Especial do Meio Ambiente - SEMA, em 1976, ocupar-se no estudo de projetos a fim de controlar a poluição atmosférica causada por uma das fábricas de óleo de mamona instaladas em Sobral. Segundo o chefe da SEMA, na época, Paulo Nogueira Neto, Sobral já possuía até uma associação de alérgicos<sup>9</sup>.

8 Cf. FERREIRA, Luciana de Moura. *Memória social, imaginário e representação no álbum do centenário de Sobral. -1941*. Dissertação de Mestrado. Fortaleza - CE: Universidade Estadual do Ceará - UECE, 2010.

9 Jornal *Correio da Semana*. Brasília estuda medidas para a poluição em Sobral. 21 de agosto de 1976, p. 1. Cf. SILVA, Ana Carolina Rodrigues da. *Os sentidos do passado ou o passado sentido: mecanismos da memória nos escritos de Padre Mendes Lira*. Dissertação de Mestrado, Fortaleza - CE: Universidade Federal do Ceará - UFC. 2015.

De fato, muitas pesquisas serão inovadoras sobre a análise e crítica do discurso, do conteúdo dos artigos do jornal, especialmente no que se refere às relações sociais entre igreja, trabalhadores, patronato, etc.

A coluna *Nossa História*, segundo estudos de SILVA (2015), se coloca em muitas questões e sobre o empresariado, em artigo do dia 14 de dezembro de 1974, Pe. Lira dissertou sobre os empreendimentos que confirmavam ser Sobral uma cidade desenvolvida. Segundo a autora, é privilegiado no discurso o setor industrial, mas o padre afirmava que as empresas Incassa (Indústria de Beneficiamento de Castanha de Caju), Lassa (Usina de Pasteurização) e CIDAIO foram vendidas para grupos estrangeiros - “o que não deveria ter sido feito”, em sua opinião.

É constante percebermos, também, notícias da existência de Associações, da agência dos trabalhadores. Por exemplo, em 1938, o jornal *Correio da Semana* noticiava que o Sindicato dos Pedreiros estava funcionando, provisoriamente, no Centro Artístico Sobralense. O mesmo jornal dá conta da existência de um sindicato dos Trabalhadores em Carpintarias e Marcenarias do Município de Sobral. Esse tipo de associação era de feição mutualista. Proibidas pela Constituição de 1824, as corporações de ofícios derivaram para a associação de operários livres, que se agremiaram em “associações de socorros mútuos, sociedades e clubes de caráter beneficente” (SANTOS, 2015, p. 74).

Sobre esse período de proibições e movimentações no Brasil, após a dissolução da Assembleia Constituinte que votava uma lei para manutenção da liberdade de imprensa, a Carta de 1824 [...] limita-se a declarar que

todos podiam comunicar seus pensamentos, por palavras, escritos e publicá-lo na imprensa, sem dependência da censura”. Entretanto, devem responder pelos “abusos que cometerem no exercício deste direito, nos casos e pela forma que a lei determinar (BARBOSA, 2010, p. 40-41).

O historiador Carlos Augusto Santos realizou longo estudo sobre as experiências mutualistas e associativistas em Sobral e região, eviden-

ciando-nos exemplos de associações mutualistas que se apresentavam ao público via imprensa. A Sociedade Beneficente Ferroviária, em Camocim, e a Sociedade Beneficiadora Granjense, em Granja, são exemplos de entidades que se constituíram para ajuda mútua entre trabalhadores. Como afirma o autor:

Ainda com este caráter de benemerência, do exercício da caridade cristã e apoio a atividades educacionais, atreladas à Igreja Católica, podemos citar a Liga Feminina de Ação Católica (1944) e o Serviço de Promoção Humana (SPH), em Camocim (1962); Associação Beneficente das Filhas de Santana - ASSO BENFISA, em Sobral; Associação das Senhoras da Caridade de São Vicente de Paulo, do Ginásio Nossa Senhora das Graças e Patronato Tenente Ângelo de Siqueira Passos, em Viçosa do Ceará (SANTOS, 2015, p. 66).

No jornal *Correio da Semana*, a União dos Viajantes Comerciais de Sobral, classificada como uma associação “de categoria profissional”, também estava presente. É da seguinte maneira que Carlos Augusto Pereira dos Santos apresenta esta associação:

fundada em 1937, ela se apresentava ao público como “Corporação Beneficente” em pleno progresso por obter a “confiança de seus associados”, por cumprir com seu “altruístico programa, já tendo distribuído apreciável soma de benefícios a seus sócios” (SANTOS, 2015, p. 64).

É possível perceber, dessa maneira, que o jornal *Correio da Semana* vai noticiando o cotidiano, ou os eventos de diversas categorias e segmentos sociais, destacando um espaço em suas páginas para a sociedade. Não há dúvidas da importância desse jornal para uma melhor compreensão dos acontecimentos na sociedade sobralense e no Brasil, a partir das análises e escrita dos autores e de sua linha própria, que todos sabemos possuir teor católico-conservador.

Portanto, ao tomarmos o *Correio da Semana* como fonte de pesquisa, ou utilizarmos qualquer periódico como prioridade na pesquisa, ou,

até mesmo, como uma das fontes a serem analisadas, é importante considerarmos o conhecimento teórico-metodológico sobre esse tipo de fonte, aprofundando o conhecimento sobre o jornal a ser investigado.

O pesquisador deve ter ciência que sua fonte não é transmissora da verdade. Apresenta, pois, interesses de natureza diversa. Inclusive, cabe ao pesquisador interpelar tal fonte sobre excessos e omissões, análises dos porquês de a história ter tomado um determinado rumo, e não outro. O estudo sem fundamento, clareza teórico-metodológica será um risco para a produção e a escrita do conhecimento histórico.

Por esse caminho, o olhar do pesquisador se volta para a contemporaneidade, impulsionando-o para a transformação do presente, com a preocupação e compromisso de atuar no tempo atual, embalado pela utopia e esperança. Como aponta a autora Beatriz Sarlo:

Mais do que trabalhar novos temas e abordagens, trata-se de propô-los de forma a reafirmar a contemporaneidade e vitalidade crítica da reflexão, entendendo que a operação histórica requer um movimento não só retrospectivo, mas fundamentalmente prospectivo, sempre colocando causa as relações entre memória e história (SARLO, 1997 p. 43).

## REFERÊNCIAS

BARBOSA, Marialva. **História cultural da imprensa**. Brasil-1900-2000. Mauad Editora Ltda, 2007.

BARROS, José D'Assunção. **O projeto de pesquisa em História**. Da escolha do tema ao quadro teórico. Petrópolis-RJ: Vozes, 2005.

BURKE, Peter. **O que é história cultural?** Trad: Sérgio Góes de Paula. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.

CAPELATO, Maria Helena. Populismo na imprensa: UH e NP. In: MELO, José Marques de (Org.) **Populismo e Comunicação**. São Paulo: Cortez, 1981.

FERNANDES, Ana Carla Sabino. **A imprensa em pauta: jornais Pedro II, Cearense e Constituição**. Fortaleza- CE: Expressão Gráfica, 2006.

FERREIRA, Luciana de Moura. **Memória social, imaginário e representação no álbum do centenário de Sobral -1941**. Dissertação de Mestrado. Fortaleza-CE: Universidade Estadual do Ceará – UECE, 2010.

FIUZA, Elizabete Aragão. **A trajetória da indústria têxtil no Ceará: o setor da fiação e tecelagem. 1880-1950**. Coleção Estudos Históricos - NUDOC - Projeto História do Ceará, UFC, 1989.

LUCA, Tânia Regina de. História dos, nos e por meio de periódicos. *In*: PINKSY, Carla Bassanesi. **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, 2008.

MATOS, Maria Izilda Santos de. **Cotidiano e cultura**. História, cidade e trabalho. Bauru, SP: Edusc, 2002.

ROCHA, Thiago Braga Teles da. **“De quem é Sobral?”: As práticas letradas, as tensões políticas e a luta pela temporalidade na Igreja Católica (1945-1953)** (Dissertação de Mestrado). Fortaleza - CE: Universidade Estadual do Ceará – UECE. 2017.

SANTOS, Carlos Augusto Pereira dos. “Um por todos e todos por um”. Experiências associativas de trabalhadores urbanos na zona noroeste do Ceará. **Revista Historiar**, vol. 07, n. 13, Ano 2015.2. p. 54-79.

SEVCENKO, N. **Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República**. 3a. ed., S.P., Ed. Brasiliense, 1989.

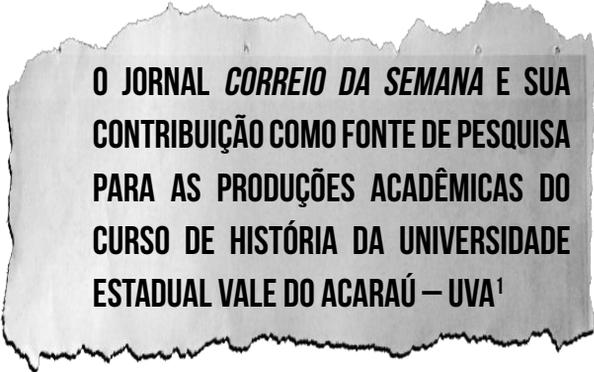
SILVA, Ana Carolina Rodrigues da. **Os sentidos do passado ou o passado sentido: mecanismos da memória nos escritos de Padre Mendes Lira** (Dissertação de Mestrado). Fortaleza-CE: Universidade Federal do Ceará – UFC. 2015.

## FONTES:

Jornal *Correio da Semana* - 12 de agosto de 2016.

Jornal *Correio da Semana* - 30 de novembro de 1968;

Nossa História – A Revolução Industrial em Sobral – Pe. João Mendes Lira – Cap. LVI, 20 de maio de 1972.



**O JORNAL *CORREIO DA SEMANA* E SUA  
CONTRIBUIÇÃO COMO FONTE DE PESQUISA  
PARA AS PRODUÇÕES ACADÊMICAS DO  
CURSO DE HISTÓRIA DA UNIVERSIDADE  
ESTADUAL VALE DO ACARAÚ – UVA<sup>1</sup>**

*Yana Mara Vasconcelos da Ponte<sup>2</sup>*

## **INTRODUÇÃO**

Durante todo o período acadêmico, procurei desenvolver meus trabalhos voltados para a cidade de Sobral, porque, além de ser nascida aqui, sou encantada pela cidade e por todos os aspectos relacionados a ela, tais quais os costumes, a arquitetura, a organização social, o patrimônio, dentre outros. A cidade de Sobral está situada na região Noroeste do Ceará, a 235 quilômetros de Fortaleza, com uma população estimada pelo IBGE de 155.276 habitantes. Com clima quente e seco, ela se destaca na região e vem consolidando sua posição de polo regional.

E, nesse processo de ampliação do conhecimento sobre a cidade de Sobral, tive acesso a uma infinidade de obras como livros, monografias, artigos, teses, etc. Percebi que, na maioria das obras, os pesquisadores sempre recorriam a uma importante fonte impressa disponível, que é o jornal

---

1 Com pequenas alterações, este trabalho foi resultado do nosso Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) - Universidade Estadual Vale do Acaraú. Orientador: Prof. Dr. Carlos Augusto Pereira dos Santos. 2013.

2 Graduada em História pela Universidade Estadual Vale do Acaraú – UVA. E-mail: yana\_vasck@yahoo.com.br.

*Correio da Semana*, fundado no dia 31 de março de 1918, portanto, há 101 anos. Este jornal é o mais antigo em circulação no Estado do Ceará, pertencente à Diocese de Sobral. Essa descoberta me fez pensar na possibilidade de trabalhar na minha monografia algo relacionado a essa temática.

Devido à questão do tempo, não me preocupei com minha monografia desde o início do curso, o que me trouxe muita dificuldade, quando, no final da graduação, ainda não tinha a temática definida. Nesse processo, muitas dúvidas surgiram, e, embora saiba que isso é comum para todos, para mim foi um processo complicado, pois muitas ideias de pesquisa surgiram, mas sem possibilidades concretas. Então, decidi trabalhar com o jornal *Correio da Semana*, considerando-o como fonte para a história da cidade de Sobral.

Nesse intento, conversei com vários professores que me deram dicas. Alguns não compreendiam a forma como eu iria trabalhar, até porque, no início do processo, eu não estava conseguindo delimitar a proposta. Conversei com uma professora, que gostou da minha proposta e me indicou leituras. A partir de então, fui tentando recolher o máximo de textos em relação ao tema, busquei leituras sobre jornais como fonte, leitura de fontes em si, jornal, fontes impressas, dentre outras.

Ao participar da *VII Semana de História – Ensino de História em Debate*, no ano de 2010, consegui esclarecer um pouco mais as dúvidas em relação ao tema, com o minicurso de título “*Jornais: fonte e objeto no ensino de História*”, ministrada pela Profa. Ms. Ana Carla Sabino Fernandes. Eu estava no processo de leitura, mas um pouco perdida, visto que a minha suposta orientadora se afastou do curso. Então, eu fiz contato com o professor Carlos Augusto Pereira dos Santos, que ouviu a minha proposta e me orientou a fazer um recorte, pois a proposta geral estava muito abrangente. Daí surgiu a ideia de trabalhar o jornal *Correio da Semana* como fonte historiográfica para as monografias do nosso curso, tendo como delimitação, como recorte temporal, por conta do grande número de obras existentes, os anos de 2000 a 2005 e, como recorte de assunto, as pesquisas que trataram da História de Sobral.

Nesse sentido, pretendi, com este trabalho, fazer um levantamento das monografias que utilizaram o jornal como fonte e tratar da abordagem utilizada pelo pesquisador. Creio que este trabalho poderá contribuir para auxílio de futuras pesquisas, de cunho historiográfico, ou não, que utilizarão desta possibilidade de fonte, já que, ao lidar com o referido *corpus*, observei que não há produções dessa natureza disponíveis no banco de monografias do nosso curso.

Como sabemos, com o surgimento da *Escola dos Annales*, houve uma abertura no campo da historiografia, em especial na incorporação dos novos tipos de fontes de pesquisa, e, diante das inúmeras possibilidades de fontes disponíveis para os pesquisadores, a utilização do jornal se configurou como uma excelente ferramenta para o desenvolvimento de uma pesquisa historiográfica. Claro que, para a manipulação desse tipo de documento, os historiadores precisaram desenvolver um tipo de abordagem específica para desenvolver suas pesquisas, observando suas especificidades, assim como ocorre com qualquer outro tipo de fonte. Pensando nisso, ocorreu-me perguntar primeiramente como motivação da minha pesquisa: Como o jornal *Correio da Semana* está disponibilizado para o público? Como é o acesso? Qual método de coleta e análise dos pesquisadores em suas monografias?

Para melhor compreensão da temática, recorri a alguns pesquisadores que tratam da temática da imprensa, tendo o jornal como objeto, e a outros que trabalham a questão das fontes históricas. A soma dessas leituras contribuiu para a proposta central do trabalho que é o estudo de um determinado jornal como fonte histórica. Dessa forma, seguem abaixo alguns trabalhos que utilizamos na feitura do projeto.

A obra *História da Imprensa no Brasil*, de Nelson Werneck Sodré (1999), foi o grande clássico que tive como referencial. O livro aborda o processo histórico da imprensa brasileira desde o período colonial até a década de 1990. Seguindo a linha de pesquisa, de onde partimos de uma área mais abrangente para uma mais específica, no sentido de dar sequência ao pensamento de Sodré em relação ao Brasil, utilizei a obra *Introdução à Histó-*

ria do Jornalismo Cearense, de Geraldo da Silva Nobre (2006), para situar o processo jornalístico no Estado. Para chegarmos à cidade de Sobral, utilizei o livro *História de Sobral*, de Dom José Tupinambá da Frota (1995), e a mais recente obra de Elza Marinho Lustosa da Costa, *Sociabilidade e Cultura das Elites Sobralenses. 1880-1930* (2011).

Sobre as leituras que tratam das fontes, utilizei o livro *Fontes Históricas*, da Editora Contexto (2005), que traz uma discussão a respeito das fontes pela visão de vários especialistas. O capítulo que corresponde às fontes impressas, que traz o artigo “História dos, nos e por meio dos periódicos”, escrito pela historiadora Tânia Regina de Luca (2005), traz colocações que muito contribuíram para minha pesquisa, pois, nele, a autora trata de questões acerca da utilização dos periódicos com fonte.

Buscando outros autores que tratam do tema, deparei-me com o artigo da pesquisadora Maria Juraci Maia Cavalcante, da FACET/UFC, de título “O Jornal como fonte privilegiada de pesquisa histórica no campo educacional” (2012). Esse trabalho traz orientações práticas para o uso do jornal como fonte de pesquisa, abordando o histórico da imprensa no país e seu uso como fonte em educação.

Outro artigo que utilizei foi o dos pesquisadores Ivanor Luiz Guarnier (UNIPAR) e Fábio Lopes Alves (Mestrando na Universidade Estadual de Maringá), de título “Imagens do cotidiano e temporalidades: Historiografia e imprensa” (2012). Além disso, utilizei também o artigo “Jornal como fonte de pesquisa em educação”, de Claudia Maria Petchak Zanolrenzi e Maria Isabel Moura Nascimento (2010), e o artigo “O jornal como fonte privilegiada de pesquisa histórica no campo educacional”, de Maria Juraci Maia Cavalcante (2012), dentre outros.

Com o desenvolvimento da pesquisa, espero contribuir para facilitar os trabalhos a serem desenvolvidos sobre a cidade de Sobral, principalmente quando tiverem como fonte o jornal *Correio da Semana*. O presente trabalho está discutido em dois tópicos.

No primeiro tópico, de título “Contexto geral sobre a fonte jornal”, pretendo falar especificamente sobre o tipo de fonte que é discutido neste trabalho – o jornal impresso. Nesse sentido, citarei brevemente a trajetória do jornal no Brasil, no Ceará e na cidade de Sobral, chegando, por fim, no jornal a ser trabalhado, o *Correio da Semana* – surgimento, disponibilidade para pesquisa, entre outras informações.

No segundo tópico, de título “Abordagem do *Correio da Semana* como fonte”, discutirei os passos e os resultados da pesquisa. Nele, irei discutir as fontes, buscando, nesse processo, tentar delimitar uma metodologia de abordagem ao referido jornal, feita pelos pesquisadores. Ao final, esperamos que as tipologias de uso e que a abordagem dos acadêmicos ao referido jornal possam estar definitivamente esclarecidas.

## **CONTEXTO GERAL SOBRE A FONTE JORNAL**

É bastante conhecida a importância dos meios de comunicação para reflexão da sociedade e para compreensão da vida nos mais variados tempos em que esses possam registrar. Assim, pelos motivos já citados anteriormente, decidi trabalhar a temática do jornal como fonte para pesquisas historiográficas. Logo, para melhor compreensão, é necessário conhecermos, mesmo que de forma superficial, como se deu o desenvolvimento da imprensa.

A comunicação entre povos sempre se deu de diversas formas, mas pode-se dizer que a história da imprensa surgiu a partir da necessidade ligada ao capitalismo, nesse caso, ao mercantilismo, e inicialmente estava relacionada a informações sobre a comercialização de produtos. Com as inovações, os periódicos foram se aperfeiçoando e ganhando novas significações e amplitude nas grandes potências mundiais da época, especialmente da Europa ocidental do século XVII, em países como a Alemanha, Inglaterra, França e Bélgica. Não pretendo aqui traçar uma cronologia da história da imprensa, apenas citar como se deu seu início naqueles idos anos.

Por muitas razões, fáceis de referir e demonstrar, a história da imprensa é a própria história do desenvolvimento da sociedade capitalista. O controle dos meios de difusão de ideias e de informações – que se verifica ao longo do desenvolvimento da imprensa, como reflexo do desenvolvimento capitalista em que está inserido – é uma luta em que aparecem organizações e pessoas da mais diversa situação social, cultural e política, correspondendo a diferenças de interesses e aspirações [...] (SODRÉ, 1999, p. 01).

Para comprovar essa ligação, Sodré, ainda na introdução de seu trabalho, nos fala de forma mais clara sobre essas razões. A primeira delas é a percepção da influência que a imprensa exerce sobre o comportamento dos indivíduos. A segunda está ligada à situação da liberdade de informar e opinar onde existe um vínculo entre a imprensa e a ordem capitalista, visto que elas queriam que a atividade da imprensa saísse do poder da autoridade governamental e passasse para a iniciativa privada – burguesa.

Apresentando outro ponto de interligação, o autor nos fala da corrida para evolução das técnicas de impressão, como a máquina a vapor e outras técnicas que permitiam a aceleração da circulação. Nessa busca de obter lucros com as atividades de imprensa, surgiram os anúncios e as propagandas, que, de imediato e de forma grande, impulsionaram o desenvolvimento das regiões que apoiavam o desenvolvimento da imprensa em relação às que impunham barreiras ao desenvolvimento dessa atividade.

## **A IMPRENSA NO BRASIL**

A atividade de imprensa no Brasil surgiu tardiamente, se compararmos com outras colônias da América, devido aos interesses da metrópole em continuar o processo de exploração, não deixando, assim, que os ideais revolucionários influenciassem a população. Podemos comprovar tais fatos circundantes à imprensa e à vida em sociedade em nosso país tomando como base a citação que se segue:

O Brasil foi um dos últimos países civilizados a ter imprensa e, conseqüentemente, jornalismo [...], o que ocorreu no ano de 1808, quando estabelecida a Corte Portuguesa no Rio de Janeiro, foi inaugurada a Imprensa Régia, a 13 de maio, e nela se compôs e imprimiu a “Gazeta do Rio de Janeiro”, cujo primeiro número saiu em 10 de setembro (NOBRE, 2006, p. 59).

Ela iniciou, assim como nos grandes centros mundiais, a partir da necessidade capitalista, e pode ser dividida em imprensa artesanal e industrial, sendo essa última de período curto em relação à outra, que durou por muito tempo da história do Brasil, devido às fases políticas que, em alguns momentos era permitida, e que, em outros, era reprimida.

No Brasil, a imprensa surge em 1808, quando passou a circular, em 1º de junho, o “Correio Braziliense”, editado em Londres por Hipólito José da Costa Pereira Furtado de Mendonça. Até 1999 o Dia da Imprensa era comemorado em 10 de setembro, em referência ao jornal “Gazeta do Rio de Janeiro”, que também passou a circular em 1808, com a chegada da Família Real ao Brasil, fuga da invasão Napoleônica na Península Ibérica. D. João VI aporta na Bahia e assina a Carta Régia abrindo os portos brasileiros às nações amigas, criando também o jornal oficial da Corte (ARAUJO, 2004, p. 01).

Destacam-se, na história da imprensa no Brasil, esses dois jornais surgidos em 1808 porque, até esse ano, que tem como marco a chegada da Corte, era proibido qualquer tipo de impressão, incluindo livros, jornais e revistas. Foi através da clandestinidade que tivemos a circulação dos primeiros livros e do jornal de Hipólito da Costa, já que o outro era impressão oficial, não tendo, portanto, restrição, assim como também não retratava a realidade de forma crítica, visto que apenas citava fatos ligados a Corte.

Os portugueses, temerosos com a difusão das ideias revolucionárias de igualdade, liberdade e fraternidade, sempre buscaram isolar o território das publicações estrangeiras, mas, mesmo com a repressão, sempre chegavam livros e periódicos no território pelo contrabando, e isso aumentou com a abertura dos portos.

Com a abertura dos portos, “os abomináveis princípios franceses” – como diria D. Rodrigo de Sousa Coutinho – passaram a entrar em maior volume. Não tardariam providências: a provisão de 14 de outubro de 1808 ordenava aos juízes da alfândega que não admitissem a despacho livros ou papéis impressos sem que lhe fosse mostrada a licença do Desembargo do Paço [...] (SODRÉ, 1999, p. 14).

Praticamente em todos os períodos da historiografia brasileira, a posição do governo se alternou em relação à liberdade da imprensa, e essa mudança de opinião em relação a ela estava sempre ligada à manipulação do poder, já que o jornal sempre retrata as ideias de seus donos ou dos que o financiam.

Outro destaque da imprensa brasileira é que, em alguns momentos, ela influenciou decisivamente na história do país, através da mobilização que o jornal exerce na população. Podemos citar como exemplo o momento do retorno da Corte a Portugal, quando havia uma possibilidade de retrocesso na política e as classes internas buscaram a imprensa para mobilizar a população, no processo de Independência. Anos mais tarde, teve grande repercussão nesse veículo a Guerra de Canudos, e outro grande destaque, mesmo com a repressão, foi a Ditadura Militar. Na verdade, esse veículo de informação ampliava sua influência cada vez mais à medida que se ampliava o acesso aos meios de comunicação.

Sabe-se que a história da imprensa no Brasil acompanha a sociedade e que se modifica junto a ela, impulsionada de forma geral, pelas evoluções tecnológicas, daí a necessidade de discorrer brevemente sobre esta história inicial. Entretanto, levando em consideração o foco deste trabalho, o espaço a ser analisado é Sobral, o que justifica a necessidade de afunilarmos e chegarmos a este espaço eleito.

## **A IMPRENSA NO CEARÁ**

Após o início do desenvolvimento da atividade jornalística no Brasil, somente alguns anos depois, ela surgiu na Província do Ceará. Sobre

isso temos: “Somente 16 anos depois teria o Ceará contado com o jornal próprio, mas, ainda assim, figura como a sétima, entre as 19 províncias (inclusive a Cisplatina), de que se compôs, inicialmente, o Império do Brasil” (NOBRE, 2006, p. 59).

No Ceará existe uma polêmica sobre o início da atividade jornalística, mas considera-se como inicial o ano de 1824, pois provas documentais só existem a partir desta data. Sobre esta situação, Nobre (2006, p.41) afirma:

Constitui um problema histórico o início das atividades jornalísticas no Ceará, pois ainda que não tenham sido encontradas nos arquivos exemplares de qualquer publicação impressa anterior a 1824, há razões para se acreditar que uma, pelo menos, precedeu ao “Diário” aparecido a 1º de abril daquele ano.

Mesmo com a questão a ser cientificamente comprovada, a discussão aqui não abordará esta questão. O que mais interessa aqui são as informações sobre o início desta atividade no Ceará. Segundo o autor, o jornalismo cearense possuiu várias fases, mas a definição principal liga-se ao fato de que inicialmente eles se relacionavam aos grupos políticos e somente depois foram ganhando caráter noticioso.

Quanto aos redatores, muitos talentos se destacaram, mas, segundo o autor, os donos de jornais sempre recrutavam jovens que já exerciam as atividades pelo interior da província, onde já se desenvolvia um jornalismo considerado “amador”, mas que era onde esses jovens adquiriam o conhecimento na prática, manuseando e trabalhando de forma concreta com a notícia, com jornal em si. Esses talentos do interior eram colocados à prova e a serviço, inclusive na capital do Estado.

Em muitos casos, as redações dos jornais fortalezenses têm aproveitado talentos que se revelaram no jornalismo incipiente, praticado no interior do Estado [...] em Sobral, Baturité, Camocim ou Maranguape, que foram, além da Capital, as de maior atividade jornalística, no Estado (NOBRE, 2006, p. 19).

De forma geral, em relação à técnica, havia algumas máquinas “modernas”, e, quanto ao preparo dos jornalistas, logo houve progresso com a criação dos cursos de nível superior, em fins do século XIX. Sobre as condições para liberdade de publicação, a imprensa cearense padecia das mesmas limitações de todo país.

Muitos estudiosos escreveram sobre a trajetória dos jornais no Estado do Ceará, entre eles o Barão de Studart, que publicou mais de uma centena de artigos sobre a história do Ceará, dentre os quais, diversos contemplando a história dos jornais cearenses<sup>3</sup>.

Entretanto, segundo o autor Gerado da Silva Nobre, ainda não se tem um estudo completo, se é que isso é possível, dada a dificuldade de acesso às fontes. O que se deve destacar é que essas pesquisas surgiram tardiamente e deixaram de mencionar peculiaridades (acontecimentos e homens) que participaram desse processo, torando, assim, difícil a reconstrução de tal percurso.

## A IMPRENSA EM SOBRAL

A cidade de Sobral foi uma das primeiras cidades do interior da Província a desenvolver a atividade jornalística, mais precisamente no decênio de 1860 a 1869. Sobre essa atividade, Nobre (2006, p. 101) afirma: “Em Sobral a primeira tipografia foi a “Constitucional”, com prelo de madeira, de propriedade de Manoel da Silva Miraguaia [...]”, o que nos apresenta não um jornal com sede ou redação, mas, dadas as circunstâncias, da época, um espaço onde se faz o jornal.

Vindo de Teresina, Manuel da Silva Miraguaia requereu à Câmara licença para estabelecer-se com sua tipografia de impressões e recebeu despacho favorável. Logo em seguida, passou a imprimir o primeiro jornal impresso na cidade, o Tabyra. Sobre esse, Frota (1995, p. 488) afirma: “[...] A quatorze do mesmo Mês saiu o TABYRA, primeiro jornal im-

3 Neste sentido, ver: STUDART, Barão de. *Para a história do jornalismo cearense. 1824-1924*. Fortaleza. Typographia Minerva, 1924.

presso em Sobral, que se intitulava “periódico político liberal”. Circulou até 25 de Dezembro do dito ano”.

Após a publicação do *Tabyra*, outros jornais surgiram na cidade e foram disseminando seus ideais ao longo dos anos, até que, em 1918, surgiu o jornal *Correio da Semana*. Pela ordem de contagem de Dom José Tupinambá da Frota, ele é o nonagésimo quarto a ser publicado na cidade. Mesmo com esta quantidade de publicações, há de ser ressaltado o fato de que esses jornais, em maioria, não passavam da primeira edição, sendo logo deixados de lado, algo que era repetitivo na época, principalmente no interior das províncias.

O surgimento da imprensa em Sobral coincide mais ou menos como o começo do período ora estudado. De 1875 até os anos 40 do século passado, a cidade teve mais de 100 jornais. Este veículo de comunicação constituía na época, mais que hoje, uma importante via de transmissão de valores e de comportamentos. A natureza da atividade jornalística, no seu início, favorecia o cumprimento dessa função (COSTA, 2011, p. 55).

O que é colocado reafirma o que acima foi dito, no que diz respeito ao caráter transitório e de pouca perpetuação dos jornais na cidade de Sobral, algo que se reflete nos demais lugares da província, ao mesmo tempo em que justifica um jornal católico circulando na cidade e, entre outras razões, propagando os valores da mesma igreja.

O jornal *Correio da Semana* é um semanário católico, ligado à Diocese de Sobral. Esse jornal foi fundado pelo então bispo diocesano da cidade, Dom José Tupinambá da Frota, no dia 31 de março de 1918, e, desde essa data, é impresso e distribuído pela cidade e região. Ele é o mais antigo jornal em circulação no Estado do Ceará e, talvez, o mais antigo jornal católico impresso no Brasil.

Por ser um jornal católico, seu principal objetivo sempre foi a difusão dos princípios da igreja, e, com a determinação do Vaticano, ele foi um grande instrumento para defesa da “boa imprensa”. Para compreender

melhor esse aspecto do jornal, podemos observar, neste trecho do artigo “A ‘Boa Imprensa’ em Sobral”, como se comprova essa característica:

Isto se comprova, por três razões essenciais: suas características próprias de jornalismo impresso de opinião com a disseminação das ideias e da doutrina católicas, com o um texto marcadamente ideológico moralizante existindo assim como um instrumento de controle e coesão sociais; pelas comunicações oficiais da diocese de Sobral através de cartas pastorais, editais, comunicados, etc., e transcrições de comunicados oficiais, cartas pastorais e artigos de outras dioceses e, finalmente, pelas específicas notícias, anúncios e propagandas como parte da campanha em prol “Boa Imprensa” (PONTE FILHO, 2016, p. 01).

Mesmo tendo esse eixo católico, pode-se também observar notícias de interesse social no campo da política, da vida urbana e rural, da educação, da saúde, do meio ambiente, do esporte, da utilidade pública, do lazer, etc. Tais notícias são de grande valia para pesquisadores que pretendem trabalhar aspectos relacionados à história da cidade e da região.

Sobre a “boa imprensa”, destacada na citação acima, pode-se ainda acrescentar o seguinte pensamento de Ribas (2011, p.96) que nos diz o seguinte:

Durante a primeira metade do século XX, a imprensa passa gradativamente a se tornar um importante veículo de divulgação dos discursos católicos, e apesar da leitura ter sido, em muitos momentos, considerada como fonte de preocupação para a Igreja, chegando a não ser considerada como uma boa prática por vários de seus pensadores – que a viam como um hábito extremamente perigoso e contrário às práticas, evangelizadoras da Igreja – torna-se uma importante ferramenta para a divulgação e reafirmação do catolicismo no Brasil. E foi esta preocupação com as práticas de leitura dos fiéis católicos que acabou por inspirar a criação de uma imprensa católica chamada Boa Imprensa, em meados do século XIX no Brasil.

Assim, pode-se entender a “boa imprensa” como sendo aquela que se destina a difundir no seio da sociedade os ideais, a doutrina e o pensamento católico. Ou seja, a igreja se utiliza de um meio que, embora

julgue perigoso aos seus ideais, ao mesmo tempo se configura como uma ferramenta capaz de difundir-los, criando, logicamente, um valor antagônico para outros tipos de imprensa que não rezasse no credo católico. Daí que, ao dizer-se “boa”, qualificava uma outra de “má”, bem ao gosto da propaganda católica na qualificação de seus adversários.

Ainda sobre a “boa imprensa”, temos que destacar o seguinte:

A Igreja, nos discursos da Boa Imprensa, é descrita repetidamente como portadora dos preceitos de civilização. Se considerarmos que “civilização significa disciplina, e disciplina, por sua vez, implica controle dos impulsos interiores, controle este que, para ser eficaz, tem que de ser interno”, torna-se possível compreender a perspectiva adotada pelo discurso católico para embasar esta afirmação (RIBAS, 2011, p. 96).

Dessa maneira, pode-se dizer do jornal que adota o discurso da “boa imprensa” como sendo uma produção tendenciosa que direciona suas notícias e seus colóquios sempre de forma a propagar um discurso católico, ao mesmo tempo que, nas suas abordagens, sempre valorizam a visão dessa igreja.

Em pesquisa feita de forma breve, conseguiram-se informações sobre o arquivo do jornal, das quais se destaca o fato desse veículo funcionar nas dependências da Diocese de Sobral. Nela, existe um arquivo com exemplares do jornal. Outro ambiente em que se pode ter contato com outros exemplares é o Núcleo de Estudos e Documentação História – NEDHIS, que conta com os jornais de diversas datas e que apresenta razoável facilidade de consulta aos mesmos.

Existem muitas discussões acerca da imparcialidade do jornal, do seu uso como instrumento manipulador da igreja, mas o objetivo neste trabalho não se relaciona a esses aspectos. Em vez disso, a intenção é analisar o referido jornal como fonte para as pesquisas realizadas sobre a cidade de Sobral, como já nos referimos. Para melhor compreensão, desenvolveu-se uma tipologia sobre a abordagem que esses pesquisadores utilizaram no uso da fonte, no caso específico, o *Jornal Correio da Semana*.

## A ABORDAGEM DO JORNAL *CORREIO DA SEMANA* COMO FONTE

Para iniciar uma análise sobre o jornal *Correio da Semana*, faz-se necessário, em um primeiro momento, abrir espaço para um tópico no qual seja discutido o uso do jornal como fonte de pesquisa, uma vez que cada vez mais é utilizado para tal finalidade em campos diversificados da pesquisa na contemporaneidade.

### O JORNAL COMO FONTE HISTÓRICA

Através de observações sobre as produções acadêmicas nas últimas décadas em uma perspectiva nacional, pode-se perceber a crescente recorrência de estudos sobre a imprensa. Nessa modalidade de pesquisa, certamente, os periódicos funcionam como uma das principais fontes utilizadas.

Na década de 70, poucos historiadores brasileiros utilizavam a escrita enquanto fonte historiográfica. O que não é de admirar, em razão da demora na entrada de novas metodologias de pesquisas em nosso país, como a Nova História, e mesmo em relação à Ideia dos Annales, metodologias que aceitam mais facilmente o jornal como fonte (ALVES; GUARNIERI, 2009, p. 05).

Outra dificuldade encontrada pelos pesquisadores para utilizarem os periódicos como fonte de pesquisa é o de caráter subjetivo que os jornais apresentam. Eles eram elaborados por homens, em maioria, de vida social ativa, portanto, seus idealizadores eram movidos por interesses particulares. Sobre isso, Luca (2005, p. 112) afirma:

Estabeleceu-se uma hierarquia qualitativa dos documentos para a qual o especialista deveria estar atento. Nesse contexto, jornais pareciam pouco adequados para a recuperação do passado, uma vez que essas 'enciclopédias do cotidiano' continham registros fragmentados do presente.

Contudo, essas colocações não impediram que, gradativamente, os pesquisadores recorressem aos periódicos como fontes ou como objetos de suas pesquisas. Vale ressaltar que esse processo sempre se deu com o cuidado de estudar os órgãos a que o jornal pertencia, estudando, também, suas possíveis ideologias. Sobre esse cuidado com o uso dessa fonte, Guarnieri e Alves (2007, p. 05) refletem sobre o pensamento de Tânia Regina de Luca e escrevem:

O primeiro aspecto a destacar diz respeito a materialidade de jornais e revistas em diferentes momentos [...] historicizar as fontes requerem ter em conta, portanto, as condições técnicas de produção vigentes e a averiguação, dentre tudo que se disponha, do que foi escolhido e por quê.

Em suma, pode-se dizer que, quando se faz um estudo com o jornal como fonte ou até como objeto, o pesquisador deverá ter o cuidado de considerar esses aspectos, assim como as notícias, grupo editorial, as ideias que eles defendem, entre outros. Mas sabemos que há uma grande variedade de periódicos e cada um tem suas características próprias então o pesquisador deve ter atenção no momento da pesquisa. E por fim os pesquisadores Guarnieri e Alves (2007, p. 07) nos colocam:

[...] parece oportuno lembrar a importância das críticas interna e externa aos documentos impressos, procurando observar o ambiente em que foram produzidos, a que tipo de sociedade está vinculado, quais os valores e circunstâncias da época, em síntese, entendê-lo no seu contexto para evitar um dos piores pecados do historiador: o anacronismo.

Isso é fundamental a todo e qualquer trabalho que se realize em história. São necessários, portanto, a observação atenta, o cuidado com as tendências e posicionamento das fontes. O historiador que com elas trabalha deve ter em mente que o cuidado deve ser fundamental, assim como a adoção de outras fontes que, em se tratando do seu tema, tragam postura diferenciadas, contrapontos, etc. Dessa maneira, o jornal deve ser encarado como um discurso de uma época, formulado por um gru-

po que, nele, exprimia seu pensamento e sua opinião da realidade de mundo daquela época.

Dito isso, ao se analisar as monografias selecionadas do Curso de História da UVA, podem-se observar linhas de pesquisa diferenciadas e, conseqüentemente, metodologias específicas, inclusive no trato com as fontes, determinadas por cada pesquisador. Sobre esta particularidade Certeau (1988, p. 18) afirma:

Toda pesquisa historiográfica é articulada a partir de um lugar de produção socioeconômico, político e cultural. Implica um meio de elaboração circunscrito por determinações próprias: uma profissão liberal, um posto de estudo ou de ensino, uma categoria de letrados etc. Encontra-se, portanto, submetida a opressões, ligada a privilégios, enraizada em uma particularidade. É em função desse lugar que se instauram os métodos, que se precisa uma topografia de interesses, que se organizam os *dossiers* e as indagações relativas aos documentos.

O historiador, como mediador do processo histórico, precisa determinar o método que irá utilizar em sua pesquisa. Nesse processo, a escolha das fontes é de extrema relevância para a construção da história, já que o trabalho do historiador é, justamente, buscar as fontes e, a partir delas, articular as reflexões com as teorias e hipóteses da pesquisa, chegando, assim, às conclusões, afinal, sem elas não se pode fazer história.

É interessante saber que essa ampliação do conceito de fontes vem a surgir apenas no final do século XIX e início do século XX. Ressalte-se que nesse período o foco dos estudos históricos passou a ser o campo social. A partir daí, surgiram correntes de historiadores que cada vez mais recorriam a fontes diversificadas.

O advento da *Escola dos Annales* pode, e deve, ser destacado como um desses movimentos voltados para as transformações que estavam ocorrendo na sociedade no momento do seu surgimento, no final da segunda década do século XX, mais precisamente em 1929, seguindo

outras correntes, como a de Henri Berr, que pretendia fazer uma história da totalidade. Sobre esse movimento, afirma Janotti (2005, p. 12):

[...] Até a Primeira Grande Guerra, a *Revue de Synthèse Historique*, fundada em 1900, reuniu intelectuais de várias disciplinas, inclusive de outros países da Europa. Um dos livros mais representativos dessa considerável mudança é *La Terre ET L'Évolution Humaine*, de autoria de Lucien Febvre com a colaboração de Lionel Bataillon, o qual expande o universo das fontes ao recorrer a elementos topológicos, climáticos, biológicos, botânicos, psicológicos, vias de trânsito, rotas de circulação das idéias religiosas e políticas.

Destaca-se a *Escola dos Annales* pela importância que essa revista teve para a mudança da concepção na produção histórica. Seus idealizadores buscaram retirar o aspecto subjetivo que estavam considerando sobre o fazer histórico e buscaram destacar as ciências humanas<sup>4</sup>, e como a atuação interdisciplinar nessas áreas poderia contribuir para enriquecer as produções.

Dessa forma, saíam do caráter superficial da história e buscavam a história-problema, ou seja, aquela que é construída pelo historiador a partir da interpretação das fontes, e essa prática se expandiu. Sobre isso, Janotti (2005, p. 14) considera que:

Evidentemente, essa vitalidade do movimento historiográfico não se limitou ao grupo dos Annales nem a França. Foi tanto um acontecimento de circulação cultural como de convergência de interesses de historiadores europeus e americanos.

Essa ampliação das possibilidades de pesquisas no campo das Ciências Humanas e na História também se deu com as fontes e suas respectivas interpretações. Nessa perspectiva, surge possibilidade de uso do

4 Entendo como disciplinas que compõem as Ciências Humanas: História, Filosofia, Sociologia, Ciência Política, Antropologia, Linguística, Pedagogia, Economia, Administração, Contabilidade, Geografia, Direito, Arqueologia, Teologia, Psicologia, entre outras.

jornal impresso como fonte histórica, o que, assim como outras fontes, possui suas especificidades e possibilidades de abordagem.

Através das observações realizadas em relação às produções acadêmicas nas últimas décadas, revela-se que é cada vez mais crescente a produção de estudos sobre a imprensa e sobre os periódicos como principal fonte de pesquisa, fato observado nos artigos, livros e monografias analisadas ao longo do levantamento bibliográfico e da própria escrita deste trabalho.

## **O JORNAL CORREIO DE SEMANA COMO FONTE DE PESQUISA NAS MONOGRAFIAS DO CURSO DE HISTÓRIA DA UVA**

A quantidade de trabalhos que tem o jornal Correio de Semana como fonte, numa primeira observação, dentro do espaço de tempo recortado, mostrou-se com boas possibilidades de pesquisas no campo histórico. Dessa forma, a procura através desta pesquisa é, como já dito, evidenciar sua relevância e justificar sua recorrência para as pesquisas sobre a cidade de Sobral, em especial, nas produções monográficas. Um aspecto se faz necessário ressaltar: o uso do jornal não ocorre somente pelos alunos do Curso de História da UVA, servindo também de fonte em outras áreas que pesquisam a cidade de Sobral.

Outro recorte foi o da seleção de monografias, das quais foram escolhidas as que tinham como recorte espacial a cidade de Sobral. A partir daí, inicia-se a pesquisa através dos fichamentos das monografias, que totalizaram 37 (trinta e sete), dentre as quais 05 (cinco) não estavam disponíveis para pesquisa<sup>5</sup> e 11 (onze) não utilizaram o referido jornal como fonte e não foram fichadas<sup>6</sup>. Dessa forma, a pesquisa se deu efetivamente em 21 (vinte e uma) obras. Observando tudo o que foi dito anteriormente em relação ao trabalho com jornais na contemporaneidade da pesquisa do historiador e pensando na possibilidade do uso

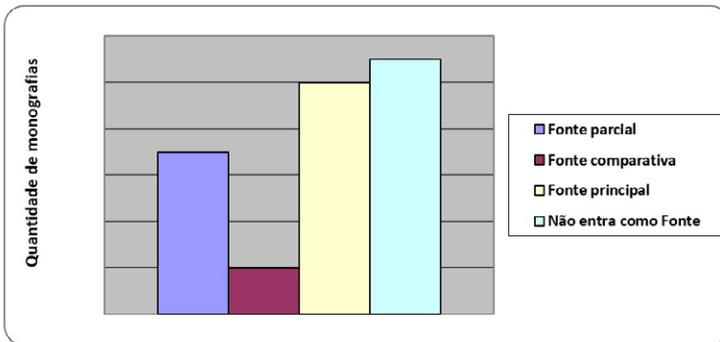
5 Os trabalhos a que se referem a esse momento do arquivo, contam de um índice de consulta, mas, no ato da pesquisa, em nenhum momento se encontravam para análise no banco físico.

6 Os trabalhos a que se refere esse momento do arquivo não se encaixam na proposta de estudo do artigo, uma vez que falam de Sobral, mas não utilizam o jornal *Correio da Semana* como fonte.

da imprensa como objeto, desenvolveu-se este trabalho. Como dito, sua base fixa sobre a utilização do jornal católico *Correio da Semana* como fonte para monografias do Curso de História da Universidade Estadual Vale do Acaraú, na abordagem dos estudantes/pesquisadores.

Para facilitar o entendimento, ordenamento e análise, desenvolveu-se uma tipologia. O critério utilizado foi a relevância da utilização da fonte para a construção da pesquisa, se como fonte parcial, comparativa, principal, ou se não utilizam o jornal com fonte. Essa primeira sistematização gerou o gráfico abaixo para melhor ilustrar o objetivo inicial.

**Gráfico 1** – Grau de uso do jornal *Correio da Semana* como fonte



**Fonte:** Elaborado pela autora.

Numa primeira observação, mesmo que superficial, podemos perceber que o maior número de uso do jornal é o uso como fonte principal. Essa visão se amplia, em relação à sua importância para as produções, se observarmos os aspectos do uso como fonte comparativa e fonte parcial, das quais a maioria total dos trabalhos se sobrepõe à pequena parcela, em número de cinco, de trabalhos que não fazem real utilização do jornal em nenhum aspecto ao longo de sua pesquisa.

Para uma melhor compreensão, segue-se uma tabela explicativa detalhada, em relação a estes trabalhos produzidos pelos acadêmicos, que, embora extensa, é julgada como de necessidade para uma melhor compreensão do teor total do trabalho e suas minúcias.

Quadro 1 – Jornal *Correio da Semana* como fonte

Qualificação	Título / Autor / Ano	Orientador / Temática
<b>Uso como fonte parcial</b>	Comportamentos femininos burgueses em Sobral 1950/1959 / Michelly Cavalcante do Vale / 2003	Prof. Ms. Maria Aparecida Vasconcelos Lopes / Gênero
	A escravidão na cidade de Sobral (1835/1850) / Maria Simone Mendes Almeida / 2003	Prof. Ms. Raimundo Nonato Rodrigues de Sousa / Escravidão
	Rio Acaraú de corpo e alma / Elisenrique Ribeiro Linhares / 2001	Prof. Ms. Francisco Denis Melo / Espaço Urbano
	Dom José e o Bairro Alto da Brasília / Ednardo Oliveira da Silva / 2005	Profa. Ms. Edvanir Maia da Silveira / Religiosidade
	Práticas Femininas X Igreja Católica Sobral – CE (1960/1970) / Stéphanie Meiry Gonçalves Oliveira / 2005	Prof. Ms. Maria Antônia Veiga Adrião / Gênero
	Uma História da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias em Sobral – CE / Saulo Parente Lima / 2005	Prof. Ms. Edson Holanda / Religiosidade
	Tombamento do patrimônio histórico e cultural de Sobral: monumento, história e memória / João de Assis Nobre / 2005	Prof. Ms. Francisco Gleison da Costa Monteiro / Patrimônio
<b>Uso como fonte comparativa</b>	A influência da oligarquia Accyolina na política sobralense (1908/1924) / Francisca Deusinélia Dias Arruda / 2003	Prof. Ms. Agenor Soares e Silva Júnior / Política
	Times e torcidas: o futebol em Sobral (1914/1920) / Bruno Ribeiro Marques / 2005	Prof. Ms. Raimundo Nonato Rodrigues de Sousa / Futebol
<b>Uso como fonte principal</b>	Reorganização do Espaço Urbano: a construção da Santa Casa de Sobral (1912/1925) / Lúcia Maria Trindade Linhares / 2000	Prof. Ms. Chrislene Carvalho dos Santos / Espaço Urbano
	Protestantismo em Sobral: subversão da ordem religiosa (1932/1937) / Júlio César Sousa Marçal / 2001	Prof. Ms. Agenor Soares e Silva Jr. / Religião
	Mercado Público da Cidade de Sobral: enquanto espaço de modernização, hierarquização, resistência e controle social do espaço urbano (1980/2002) / Ana Elizângela Albuquerque / 2002	Prof. Ms. Agenor Soares e Silva Jr. / Espaço Urbano.
	Mulher: submissão, socialização e hierarquização – Sobral (1910/1920) / Ana Cristina Costa Félix / 2003	Prof. Ms. Maria Aparecida Vasconcelos Lopes / Gênero
	“Sobral, terra de Dom José”: a construção de um mito / Walderlândia Araújo dos Santos / 2003	Prof. Ms. Francisco Denis Melo / Mentalidades

	O Processo de Romanização em Sobral (1919/1925) / Osvaldo Melo Negreiros Filho / 2005	Prof. Ms. Francisco Denis Melo / Religiosidade
	A Cidade e as Mulheres produzidos no jornal <i>Correio da Semana</i> / José Geraldo de oliveira Filho / 2005	Prof. Ms. Diocleide Lima Ferreira / Gênero
	“Coronel Chico Monte” na memória popular / Alcides José Pontes Cedro / 2004	Prof. Ms. Antônio Carlos de Oliveira Castro / Coronelismo
	Relações Sociais e Econômicas do trabalho na Indústria Grendene / Antônia Cláudia Sousa Silva / 2003	Prof. Ms. Antônio Carlos de Oliveira Castro / Mundos do Trabalho
	Memória Política de Sobral: Ditadura Militar em foco (1963/1970) / Viviane Prado Bezerra / 2004	Prof. Ms. Carlos Augusto Pereira dos Santos / Política
<b>Não usado como fonte</b>	A construção da igreja matriz: a religiosidade como um dos fatores de desenvolvimento do espaço sobralense (1778-1783) / Adélia Ferreira Gomes da Frota / 2001	Prof. Ms. Carlos Augusto Pereira dos Santos / Espaço Urbano.
	A administração municipal e o patrimônio histórico: Largo das Dores e a questão do progresso – 1997 / Francisco José Frota Lima / 2001	Prof. Ms. Carlos Augusto Pereira dos Santos / Patrimônio
	Dom José: um museu na contramão / Lucélia Melo Rocha / 2001	Prof. Ms. Francisco Denis Melo / Patrimônio
	Um olhar sobre o imaginário do Museu Dom José / Ana Cristina Silva Bessa / 2002	Prof. Vicente de Paulo Batista de Sousa / Patrimônio
	Museu Dom José: discurso e memória / Juliana Maria Ferreira Leite / 2003	Prof. Ms. Francisco Dênis Melo / Patrimônio
	Contexto Sócio Histórico: O Sistema Municipal de Saúde de Sobral (1980/2000) / Walter Roberto Pereira da Silva / 2003	Prof. Ms. Raimundo Nonato Rodrigues de Sousa / Sistema de Saúde
	O Santo Ofício da Inquisição de Lisboa X Bigamia; o “casamento proibido” na vila de Sobral (1770/1783) / Cláudio Ciarlini Neto / 2004	Prof. Ms. Francisco Denis Melo / Religiosidade
	Barragem Vertedora no Rio Acaraú na cidade de Sobral / Francisco Macedo Cavalcante / 2005	Prof. Ms. Francisco Gleison da Costa Monteiro / Cidade
	Prostituição Infantil Feminina na cidade de Sobral: o caso do Bairro Sinhá Sabóia / Luzia Célia Torquato Carneiro / 2005	Prof. Ms. Maria Antônia Veiga Adrião / Gênero
	A Mulher no Mercado de Trabalho em Sobral (1994/2004) / Rosina Maria Cordeiro Portela / 2005	Prof. Ms. Agenor Soares e Silva Jr. / Gênero
	Sobral: vida e óbitos dos escravos (1817/1842) / Sandra Helena de Menezes / 2005	Prof. Ms. Raimundo Nonato Rodrigues de Sousa / Escravidão

	Escravidão em Sobral: relação entre senhor e escravo no século XIX (1870/1884) / Wilkson Pessoa Lobo / 2005	Prof. Ms. Raimundo Nonato Rodrigues de Sousa / Escravidão
	A margem esquerda da história (1997/2005) / Viviane Maria Viana Brandão / 2005	Prof. Vicente de Paulo Batista de Sousa / Espaço Urbano

**Fonte:** Elaborado pela autora.

Tendo formatado a tabela, justificam-se os trabalhos que não se valem do jornal como fonte. Comparando-os com os demais trabalhos que o utilizam, pode-se perceber que o não uso trata-se de uma opção do escritor da monografia, ou da inexistência, ou de contato prévio com a fonte, ou de orientação do professor a respeito da possibilidade de uso da referida fonte.

Não se pode julgar isso como certo ou errado, visto que, dadas as colocações feitas pelos inúmeros autores citados ao longo de todo trabalho, o não uso não empobrece a pesquisa, pois as outras fontes dão conta disso. Por outro lado, a não inserção de tópicos, citações, imagens etc., nos jornais impede maior enriquecimento do trabalho. Essa diversidade por si só, já nos traz muito a respeito do jornal como fonte.

Observando atentamente a tabela no que se trata aos demais trabalhos que utilizam o jornal com fonte, está claro um aspecto bastante forte que o leva a ser fonte recorrente nos trabalhos dos universitários do Curso de História: mais que um jornal religioso, o *Correio da Semana* trata-se de um jornal de variedades, aberto a múltiplos assuntos e, que, entre outras coisas, privilegia os fatos inerentes à cidade de Sobral.

Dentre as variedades, podem ser citadas as que se apresentam nos focos dos estudos monográficos, tais como religião, que era, segundo o que se pode apurar, o foco maior do jornal e sua propositura mais firma de produção jornalística, e além desse. Tem-se, ainda, Gênero, Escravidão, Espaço Urbano, Patrimônio, Política, Futebol, Coronelismo, Mentalidades e Mundos do Trabalho, temas que estão sempre no foco das observações populares em discussões, rodas de conversas, assuntos jornalísticos no rádio, televisão (em bem menor parcela).

Como anteriormente mencionado, com base em pensamentos de autores, pode-se perceber que o jornal serve como fonte a respeito de temas diversos da sociedade sobralense, abordando os temas que interessam ao leitor. Esses temas são associados ao jornal por perceber nele o calor dos fatos, não deixando as informações se perderem, sendo produzidos na mesma semana ou dias depois dos fatos ocorridos, quando há lembranças recentes, o que, por sua vez, garante menos perda dos fatos.

## **ALGUMAS ABORDAGENS DOS AUTORES MONOGRÁFICOS**

As abordagens são diversificadas em questionar as fontes. Em relação ao *Jornal Correio da Semana*, muitos foram os exemplos percebidos de como os autores abordam o jornal para utilizá-lo como fonte dentro do trabalho. Um dos exemplos que mais chama atenção é da autora Viviane Prado Bezerra (2004) em seu trabalho “Memória Política de Sobral: ditadura militar em foco (1963/1970)”.

No trabalho da autora, o jornal é citado ao longo de todo o trabalho, servindo como base para a formulação dos pensamentos, mostrando a forma de organização social, evidenciando a sua presença dentro da sociedade sobralense. Desses aspectos, a própria autora nos fala no corpo do trabalho:

Considerando o jornal como um todo e entendendo a sua complexidade enquanto meio de comunicação social, o *Correio da Semana* se apresenta para nós como inúmeras perspectivas de análises, no entanto centralizamos nossos olhares para aqueles artigos que trazem em seu corpo discursões políticas ou político-religiosas (BEZERRA, 2004, p. 12).

A partir das palavras da autora, pode-se encontrar opinião que serve para ratificar o que anteriormente mencionamos. O jornal fala de religião como se propõe, mas também trata de assuntos gerais da vida cotidiana do sobralense ou do que interesse a ele. Portanto, são muitos os “olhares” que

se pode lançar a esse tipo de documento e obter as mais diversificadas informações, mas, mantendo o cuidado tendencioso da produção desses textos.

Desse mesmo aspecto no trabalho “A Cidade e as Mulheres Produzidos no jornal *Correio da Semana*”, de autoria de José Geraldo de Oliveira Filho, escrita no ano de 2005, é apresentado o seguinte pensamento a respeito da condição de posicionamento dos escritores do referido jornal:

E não é apenas no ponto político que o semanário católico se mostrou parcial, no decorrer das pesquisas e de algumas notícias aqui apresentadas, pode ser notado que a cidade transmitida pelo *Correio da Semana* foi formada somente pelos membros da elite sobralense. [...] enquanto que algumas outras camadas da sociedade só aparecem como vítimas de alguma “fúria” da natureza, e como coadjuvantes [...] (OLIVEIRA FILHO, 2005, p. 38).

Assim, podemos entender que o jornal, como fruto de pensamento de poucos homens que o faziam, refletia um elitismo que é percebido pelos escritores/pesquisadores que utilizam os jornais como fonte histórica. Essa postura revela uma formação sólida, ao mesmo tempo em que demonstra que os historiadores que se formam, estão preparados para lidar com essa fonte histórica, extraindo delas as informações de forma cuidadosa e técnica.

Outro foco é o complementar, no qual os pesquisadores usam o jornal em contraponto ou em complemento com outros jornais. O trabalho “Times e torcidas: o futebol em Sobral (1914/1920)”, de autoria de Bruno Ribeiro Marques, escrita no ano de 2005, nos traz uma passagem em que se pode perceber isso.

Durante muito tempo, os jornais *A Lucta* e *Correio da Semana*, traçaram enfoques diferentes para o remodelamento social de Sobral. O primeiro com uma visão progressista apoiava o futebol como símbolo da modernidade [...]. Já o *Correio da Semana*, com um discurso mais tradicional, trazia esporádicos comentários sobre o esporte [...] (MARQUES, 2005, p. 10).

Assim, percebe-se um posicionamento de complemento de informação da parte de quem se utiliza das fontes impressas em seus trabalhos, como os dois jornais acima mencionados. Essa postura dá mais firmeza às colocações e uma melhor condição de imparcialidade nas argumentações.

Em aparições esporádicas, o jornal está inserido de forma parcial nos trabalhos através de citações que servem, às vezes, para situar o leitor sobre um determinado momento, um lugar, uma prática cotidiana, ou em forma de fotografias da época. Um exemplo disso está em “Comportamentos femininos burgueses em Sobral 1950/1959”, de autoria de Michelly Cavalcante do Vale, escrita no ano de 2003.

A autora nos traz o seguinte trecho: “No jornal *Correio da Semana* era comum propaganda de reguladores menstruais para as mulheres. Esse tipo de artigo já dava uma ideia que a imagem da mulher já estava mudando na sociedade sobralense” (VALE, 2003, p. 55).

Assim, encerra-se nossa percepção dos usos dados ao jornal em trabalhos monográficos, ciente, contudo, de que as possibilidades de análises são inúmeras, mesmo nesse pequeno recorte temporal. Nossa intenção foi apenas de iniciar este tipo de abordagem sobre essa fonte riquíssima que é o *Jornal Correio da Semana* para a história da região noroeste do Estado do Ceará e, ao mesmo tempo, de poder estimular outros trabalhos.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao realizar um estudo das formas de uso do jornal enquanto fonte historiográfica, esse se inicia por entender a história do jornal em nosso país. Sua trajetória perpassa pelo aspecto da propagação de ideias, de ideologias, de práticas sociais. Além disso, deve-se levar em consideração o discurso da classe que o faz, ou, da classe a que pertencem os que fazem este impresso jornalístico.

Um jornal trata-se da propagação de um discurso a respeito de determinado fato social analisado, muitas vezes, no calor dos fatos. Sua construção denota parcialidade em relação a quem o produz e a quais

discursos defendem os que o constroem. Deve, portanto, o historiador usar de muito cuidado quando da formulação de perguntas a essa fonte e de cuidado ainda maior com as respostas obtidas.

Esta pesquisa, realizada junto ao banco de monografias da Universidade Estadual Vale do Acaraú – UVA, de forma específica, no Curso de História situado no Centro de Ciências Humanas – CCH, se mostrou relevante devido ao que o jornal *Correio da Semana* desempenha dentro das pesquisas e das produções monográficas enquanto fonte. Acredita-se nisso, principalmente, por conta dos inúmeros jornais que se apresentam nos corpos monográficos e nos referenciais bibliográficos.

Merece destaque o jornal *Correio da Semana*, que se apresenta em uma quantidade grandiosa de produções que se encontram no referido banco. Merece, ainda, destaque o fato de serem produções de Sobral, assim como de cidades vizinhas. Isso mostra o peso e espaço ocupado pelo jornal dentro da academia.

Em se tratando do jornal como fonte de monografias que versam sobre a cidade de Sobral, observou-se que o mesmo é utilizado para defesa de temas diversificados. Essa diversidade demonstra a abrangência do jornal quanto à apreensão de fatos sociais, não se limitando apenas aos temas de cunho religioso ou aos assuntos referentes à Igreja Católica em Sobral, no Ceará, no Brasil e no mundo, mesmo sendo essa sua proposta idealizadora.

O uso significa também acesso, já que exemplares desse jornal se encontram presentes na academia, especificamente no NEDHIS, do CCH. Esse ambiente, entre outras possibilidades associado a algumas cadeiras do curso de história, proporciona contato, leitura, levantamento e pesquisa em relação ao jornal, hoje amplamente adotado como fonte.

Nesse contexto, o jornal se mostrou multiuso uma vez que, por reunir artigos pequenos em um suporte grande, garante uma diversidade grande em relação aos demais gêneros que trazem apenas uma modalidade de abordagem. Esse caráter do jornal se mostra principalmente nas muitas produções que lançam mão dele e defendem seus pensamentos, ou que os reafirmam, a partir das ideias pelo jornal defendidas.

Com seus prós e poucos contras, o jornal, ao que pudemos perceber, é uma fonte histórica cada vez mais presente nos trabalhos acadêmicos. Saber utilizá-lo como fonte é, portanto, uma necessidade do historiador da atualidade, que se expande quando tratamos de outras fontes. O jornal *Correio da Semana* é quase unânime entre os artigos e periódicos utilizados, embora divida o cenário com outros impressos da sociedade sobralense e do estado do Ceará. Seu destaque se deu por sua maior utilização.

Por fim, devemos entender o jornal como uma fonte arriscada em muitos aspectos aos usos de estudioso-pesquisadores despreparados, mas que, sendo bem utilizado, revela múltiplas possibilidades de enriquecimento dos conteúdos abordados, não apenas nas produções monográficas, mas acadêmicas de modo geral, não apenas da História, como também de todas as demais disciplinas.

## REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Ed Wilson. **200 Anos da Imprensa no Brasil, 50 anos do Jornal Pequeno**. 2004. Disponível em: [www.piratinga.org.br/artigos](http://www.piratinga.org.br/artigos). Acesso em: 10 out. 2012.

BEZERRA, Viviane Prado. **Memória Política de Sobral: Ditadura Militar em foco (1963 – 1970)**. Monografia de Graduação. Sobral – CE: Universidade Estadual Vale do Acaraú: 2004.

CAVALCANTE, Maria Juraci Maia. **O Jornal como fonte privilegiada de pesquisa histórica no campo educacional**. FACED. Fortaleza: Universidade Federal do Ceará. Disponível em: <http://www.sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe2/pdfs/Tema4/0429.pdf>. Acesso em: 11 jul. 2012.

CERTEAU, Michel de. A operação histórica. In: LE GOFF, Jacques; NORA, Pierre. **História: Novas Abordagens**. 3ª Ed. – Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1988.

COSTA, Elza Marinho Lustosa da. **Sociabilidade e Cultura das Elites Sobralenses (1880-1930)**. Fortaleza: SECULT/CE, 2011.

FROTA, Dom José Tupinambá da. **História de Sobral**. 3ª ed. Fortaleza: IOCE, 1995.

GUARNIERI, Ivanor Luiz; ALVES, Fábio Lopes. **Imagens do cotidiano e temporalidades: historiografia e imprensa**. Universidade Federal de

Rondônia Revista Eletrônica do Centro de Estudos do Imaginário Labirinto. 2007. Disponível em: <http://www.cei.unir.br/artigos.html>. Acesso em: 02 ago. 2012.

JANOTTI, Maria de Lourdes. “O livro fontes históricas como fonte”. In. PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). **Fontes Históricas**. São Paulo: Ed. Contexto, 2005.

LUCA, Tania Regina de. “História dos, nos e por meio dos periódicos”. In. PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). **Fontes Históricas**. São Paulo: Ed. Contexto, 2005.

MARQUES, Bruno Ribeiro. **Times e torcidas: o futebol em Sobral (1914/1920)**. Monografia de Graduação. Sobral – CE: Universidade Estadual Vale do Acaraú: 2005.

NOBRE, Geraldo da Silva. **Introdução à História do Jornalismo Cearense**. Fortaleza: Secretaria da Cultura do Estado do Ceará Núcleo de Documentação Cultural, 2006.

PONTE FILHO, Aurélio. **Dom José e o “Correio da Semana”**: A “Bôa Imprensa” em Sobral - (1918-1925). Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal do Ceará. Tese de Doutorado. 2016.

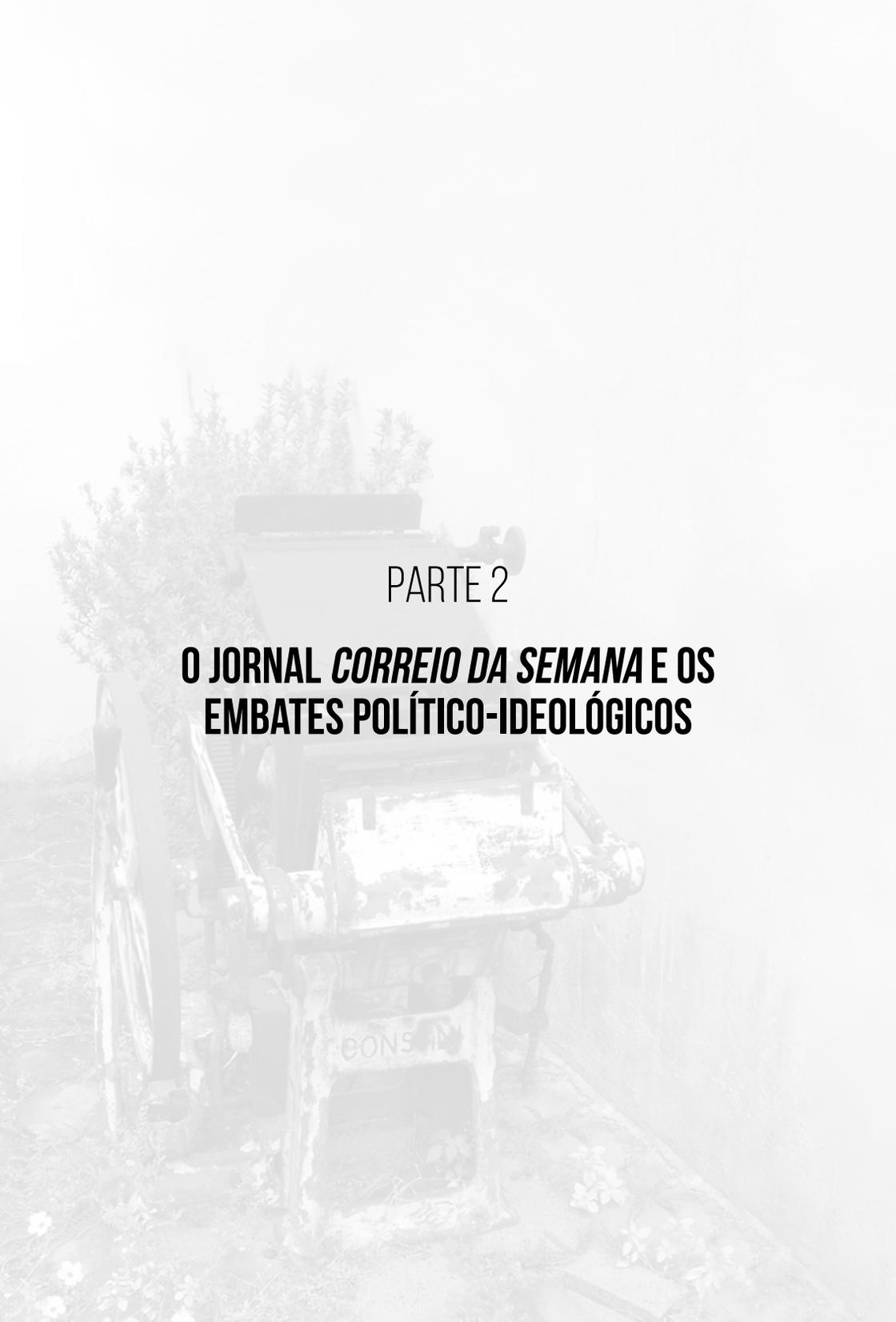
RIBAS, Ana Claudia. A Boa Imprensa, a Política e a Família: Os discursos normatizantes no jornal O Apóstolo (1929-1959). **Revista Espaço Plural**. Ano XII. Nº 24. 1º Semestre 2011. p. 96-106.

SODRÉ, Nelson Werneck. **História da Imprensa no Brasil**. Rio de Janeiro: Mauad, 1999.

STUDART, Barão de. **Para a história do jornalismo cearense. 1824-1924**. Fortaleza. Typographia Minerva, 1924.

VALE, Michelly Cavalcante do. **Comportamentos femininos burgueses em Sobral. 1950/1959**. Monografia de Graduação. Sobral – CE: Universidade Estadual Vale do Acaraú: 2003.

ZANLORENZI, Claudia Maria Petchak; NASCIMENTO, Maria Isabel Moura. **Jornal como fonte de pesquisa em educação**. HISTEDBR dos Campos Gerais – PR. Disponível em: [www.histedbr.fae.unicamp.br/.../Claudia%20Zanlorenzi%20\(R\).doc](http://www.histedbr.fae.unicamp.br/.../Claudia%20Zanlorenzi%20(R).doc) . Acesso em: 11 jul. 2012.



PARTE 2

**O JORNAL *CORREIO DA SEMANA* E OS  
EMBATES POLÍTICO-IDEOLÓGICOS**



# CATOLICISMO E POLÍTICA: A LIGA ELEITORAL CATÓLICA E O *CORREIO DA SEMANA* (1932-35)

*Carla Alexandra Coêlho Guimarães<sup>1</sup>*

## INTRODUÇÃO

Entre 1930 e 1945, a Igreja Católica apoiou o governo Vargas, defendendo um modelo de Estado forte, autoritário e nacionalista. As relações se fortaleciam e a Igreja acreditava ser possível implantar a doutrina social cristã no país. Também nesse período, intensificava-se a luta que a Igreja Católica travava contra o “perigo vermelho”, mas o comunismo não era a única ameaça. À época, o Brasil, na perspectiva da hierarquia católica, vivia uma “crise de autoridade” e precisava ser “saneado moral e politicamente”. Dessa forma o movimento para a “re Cristianização” da sociedade e do Estado se fazia urgente. Para que esse propósito atingisse seus fins, a Igreja Católica contava com o apoio da intelectualidade leiga, da imprensa confessional, de instituições trabalhistas e/ou assistencialistas ligadas à Ação Católica, da Liga Eleitoral Católica (LEC) e do compromisso dos fiéis com suas diversas ações.

Na tentativa de retomar o espaço e o prestígio político perdidos desde a implantação da República, a Igreja Católica participou de forma intensa da campanha da Assembleia Nacional Constituinte, em 1933, assegurando, assim, que seus interesses fossem contemplados na futura carta mag-

---

<sup>1</sup> A autora é Bacharel em Ciências Sociais e especialista em Ensino de História do Ceará – Universidade Estadual Vale do Acaraú- UVA.

na. Para isso, em dezembro de 1932, foi fundada, no Rio de Janeiro, a Liga Eleitoral Católica, com a finalidade de ser uma organização suprapartidária, com o propósito de incentivar e orientar o voto do eleitor católico.

As ações da LEC e a conscientização dos eleitores se efetivavam em grande parte a partir do trabalho da “boa imprensa”, por isso é importante destacar a atuação dos jornais e revistas ligados à Igreja Católica nesse período.

No Ceará, a imprensa católica também foi chamada a cumprir esse papel. Desde que assumiu o bispado em 1912, Dom Manoel da Silva Gomes demonstrou a intenção de criar uma gazeta confessional no estado do Ceará. A preocupação com a imprensa era recorrente já na década de 1910. A Igreja no Ceará possuía um jornal de circulação interna entre os membros do clero que era o *Correio Ecclesiástico*.

Considerando esse contexto histórico e, particularmente, o interesse pela relação entre catolicismo e política existente em Sobral/CE, entre 1932 e 1935, este trabalho apresenta parte de uma monografia de conclusão de curso em Ciências Sociais, que teve como principal fonte o jornal *Correio da Semana*, da Diocese de Sobral, buscando perceber as ações desse periódico enquanto porta-voz oficial da Liga Eleitoral Católica<sup>2</sup>.

Realizou-se, então, um estudo de caso específico focado nesse periódico sobralense, no momento de sua atuação política junto à Liga Eleitoral Católica, nos períodos que antecedem à Constituinte Federal em 1933, à Constituinte Estadual em 1934 e à eleição indireta para governador do Ceará em 1935.

Foi utilizada, como base metodológica para esse estudo de caso, a técnica de análise de conteúdo<sup>3</sup>, objetivando verificar, através do jor-

---

2 GUIMARÃES, Carla Alexandra Coêlho. *Relações do catolicismo com a política: atuação da Liga Eleitoral Católica em Sobral/CE (1932 - 1935)*. Sobral-CE: UVA, 2015 (Monografia de Conclusão de Curso) Ciências Sociais.

3 A Análise de Conteúdo baseia-se, principalmente, na relação entre quantitativo *versus* qualitativo. Eles são complementares entre si, porém possuem esferas de atuação diferenciadas dentro de uma pesquisa. São partes funcionais de uma metodologia que permite dar sentido a um grande número de informações documentais, valendo-se de uma sistematização (quantitativa) e uma interpretação (qualitativa). Cf. Chizzotti (1998) e Laurence Bardin (1977).

nal *Correio da Semana*, quais os pontos recorrentes de sua ação política utilizada para atrair o interesse dos possíveis eleitores em participar das eleições e, conseqüentemente, votar nos candidatos da LEC.

A leitura extensiva do periódico proporcionou as condições necessárias para a seleção de matérias que sintetizam e exemplificam as hipóteses desenvolvidas durante a pesquisa. Assim, procuraram-se as constâncias daqueles elementos mais significativos nos dados pesquisados. Esses temas recorrentes foram transformados nas unidades de registros ou temas geradores.

Sobre o jornal pesquisado, o *Correio da Semana*, foi especificado que o período analisado vai de 4 de janeiro de 1930 a 27 de dezembro de 1935, o que corresponde à leitura integral de duzentos e cinquenta e um exemplares. O contato com o periódico se deu através de material microfilmado, pertencente ao acervo da Biblioteca Pública Menezes Pimentel, localizada em Fortaleza/CE.

No período em estudo, a Liga Eleitoral Católica no Ceará venceu todos os pleitos eleitorais ocorridos até a implantação do Estado Novo, tornando-se a mais expressiva força política do estado. Com a pesquisa, fica evidente que o jornal *Correio da Semana* serviu como principal porta-voz da LEC no município.

Fundado em 31 de março de 1918, este “Orgam dos interesses religiosos da Diocese de Sobral” teve como primeiro diretor o Pe. José de Lima Ferreira, sob a redação do Pe. Leopoldo Fernandes. Já o periódico sofreu influência direta de Dom José Tupinambá da Frota, seu fundador e idealizador, representante do catolicismo ultramontano, que acabou direcionando o jornal para um pensamento conservador e que muitas vezes colaborou, escrevendo artigos usando o artifício de pseudônimo.

Nos anos 1920, o jornal foi porta-voz do Partido Conservador e travou uma grande contenda com o jornal *A Lucta*, de Deolindo Barreto. Sua publicação era semanal, chegou a circular nas sextas-feiras por algum tempo, porém, na maior parte de sua existência, circulou aos sába-

dos. O jornal foi um importante instrumento de propaganda e doutrinação do eleitor católico, sendo, portanto, um eficiente instrumento de ação política na divulgação da doutrina social e do pensamento católico, propagador, enfim, dos interesses da Diocese de Sobral.

### **“AVANTES CATHOLICOS! SOBRALENSES ÀS URNAS!” - A LIGA ELEITORAL CATÓLICA (LEC)**

O nosso propósito argumentativo relaciona-se com a Liga Eleitoral Católica, por isso é necessário conceituá-la. Nesse sentido, pode-se definir que a LEC foi uma iniciativa de Heitor da Silva Costa, nas diretrizes de Dom Sebastião Leme, para modelar a organização da Ação Católica do Rio de Janeiro. Essa proposta foi instituída em 8 de setembro de 1932, por todo o Brasil, com o objetivo de alistar o maior número de católicos para futuras eleições e de apoiar os candidatos católicos na disputa dos cargos eletivos, desde que eles aceitassem o programa de defesa da doutrina social da Igreja.

Nesse contexto, é preciso entender o momento da eleição presidencial de março de 1930. No referido pleito, o candidato paulista Júlio Prestes venceu seu adversário político Getúlio Vargas, o que seria a continuidade da política vigente, conhecida como “política do café com leite”, mas não assumiu, já que, por vias não democráticas, Getúlio Vargas tomou o poder do então presidente paulista Washington Luís. Esse evento teve a participação direta da Aliança Liberal, uma coligação partidária oposicionista, que estava impregnada com os ideais de reformas burocráticas e éticas vindos do catolicismo. Esse pensamento também integrou o programa de governo do movimento de outubro de 1930<sup>4</sup>.

O ponto principal desse movimento de “recatolização” foi a criação da Liga Eleitoral Católica, que estava organizada por “Juntas”, sendo a nacional localizada no Rio de Janeiro, as estaduais, nos diversos estados, as regionais, na sede de cada bispado e, as locais, em cada paróquia.

4 FAUSTO, B. *História do Brasil*. São Paulo: EDUSP, 2010.

O controle era assim inteiramente exercido pela instituição eclesiástica. Segundo Alceu Amoroso Lima, o papel da Liga seria:

Despertar os católicos da indiferença em que viviam, em face dos problemas políticos, e obter dos partidos políticos e candidatos indiferentes ou hesitantes, em matéria de orientação social superior (problemas de família, educação, religião), compromissos formais de votarem com a doutrina social católica, que coincide, felizmente para nós, com a tradição histórica brasileira e com uma das renovações mais modernas do pensamento universal<sup>5</sup>.

Os estatutos da LEC dizem, no seu artigo 9º, que “não poderão fazer parte das Juntas, de qualquer grau, as pessoas que por sua situação política partidária possam comprometer a finalidade da Liga, que sempre se conservará acima e fora de todos os partidos políticos”<sup>6</sup>. Esse argumento reforça a posição suprapartidária da Liga, reiterando os argumentos de que essa campanha para a Constituinte não tinha nenhum caráter ideológico. Para a hierarquia, era uma questão de moralização e dever católico essa participação política, afinal, as reivindicações da Igreja Católica brasileira eram apresentadas ao eleitor como sociais e de interesse geral.

Os candidatos que deveriam fazer parte da Liga Eleitoral Católica poderiam pertencer a qualquer partido, desde que o respectivo programa não infringisse os deveres da consciência religiosa. Os futuros constituintes deveriam se comprometer, por escrito, a defender, durante todo o mandato, todos os pontos do programa da LEC. Depois de assumido o compromisso, esses candidatos seriam apresentados aos eleitores.

Em 24 de novembro de 1932, realizou-se, em ato solene no Teatro Glória, a instalação de LEC em Sobral. Estavam presentes Dom José Tupinambá da Frota, bispo diocesano, muitos padres e várias autoridades “civis e militares”. Compareceram também representantes de 18 associações religiosas, muitos cavalheiros e senhoras (“fina-flor da sociedade sobralense”).

5 LIMA *Apud* MIRANDA, Júlia. *O poder e a fé: discursos e práticas católicos*. Fortaleza: EUFC, 1987, p. 72.

6 *Idem.*

Alguns discursos se seguiram, iniciando com o Pe. Gerardo Gomes, que tratou de esclarecer tudo sobre a LEC e a importância do voto para resguardar os interesses católicos. Quase no final da assembleia, Dom José Tupinambá da Frota explicou que a Igreja Católica não pleiteava a união com o Estado e que a instituição respeitava a liberdade de outras confissões religiosas. Resumiu, embora de forma contundente, a pauta das reivindicações católicas e enfatizou que os católicos tinham obrigação de alistar-se, como também de votar, mas votar bem. Fez um chamamento a todos os católicos sobralenses e deixou claro que o momento era de ação<sup>7</sup>.

**Figura 1** – Manchete (fundação da LEC em Sobral)



**Fonte:** *Correio da Semana*, Sobral, 26 de novembro de 1932.

A imprensa fazia parte da estratégia da Igreja no sentido de pressionar a sociedade civil, assim como de mobilizar a opinião pública. Nas palavras de Pio X, “um bom jornalista vale mais do que meia dúzia de pregadores”<sup>8</sup>. Durante a década de 1920, a Igreja Católica atribuiu à governança do país uma “crise de autoridade”. A origem dos transtornos sociais se localizava no trio liberalismo-comunismo-laicismo, “as forças do mal”. Era um tempo de precaução, mas também de ação. A “Revolução de 30” significava então o início da superação dessa crise. Era mediante a organização de um “Estado forte e estável” que a hierarquia católica vislumbrava o melhor caminho para restabelecer a ordem e a sua autoridade na sociedade brasileira.

Dessa forma, os bispos procuraram colocar em evidência o papel da Igreja Católica como sustentáculo da ordem social e defensora do prin-

<sup>7</sup> *Correio da Semana*. Sobral-CE, 26 de novembro de 1932.

<sup>8</sup> *Jornal O Nordeste*. Fortaleza-CE, 02 de fevereiro de 1925.

cípio da autoridade. A partir do movimento restaurador, a influência política começa a ser entendida como instrumento oportuno de mobilização social e transmissão da fé católica. Todo esse trabalho foi fortalecido com a união entre o clero e os leigos.

Essa colaboração entre Igreja e Estado ocorreu durante todo o governo Vargas, tornando-se fortes aliados, e a hierarquia católica viu nesse momento a oportunidade de recuperar seu prestígio político e social, perdidos desde a Proclamação da República. Para tanto, defendia o “saneamento moral e político” do Brasil, oferecendo para isso uma única solução: “só pela recristianização dos costumes seria possível salvar nossa pátria”<sup>9</sup>.

A hierarquia católica, junto com a intelectualidade leiga e a imprensa confessional, começa então a trabalhar no sentido de assegurar a volta do Brasil à constitucionalidade. Esse esforço trazia a defesa de uma série de reivindicações católicas que iriam garantir os interesses da Igreja na “Nova Constituição”. Lustosa ressalta que a meta principal é a influência direta da religião sobre a sociedade:

Usando como pano de fundo a força de pressão social de que dispunha, a Igreja podia pensar, concretamente, nos passos a dar para não apenas defender-se dos adversários, mas para colimar as metas em pauta do seu programa de cristianizar a legislação. O movimento não podia ser mais oportuno e apropriado. O governo provisório deveria, por bem ou por mal, convocar a assembleia e preparar a constituição da nova república (LUSTOSA, 1983, p. 49-50).

Todo esse trabalho de ação política realizou-se através da imprensa católica e da LEC. Os periódicos, as revistas e os jornais têm papel fundamental na divulgação da ideologia social e política da Igreja Católica, além, é claro, da pregação que ocorria no interior dos templos. Dessa maneira, as reivindicações e os interesses da Igreja Católica chegavam até os fiéis. A imprensa católica adquiriu, então, o poder político através de

9 LUSTOSA, 1983, p. 49-50.

sua dupla função: a de formação e informação. O movimento restaurador soube muito bem aproveitar o potencial dos periódicos confessionais.

Todavia, como o pensamento católico chegava até os jornais e revistas? Logicamente, ele surgia através da produção da hierarquia, dos clérigos e dos intelectuais católicos. O *Correio da Semana*, além de ser o órgão de imprensa da Diocese de Sobral, também era um jornal de notícias, de opinião. Trazia em suas páginas notícias de toda a região norte do Ceará, da capital Fortaleza e de outros municípios do estado. Veiculava notícias internacionais, principalmente sobre Moscou, “o mal bolchevique” e as “misérias do comunismo”. Em contrapartida editava textos sobre os governos fascistas da Europa e os benefícios de se ter um “Estado forte e autoritário”. Mussolini sempre foi muito elogiado nas páginas do jornal, um verdadeiro exemplo a ser seguido.

O jornal trazia todos os acontecimentos de interesse da Diocese de Sobral. Um assunto bastante recorrente eram as críticas feitas à maçonaria, ao protestantismo e ao espiritismo. Esses temas se alternaram durante todo o período referente à pesquisa. Observamos também muitos artigos e editoriais reproduzidos a partir da revista *A Ordem* e do jornal *O Nordeste*.

No levantamento de dados realizado, ficou evidente a grande quantidade de textos que, além de tratar dos assuntos católicos, também tratava dos assuntos relativos aos “inimigos” da Igreja. Existia um elo que veiculava uma definição ideológica através do estabelecimento dos “defeitos dos inimigos” da instituição e a partir daí, eram apresentados aos fiéis/leitores as diferenças em relação ao catolicismo. Não resta dúvida de que, nas páginas do *Correio da Semana*, pelo menos no período citado, os maiores “inimigos” da Igreja Católica eram o comunismo e a maçonaria.

Nos primeiros meses de 1930, o *Correio da Semana* destacou a crise econômica (crise do café), a crise política, a sucessão presidencial e o “perigo do comunismo”. O periódico ressaltou também a “crise de autoridade” que o governo Artur Bernardes enfrentava e mostrou em

artigo de primeira página, intitulado “Situação de Angústia”, qual seria a solução para a mesma. Vejamos:

É a formidável crise política temeroso phantasma que abate [...] É preciso que ninguém se iluda: a infiltração do espírito de rebeldia domina todos as camadas sociais e o próprio exército, que deve ser um elemento de ordem [...] E haveria remédio para tudo isso? De certo. A therapeutica que ninguém encontra, porque ninguém a procura, está na reforma do carácter dos nossos homens públicos. Mas o carácter só se reforma e se retempera na escola do Christianismo, que é a grande forja onde se fundam as eternas bellezas da vida das emoções<sup>10</sup>.

O jornal não levantou bandeira de apoio a nenhum candidato à sucessão de Artur Bernardes. Muitas vezes foi possível observar notas como: “Tanto faz ser Getúlio Vargas ou Júlio Prestes”. Ao mesmo tempo em que se pôde apreciar a plataforma de governo de Júlio Prestes, foram vistas também notas entusiasmadas em torno das caravanas da Aliança Liberal.

Em 1931, o *Correio da Semana* começa o ano saudando a “Revolução de 30” e o governo Vargas: “época de ressurreição moral e financeira”<sup>11</sup>. Seria um momento de se pensar em uma nova constituição. A partir de fevereiro, o jornal começou a trazer editoriais e artigos que tratavam mais especificamente das “reivindicações católicas”, que deveriam ser incorporadas à nova lei, tais como: reconhecimento do catolicismo como religião do povo brasileiro, oficialização de casamento religioso pelo Estado, ensino religioso na educação primária e secundária, entre outras<sup>12</sup>.

Começa, então, a defesa de uma carta magna “constituída na fé”, pois “sem Deus não se governa”. O periódico chama todos os católicos à ação: “vamos constituir uma força eficiente e invencível”<sup>13</sup>. Em meados de 1932, a discussão sobre a importância de uma nova constituição se intensificava. O periódico começou, então, a produzir uma série de textos que mostravam os deveres dos eleitores católicos, conforme se lê:

10 *Correio da Semana*. Sobral-CE, 04 de janeiro de 1930.

11 *Correio da Semana*. Sobral-CE, 31 de janeiro de 1931.

12 *Correio da Semana*. Sobral-CE, 14 de fevereiro de 1931.

13 *Correio da Semana*. Sobral-CE, 07 de março de 1931.

### Programa do Eleitor Católico

- I – Ser eleitor independente, ou filiar-se a um partido que, além, de outros objetivos patrióticos pleiteie:
- 1º) Deus na Constituição e um dia oficial de “ação de graças”;
  - 2º) ensino facultativo da religião nas escolas;
  - 3º) repulsa ao divórcio;
  - 4º) registro do casamento religioso para os efeitos civis;
  - 5º) descanso dominical;
  - 6º) honestidade administrativa;
  - 7º) unidade do Brasil e distribuição equitativa das rendas federais, em benefício dos diversos Estados;
  - 8º) desdobramento e coordenação das vias de penetração, convergindo para uma via de ligação interna entre o Norte e Sul do Brasil;
  - 9º) proteção às classes agrícola e operária;
  - 10º) fomento à produção e à exportação; e repressão do protecionismo exagerado;
  - 11º) completa isenção de impostos para os gêneros de primeira necessidade;
- II) Formar juntas paroquiais consultivas, para orientação da consciência eleitoral católica, e seleção dos candidatos.
- III) Em qualquer hipótese, negar sempre o seu voto a um candidato ímpio, desonesto ou absorvente<sup>14</sup>.

O jornal, ao comentar sobre o Novo Código Eleitoral, incentivava a “consciência eleitoral católica” através do alistamento. São evidentes, em várias edições, pequenos textos espalhados por diferentes páginas do jornal que tratam da importância do alistamento. Durante os meses que se seguiram, de forma insistente, a importância do dever do voto é lembrada pelo *Correio da Semana*. O jornal está sempre repetindo em tom ameaçador: “O catholico que não se qualificar comete conscientemente um crime contra Deus, contra a Pátria, Contra a família [...] Avante catholicos! [...] Defendamos o nosso caro Brasil”<sup>15</sup>. As instruções para o alistamento são matérias constantes em diferentes edições.

Em dezembro de 1932, em matéria de primeira página, o jornal defendeu a importância do voto feminino e conclamou as mulheres sobralenses a se alistarem e a votarem. As mulheres desempenharam papel

14 *Correio da Semana*. Sobral-CE, 16 de julho de 1932.

15 *Correio da Semana*. Sobral-CE, 05 de novembro de 1932.

ímpar no sucesso da LEC. A proeminência atribuída ao voto feminino permaneceu nas edições do semanário, em que sua tarefa era de orientar o sufrágio das mulheres e exigir o “máximo de dedicação e ausência de hesitação”, conforme se lê nessa fala de uma eleitora:

**Ao eleitorado do belo sexo sobralense**

Faz-se mister, catholicas, que formemos um só todo, forte, inabalável e coheso, elegendo homens de fé e que coloquem na futura constituição do Ceará os direitos de Jesus. Votemos com a Liga e ella nos apresentará candidatos de uma moral christã e de character adamantino<sup>16</sup>.

No final de dezembro de 1932, o *Correio da Semana*, de forma bastante insistente, editou várias vezes o decálogo da LEC, cujos pontos contemplavam as reivindicações que a hierarquia católica defendia que fossem incluídos na nova constituição. O texto apareceu em partes diferentes do jornal e algumas vezes seguidas da frase: “Catholicos, avante!”<sup>17</sup>

O periódico deixou claro que a Igreja não pretendia pleitear sua união com o Estado, ressaltou também que sua “ação política” estava limitada pela “ação religiosa”. Esse assunto foi recorrente durante os primeiros meses de 1933.

Em maio de 1933, ocorreram as eleições para a Assembleia Nacional Constituinte, e a LEC trabalhou incansavelmente até o dia do pleito. O jornal estava sempre noticiando, desde o final de 1932, a instalação da LEC em vários municípios. A cada instalação comemorava-se a sua força:

Já se começou a ver que a Liga Eleitoral Católica não é uma utopia, como se afigurava a muita gente [...] A palavra de ordem do Episcopado foi ouvida em todos os cantos do país [...] Já não há mais que duvidar da vitória dos princípios religiosos e morais [...] Avante Catholicos!<sup>18</sup>

16 *Correio da Semana*. Sobral-CE, 10 de agosto de 1934.

17 *Correio da Semana*. Sobral-CE, 17 de dezembro de 1932.

18 *Correio da Semana*. Sobral-CE, 01 de abril de 1933.

O jornal fazia questão de exibir os nomes dos eleitores que já estavam alistados, o que ocorreu semanalmente. Na edição que antecedeu a eleição, o semanário trouxe um artigo de primeira página em que chamou atenção para a responsabilidade que os católicos tinham com o destino do Brasil na Constituinte:

Nestes tempos de vésperas de eleições, em que a força eleitoral da Liga é uma verdade incontestada, é interessante ver-se como já começam as cousas a tomar um rumo que mais se aproxima da realidade brasileira [...] a maioria das correntes políticas do paiz são acordes do ideal cristão da família brasileira [...]. Poucos dias faltam para que se decidam nas urnas os destinos da nacionalidade [...]. Desse embate das forças sadias da nação com todas as correntes do mal, depende a sorte do Brasil<sup>19</sup>.

Passada a eleição, o periódico vai se preocupar em acompanhar e divulgar os resultados eleitorais. A primeira grande vitória da LEC foi bastante comemorada. O jornal divulgou uma lista mostrando que a LEC venceu o PSD em todos os municípios do estado.

O ano de 1934 começou com o jornal trazendo notícias sobre a Assembleia Nacional Constituinte e o desempenho da bancada cearense. As reivindicações católicas que iam sendo atendidas eram celebradas como grandes vitórias da LEC.

A partir de junho de 1934, o *Correio da Semana* começou a divulgar notícias sobre a eleição para a Constituinte Estadual, que seria em outubro desse mesmo ano. Destacou que as juntas locais da LEC reiniciaram o alistamento e que o serviço eleitoral ia começar. O periódico, por diversas vezes, elogiou o eleitor católico sobralense por ter atendido tão prontamente os pedidos da Liga. O jornal repetidamente chamou a atenção para o local do alistamento e para a importância desse ato:

---

19 *Correio da Semana*. Sobral-CE, 29 de abril de 1933.

**Figura 2** – Manchete (Chamado para o alistamento)



**Fonte:** *Correio da Semana*, Sobral, 10 de agosto de 1934.

De forma bastante didática, o jornal produziu notas, editoriais, artigos e manchetes com a intenção de convencer o eleitor que votou na LEC na eleição para a Constituinte Nacional a repetir o feito nas eleições para a Constituinte Estadual. Nesse momento pré-eleitoral, o jornal apresentou manchetes chamativas em sua primeira página, todas ressaltando a importância do alistamento e o dever do voto.

**Figura 3** – Manchete (importância do Alistamento)



**Fonte:** *Correio da Semana*, Sobral, 13 de julho de 1934.

**Figura 4** – Manchete (voto – “dever cristão”)



Figura 5 – Manchete (alistamento dos jovens)



Arregimentar o eleitorado católico! Eis o lema do jornal mobilizado para a eleição de 14 de outubro de 1934. O jornal definiu, em diversos editoriais, o sufrágio, suas finalidades e limitações: “a arma do voto afastaria da vida pública os inimigos dos ideais nacionais”.<sup>20</sup> Como cristão era necessário afastar das urnas os elementos prejudiciais à causa da fé. A obrigação do voto era um dever moral, o dever de votar bem “para a felicidade do Brasil e honra da Igreja”.<sup>21</sup>

Figura 6 – Manchete (voto em defesa do Brasil)

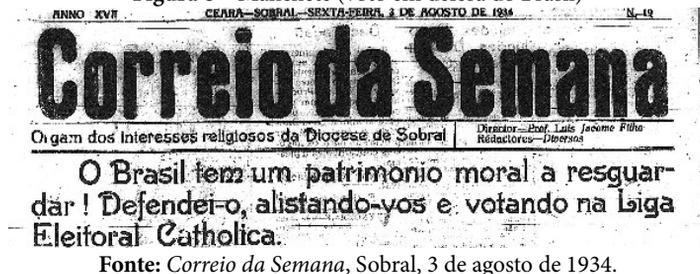


Figura 7 – Manchete (finalidade da LEC)



20 *Correio da Semana*. Sobral-CE, 03 de agosto de 1934.

21 *Correio da Semana*. Sobral-CE, 03 de agosto de 1934.

Ao se aproximar o momento das eleições, em outubro de 1934, o *Correio da Semana* fez propaganda dos comícios da LEC, desqualificou seus opositores e reforçou a necessidade do voto na LEC.<sup>22</sup> Depois das eleições, foi mostrando os resultados do pleito. A cada seção apurada, ia se confirmando a vitória da LEC. Diferentemente do pleito de maio de 1933, a campanha para a Constituinte Estadual se mostrou mais vibrante nas páginas do semanário. Por se tratar da política local, os ânimos dos participantes pareciam mais exaltados. A disputa entre a LEC e o PSD foi bastante acirrada e algumas provocações podiam ser vistas no jornal<sup>23</sup>.

Entre os anos de 1932 e 1934, a ação do jornal, enquanto porta-voz da LEC, estava explícita, pois fez a propaganda, convocou o alistamento e convenceu o eleitor católico que o voto era um dever cristão. Tudo isso se confirmou com os resultados das urnas, pois, no confronto entre a LEC e o PSD, a Liga obteve vitórias expressivas em todos os pleitos.

Os “triumfos lecistas” resultam da disciplina, obediência e confiança dos eleitores católicos. Votar sem temer, sem trair sua consciência católica, isso sim levaria vitória. O jornal insiste:

O voto para os católicos, não é absolutamente uma questão política, mas sim uma questão de ação social [...] Chegou o momento das definições: ou se é ou não se é católico. O meio termo, a indiferença, o comodismo não podem ser admitidos na hora presente<sup>24</sup>.

Durante todo o ano de 1935, o semanário reservou um espaço considerável que foi dedicado ao Integralismo, constituído de editoriais de 1º página, manchetes e artigos sempre assinados por Farias Sobrinho, chefe local da AIB e professor do Ginásio Sobralense. O chefe integralista acu-

22 *Correio da Semana*. Sobral-CE, 12 e 19 de outubro de 1934.

23 *Correio da Semana*. Sobral-CE, 12 de outubro de 1934.

24 *Correio da Semana*. Sobral-CE, 07 de setembro de 1934.

mulava dupla função, pois também foi secretário-geral da Junta Regional da LEC em 1934. Talvez houvesse uma boa justificativa para o tamanho da atenção que o periódico dedicou à causa dos “camisas-verdes”, considerando que, no Ceará, a Igreja Católica e a AIB tinham grandes afinidades<sup>25</sup>. Entretanto, essa afinidade não era reconhecida com naturalidade.

Em abril de 1935, o jornal traz, em sua primeira página, uma nota que trata sobre acusações feitas pelo PSD local à LEC acerca de a Liga ter se transformado em “milícia integralista”. O *Correio da Semana* sai em defesa da Liga:

**Perdão, Srs. Pessedistas, não é exato!**

Alguns senhores passaram ao Sr. Presidente da República e ao Sr. Ministro da Justiça um telegrama, encabeçado pelo Sr. Randal Pompeu, em que, entre outras coisitas, dizia que a “Liga Eleitoral Catholica aliada partidos decaídos está se transformando em milícia integralista, sendo sua sede, neste município, sacristia Igreja Menino Deus”.

É falso: 1º) que a Liga esteja se transformando em milícia integralista;

2º) que a sua séde seja na sacristia do Menino Deus.

Todos aqui sabem que algumas vezes os integralistas têm celebrado as suas sessões no salão da *congregação Mariana dos Moços*, que é um tanto diferente da sacristia. Nesta é que nunca se reuniram.

[...] <sup>26</sup>.

Após a vitória nas eleições de 1934, o *Correio da Semana* saúda os deputados da LEC eleitos para a Constituinte Estadual. Na lista dos eleitos estava um sobralense, Francisco de Almeida Monte. Chico Monte foi vereador pelo Partido Conservador na década de 1920 e, nos anos de 1930, deputado estadual pela LEC e simpatizante da AIB. Durante o período em que foi ligado à LEC, tornou-se importante aliado político do bispo Dom José Tupinambá da Frota.

25 *Correio da Semana*. Sobral-CE, 02 de agosto de 1935. Cf. PARENTE, Francisco Josênio Camello. *Anauê: os camisas verdes no poder*. Fortaleza: UFC, 1986.

26 *Correio da Semana*. Sobral-CE, 05 de abril de 1935.

**Figura 8** – Manchete (visita dos deputados da LEC)



Fonte: *Correio da Semana*, Sobral, 07 de junho de 1935.

Ainda em 1935, na Assembleia Legislativa, ocorreram dois triunfos da LEC, a eleição (indireta) de Menezes Pimentel ao governo do Estado, e a escolha de Edgar Arruda e de Valdemar Falcão para o Senado Federal. Menezes Pimentel foi professor titular da Faculdade de Direito do Ceará, colaborador do jornal *O Nordeste* e ex-presidente do Círculo Católico de Fortaleza. Antigo aliado da Igreja Católica, foi bastante festejado nas páginas do *Correio da Semana*, quando derrotou o candidato do PSD, José Alcilioli<sup>27</sup>.

O *Correio da Semana* harmonizou-se inteiramente com os princípios da Restauração Católica, defendeu, em suas páginas, o novo rumo político, iniciado com a Revolução de 1930, fez oposição cerrada ao avanço das ideias comunistas e marcou como seus maiores inimigos o comunismo e a maçonaria. Mobilizou a opinião pública a favor da LEC e lhe serviu de porta-voz, defendeu o princípio da autoridade mediante a organização de um “Estado Forte e estável” e, principalmente, evidenciou o papel da Igreja Católica como sustentáculo da ordem social.

A conclamação – hora de definição – dominou os editoriais e suas principais matérias nos meses que antecederam os pleitos de 1933, 1934 e 1935. Incessantemente, o jornal defendeu a necessidade de manter a atividade católica sempre fora e acima dos partidos. Igualmente, cobrou do eleitorado obediência total à Liga Eleitoral Católica, pois o momento, na

27 *Correio da Semana*, Sobral-CE, 31 de maio de 1935.

verdade, inadmitia atitudes dúbias e vacilantes. Complementando isso, insistia no alerta: “nenhum católico, digno deste nome, poderia negar apoio à arregimentação dos homens de boa vontade, em torno das reivindicações da nossa fé!”<sup>28</sup>

No tocante ao programa lecionista, o *Correio da Semana* realçou os pontos-chave: ensino religioso nas escolas, manutenção da indissolubilidade do laço matrimonial e defesa do direito de propriedade. Reiteradamente mostrou qual o papel da LEC: “não é um partido, mas a união dos elementos fiéis à Igreja Católica na defesa das reivindicações dos nossos direitos”. A isso, o jornal acrescentou: “a Liga jamais seria um partido. Estava acima e fora dos partidos”<sup>29</sup>.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo desta pesquisa, o ponto central do trabalho foi a influência da Igreja Católica na política, durante os anos de 1930. Unido ao governo de Getúlio Vargas, o Clero Católico, sobretudo o grupo vinculado ao Centro Dom Vital, influenciou toda a postura política de eleitores e de candidatos durante as eleições de 1933, 1934 e de 1935. Para tal finalidade, foi determinante a presença da Liga Eleitoral Católica, instrumento criado pela hierarquia católica que lutava pela “recristianização do Brasil”.

Nas eleições da Assembleia Nacional Constituinte de 1933, a vitória da Igreja Católica foi total. A maioria dos deputados era vinculada ao projeto da LEC e participava de forma expressiva da Nova Constituição. Assim, com esse núcleo de pressão, a Constituição de 1934 ficou marcada pela postura leiga, sobretudo com a presença do catolicismo desde o preâmbulo, com a indissolubilidade do matrimônio e com a presença da educação religiosa nas escolas públicas.

Dessa forma, estaria garantida a presença da religião católica em todo o país, que, por conseguinte, mostraria sua força em detrimento

28 *Correio da Semana*, Sobral-CE, 07 de novembro de 1932.

29 *Correio da Semana*, Sobral-CE, 12 de novembro de 1932.

das outras religiões que buscavam espaço, como o protestantismo e o espiritismo. Vale lembrar que a presença da Igreja Católica no cenário político afastava também outro “mal”: o comunismo, que deveria ser totalmente excluído do imaginário do trabalhador brasileiro.

Diferentemente do pregado por Dom Sebastião Leme, arcebispo do Rio de Janeiro, líder maior do catolicismo brasileiro, a Liga Eleitoral Católica no Ceará, nos anos 1933, 1934 e 1935, ultrapassando a mera indicação do voto, obteve registro partidário, elegeu candidatos e ocupou funções governamentais. A LEC foi o partido político mais importante da época, se constituiu como força hegemônica e ganhou todos os pleitos ocorridos até a implantação do Estado Novo.

A Liga Eleitoral Católica, além dos membros vinculados à Igreja Católica no Ceará, agrupou os integralistas e os partidos Agrário, Democrata e Conservador. Esse grupo representou a maior força política do Ceará nos anos 1930.

Em Sobral, o Jornal *Correio da Semana* foi o porta-voz oficial da LEC e se tornou notório por encorajar os fiéis a participarem da eleição para a Constituinte Federal de 1933 e para a eleição da Constituinte Estadual de 1934. O jornal católico foi propagador das ideias da LEC, esclareceu sua atuação política, incentivou o alistamento, defendeu o voto como “dever cívico e cristão”, promoveu e estimulou o voto feminino. Além da participação no processo eleitoral, o *Correio da Semana*, muitas vezes e de forma contundente, deixou claro seu repúdio ao comunismo e à maçonaria, revelando a existência de um pensamento católico tradicionalista, conservador e autoritário na cidade de Sobral.

## REFERÊNCIAS

AZZI, Riolando. **O altar unido ao trono**. São Paulo: Paulinas, 1992.

AZZI, Riolando. **A neocrisandade**: um projeto restaurador. São Paulo: Paulus, 1994.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Rio de Janeiro: Edições 70, 1977.

BEOZZO, José Oscar. **A Igreja do Brasil**. Petrópolis: Vozes, 1996.

CASALI, Alípio. **Elite intelectual e restauração da Igreja**. Petrópolis: Vozes, 1995.

CHIZZOTI, Antônio. **Pesquisa em ciências humanas e sociais**. São Paulo: Cortez, 1998.

COSTA, Lustosa. **Clero, nobreza e povo de Sobral**. Brasília: Gráfica do Senado Nacional 1987.

COUTROT, Aline. Religião e política. *In: RÉMOND, René (Org.). Por uma História política*. Tradução: Dora Rocha. Rio de Janeiro. UFRJ - FGV, 1996.

FAUSTO, Boris. **História do Brasil**. São Paulo: EDUSP, 2010.

LEITE, Filipe de Faria Dias. **A constituinte de 1933**: a participação da Liga Eleitoral Católica na composição da Assembleia Constituinte na região de Ribeirão Preto. 2009. Dissertação (mestrado). História e Cultura Social. UNESP.

LUSTOSA, Oscar de Figueredo (sel.). **Igreja e política no Brasil**: do partido católico à L.E.C. (1874-1945). São Paulo: Loyola / CEPEHIB, 1983.

MIRANDA, Júlia. **O poder e a fé**: discurso e práticas católicos. Fortaleza: EUFC, 1987.

MONTENEGRO, Abelardo. **Os partidos políticos do Ceará**. Fortaleza: EUFC, 1980.

MOURA, Odilão. **As ideias católicas no Brasil**: direções do pensamento católico do Brasil no século XX. São Paulo: Convívio, 1978. v.2.

PARENTE, Francisco Josênio Camelo. **Anauê**: os camisas verdes no poder. Fortaleza: UFC, 1986.

PARENTE, Francisco Josênio Camelo. **A fé e a razão na política**: conservadorismo e modernidade das elites cearenses. Fortaleza: UFC/UVA, 2000.

PINHEIRO, Francisco José. “O processo de romanização no Ceará”. *In: SOUZA, Simone (Org.). História do Ceará*. 2. ed. Fortaleza: Fundação Demócrito Rocha, 1994.

SCHWARCZ, Lília Moritz (Org). **A abertura para o mundo – 1889/1930**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2012. v. 3.

SOUZA, Simone (Org.). **Uma nova história do Ceará**. Fortaleza: Fundação Demócrito Rocha, 2000.

VILLAÇA, Antônio Carlos. **O pensamento católico no Brasil**. Rio de Janeiro: Zahar, 1975.



# OS COMUNISTAS E A DITADURA NO JORNAL *CORREIO DA SEMANA*

Ricardo Luiz Martins<sup>1</sup>  
Edvanir Maia da Silveira<sup>2</sup>

## INTRODUÇÃO

A Nova História Política possibilitou o estudo de objetos que, até então, não eram problematizados com frequência pelos historiadores, como é o caso dos fenômenos eleitorais, da relação entre religião e política, e do interesse pela opinião pública e da mídia<sup>3</sup>.

O jornal *Correio da Semana* tem sido, por muito tempo, o importante veículo de informação de Sobral. Apesar do fim religioso, muitos temas são abordados pelo órgão, e, mesmo como porta voz dos interesses da Igreja Católica, ele torna-se fonte rica para compreensão da vida cidadina. Portanto, é inestimável a contribuição desse órgão de imprensa para a história da região.

O objetivo deste artigo é discutir aspectos da história política de Sobral a partir do jornal *Correio da Semana*. Para tanto, abordaremos a campanha anticomunista (1940/1950) e a ditadura civil-militar (1960/70) pelas páginas desse semanário.

---

1 O autor é licenciado em História pela Universidade Estadual Vale do Acaraú - UVA.

2 A coautora é Professora Adjunta do Curso de História da Universidade Estadual Vale do Acaraú - UVA.

3 REMOND, 1996, p. 17.

## ENTRE A CRUZ, A FOICE E O MARTELO: CATÓLICOS E COMUNISTAS NAS PÁGINAS DO JORNAL

A inserção das ideias comunistas em Sobral recebeu forte reação da Igreja Católica que desencadeou violenta campanha a tal ideologia. A citação abaixo resume bem os conflitos que marcaram as relações entre comunistas e católicos na cidade Sobral na década de 1930:

Nós somos uma imensa maioria católica. Não permitiremos a vitória do Comunismo. Onde estiver um comunista, devem estar dez anticomunistas! Para a defesa dos templos da nossa fé e dos nossos lares, da honra de nossas mães, nossas esposas e filhas<sup>4</sup>.

Desde sua constituição no século XIX, o socialismo nunca foi aceito pela Igreja, passando a ser alvo de diversas admoestações por parte do papado, que o rotulava de doutrina materialista, antinatural e anticristã. O temor da Igreja em relação à ideologia comunista justificava-se pela sua essência “ateísta e materialista”, e pelo fato de contradizer alguns princípios básicos para a doutrina católica, como a concepção de família e de propriedade.

As divergências entre catolicismo e o comunismo intensificaram-se ainda no século XIX, quando ocorreram as primeiras agitações socialistas no norte da Alemanha, em 1848, e na França em 1871. Ao perceber que o comunismo já se constituía como um ameaça real, o clero mobilizou-se no sentido de desqualificar suas posições, o que se deu através da emissão de diversas encíclicas papais, cujo conteúdo era voltado para a crítica ao socialismo e ao próprio liberalismo, que, segundo os postulados católicos, seria o pai das mazelas da modernidade.

Porém, após a consumação do movimento revolucionário que levou os bolcheviques ao poder na Rússia, em 1917, e a implantação do projeto anticlerical soviético, a Igreja radicalizou suas posições e intimou seus membros, fossem clérigos ou leigos, a irem a campo no combate ao comunis-

4 *Correio da Semana*. Sobral-CE, 28 de julho de 1945.

mo. O comunismo passou a ser encarado pela Igreja como uma religião poderosa e persuasiva, com tecnologia própria e textos sagrados, além de um conceito particular de mal e de pecado chamado de capitalismo<sup>5</sup>.

Para o catolicismo, o projeto social dos comunistas objetivava a laicização do mundo moderno, e seus adeptos,

[...] além de negarem Deus e a religião pregavam a comunidade de bens, negando o direito de propriedade destruindo a ideia de família ao romper os laços do matrimônio, e por extensão pretendiam rasgar as normas e as leis da moralidade sobre as quais se alicerça toda verdadeira civilização cristã<sup>6</sup>.

A possibilidade do surgimento de um pensamento socialista entre os trabalhadores parece ter sido um dos mais notórios temores do Clero em Sobral, uma vez que, desde a década de 1920, as autoridades eclesiásticas já se empenhavam em elaborar práticas que os mantivessem afastados das ideologias de esquerda. Na dissertação *A Cidade disciplinada*, o historiador Agenor Soares e Silva Júnior revela que, naquela época, já havia por parte do clero, uma preocupação com a infiltração de ideias socialistas em Sobral, pois a cidade se situava entre Fortaleza e Camocim, duas cidades portuárias cuja cultura operária de esquerda tornava-se influente entre os trabalhadores<sup>7</sup>.

Nessa década, ainda de acordo com Silva Júnior, Sobral já se constituía como polo regional, do ponto de vista econômico, político e cultural. A implantação da indústria na cidade possibilitou o surgimento do operariado fabril. A ferrovia, por sua vez, constituiu a categoria dos ferroviários, e, além do contingente de funcionários que trabalhavam em segmentos do comércio, havia aqueles que trabalhavam nas construções emergenciais nos períodos de secas<sup>8</sup>.

5 BLAINEY, 2011. p. 42.

6 PEREIRA, Marco Antônio Machado Lima. O anticomunismo católico em cena. In: *Revista Nures* nº 11 – Janeiro/Abril 2009 – <http://www.pucsp.br/revistanures>

7 SILVA JÚNIOR, Agenor Soares e. “*A Cidade Disciplinada*”: A Igreja Católica e os Trabalhadores Urbanos em Sobral – Ceará (1920- 1925). Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Pernambuco, 2002.

8 *Ibid.*, p. 178.

A fundação do Círculo Operário São José, na década de 1920, pode ser considerada uma das primeiras ações do clero no sentido de afastar o operariado local das ideias “malsãs” do socialismo, pois, através do sindicalismo católico, a Igreja poderia agregar boa parte dos trabalhadores urbanos em sua órbita. Com o passar dos anos, o clero sobralense foi reforçando suas hostes contra esses movimentos, e para isso, buscou alianças com grupos políticos conservadores e incentivou a formação de organizações leigas, que passaram a atuar não apenas no meio operário, mas também na sociedade em geral.

Na década de trinta, além da hegemonia da Liga Eleitoral Católica (LEC)<sup>9</sup> na política, houve uma aproximação entre o clero e os integralistas; ambos opositores ferrenhos do comunismo. A ideologia dos integralistas assemelhava-se, em muitos aspectos, com os fundamentos da doutrina católica, pois tanto católicos quanto integralistas pleiteavam a organização dos trabalhadores sem que houvesse conflitos entre as classes sociais.

Ainda na década de 1930, tendo em vista o avanço do comunismo e das demais doutrinas subversivas, o episcopado brasileiro, apoiado pela Santa Sé, pôs em prática um projeto de militância católica originário na Europa, que se caracterizou pela ampla participação do público leigo no meio social. Criada na década de 1930, a Ação Católica constituiu-se em um movimento que aglutinava diversas organizações leigas, com o objetivo de combater aqueles que eram considerados os inimigos da Igreja.

Em Sobral, uma junta da Ação Católica foi instituída na década de 1940 e contou com a participação de movimentos como a Juventude Feminina Católica e os Moços Marianos, os quais também atuavam entre o operariado, munindo os trabalhadores contra as ideias do comunismo. Mas, certamente, um dos principais instrumentos utilizados pela Igreja para consolidar seu projeto anticomunista na cidade foi o jornal *Correio da Semana*. Além das notícias locais e internacionais, o jornal

9 Associação civil de âmbito nacional criada em 1932 no Rio de Janeiro. Seu objetivo era mobilizar o eleitorado católico para que apoiasse os candidatos comprometidos com a doutrina social da Igreja nas eleições de 1933, para a Assembleia Nacional Constituinte, e de 1934, para a Câmara Federal e para as assembleias constituintes estaduais. Disponível em: <http://www.fgv.br/> Acesso em: 23 set. 2016.

também apresentava uma infinidade de artigos cujo conteúdo era voltado exclusivamente à crítica ao comunismo.

Por meio desse jornal, o clero objetivava inculcar nos leitores um imaginário em que os comunistas eram representados como figuras nefastas, que, tendo aderido à ideologia pagã e materialista do “bolchevismo”, teriam maculado sua integridade enquanto patriotas e cristãos. O noticiário atribuía aos comunistas diversos rótulos, sendo os mais comuns os de “traidores da pátria” e de “inimigos da religião”. Porém, havia alguns pontos em que o impresso atacava os comunistas com maior ênfase, como é o caso de assuntos relacionados à família, a moralidade e aos bons costumes.

Em matéria intitulada “*Cearenses Despertemos Todos*”, o jornal fazia um relato sobre as consequências, caso houvesse malgrado um suposto plano de subversão dos comunistas cearenses na década de 1930. Na matéria, o editor, ao descrever as atrocidades que seriam cometidas pelos comunistas às mulheres, utiliza-se do argumento de “ultraje a família”, para incutir nos leitores a aversão ao comunismo e para mostrar-lhes a perversidade de seus adeptos:

Cearenses! Vemos na nossa terra um tesouro mais precioso que as nossas famílias? Haverá cousa mais sagrada que a virgindade de nossas filhas, desde as mais altamente colocadas até as mais humildes? O Comunismo ameaça a honra dos nossos lares, tem as suas garras de corvo maldito amarrado contra as nossas famílias. Ignorais que há poucos dias antes do prazo marcado para a terrível hecatombe, passando um prosélito do comunismo por uma senhorinha muito respeitável da nossa terra considerou-a sua no prazo de oitenta dias? Não sabeis que um agitador terrível na Zona de Camocim, fez distribuição previa das filhas aleias caso triunfasse o movimento? E ainda há cearenses tão desalmados que pretendem negar na nossa terra a existência do comunismo! [...] Meu Deus! Não quero viver um dia para ver a profanação das nossas famílias, o ludíbrio da mulher honesta da nossa terra. Desgraçado do homem que não tem coragem de defender a sua fé e a sua família<sup>10</sup>.

10 *Correio da Semana*. Sobral-CE, 28 de janeiro de 1931.

O combate ao comunismo em Sobral ocorreu por diversos meios, dos quais se destacam: os artigos publicados no jornal *Correio da Semana*; a atuação dos movimentos de militância católica, como a Juventude Feminina e os Moços Marianos; e os discursos que eram proferidos pelos padres nos púlpitos das igrejas. Em 1945, tendo em vista a redemocratização e a legalização do PCB, o clero foi a campo, passando a empreender diversas atividades que visavam “informar” o operariado e a sociedade em geral, sobre a nocividade e as contradições do comunismo.

## CATÓLICOS, COMUNISTAS E A POLÍTICA NA DÉCADA DE 1940

O ano de 1942 pode ser considerado um marco, no que se refere ao reaparecimento do PCB no cenário nacional, após vários anos de ditadura do Estado Novo. Nesse período, tendo em vista os sucessivos torpedeamentos de navios brasileiros no Atlântico, supostamente, por submarinos nazistas, a população começou a manifestar-se em favor da entrada do Brasil na guerra, e a mobilização social ocorreu através de manifestações de rua, de publicações na imprensa e de outras atividades que faziam com que o autoritarismo do Estado Novo fosse obrigado a ceder espaços para manifestações de caráter democrático.

Em Sobral, o jornal *Correio da Semana* foi um dos órgãos da imprensa local que passou a reivindicar do governo um posicionamento mais austero com relação aos países do eixo. O jornal acompanhava todos os eventos que se sucediam na guerra e, no que refere aos bombardeios aos navios brasileiros, sempre os noticiava com grande indignação.

Na edição do dia 5 de julho de 1942, o periódico assumia um posicionamento mais ríspido com relação à imparcialidade brasileira perante a guerra. Ao reproduzir uma matéria do jornal *Diário Carioca*, o noticiário sobralense declarava que já não havia mais como o Brasil permanecer indiferente ao conflito e que bastava um pronunciamento oficial do governo para que fosse declarada guerra ao eixo:

O Brasil não pode permanecer impassível numa guerra que já o atingiu, já o feriu, já fez sangrar o coração da sua gente. Estamos de fato, queiramos ou não, envolvidos na guerra que nos foi trazida pelo Eixo. Resta apenas um ato formal, reconhecendo esse estado de guerra que o Eixo mantém contra nós. Os Brasileiros dignos desse nome preferem aceitar o desafio a viver sem honra<sup>11</sup>.

Em junho de 1942, começaram as passeatas em favor da entrada do Brasil na Guerra, e, em 31 de agosto do mesmo ano, o Brasil declarou guerra à Alemanha e à Itália, posicionando-se em favor dos Aliados<sup>12</sup>. A decretação do chamado “Estado de Beligerância” entre o Brasil e os países do Eixo foi motivo para a realização de grandes manifestações cívicas em Sobral, as quais consistiram em eventos como sessões comemorativas no Teatro Glória e comícios e passeatas pelas ruas da cidade:

Logo que o povo sobralense teve notícias do estado de beligerância entre nosso País, a Alemanha e a Itália deu uma viva demonstração de vibrante civismo e de grande solidariedade ao eminente chefe da Nação. Sábado, às 18 horas houve uma parada cívica, desfilando entusiasticamente pelas ruas todas as classes representativas e o povo em geral [...]. Pela manhã do dia seguinte, a mocidade estudiosa de nossa terra promoveu uma passeata [...] A noite do mesmo dia houve imponentes passeata, discursando nas Avenidas da Praça Barão de Sobral e Cinco de Julho vários oradores [...]<sup>13</sup>.

Estava lançada a política de “União Nacional”, e parte da população sobralense dava demonstrações de que a havia abraçado entusiasticamente. É nesse contexto de crescimento do movimento democrático que o PCB começou a reaparecer no cenário nacional, e os comunistas, já parcialmente organizados em torno da CENOP (Comissão Nacional Organização Provisória) passaram a atuar junto às massas.

Conforme relata José Segatto, o autoritarismo do Estado Novo já não podia impedir a ação dos comunistas nas manifestações de rua, em favor

11 *Correio da Semana*. Sobral-CE, 5 de julho de 1942.

12 CAPELATO, 2006. p. 135.

13 *Correio da Semana*. Sobral-CE, 28 de agosto de 1942.

da FEB, entre os estudantes e, mais ainda, a favor do próprio governo enquanto ele estivesse contra o Eixo<sup>14</sup>. O bom desempenho da União Soviética no conflito era motivo de entusiasmo para os comunistas brasileiros, pois os feitos do país na guerra, além de ser alvo da admiração do movimento operário, também calavam até mesmo os mais assíduos opositores.

Porém, a parca liberdade experimentada pelos comunistas nesse período ainda não lhes garantia a possibilidade de expressarem seus posicionamentos de forma clara e objetiva. Mesmo em um momento de reflorescimento das liberdades democráticas, alguns comunistas sofreram repressão pelo regime vigente, como é o caso do jornalista cearense Jáder de Carvalho, que, ao discursar em um evento em Fortaleza, fora processado em razão de seu discurso ser considerado ofensivo às autoridades brasileiras<sup>15</sup>.

Em Sobral, alguns indivíduos foram criticados pelo clero, por meio do jornal *Correio da Semana*, por proferirem discursos de exaltação ao comunismo na cidade. Em matéria intitulada “Discursos Oportunos”, o jornal expunha a prédica do Chanceler Osvaldo Aranha sobre a posição do Brasil frente à situação internacional e sobre o tipo de relação que o país mantinha com a União Soviética. Ao mesmo tempo em que o noticiário expunha o discurso do Chanceler, ele também cobrava do destacamento de polícia da cidade medidas para conter certos incautos, que, sob o pretexto de manifestações patrióticas, proferiam vivas à Rússia e ao comunismo em plena praça pública:

São muito oportunas as afirmações dos nossos homens do governo, que devem servir de aviso a certos incautos desta cidade, que em plena praça publica deram vivas á Rússia e ao Comunismo. Sob pretexto de exibições patrióticas, há elementos subversivos que puxam a brasa para as sardinhas do Molock Moscovita. E não é debalde que o Sr. Major Felinto Muller no seu telegrama de despedida, ao Dr. Ruy Monte, DD. Chefe de polícia do Ceará, recomenda a esta autoridade toda a vigilância sobre os manejos dos inimigos da ordem e da pátria brasileira<sup>16</sup>.

14 SEGATTO, 1989, p. 48.

15 RIBEIRO, *Op. cit.*, p. 49.

16 *Correio da Semana*. Sobral-CE, 31 de julho 1942.

Terminada a Guerra com a vitória dos Aliados, as elites brasileiras começaram a refletir sobre o regime político vigente no país. O dilema enfrentado pelo Estado Novo era o seguinte: como lutar pela democracia externamente e manter o Estado autoritário internamente?<sup>17</sup>. Desde 1943, setores liberais da sociedade já faziam críticas ao caráter autoritário do governo e, ao mesmo tempo, reivindicavam a realização de eleições. O avanço das forças de oposição foi ganhando cada vez mais proeminência, e, em 1945, Vargas, percebendo a intensidade dos movimentos reivindicatórios e o consequente desgaste do regime, propôs a redemocratização do País, através da convocação de novas eleições, da composição de uma assembleia constituinte, e da concessão da anistia aos presos políticos.

Do processo de abertura política, sobressaíram-se duas agremiações: a União Democrática Nacional (UDN), composta pelas elites dissidentes que haviam sido marginalizadas desde a revolução de 1930, e o Partido Social Democrático (PSD), que foi composto pelos interventores de Vargas<sup>18</sup>. A redemocratização também abriu novas perspectivas para o Partido Comunista, que, depois de tanto tempo na clandestinidade, passara a atuar de forma legal.

Conquistada a anistia, Prestes, secretário geral, saiu da prisão e o PCB começou a reorganizar-se no sentido de disputar o pleito eleitoral que se realizaria em dezembro de 1945. O diretório do partido no Ceará foi reorganizado em Fortaleza no dia 15 de novembro de 1945<sup>19</sup>. No mesmo período, também se reorganizou o Comitê Municipal de Camocim, importante reduto do PCB no Ceará.

De acordo com o *Correio da Semana*, em matéria intitulada “Política Local”, nesse período, a “Princesa do Norte” teria vivido dias bem agitados de movimentação política. Em 29 de maio de 1945, ocorreu a convenção da UDN na cidade, e, dois dias depois, foi a vez dos membros do PSD reunirem-se na Câmara Municipal para constituírem seu diretório. Porém, o PSD, em nível local, parecia fragmentado, uma vez

17 CAPELATO, *Op. cit.*, p. 136.

18 DEL PRIORE; VENÂNCIO, 2010, p. 260.

19 MOTA, 2001, p. 50.

que, na matéria, há menções sobre a composição de um segundo diretório do PSD, que seria composto por dissidentes que haviam apoiado o candidato Olavo Oliveira:

Tem a “Princesa do Norte” vivido, ultimamente dias bem agitados de intensa vibração política. No dia 29 de maio deu-se a Convenção da União Democrática Cearense [...] Dois dias depois após, o Partido Social Democrático reuniu-se na Câmara Municipal para a formação da Diretoria cuja presidência que foi confiada ao Sr. João de Alencar Melo. Consta-nos também que dentro de poucos dias será escolhido o segundo diretório do PSD sob a orientação dos dissidentes que apoiaram o candidato Olavo Oliveira. Como os chefes do Novo Diretório aguardam, a qualquer hora, o afastamento do Senhor Interventor e a nomeação do Sr. Olavo para seu substituto, talvez prefiram retardar dita reunião para depois destes acontecimentos. Enquanto o Partido Social Democrático vai se fragmentando e se enfraquecendo para o prélio decisivo das urnas eleitorais, a União Democrática Cearense, como monobloco de granito, assiste impavidamente ao desmoronamento dos redutos inimigos e, bem arregimentada prepara para uma grande batalha cívica, em cujas refregas poderá conseguir a mais brilhante vitória se lhe for assegurada a liberdade do Voto<sup>20</sup>.

As principais forças políticas daquele momento começavam a arregimentar-se para a disputa do pleito em Sobral, porém, onde estava o Partido Comunista? Em “O PCB no Ceará”, Francisco Moreira Ribeiro relata que, nesse período, os comunistas cearenses, além de lidar com o controle das zonas eleitorais pelos velhos caciques da política, ainda tiveram de enfrentar a implacável atuação da Igreja, que, sendo declaradamente contrária ao comunismo, inviabilizava a campanha do Partido, principalmente nas cidades do interior<sup>21</sup>.

Apesar de o processo de abertura política ter concedido a liberdade de organização ao PCB, a Igreja Católica continuou sua implacável guerra contra o comunismo “ateu”. Nas cidades do interior cearense, era comum ouvir, nas igrejas, padres que, de seus púlpitos, proferiam palavras

20 *Correio da Semana*. Sobral-CE, 9 de junho de 1945.

21 RIBEIRO, *Op. cit.*, p. 62.

de condenação ao comunismo, as quais acabavam por imbuir nos fiéis um imaginário de que os comunistas eram representados como figuras nefastas, recebendo, até mesmo, o rótulo de “comedores de criancinhas”.

Em algumas dessas cidades onde as caravanas do PCB haviam se destinado para realizar comícios, houve violentos confrontos entre católicos e comunistas. Porém, conforme relata Ribeiro, nenhuma cidade Cearense teria se destacado tanto no combate ao comunismo como Sobral<sup>22</sup>. De acordo com o historiador Carlos Augusto Pereira dos Santos, em Sobral, as autoridades e a Igreja eram mais vigilantes no que se refere à disseminação da propaganda comunista, pois, sendo a cidade a sede do Bispado da região, era necessário que a diocese zelasse por seu rebanho<sup>23</sup>.

No período da legalidade do PCB, a tática do clero identificada em seu impresso era fazer de Católicos e Comunistas inimigos viscerais, de modo que um não poderia adentrar o espaço do outro. Não havia meio termo: ou se era Católico, ou Comunista; ou escolhia-se Roma, ou Moscou. Isso pode ser constatado na matéria intitulada “Católico Apostólico Romano e Comunista”, em que o editor fazia duras críticas aos que se diziam católicos, porém também adeptos do credo “Moscovita”:

Dentro desta católica cidade de Sobral, não obstante a campanha de esclarecimento do público, levada a efeito no púlpito, na praça e na imprensa, há quem se diga católico, apostólico, romano e comunista. Esta verdadeira monstruosidade não encontra classificação. É um hibridismo inexplicável. Só uma profundíssima ignorância ou uma requintada má fé, aliada com interesses subalternos nos pode fazer semelhante ginástica, tentar esse salto mortal. Quem é católico não pode jamais ser comunista [...] Católico apenas igrejeiro confunde-se com morcego e coruja, que também frequentam os templos e até neles fixam morada<sup>24</sup>.

Além do embate ideológico, o clero também foi a campo, constituindo uma verdadeira cruzada contra o comunismo. Nesse período, tendo em vista a “ameaça comunista”, o padre Jesuíta monsenhor Sabino

22 *Ibid.*, p. 96.

23 SANTOS, 2007. p. 52.

24 *Correio da Semana*. Sobral-CE, 11 de agosto de 1945.

Loyola fundou em Sobral um “Comitê Anticomunista”, cujas atividades visavam exclusivamente realizar a antipropaganda na cidade.

Também é nesse contexto que se verifica a ocorrência das *Semanas Sociais Católicas*, as quais consistiam em eventos em que se realizavam palestras e comícios, com o objetivo de alertar o operariado e a população em geral sobre a ameaça que representava o comunismo. No *Correio da Semana*, encontra-se o anúncio da primeira edição do evento, realizado no mês de agosto de 1945:

Temos que conjurar do Brasil o perigo comunista. [...] Para esses fins, realizar-se à, nesta cidade de 16 a 23 deste mês, uma Semana Social, que orientará os nossos conterrâneos operários munindo-os contra as teorias dissolventes do comunismo ateu e anticristão<sup>25</sup>.

O evento em Sobral era caracterizado por um cronograma de palestras diárias, que eram realizadas nos estabelecimentos de ensino secundário e em comícios na praça da catedral. Os palestrantes eram padres, professores e intelectuais, que, através de um discurso de “esclarecimento” sobre as ideias comunistas, objetivavam orientar a população em geral sobre a situação dos países socialistas e sobre as divergências existentes entre este movimento e o catolicismo.

Temas, como “o que é o comunismo”, “O Operário na Rússia Soviética” e o “Cristianismo e o Comunismo”, eram proferidos nessas palestras, cuja ênfase concentrava-se na classe operária, uma vez que a mesma se mostrava como um dos setores mais vulneráveis ao florescimento das ideias comunistas:

**PROGRAMA DA SEMANA SOCIAL CATÓLICA (16 a 23 de Setembro)**

**NOS ESTABELECIMENTOS DE ENSINO SECUNDÁRIO**

1º Parte

Dia 16 – Domingo – as 9/12 – Sessão Solene no Colégio Santana

Temas – O que é o Comunismo – Pe Expedito Lopes.

25 *Correio da Semana*. Sobral-CE, 11 de agosto de 1945.

A Educação Perante o Comunismo Dr. Dinorá Ramos.  
Dia 17 – 2ª Feira, às 19 horas – Sessão na escola de Comércio D. José.

O Operário na Rússia Soviética – Edson R. Almeida.

Dia 18 – Às 10 h – Sessão no Seminário.

Temas – O Comunismo ateu- Alvaro Souros.

A Igreja e a Questão Social; segundo a *Rerum Novarum*-Oswaldo Chaves.

A *Rerum Novarum* e a legislação trabalhista no Brasil - Pe. Joviniano Loyola.

Haverá às 19 horas dos dias supra comícios nas praças desta cidade.

### NA PRAÇA DA CATEDRAL

2º Parte

Dia 20- Às 19 horas – A questão social sob Pio XI e a ação Católica – Dr Lincon Mourão da A.C de Fortaleza. Orfeon do seminário.

Questão social – Por um membro da A.C de Fortaleza.

Dia 21 – Às 19 horas – O cristianismo e o Comunismo – Seus princípios doutrinários, seus métodos e fins – Pe. Gerardo Gomes. Orfeon do Seminário

A propriedade na Rússia Comunista – Dr. João Ribeiro Ramos.

Dia 22 – Às 19 horas – O operário na doutrina social católica – Artenio Porto Orfeon do Seminário.

A Rússia sob o aspecto religioso, militar e internacional – Prof. Aristides Ribeiro.

Domingo 23 – às 6 h – Missa Campal.

Às 17 h – A grande passeata popular<sup>26</sup>.

Além de palestras e comícios, as *Semanas Sociais Católicas* também eram caracterizadas por práticas assistencialistas, como a distribuição de medicamentos e outros itens de primeira necessidade, que eram destinados majoritariamente aos trabalhadores. O evento não se restringiu apenas a Sobral, mas foi estendido para outras cidades que compunham o território diocesano, como é o caso de Massapê, Camocim, Ipueiras e Cariré.

O jornal *Correio da Semana* fazia a cobertura de todos os eventos que se sucediam durante a campanha eleitoral de 1945, noticiando desde a formação dos partidos políticos até a escolha e mobilização dos candidatos. Os principais candidatos ao pleito para o executivo federal eram

26 *Correio da Semana*. Sobral-CE, 15 de agosto de 1945.

Eurico Gaspar Dutra, representante da coligação PSD-PTB; Brigadeiro Eduardo Gomes, que concorria pela UDN; e Yeddo Fiúza, candidato do Partido Comunista Brasileiro (PCB). Além da eleição para presidente da República, também seriam escolhidos os deputados que iriam compor o legislativo federal, sendo que, no Ceará, seriam escolhidos dois Senadores e dezessete Deputados Federais.

As publicações do *Correio da Semana* sugerem que havia, por parte do clero, uma nítida tentativa de desprestigiar os comunistas frente à opinião pública, e, em Sobral, mesmo no período da legalidade, os comunistas ainda eram tratados com intolerância, como se ainda vivessem na ilegalidade. Na campanha eleitoral de 1945, por exemplo, os representantes do PCB na cidade teriam feito a propaganda do partido de forma clandestina, na calada da noite, como se fosse uma atividade ilegal.

O *Correio da Semana*, em matéria intitulada “Não Faz Mal Saber”, noticiava este episódio. Estava próximo o pleito eleitoral de dezembro de 1945, e em uma noite de sexta para sábado, quatro indivíduos saíram pelas ruas da cidade pregando panfletos da propaganda comunista nos prédios do centro. Os autores da façanha foram duramente criticados pelo jornal, sendo-lhes atribuído o rótulo de Traidores da Pátria:

Na noite de sexta para Sábado, elementos comunistas, que aqui felizmente são uns quatro, pregaram grande número de cartazes nas paredes dos prédios do centro urbano. Logo cedo o rumor correu as ruas. A curiosidade popular, aguçada, desejava saber quem fosse o autor da propaganda. E surgiram daqui e dali as suspeitas. Naturalmente fundadas umas, e outras não. Algumas pessoas tinham visto e não guardaram segredo. E não fez mal que os nossos leitores saibam quem são os traidores da pátria. Além do Sr. Amaro de Sena Paiva, Inspetor da Equitativa, foram vistos os Srs. Joventino Melo, Rogério Antunes e João Bombiê pregando os papeluchos da propaganda eleitoral comunista. Há gente que só dá mesmo para... O correio da semana continua no seu posto, vigilante, sobre atividade dos quinta colonistas e pronto para abrir o jogo contra quem quer que seja sem medir o porte<sup>27</sup>.

27 *Correio da Semana*. Sobral-CE, 27 de novembro de 1945.

Apesar das garantias de liberdade e organização concedidas aos comunistas, o jornal comportava-se como se os representantes do PCB na cidade estivessem realizando uma atividade ilegal.

No que se refere ao resultado do pleito, apesar da campanha apoteótica e do bom desempenho do PCB nas eleições em nível nacional, com a conquista de 10% dos votos válidos em todo o País, no Ceará, os resultados do partido foram inexpressivos. No estado, venceu a disputa para a presidência da República o Major Brigadeiro Eduardo Gomes, candidato da UDN, seguido pelos candidatos Eurico Gaspar Dutra do PSD, e Yedo Fiuza do PCB.

Em Sobral, no somatório de 25 das 33 seções eleitorais da cidade, o candidato do PCB a presidência Yedo Fiuza havia conquistado apenas 46 votos, enquanto o candidato Eurico Gaspar Dutra, da UDN, contava com 3.773, seguido do candidato Brigadeiro Eduardo Gomes, do PSD, com 3.067. No somatório das legendas, o desempenho do partido também foi débil ficando em último lugar atrás de agremiações como Representação Popular e Partido Agrário Nacional<sup>28</sup>.

O fraco desempenho do partido em nível local pode ser atribuído à presença marcante da Igreja, que, ao possuir grande prestígio político e social, se constituiu como um dos grandes empecilhos para que os comunistas realizassem a campanha eleitoral na cidade. Soma-se a isso o fato de esses comunistas não possuírem um aparato comparável ao dos grandes partidos que receberam a adesão dos grandes chefes locais.

Na edição do dia 22 de dezembro de 1945, o *Correio da Semana* trazia em primeira página a manchete intitulada: “*Os Comunistas fragorosamente derrotados no Ceará*”, como uma demonstração do êxito dos bons e patriotas católicos sobre os desordeiros e hereges comunistas. Conforme afirmavam os comunistas da época, se em 1945 Camocim teria se convertido em uma “Colônia da Rússia Vermelha”, Sobral continuaria a ser o “subúrbio da Itália Fascista”.

28 *Correio da Semana*. Sobral-CE, 8 de dezembro de 1945.

## O USO DA IMPRENSA

O início da década de 1950 foi um período conturbado para o PCB, porém, esse foi o momento da pesquisa em que mais se constatou a circulação de suas ideias em Sobral. O clero e a polícia permaneciam vigilantes no que se refere aos “manejos do inimigo da pátria e da ordem”, porém, a facilidade com que o jornal comunista “*O Democrata*” vinha encontrando para circular na cidade sugere que, de alguma forma, as ideias do comunismo estavam se disseminando.

O jornal *O Democrata*, era um dos órgãos da imprensa oficial do PCB no período da legalidade. Um dos principais fatores para que o PCB pudesse consolidar o seu projeto era a atividade de imprensa, e, nesse período, o partido chegou a contar com oito jornais diários, sendo os principais a *Tribuna Popular* do Rio de Janeiro, *O Momento* da Bahia, a *Folha do Povo* de Pernambuco, a *Tribuna Gaúcha* do Rio Grande do Sul e *O Democrata* do Ceará<sup>29</sup>.

Com a volta à ilegalidade, o partido realizou um grande esforço para manter a atividade de imprensa, passando a contar apenas com os jornais *A Classe Operária*, que deu lugar à *Voz Operária*, porta-voz oficial do Partido; *A Imprensa popular* do Rio de Janeiro; e *O Democrata* do Ceará.

Idelfonso Rodrigues, ao discorrer sobre o papel desempenhado pelos simpatizantes na distribuição de *O Democrata*, relata que eram membros do partido, porém sem filiação. Dessa forma, os simpatizantes poderiam alcançar os limites proibidos da militância, na medida em que, não sendo reconhecidos como defensores do comunismo, poderiam levar o impresso aos diferentes segmentos sociais sem sofrer rejeição<sup>30</sup>.

Através do *Correio da Semana*, a Igreja chamava constantemente a atenção de seus leitores sobre a facilidade com que o jornal comunista *O Democrata* vinha encontrando para circular na cidade. Em matéria

29 SEGATTO, *Op. cit.*, p. 51.

30 Lima Neto, Idelfonso Rodrigues. Escrita subversiva. *O Democrata*, 1946 – 1947. Fortaleza, 2006, p. 133.

intitulada “É preciso Agir”, o jornal católico denunciava a facilidade de circulação do noticiário Comunista, exposto na Travessa do Xerez, sem que nenhuma providência fosse tomada para contê-lo:

Faz muito que o jornal comunista “O Democrata” encontra em nosso meio, certa facilidade de divulgação, o que só se explica pela inação dos bons elementos que até hoje não levantaram uma só voz de protesto solene e formal, contra a propaganda da folha bolchevista. Em um dos pontos mais movimentados da cidade à travessa do Xerez, está exposto, há dias um placar trazendo, cada dia, os títulos e manchetes do “*O Democrata*”. [...] Que cada um leve aos responsáveis pelo atentado seu pedido urgente para que seja retirado o aludido placar. Saibam todos que são excomungados aqueles que de qualquer modo, comprando ou vendendo, lendo ou fazendo ler, auxiliam a difusão da doutrina materialista do comunismo ateu e sanguinário<sup>31</sup>.

Já em outra matéria, denominada “Abram o olho com elas”, o *Correio da Semana* chamava a atenção para a atuação de mulheres que, com o pretexto de venderem rifas, aproveitavam também para vender o jornal comunista *O Democrata*:

Correm as ruas desta cidade duas mulheres passando cartelas de rifa de uma casa e ao mesmo tempo aproveitam para a venda do Jornal comunista o Democrata. É preciso que a população de nossa terra que até hoje tem sabido guardar os seus princípios de catolicidade esteja alertas contra este ludibrio dessas mensageiras do comunismo, não se deixando levar pelas suas lábias<sup>32</sup>.

O jornal *O Democrata* era editado em Fortaleza e circulava em algumas cidades do Noroeste Cearense, como Camocim e Sobral. Infelizmente, não tivemos acesso às edições de *O Democrata*, o que seria de muita valia para a pesquisa, visto que o jornal também noticiava eventos que se sucediam em Sobral.

31 *Correio da Semana*. Sobral-CE, 7 de fevereiro 1951.

32 *Correio da Semana*. Sobral-CE, 9 de junho de 1951.

Na década de 1950, notícias relacionadas a Sobral também aparecia com frequência em outros noticiários da imprensa Comunista, como é o caso dos jornais *Imprensa popular* e *Voz Operária*. Ambos os noticiários emitiam informes em que se relatavam eventos que se sucediam no espaço urbano do município, no interior das fábricas e no campo.

O jornal *Imprensa Popular* era editado no Rio de Janeiro e passou a circular a partir de 1947, no período da legalidade do PCB. Seu conteúdo denunciava as carências da população menos favorecida, como a falta de água em bairros, a falta de saneamento básico e a alta dos preços dos gêneros alimentícios.

Em matéria intitulada “*Resistência a Exploração*”, a *Imprensa Popular* noticiou a ocorrência de uma “luta camponesa” em um sítio localizado na Serra do Rosário, na zona rural do município de Sobral. Os camponeses que trabalhavam no sítio de propriedade do Sr. José Leôncio recusaram-se a entregar a metade da produção ao fazendeiro local pelo prejuízo que tiveram com a seca e com o fracasso das colheitas:

Os Camponeses do sitio Serra do Rosário, em Sobral, Ceará, recusaram-se a entregar metade de sua produção (meia) ao fazendeiro local. Alegam que sofreram grande prejuízo com a seca e que se abrirem mão de parte de sua colheita ficarão sem ter o que comer<sup>33</sup>.

Nesse período, a orientação do PCB para o movimento camponês era de “encostar os latifundiários na parede”, pois, de acordo com um manifesto do partido, publicado no jornal *Voz Operária*, a época das colheitas constituía-se como a melhor ocasião para o desencadeamento de lutas no campo:

Com a época das colheitas, chegamos à melhor ocasião para o desencadeamento de lutas no campo. [...] é nessa época que se torna mais fácil derrotar os latifundiários e ganhar as reivindicações. Mas para que efetivamente isso aconteça, é necessário que os camponeses estejam unidos e organizados, que os comunistas – os mais consequentes e fiéis lutadores pela defesa dos interesses das massas

---

33 *Imprensa popular*. Rio de Janeiro-RJ, 13 de abril de 1951.

trabalhadoras – estejam a sua frente. O que é necessário é levar à prática a orientação do Manifesto de Agosto, mobilizando os camponeses para as lutas pelas suas reivindicações específicas e sabendo leva-los ao mesmo tempo às grandes batalhas pela terra, o pão, a paz e a liberdade, sem temer inclusive os choques com a reação policial dos latifundiários que, inevitavelmente, se abaterá sobre as fazendas. [...] O desencadeamento de lutas no campo, [...] será uma contribuição decisiva para o desenvolvimento da grande batalha revolucionária do povo brasileiro pela libertação nacional e a democracia popular<sup>34</sup>.

Para os comunistas, o que os camponeses buscavam nesse momento era a garantia do acesso à terra, e, nesse sentido, era fundamental a luta por diversos meios, sendo que se preciso recorrer às armas, o fizesse<sup>35</sup>. A recusa dos camponeses do sítio Serra do Rosário em entregar metade da produção ao fazendeiro local possivelmente veio a ser motivo de contento para os editores da *Imprensa Popular*, visto que a atitude de confrontar os latifundiários convergia com a proposta do PCB para o movimento camponês na época, e, provavelmente, esse foi um dos motivos que levaram o Jornal a publicar o fato.

Já o jornal *Voz Operária* era o porta-voz oficial do partido comunista, e começou a ser editado no Rio de Janeiro em 1949. O impresso era o espaço privilegiado para a discussão da militância, e, em suas edições, havia notícias sobre o movimento comunista internacional e sobre as mobilizações operárias nos estados do País, além de informações sobre os livros Marxistas que eram publicados na época.

Em algumas edições, esse noticiário emitiu informes cujo conteúdo relatava os percalços enfrentados pelos operários que trabalhavam nas fábricas de Sobral. Em matéria intitulada “Na Fábrica Saboia no Ceará”, a *Voz Operária* denunciava as irregularidades no pagamento dos salários dos operários e um suposto esquema de extorsão a que estavam sendo submetidos no ato de entrega da produção.

34 *Voz Operária*. Rio de Janeiro-RJ.

35 GRZYNSZPAN, Mario; DEZEMONE, Marcus. As esquerdas e a descoberta do campo brasileiro: Ligas Camponesas, comunistas e católicos (1950-1964). In: FERREIRA, Jorge; AARÃO REIS, Daniel (Orgs.). *Nacionalismo e reformismo radical* (1945-1964). Coleção As Esquerdas no Brasil, volume 2. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2007.

Segundo o editor, na fábrica de tecidos do udenista José Saboia, os operários, após entregarem a produção, não eram informados sobre a quantidade de tecido que haviam produzido, recebendo um salário inferior ao que realmente deveria ser pago:

Na fábrica Saboia – Fabrica de tecidos do Ceará – o diretor da mesma – o udenista José Saboia – põe em prática um sistema de roubo sistemático dos operários. O operário entrega a sua produção á gerência, não vê medi-la nem pesa-la e, 15 dias depois, recebe o pagamento numa nota onde consta apenas o seu nome e a importância ganha, não sabendo, pois, quantos metros de tecido produziu, se está sendo pago o repouso remunerado, em quanto monta o desconto para o instituto, o Sindicato, etc. E qualquer pergunta que faça a respeito é punida com suspensões. Além disso, a Fábrica reduziu os dias de trabalho de 6 para 4, na semana e pretende reduzi-los mais, para 3. Nessas condições a remuneração de cada trabalhador é sempre inferior a 200 cruzeiros, por mês. Como pode viver esses trabalhadores com tais salários? Por isto lutam por aumento de salários, por mais dias de trabalho e pelo controle do pagamento da produção<sup>36</sup>.

O jornal também relatou uma suposta greve de operários na Fábrica de Óleo CIDAIO. Em um pequeno texto intitulado “A Primeira Greve em Sobral”, o jornal relatava o caso dos trabalhadores da fábrica, os quais haviam entrado em greve por questões de aumento de salário. O editor também salientava que a greve dos trabalhadores da fábrica CIDAIO havia sido “a primeira greve já realizada naquela cidade cearense”<sup>37</sup>.

Também na década de 1950, conforme consta em matéria do jornal *Imprensa Popular*, uma organização de Sobral, denominada “União Trabalhista”, teria participado de um evento organizado pelo PCB em Fortaleza. Em 29 de março de 1951, realizou-se em Fortaleza o II Congresso Sindical, o qual contou com a participação de trinta delegações de trabalhadores. O evento foi promovido pela União Geral dos Trabalhadores (UGT), e a primeira sessão ocorreu na Associação dos Chauffeurs do Ceará<sup>38</sup>.

36 *Voz Operária*. Rio de Janeiro-RJ, 1 de abril de 1950.

37 *Voz Operária*. Rio de Janeiro-RJ, 12 de agosto de 1950.

38 *Imprensa Popular*. Rio de Janeiro-RJ, 6 de abril de 1951.

Os principais assuntos discutidos no evento foram questões relacionadas a aumento de salário e liberdade sindical. Os congressistas que subiam ao plenário para discursar, além de renderem homenagens a membros do proletariado brasileiro assassinados pela polícia no governo Dutra, também discorriam sobre os assuntos relacionados às questões que haviam motivado a organização do evento.

Após vários oradores, Filomeno Correia de Miranda subiu ao plenário como representante da União Trabalhista de Sobral, salientando “a necessidade dos trabalhadores lutarem em defesa da paz mundial e contra o envio de tropas brasileiras para a Coréia”<sup>39</sup>.

Portanto, a década de 1950 foi o período em que as ideias comunistas em Sobral puderam ser publicadas com maior ênfase tanto no *Correio da Semana* como nos jornais da Imprensa Comunista. Nesse período, também se constatou na cidade a existência de uma célula do PCB, a qual era integrada por militantes que, mesmo na ilegalidade, desenvolviam práticas que eram fundamentadas nas premissas do partido.

## **ALIANÇA E SUBVERSÃO - A IGREJA E A DITADURA EM SOBRAL**

A recepção do Golpe de 1964 em Sobral foi divergente, como em todo o país. De um lado, “viva à Revolução”, de outro, “abaixo a ditadura”. O jornal *Correio da Semana* é uma das fontes em que se pode identificar a postura da Igreja Católica em Sobral acerca desse fato.

O viva à “revolução” aparece nesta mensagem do bispo diocesano, poucos dias após o golpe:

### **Mensagem de Paz**

Dom João Mota

[...]

A revolução vitoriosa que o Brasil esta festejando hoje, é o resultado do grande desejo de Paz, anseio profundo de cada brasileiro, em tôda a história do Brasil.

Nas noites escuras das ameaças e da destruição, vê-se com maior clareza o sinal da vitória, deixado pelo Criador no

39 *Imprensa Popular*. Rio de Janeiro-RJ, 6 de abril de 1951.

Céu da Pátria. [...]. Que especial privilégio êsse do Brasil, de fazer revolução sem sangue!  
 Creio que até os que ameaçam a ordem, reconhecem depois que erravam o caminho. [...]<sup>40</sup>.

Dom Mota era bispo de Sobral durante o golpe, o que significa que o apoio ao golpe era uma postura oficial da Igreja Católica em Sobral. O argumento de *revolução sem sangue* aparece em vários artigos de colunistas locais do *Correio da Semana*, quando das comemorações do aniversário da “Revolução” nos anos seguintes.

Foi instalado no Brasil um Governo Revolucionário de uma sensatez e de equilíbrio notáveis, que não deixou se levar pelos justos clamores de vingança que ecoavam de um extremo a outro da Nação, clamores que não poderiam ser atendidos porque lançariam ao solo pátrio sangue brasileiro, ainda que, de maus irmãos. A Revolução que foi feita **sem efusão de sangue**, continua a ser consolidada **sem sangue**<sup>41</sup> (Grifos nossos).

À primeira vista, parece contraditório citar a Igreja tanto no grupo dos aliados como dos opositores do regime. Mas, na verdade, havia vários grupos dentro da instituição, uns a favor e outros contra o golpe, e os mesmos setores que apoiaram o golpe em 1964 mudaram de postura a partir de 1968, entrando no time dos opositores, por razões diversas.

De acordo com a historiografia sobre o tema, desde fins dos anos de 1950/60, a Igreja Católica se aproximou dos movimentos dos trabalhadores rurais e urbanos, buscando neutralizar a influência comunista ou das esquerdas em geral junto aos trabalhadores. Com o golpe, a situação alterou-se e esses setores da Igreja passaram a ser rotulados de comunistas. Estabeleceu-se, então, uma verdadeira batalha discursiva de acusação e defesa entre a Igreja e o regime, tendo a imprensa como palco privilegiado dessa disputa<sup>42</sup>.

40 *Correio da Semana*. Sobral-CE, 04 de abril de 1964.

41 MARTINS, Aurélio. REVOLUCAO E O BRASIL (I). *Correio da Semana*. Sobral-CE, 1º de maio de 1965.

42 MONTENEGRO, 2010, p. 111.

Alguns autores chamam atenção para o fato de que a *Igreja Povo* começava a se concretizar nas práticas dos religiosos antes mesmo das deliberações do *Concílio Vaticano II* (1962-65), e das conferências de *Medellín* (1968) e *Puebla* (1979). A experiência de Dom Fragoso, ainda no Maranhão, constitui um exemplo disso<sup>43</sup>. Do mesmo modo, um episódio vivenciado pelo Padre Osvaldo Chaves, em Sobral, no ano de 1952, acredita-se, também aponta nessa direção. Segundo Joan de Oliveira, a Semana Santa em Sobral é uma tradicional festa religiosa que mantém, ainda hoje, aspectos e características litúrgicas do século dezenove, integrando o patrimônio cultural da cidade. Na Semana de Santa de 1952, Padre Osvaldo Chaves foi escolhido pelo bispo Dom José Tupinambá da Frota para fazer o sermão do encontro, o momento mais importante da *Procissão dos Passos*, que é a principal procissão da Semana Santa. Pela primeira vez, o sermão foi transmitido por uma emissora de rádio. Longe de fazer um sermão tradicional, Padre Osvaldo Chaves falava do *Cristo-Povo*, expressão jamais esquecida por aqueles o ouviam:

Sermão do Encontro, Ave Maria, eu estava naquele dia, lá, o Cristo-Povo. Naquele dia eu fui com D. José, fui ajudar a missa do palácio no outro dia, e Dom José “puto”: *sermão comunista, cristo-povo!* Naquele tempo padre Osvaldo já tinha essas coisas, o cristo-povo lascado [...] Dom José reclamou bem um ano. [...] Ele fala coisas da Teologia da Libertação trinta anos antes. Tudo aquilo que a Teologia da Libertação falou, o próprio Concílio, padre Osvaldo já tinha falado. Os poemas dele, nas aulas dele, os temas sociais, fortes, e eu acho que o seminário não comportava... Mas eu acho que naquele tempo, realmente, o padre Osvaldo falava do sofrimento do povo, ele distribuía pães, numa igreja de Dom José. O bispo-conde nunca, jamais faria isso. Quando o padre Osvaldo fala no cristo-povo, nas comunidades eclesiais de base, Dom José ficou chocadíssimo, realmente. Foi chamado de comunista. Eu não sabia o que ele estava dizendo, mas depois eu via que ele se referia a essa visão do padre Osvaldo com o compromisso. Eu e Dom José, temos certeza, jamais esqueceremos aquele sermão<sup>44</sup>.

43 *Ibid.*, p. 110.

44 OLIVEIRA, 2009, p. 73-74.

A historiadora sobralense Viviane Prado Bezerra, em sua dissertação sobre a Igreja em Sobral, afirma que, no Ceará, as experiências da *Igreja Povo de Deus* se constituem no âmbito da organização dos trabalhadores em sindicatos rurais e da formação de lideranças comunitárias, como o MEB e outras experiências de educação popular. Com a ditadura militar, a igreja teria reorientado sua prática no sentido de proteger o clero e os movimentos populares sob sua orientação.

Sem o confronto direto com os militares e, em defesa de sua autonomia, a Igreja, no Ceará, abraça a pastoral popular, conquanto não se confrontasse com o poder político e com os setores conservadores, orientada pelos postulados de João XXIII, na Encíclica *Mater et magistra e Pacem in terris*<sup>45</sup>.

A historiadora acima referida acrescenta que essa reorientação pastoral da Igreja se evidenciou também na imprensa católica, que publicava, ao mesmo tempo, artigos em favor das reformas sociais e artigos em defesa da propriedade privada “como resultado da ‘ordenação dos bens’”<sup>46</sup>.

De acordo com Antônio Torres Montenegro, foi principalmente a partir de 1968 que a Igreja Católica no Brasil se constituiu lentamente em um polo de resistência ao regime militar<sup>47</sup>. Encontraram-se, na imprensa sobralense de 1968, textos da Igreja reclamando da repressão. A matéria de capa do *Correio da Semana*, intitulada “É direito da igreja, em regime democrático pregar sua doutrina”, questiona uma declaração de um membro das Forças Armadas a um canal de televisão cearense, quando afirma serem boas as relações entre as Forças Armadas e o clero nacional:

### BOAS RELAÇÕES?

Sem mesmo nos aprofundarmos a análise dos fatos ocorridos, verificaremos que não se pode dar muita ênfase a afirmação, pois representantes categorizadas das forças armadas, tem desrespeitado os direitos democráticos, - até como pessoas humanas-, de bispos e sacerdotes do

45 BEZERRA, 2008, p. 21.

46 *Ibid.*, p. 21.

47 BRUNEAU *apud* MONTENEGRO, 2010, p. 134.

clero brasileiro, provocando, pronunciamentos e protestos de âmbito nacional em documentos oficiais de bispos do Brasil. Não foram pronunciamentos particulares.

SERÁ que nossas forças armadas, dentro de um regime democrático, tem o direito de fazer calar nossos bispos ou qualquer cidadão na pregação da doutrina social da Igreja sob o pretexto de subversão?

SE tal direito lhes assiste, temos de afirmar: ou nossas forças armadas consideram a doutrina social da Igreja como subversiva, - (e que tenham a autenticidade DE afirmar oficialmente) ou não existe para nós liberdade de pensamento e nem democracia<sup>48</sup>.

Outra matéria de capa, intitulada “*Desrespeito a liberdade de pensamento!*”, questiona o processo empreendido pelos militares ao bispo auxiliar do Maranhão, Dom Edmilson da Cruz, antigo bispo sobralense. De acordo com o artigo reproduzido do jornal *O Povo* de Fortaleza, na homilia de uma missa em comemoração à vitória das Forças Armadas brasileiras contra o Nazismo, o bispo Dom Edmilson da Cruz fez os seguintes questionamentos:

### **Encarando a realidade**

[...]

No fato que comemoramos êsses princípios já foram anunciados. Como cidadão e não como autoridade eclesiásticas, aproveitando diante dos senhores militares a ocasião propícia, como quem ama a sua pátria tanto como qualquer militar, faço as seguintes perguntas: Será que na situação atual podemos dizer que no Brasil existe liberdade de imprensa? De Rádio? Sabe-se de passeatas impedidas pelas autoridades. Ora, se nós temos uma lei básica que assegura ao cidadão a liberdade de expressão, de punição e de representação, e se a autoridade jurou defender essa lei básica então afirmo que aquela atitude encerra uma falta de tática, porque sob o pretexto de abafá-la, o que consegue, é criar nos outros países uma imagem deformada da nossa pátria; uma falta de coerência, porque deixa de manter os princípios que a carta magna defende; uma falta de responsabilidade, porque impede a aplicação dos princípios que deveria defender.

[...] <sup>49</sup>.

48 *Correio da Semana*. Sobral-CE, 17 de fevereiro de 1968.

49 *Correio da Semana*. Sobral-CE, 18 de maio de 1968.

Ainda de acordo com o texto, os militares se retiraram do recinto e abriram processo contra o bispo, que recebeu a solidariedade de vários colegas, entre eles, o bispo de Sobral Dom Valfrido Teixeira Vieira:

**Telegramas enviados a Dom Edmilson Cruz.**

[...] Dom Manuel Edmilson Cruz – Palácio Arquiepiscopal- São Luis-MA. Fraternal abraço de solidariedade Dom Valfrido Teixeira Vieira, Bispo de Sobral.

[...]

O Diretor desta Folha também enviou sua manifestação de solidariedade: Hipoteco total solidariedade face últimos acontecimentos. Abraços: Pe. Egberto<sup>50</sup>.

Nos anos de 1970 e 80, ficaram cada vez mais frequentes os questionamentos da Igreja e de outros setores da sociedade à continuidade do regime. De acordo com Maria Paula Nascimento, a luta democrática que reuniria amplos setores da sociedade civil contra a ditadura se dá entre 1974 e 1985, com a derrota da luta armada. A Igreja Católica, os estudantes, o MDB, a imprensa alternativa, associações de bairros, de profissionais liberais e as minorias políticas: negros, mulheres e homossexuais constituíam os principais atores desse eclético grupo que compunha o novo cenário político nacional<sup>51</sup>.

Este texto, encontrado no jornal *Correio da Semana*, questiona a continuidade da “revolução”:

**O mito da revolução permanente**

Antônio Carlos de Moura Campos.

Revolução e democracia são duas realidades visceralmente incompatíveis. Dizia Merleau Ponty que “as revoluções são verdadeiras como movimentos e falsas como regime”. Isto é, valem para aquele momento fugaz em que os antigos donos do poder já caíram e os revolucionários ainda não assumiram o controle real da situação.

[...]

Revolução no poder é terror. De esquerda ou de direita, as revoluções vitoriosas nutrem-se muito mais do ódio

50 *Correio da Semana*. Sobral-CE, 18 de maio de 1968.

51 ARAÚJO, 20007, p. 342.

que destilam sobre os “contra-revolucionários” do que do amor à justiça e a liberdade.

[...]

Conseguirão os atuais dirigentes do país convencer-se de que a opção pela democracia – tantas vezes reiterada pelo presidente Figueiredo – implica necessariamente o abandono da opção pela revolução permanente? Revolução que não se transforma em democracia se condena a negatividade histórica. Revolução permanente é repressão permanente!<sup>52</sup>.

Do mesmo modo, a *Revista Risadinha* é outro periódico que circulou no período e reflete um pouco desse conflito entre a Igreja e o Regime.<sup>53</sup> Esse periódico, mesmo conservador, defensor dos princípios católicos critica a continuidade do regime:

#### **O nosso credo.**

Do Partido Comunista – Livrai-nos Senhor.

Do Regime Ditatorial – Livrai-nos Senhor.

Das Línguas Ferinas – Valei-nos Senhor

Dos Namoros impróprios -Valei-nos senhor

Das Riquezas mal ganhas -Valei-nos Senhor

Das façanhas dos “rabos de burros”. Valei-nos Senhor

De arranjar intrigas políticas – Livrai-nos Senhor<sup>54</sup>.

## **O JORNAL E O RÁDIO**

Nos anos de 1960, o *Correio da Semana* era o único jornal impresso de grande circulação local. O periódico constitui-se numa das fontes mais importantes para a história de Sobral do século XX. Para a historiadora Viviane Prado Bezerra, essa postura dúbia revela-o como um jornal moderado, visto que refletia a linha política adotada pela Igreja no período e seguida fielmente pelo bispo diocesano Dom Valfrido Vieira. Para José Rabelo Filho, que estudou os jornais da época, o se-

52 *Correio da Semana*. Sobral- CE, 05 de janeiro de 1980.

53 *Risadinha*. Revista crítica, humorística, noticiosa e literária (1979-1981). Sobral-CE, 12 de outubro 1979, nº 1, p. 1.

54 *Ibid.*, p. 4.

manário é um jornal conservador. As posições divergentes publicadas representavam apenas opiniões particulares dos colunistas que possivelmente fugiam ao crivo da direção do periódico. Analisando o material, dir-se-ia que ele, como todos os outros veículos de formação e informação da diocese, é a expressão dos projetos em disputa, dentro da Igreja e da sociedade sobralense, por isso, ora conservador, ora progressista.

A Rádio Educadora do Nordeste também é de propriedade da Diocese de Sobral. Fundada em 1959, tinha uma boa audiência na cidade na década de 1960. Situada, hoje, na Praça Quirino Rodrigues, centro, funciona ao lado da Cúria Diocesana e do jornal *Correio da Semana*. Pela direção da rádio, passaram monsenhor Sabino G. Loiola, padre Luizito Dias Rodrigues, Leunam Gomes, padre Egberto Rodrigues de Andrade e Carlos Gomes Carneiro, ou seja, aparecem tanto nomes de aliados do regime quanto de opositores.

Monsenhor Sabino Loiola e padre Egberto Rodrigues são referendados como conservadores e aliados da ditadura. O primeiro é conhecido pela sua campanha anticomunista desde a década de 1940, disseminada em toda região norte do Estado por meio do jornal *Correio da Semana*, das Semanas Sociais e da criação de Comitês Anticomunistas<sup>55</sup>. De acordo com o ex-estudante João Ribeiro Paiva, em fins dos anos 60, o programa dos estudantes na Rádio Educadora mudou de nome e de conteúdo, tornando-se menos religioso e mais laico, abrindo espaço para a realidade social. A Hora Estudantil passou a chamar-se *A Voz do Estudante* e foi fechado por padre Egberto, à época diretor, quando foi posta no ar a leitura do polêmico discurso de Dom Fragoso, em que ele afirma que Cuba poderia servir de exemplo para a América Latina:

Nosso programa foi cortado. Nós tínhamos lido um desses pronunciamentos do Dom Fragoso em que ele dizia que Cuba podia ser um exemplo para América Latina. Isso foi considerado pela censura algo muito desagradável pra eles, e foi cortado. E nós não fomos nem avisados disto. Eu soube por Padre Osvaldo que anotou num papel

---

55 SANTOS, *Op. cit.*, p. 47.

a mão. Tinha visto num quadro de avisos do rádio que eu João Ribeiro Paiva, Antônio de Alcântara Macedo e Lauro Araújo Lima não podíamos entrar para os estúdios da rádio e nenhum programa, como perniciosos, adjetivo que Padre Egberto encontrou para nos qualificar<sup>56</sup>.

Padre Luizito Rodrigues e o Professor Leunam Gomes são citados na lista dos progressistas que driblavam a censura para garantir que os programas do MEB e dos estudantes continuassem no ar, mesmo sob a vigilância da repressão. Os depoimentos de ex-militantes do movimento estudantil dizem que os programas dirigidos pelo MEB e pelo movimento estudantil constituíam um veículo de resistência à ditadura na medida em que animava agricultores e estudantes a lutarem pelos seus direitos, desafiando a vigilância do DOPS. Desse modo, fica evidente que o jornal e a rádio eram utilizados tanto para propaganda como para contrapropaganda da ditadura, já que os dois lados tinham acesso à estrutura desses órgãos de imprensa.

Ora como aliada, ora como opositora, a Igreja Católica foi uma das principais personagens na trama política que consolidou o regime militar em Sobral: o Colégio Sobralense, o Movimento de Educação de Base (MEB), O Dia do Senhor, o Centro Estudantal Sobralense, o jornal *Correio da Semana* e a Rádio Educadora do Nordeste foram veículos por meio dos quais a Diocese de Sobral manifestou seu apoio ou questionou a ditadura civil-militar de 1964.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O jornal *Correio da Semana*, os círculos operários católicos da década de 1920, a LEC, os grupos de militância católica, os Comitês Anticomunistas e as Semanas Sociais constituíram algumas das práticas que, ao longo dos anos, foram desenvolvidas pelas autoridades eclesiais para evitar que algum movimento comunista eclodisse na cidade. Porém, percebeu-se que apesar da intensa campanha desencadeada pela Igreja, hou-

56 PAIVA, João Ribeiro. Entrevista concedida à autora em 17 de agosto de 2010.

ve um intenso fluxo das ideias comunistas em Sobral, sendo constatada a existência de um pequeno núcleo do Partido, atuante e organizado.

É preciso reconhecer que, apesar da diminuta célula comunista na cidade, havia uma cultura política comunista, que, nas palavras de Rémond, aparece, em suas diversas manifestações, como a linguagem comum dos membros de uma formação, que fazem profissão de ideologias sem precisar necessariamente exprimi-la explicitamente.<sup>57</sup> É dessa forma que procediam aos militantes de Sobral, uma vez que, tendo em vista a ilegalidade, realizavam suas práticas na clandestinidade.

Entretanto, havia também uma consistente cultura política anticomunista que levava a sociedade a reprimir as ações do partido, como as campanhas eleitorais, mesmo quando a agremiação se encontrava na legalidade. Portanto, foi um embate duro entre duas culturas políticas divergentes, mas consistentes.

Os partidos, os golpes, a redemocratização são alguns dos inúmeros temas que podem ser encontrados nas páginas do *Correio da Semana*. Desvendar essas e outras histórias é fundamental para a compreensão da história política sobralense no período republicano.

## REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Maria Paula Nascimento. Lutas democráticas contra a ditadura. *In.*: FERREIRA, J & REIS, D. A. (Orgs.). **Revolução e Democracia – 1964**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007 (Coleção As Esquerdas no Brasil, vol. 3).

BEZERRA, Viviane Prado. **“Porque se nós não agir o pudê não sabe se nós isiste nu mundo”**: O MEB e o Dia do Senhor em Sobral (1960-1980). Fortaleza, UFC, 2008 (Dissertação de Mestrado).

BLAINY, Geoffrey. **Uma Breve História do Século XX**. 2ª ed. – São Paulo, SP: Editora Fundamento Educacional, 2011, p. 42.

CAPELATO, Maria Helena. O Estado Novo: o que trouxe de novo? *In.*: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucilia de Almeida Neves (Orgs.). **O Brasil Republicano: o tempo do liberalismo excludente**:

57 RÉMOND, *Op. cit.*, p. 89.

da Proclamação da República à Revolução de 1930. 2. ed. v.2. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

DEL PRIORE, Mary; VENÂNCIO, Renato. **Uma Breve História do Brasil**. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2010.

GRYNSZPAN, Mario; DEZEMONE, Marcus. As esquerdas e a descoberta do campo brasileiro: Ligas Camponesas, comunistas e católicos (1950-1964). *In*: FERREIRA, Jorge; AARÃO REIS, Daniel (Orgs.). **Nacionalismo e reformismo radical (1945-1964)**. Coleção As Esquerdas no Brasil, volume 2. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2007.

LIMA NETO, Ildefonso Rodrigues. **Escrita subversiva – O Democrata, 1946 – 1947**. Fortaleza, 2006, p. 133.

MARTINS, Ricardo Luiz. **Os Comunistas em Sobral (1940-1950)**. Sobral-CE, UVA, 2016 (Trabalho de Conclusão de Curso) Licenciatura em História.

MONTENEGRO, Antonio Torres. **História, metodologia e memória**. São Paulo: Contexto, 2010.

MOTA, Aroldo. **História Política do Ceará (1945-1947)**. Fortaleza: ABC Fortaleza, 2001.

OLIVEIRA, Joan E. **Nem um dia sem uma linha**. A oficina de trabalho do Padre Osvaldo Carneiro Chaves. Fortaleza: Expressão Gráfica, 2009.

PEREIRA, Marco Antônio Machado Lima. O anticomunismo católico em cena. *In*: **Revista Nures nº 11 – Janeiro/Abril 2009** – <http://www.pucsp.br/revistanures>

RABELO FILHO, José Valdenir. **Uma Sobral, muitas cidades**: apresentando tensões, e decifrando silêncios (1958-1966). Monografia (Licenciatura em História), Universidade Estadual Vale do Acaraú, Sobral, 2009.

REMOND, René. Do político. *In*: REMOND, René. **Por uma história política**. Rio de Janeiro: UFRJ, 1996.

SANTOS, Carlos Augusto Pereira dos. **Cidade Vermelha**. A militância comunista nos espaços do trabalho. Camocim-CE (1927-1950). Fortaleza: NUDOC/BNB/TRT-CE, 2007 (Coleção Mundos do Trabalho).

SEGATTO, José Antônio. **Breve história do PCB**. 2. ed. Belo Horizonte: Oficina de Livros, 1989.

SILVA JÚNIOR, Agenor Soares e. **“A Cidade Disciplinada”**: A Igreja Católica e os Trabalhadores Urbanos em Sobral – Ceará (1920- 1925).

Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Pernambuco, 2002.

SILVEIRA, Edvanir Maia da. **Três décadas de Prado e Barreto: a política municipal em Sobral, do Golpe Militar à Nova República (1963-96)**. Rio de Janeiro: UERJ, 2013 (Tese de Doutorado).

**“SE TODOS OS MEZES HOUVESSE UM  
19 DE MARÇO, QUEM ERA QUE FALAVA  
MAIS EM COMMUNISMO”? O CIRCULISMO  
CATÓLICO COMO FENÔMENO ASSOCIATIVO  
NO NOROESTE DO CEARÁ<sup>1</sup>**

*Carlos Augusto Pereira dos Santos<sup>2</sup>*

[...] Quem assiste os trabalhos do Círculo fica querendo bem tudo aquilo. Na confraternização daquelle povo bom, onde reina a ordem, harmonia e disciplina, a gente tem vontade de ficar sempre jogando, rindo e palestrando alegremente, todos sentem se bem, isolados do bulicio impertinente das ruas. [...]

*Santus<sup>3</sup>*

Buscando a agremiação de trabalhadores com uma perspectiva de controle, disciplina e educação para o trabalho, ou o combate ao comunismo em suas hostes, a Igreja Católica arregimentou seus fiéis para a criação de Círculos Operários. Não era somente a capacidade organizativa da igreja a seu serviço através do trabalho pastoral dos padres junto às associações piás, havia todo um aparato de convencimento através de ações como as Semanas Sociais, desenvolvidas na Diocese de Sobral, que, além do conteúdo espiritual respaldado por missões catequéticas,

1 Expressão contida no *Correio da Semana*. Sobral-CE, 28 de março de 1931. Fonte: Hemeroteca do NEDHIS/UVA.

2 Professor do Curso de História da Universidade Estadual Vale do Acaraú – UVA.

3 *Correio da Semana*. Anno XIII, nº 46, Sobral-CE, 28 de fevereiro de 1931. Fonte: Hemeroteca do NEDHIS/UVA.

procissões, conversões, em cada cidade para onde se deslocavam os trabalhos, quase sempre eram distribuídas cestas de alimentos, remédios e criação de postos ambulatoriais<sup>4</sup>.

Na dimensão ideológica, jornais católicos por todo o país, além de outros periódicos ligados à Igreja Católica, formavam o que se convencionou chamar de “boa imprensa”<sup>5</sup>. Desse modo, notícias, artigos, folhetins, anúncios, dentre outras peças, contribuíam para inculcar os valores do trabalho relacionados com aspectos morais e religiosos dos trabalhadores. Nessa linha editorial, em 1919, é fundado o jornal *Correio da Semana* pela Diocese de Sobral, ainda hoje em circulação. Seria extenso relacionar um *corpus* documental só com essa perspectiva de ideologização do trabalho com característica de controle de pessoas e costumes, mesmo porque, até jornais ditos de oposição aos grupos políticos governantes no Ceará, como o jornal *O Rebate*, vez por outra, abria espaço para a idealização do trabalho. Para efeito de ilustração, recuperemos uma pequena mensagem sobre o que seria o “trabalhar”, na visão de um articulista da época.

### **Trabalhar.**

O Trabalho é para a Humanidade o symbolo augusto da Conquista e do Dever.

Trabalhar é fortalecer o corpo; é amar a patria; obedecer a Deus; dignificar a vida; é celebrar com os lábios abertos em riso e o coração em flor a festa ruidosa do Triumpho que galardôa as duras fadigas e as longas vigílias sofridas com bôa vontade .

Cantem-se por toda parte hymnos sonóros e vibrantes em glorificação aos valorosos athletas do Trabalho que tem o dorso abrasado pela luz alourecida do sol e as mãos

- 
- 4 Para saber mais sobre a militância católica na Diocese de Sobral dentro das chamadas “Semanas Sociais”, ver: SANTOS, Carlos Augusto Pereira dos. *Cidade Vermelha*. A militância comunista nos espaços do trabalho. Camocim-CE (1927-1950). Fortaleza: NUDOC/BNB/TRT-CE, 2007, p. 52-55. (Coleção Mundos do Trabalho).
- 5 Para uma ligeira contextualização sobre a “boa imprensa” no Brasil, ver: LUSTOSA, Oscar de Figueiredo. “Introdução: Os bispos do Brasil e a Imprensa”. In: Os bispos do Brasil e a Imprensa. São Paulo: Loyola: CEPEHIB, 1983; RIBAS, Ana Claudia Ribas. A Boa Imprensa, a Política e a Família: os discursos normatizantes no jornal *O Apóstolo* (1929-1959). *Espaço Plural*. Ano XII. Nº 24. 1º Semestre 2011; SILVEIRA, Diego Omar. A peleja pela “Boa Imprensa”: reflexões sobre os jornais da Igreja, a Romanização dos costumes e a identidade Católica no Brasil. Trabalho apresentado no GT de História da Imprensa, integrante do 9º Encontro Nacional de História da Mídia, 2013. Para Sobral, ver: FILHO, Aurélio Ponte. A “Boa Imprensa” em Sobral, no prelo.

maguadas de segurar o alvião que rasga o seio opulento  
das terras creadoras!  
Bem aventurados sejam para sempre os legionarios das  
Emprezas heroicase os paladinos dos Feitos ingentes!  
Infelizmente sejam para sempre os ociosos - homens ru-  
des que não se alimentam na Meza da Via Amargurada  
da Existência com o pão abençoado do Trabalho!  
P. H. SOUZA PINTO <sup>6</sup>.

O escrito acima, publicado em 1910, antes da Diocese de Sobral fundar seu jornal específico, portanto, demonstra a preocupação da Igreja Católica com as chamadas ideias “alienígenas” que se apresentavam no cenário de disputa dos corações e mentes dos trabalhadores, dentre elas, o comunismo, o protestantismo, o espiritismo, a maçonaria. Contudo, os discursos não pareciam ser unânimes. Não iremos fazer uma análise de discurso neste momento, apenas mostrar que, em um mesmo periódico, vários olhares sobre o mundo do trabalho poderiam coexistir. É o caso do jornal *O Rebate* que, de alguma forma, procurava estar atento à conjuntura histórica do começo do século XX. Observemos o poema abaixo, escrito sob o pseudônimo de Alcindo Praiano, enviado por um colaborador do jornal, da cidade de Camocim. Apesar de longo, é necessário citá-lo na íntegra:

### No 1º de Maio

(INSOBURDINAÇÃO À METRICA)  
Para o grande coração de Raymundo Magalhães.

Ruem thronos por terra. As dysnatias  
Caem ao sopro das revoluções  
- Corre nas veias das democracias  
o sangue novo das transformações

As doutrinas cabidas no Calvario  
dos piedosos labios de Jesus  
Enchem de amor a alma do operario  
e a toda humanidade enchem de luz!

A vibração do Bem acorda em tudo  
E o grande Amor os corações cadora  
Se um povo morre, - enternecido e mudo  
O orbe inteiro, piedoso chora...

A França desdobrou aos quatro ventos  
O pavilhão dos grandes ideias  
- expulsando dos muros dos conventos  
os frades - esses lobos sociais.

Além é Portugal esse pequeno  
Leão que desperta da tristeza  
Sacode a juba e canta como um threno  
As notas festivas da Marselhesa

Na Rússia Tolstoi é como um sol  
Iluminando o coração de um povo  
- Capta do ceo as tintas do arrebol  
Para escrever um evangelho novo

Como um protesto vivo ao retrocesso  
Nosso Brasil, philosopho profundo  
- Escreve na bandeira Ordem e Progresso  
- Pelo verbo de Ruy assombra o mundo.

A Razão predomina; a Consciencia  
é livre enfim; e ao clarão constante  
que no mundo derrama a alta sciencia  
a Verdade caminha triumphante!

Aproxima-se a hora alviçareira  
dos homens bons, dos principios são  
- Nossa patria será a Terra inteira  
e a humanidade inteira só de irmãos.

Camocim - 1909  
*Alcindo Praiano*<sup>7</sup>.

O cuidado e o zelo com os trabalhadores eram constantes, não somente com as estratégias de agremiação, mas com os discursos em momentos de festa e celebração, como o Primeiro de Maio e Festa de São José. Por exemplo, nas festividades de São José, no ano de 1931, em Sobral, ocorridas na Capela de Nossa Senhora do Rosário, com a presença maciça dos sócios do Círculo Católico, portanto, duas décadas após a publicação do fragmento jornalístico “Trabalhar”, citado acima, o jornal

---

<sup>7</sup> Jornal *O Rebate*. Sobral-CE, 1909 (provavelmente, primeira semana de maio). Fonte: Hemeroteca do NEDHIS/UVA.

*Correio da Semana*, nas palavras do seu fundador, o bispo Dom José Tupinambá da Frota, exorta todos os operários para que “se mantivessem fieis aos princípios cristãos, mostrando que o comunismo é uma grande ilusão com que se quer embair a classe proletária”<sup>8</sup>.

Do mesmo modo, dez anos depois, o mesmo jornal saúda a criação do Círculo de Operários e Trabalhadores de Nova Russas, em 19 de março de 1941, com 110 sócios efetivos<sup>9</sup>, e do Círculo Operário de Campo Grande (atual Guaraciaba do Norte), mostrando a longevidade do circulismo na região, noticiando que houve desfile pelas ruas da cidade e entoação dos Hinos dos Trabalhadores Brasileiros e da Canção Circulista. No caso do Círculo Operário de Campo Grande, ressaltam-se, na pequena nota, dois pontos que não podem passar despercebidos: o trabalho do Pe. Antonio Soares na organização do mesmo e a ênfase na presidência do Cel. Leopoldo Gonçalves Rosa. Igreja e elite à frente de uma associação de operários<sup>10</sup>.

O jornal *Correio da Semana*, portanto, é um jornal católico a serviço da “boa imprensa”. O Círculo São José de Sobral chega a ter espaço cativo nele. Não sabemos desde quando, mas, no que pôde ser pesquisado, entre as décadas de 1930 e 1940, o jornal destinava espaço para uma coluna denominada *Pelo Círculo São José. Chronica*, noticiando as sessões da associação, os eventos religiosos em que o círculo participava e o cotidiano da entidade, algumas vezes com uma linguagem leve, irônica e hilária. O narrador, uma espécie de observador dos fatos que assinava com o sintomático pseudônimo de *Santus*, parece estar sempre atento a qualquer deslize e aos fatos engraçados que acontecem na sede social do Círculo São José. Em 28 de fevereiro de 1931, a “Chronica” exaltava a ordem e a

8 Se observarmos o programa do novenário é recorrente a preocupação com os temas religiosos doutrinários e àqueles relativos ao universo dos operários: “Dia 10 - A salvação, pelo theologo, João França. Dia 11 - A devoção á Santa Virgem (rasgado). Dia 12 - O Domingo, pelo theologo Elicio Motta. Dia 13 - A santificação do trabalho, pelo theologo Sabino Lima. Dia 14 - A Família, seus deveres, pelo Pe. Aloisio Pinto. Dia 15 - O Pecado, pelo Pe. Gonçalo Euphrasio. Dia 16 - Jesus Operario, pelo Mons. Fortunato Linhares. Dia 17 - A Confissão, pelo Cônego Olavo Passos. Dia 18 - Os direitos e deveres dos operarios, pelo Pe. Gerardo Gomes.” “Festividades de São José.” *Correio da Semana*, Sobral-CE, 21 de março de 1931. Fonte: Hemeroteca do NEDHIS/UVA.

9 *Correio da Semana*. Sobral-CE, 22 de março de 1941. Fonte: Hemeroteca do NEDHIS/UVA.

10 *Correio da Semana*. Sobral-CE, 17 de outubro de 1941. Fonte: Hemeroteca do NEDHIS/UVA.

harmonia dos sócios, a direção firme da diretoria e a assistência espiritual dos padres, além do ambiente que tirava os operários do “bulício imperitante das ruas”<sup>11</sup>. O barulho das ruas pode ser entendido como a propaganda comunista ou outros credos. Um mês depois, *Santus* voltava a evidenciar o clima de agremiação dos trabalhadores católicos que capta a fala de um dos sócios relativa à festa de São José. “Se todos os mezes houvesse um 19 de março, quem era que falava mais em communismo?!<sup>12</sup>”

Figura 1 - *Correio da Semana*. Sobral-CE, 28/02/1931



Fonte: Hemeroteca do NEDHIS/UVA.

Portanto, a Ação Católica<sup>13</sup>, criada para combater os credos “alienígenas, na região de influência da Diocese de Sobral, proporcionou, através do seu clero e de leigos, a fundação de vários círculos católi-

11 *Correio da Semana*. Sobral-CE, 28 de fevereiro de 1931. Fonte: Hemeroteca do NEDHIS/UVA.

12 *Correio da Semana*. Sobral-CE, 28 de março de 1931. Fonte: Hemeroteca do NEDHIS/UVA.

13 “A Ação Católica, nome com o qual é reconhecida hoje, nasceu oficialmente no pontificado de Pio XI, a 23/12/1922, mas sua história remonta a 1867 [...] O papel inicial da Ação Católica Brasileira foi à defesa dos valores e princípios cristãos por parte dos leigos católicos no campo da atuação política. Tendo o intelectual Alceu Amoroso Lima como principal colaborador leigo do Cardeal do Rio de Janeiro, D. Sebastião Leme (1882 -1942) efetivamente surge em 1933 a Liga Eleitoral Católica e em 1935 a Ação Católica Brasileira tendo com Alceu como primeiro presidente.” SOUZA, Pe. Ney de. Ação Católica, Militância Leiga no Brasil: méritos e limites. *Revista de Cultura Teológica* - v. 14 - n. 55 - abr./jun. 2006, p. 45 e 49.

cos operários em cidades como Chaval, Camocim, Massapê, Coreaú, Licânia (Santana do Acaraú), Acaraú, Itapipoca, Irauçuba, Sobral, Ipu, São Benedito, Ibiapina, Tianguá, Viçosa, dentre outras<sup>14</sup>. Com outras denominações, mas tendo objetivos semelhantes, foram criados outros círculos, como o Círculo Católico São José de Sobral, O Clube Operário Sete de Setembro, o Asilo Operário em Crateús e a União Operária São José, em Ubajara e Viçosa. Em todo Brasil, a associação da figura de São José com o operário disciplinado e com o “operário padrão” sugeriu a denominação da maioria destes círculos.

Outras associações, com características de benemerência e do exercício da caridade cristã, atreladas à Igreja Católica, foram fundadas na região, como a Liga Feminina de Ação Cathólica e o Serviço de Promoção Humana (SPH), em Camocim, Associação Beneficente das Filhas de Santana (ASSOBENFISA), em Sobral, Associação das Senhoras da Caridade de São Vicente de Paulo, do Ginásio Nossa Senhora das Graças, e Patronato Tenente Ângelo de Siqueira Passos, em Viçosa do Ceará. Na perspectiva da educação para o trabalho, salientamos, ainda, a Escola de Arte em Ubajara, Escola do Clube Social Artístico dos Operários de Massapê, Escola do Clube Social, dos Artistas de Sobral<sup>15</sup>.

Com relação à presença da Igreja Católica no fenômeno associativo, notadamente na ação de agremiar trabalhadores, cabe ressaltar o trabalho realizado pela Diocese de Sobral na figura do Monsenhor Sabino Guimarães Loyola.<sup>16</sup> Como assistente eclesialístico da Ação Católica da

14 *Diário Oficial da União* (DOU) de 27 de dezembro de 1963, p. 348.

15 *Diário Oficial da União* (DOU) de 27 de dezembro de 1963, p. 349.

16 “Sabino Guimarães Loiola, nasceu no povoado de Campo Novo, além do açude Forquilha, permanecendo até a idade de 14 anos. [...] Foi nesta idade que recebeu o chamado de Deus. Em 1925 transfere-se para o Seminário Menor de Sobral, onde procurou aprimorar o seu espírito na aprendizagem das ciências naturais, e mais tarde no Seminário Maior em Fortaleza estudou Filosofia e Teologia. E assim sob o olhar beneplácito de seu padrinho D. José Tupinambá da Frota, foi ordenado sacerdote aos 10 de fevereiro de 1935. [...] De imediato inicia seu múnus apostólico, como Secretário do Bispado, Capelão da Santa Casa, Mestre Cerimônia da Catedral, Reitor do Seminário São José, quase dez anos, isto em duas etapas. [...] Diretor Diocesano da Obra das Vocações Sacerdotais durante anos. Peregrinou por muitas Paróquias animando o surgimento de novas vocações e angariando recursos para a manutenção dos seminaristas pobres. [...] Diretor do Correio da Semana, jornal da Diocese, durante seis anos e em duas etapas, nos seus artigos defendia que um jornal é a arma do soldado da

referida diocese, pôde contribuir para a criação de várias associações no campo da religião, educação e promoção humana. Segundo o Prof. Gabriel Assis Vasconcelos, os “depoimentos escritos e orais, por suas realizações e por seu apostolado profícuo tão benfazejo”<sup>17</sup>, podem reconstituir sua trajetória de quase um século de dedicação à obra da Igreja Católica, notadamente, no combate à ideologia comunista:

Daí, tendo recebido a aquiescência do Bispo-Conde D. José para ser figura de proa do combate aos “vermelhos”, Mons. Sabino começou a instalar comitês anticomunistas nas cidades da Zona Norte do Estado, principalmente, Camocim, Viçosa e Crateús. Esses comitês, formados pelas boas famílias católicas dessas cidades e de membros do poder judiciário, invariavelmente eram constituídos após as famosas “Semanas Sociais”, que eram uma verdadeira cruzada contra a “hidra vermelha” que perigosamente se instalara no seio do operariado destas cidades<sup>18</sup>.

Desse modo, o exemplo de Monsenhor Sabino contaminou outros párocos da diocese no zelo das almas pastoreadas, que também eram trabalhadores e precisavam ser “alertados” contra a propaganda comunista, agremiadora e anunciadora de dias melhores aos trabalhadores. O campo de associação era vasto e ia desde as associações pias, ligadas aos dogmas católicos, àquelas que pretendiam disciplinar e controlar, através do trabalho, os Círculos Operários Católicos. Assim, o Círculo

---

Igreja, na defesa da verdade, e na disseminação do bem.[...] Assistente eclesiástico da Ação Católica, durante sete anos, e Pároco de São Benedito por quatro anos. Em 1952 no interesse da educação dos camponeses fundou a Missão Rural.[...] Dentro deste projeto de levar a formação cristã a todos lares, funda a Rádio Educadora do Nordeste, a 21 de junho de 1959, procurando difundir a educação do campo através das ondas sonoras da emissora, e em 1964 passa para a Diocese. [...] Em 02 de março de 1971 foi nomeado por D. Walfrido Teixeira Vieira, Diretor do Museu Dom José, exercendo o cargo até o início de 1978. [...] Foi Pároco da Igreja de Nossa Senhora do Patrocínio em Sobral, de 06 de janeiro de 1967 a 15 de janeiro de 1989. [...] Em 07 de Agosto de 1992 foi escolhido Membro da Academia Sobralense de Estudos e Letras, na época presidida pelo Dr. João Ribeiro Ramos, tendo como patrono o Barão de Sobral Conselheiro José Júlio de Albuquerque e Barros, assumindo a cadeira 22 vaga pela morte de Gastão Siqueira Portela”. Fonte: Discurso do Acadêmico Gabriel de Assis Vasconcelos sobre Monsenhor Sabino na Academia Sobralense de Estudos e Letras (ASEL), 26 de agosto de 2009.

17 Fonte: Discurso do Acadêmico Gabriel de Assis Vasconcelos sobre Monsenhor Sabino na Academia Sobralense de Estudos e Letras (ASEL). Sobral-CE, 26 de agosto de 2009.

18 SANTOS, Carlos Augusto P. dos. Monsenhor Sabino: o anticomunista. *Correio da Semana*, Sobral-CE, 27 de novembro de 2004, reproduzido também no Discurso do Acadêmico Gabriel de Assis Vasconcelos sobre Monsenhor Sabino na Academia Sobralense de Estudos e Letras (ASEL), Sobral-CE, 26 de agosto de 2009.

Operário de Ipu, criado em 1932, é reativado na década de 1940, período de excelência em que se dava o embate entre as *hostes brancas* e as *hostes vermelhas*. Só para ficar neste exemplo, é

o olhar vigilante da Igreja em Ipu sob a liderança de Pe. Cauby [...] uma resposta à propagação das idéias comunistas e/ou socialistas que tem na Diocese de Sobral, sob a batuta de D. José Tupinambá da Frota e seus fiéis seguidores, como Monsenhor Sabino Loyola, o centro irradiador do anticomunismo<sup>19</sup>.

Embora a historiografia aponte o ano de 1932 como marco do circulismo no Brasil, com a fundação do Círculo Operário de Pelotas, Rio Grande do Sul, além de outras periodizações que vão desde a instalação do Estado Novo até 1964, o movimento circulista no Ceará, desde a Carta Pastoral de D. Manoel, datada de 08 de dezembro de 1912, apontava

para os propósitos de sua ação eclesial e de como estabeleceria, no plano político, estratégias que aproximassem a Igreja do poder temporal, objetivando exercer alguma influência sobre o último, além de receber favores e benefícios.<sup>20</sup>

Com efeito, analisando a estruturação desse projeto católico de organização dos trabalhadores no Ceará, a historiadora Jovelina dos Santos, no uso de suas fontes, assinala que, no ano de 1915, o Arcebispo D. Manoel e o Pe. Guilherme Waessen foram os responsáveis pela “implantação do circulismo em Fortaleza”<sup>21</sup>.

Na região noroeste do Estado do Ceará, as cidades de Camocim e Sobral apresentavam um cenário de ideias conflitantes, em que as “hostes brancas” e as “hostes vermelhas” se digladiavam na organização po-

19 LIMA, Francisco Petrônio Peres; SANTOS, Carlos Augusto P. dos. “Entrego meu peito á bala, mas não entrego o Ipu ao Madureira”. Comunistas e religiosos nos espaços do trabalho em Ipu-CE (1935-1946). In: *Revista Homem, Espaço e Tempo*. Universidade Estadual Vale do Acaraú-UVA Centro de Ciências Humanas-CCH. Março de 2009, p. 116.

20 SANTOS, Jovelina. *Círculos Operários no Ceará: “Instruindo, educando, orientando, moralizando”* (1915 – 1963). Coleção Mundos do Trabalho. Fortaleza, 2007, p. 57-58.

21 *Ibidem*.

lítica e ideológica dos trabalhadores. Em Camocim, o Círculo Operário surgia “como uma opção organizativa do operariado ‘cristão’, disputando os trabalhadores com os sindicatos onde se desenvolvia uma base da militância comunista”<sup>22</sup>. Em Sobral, o Círculo Operário, fundado em 1921, decorreu das relações da proximidade geográfica com o porto de Camocim, facilitando a disseminação das ideias favoráveis ao ideário católico.<sup>23</sup> Na concepção do clero sobralense, a organização católica “cuidaria da disciplina dos trabalhadores locais, inculcando-lhes valores morais e fornecendo-lhes assistência material de modo a mantê-los afastados da ‘perniciosa’ ideologia comunista”<sup>24</sup>. A assistência material poderia assumir várias faces. Em Camocim, a fundação de um posto médico foi a iniciativa que a Ação Católica conseguiu realizar, fruto da campanha desencadeada pelo Monsenhor Sabino Loyola, em setembro de 1945, a pedido do reverendo local, Pe. Inácio Magalhães:

Graças à bôa vontade do Comércio local, das Associações Pias e particularmente das Conferências Vicentinas, que cederam o prédio vicentino para a séde do posto médico, não foi preciso muito esforço nem a obra ofereceu grande dificuldade.

Temos recebido cartas do Conselho Vicentino informando-nos que o Posto Médico tem preenchido, com ingentes sacrifícios, a finalidade para que foi fundado.

Tem o Dr. Colares prestado de melhor bôa vontade, com grande dedicação os seus serviços clínicos à pobreza camocinense<sup>25</sup>.

Esse tipo de organização, portanto, demonstrou sua vitalidade, pelo que pôde ser pesquisado, na jurisdição da Diocese de Sobral, à época, conforme mostra o quadro a seguir:

22 SANTOS, Carlos Augusto Pereira dos. *Op. cit.*, p. 45.

23 SILVA JÚNIOR, Agenor Soares e. *A cidade disciplinada: a Igreja Católica e os trabalhadores urbanos em Sobral – Ceará (1920-1925)*. Recife, 2002. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal de Pernambuco.

24 SANTOS, Jovelina. Em campo contra o inimigo vermelho: a Igreja católica na disputa pela sindicalização dos trabalhadores rurais no Ceará. *In: Saeculum*. Revista de História [26]; João Pessoa, jan./jun.2012, p. 170.

25 *Correio da Semana*, Sobral-CE, 28 de maio de 1946, p. 1.

**Quadro 1** - Círculos Operários e similares na região noroeste do Estado do Ceará

NOME DA ENTIDADE	LOCAL	ANO DE FUNDAÇÃO
Círculo de Operários e Agricultores Católicos São José	Acaraú	1963*
BOC – Bloco Operário e Camponês	Camocim	1953
Círculo Operário de Camocim	Camocim	?
Círculo de Operários Católicos de Chaval	Chaval	1963*
Círculo Operário de Coreaú	Coreaú	1963*
Clube Operário Sete de Setembro	Crateús	1963*
Asilo Operário	Crateús	1963*
Círculo Operário de Campo Grande (Guaraciaba)	Guaraciaba	1941**
Círculo Operário de Ibiapina	Ibiapina	1963*
Círculo Operário São José	Ipu	1932
Círculo de Operários e Trabalhadores Cathólicos (Círculo Operário São José)	Ipueiras	1932
Círculo Operário São José	Ipueiras	1963*
Círculo Operário Rural de Itapajé	Itapajé	1963*
Círculo Operário de Itapipoca	Itapipoca	1963*
Círculo Operário de Irauçuba	Irauçuba	?
Círculo Operário de Independência	Independência	1963*
Círculo Operário de Massapê	Massapê	1963*
Círculo Operário de Monsenhor Tabosa	Monsenhor Tabosa	1963*
Círculo Operário e Trabalhadores de Nova Russas	Nova Russas	1941
Círculo Operário e Agricultores Católicos de Licânia	Santana do Acaraú	1963*
Círculo Operário de São Benedito	São Benedito	?
Círculo Operário Católico São José	Sobral	1931**
Círculo Operário de Tamboril	Tamboril	1963*
Círculo Operário de Tianguá	Tianguá	?
União Operária São José	Ubajara	1944
Círculo Operário São José	Ubajara	1961
Círculo Operário de Viçosa	Viçosa do Ceará	1932
TOTAL		27

\* Data em que as entidades aparecem na documentação. DOU, 1963.

\*\* *Correio da Semana*, Sobral-CE (1931,1941).

Os Círculos Operários, portanto, como associações que se gestaram no seio da Igreja Católica, dentro da perspectiva do Catolicismo Social, proposto pela encíclica *Rerum Novarum*, encontraram no Ceará

um campo fértil. Agremiar operários sob a doutrina cristã de controle social e ideológico faz do Círculo Operário um “sujeito coletivo ligado ao discurso de harmonia social e à práxis católica nas relações da Igreja com o mundo do trabalho”<sup>26</sup>. Embora tenham suas especificidades, os Círculos Operários, espalhados pelas cidades interioranas cearenses, seguiam quase sempre uma cartilha de procedimentos que tiveram como objetivo combater o “perigo vermelho”, notadamente em sua segunda fase, a partir das décadas de 1950 e 1960.

Portanto, várias eram as formas de combate. Não negando o “perigo vermelho” representado pelas ideias comunistas ou mesmo por outros credos que se apresentavam nesta conjuntura, como o protestantismo, o espiritismo, a maçonaria e mesmo o movimento rotariano, a Ação Católica de Sobral arregimentava seus militantes na promoção de diversos eventos, dentre eles a “Páscoa das Classes”. Nesse caso específico, entendemos que o conceito de classe não está se referindo como consequência das desigualdades sociais, posto que, na matéria jornalística em que se anuncia a celebração pascal dos trabalhadores sobralenses, faz-se referência apenas à que acontece entre o povo católico. Assim, é bastante sugestivo o modo harmônico como o termo “classe” é usado, apesar da diversidade de categorias profissionais apresentada. Desse modo, o texto jornalístico pontifica que as comissões encarregadas da “propaganda”, junto aos trabalhadores, estavam atuando e apelando, insistentemente, para que o maior número de pedreiros se aproximasse da “Mesa Eucarística”. Em seguida, é informado que seria realizada ainda a Páscoa dos “barbeiros, alfaiates, sapateiros, tipógrafos, “chauffers”, empregados de fábricas, soldados, carreteiros, carregadores d’água, engraxates, carroceiros e meninos pobres”. Essa foi a programação para o mês de maio de 1942. Para o mês de junho, a páscoa seria celebrada entre os caixeiros, os homens e os funcionários do comércio, os funcionários públicos etc.

Em tom triunfal, a matéria profetiza:

26 SOUZA, Janaína Timm de. *O revelar da memória: as ações sociais e culturais do movimento circulista em Pelotas/RS*. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural do Instituto de Ciências Humanas . Universidade Federal de Pelotas. UFPEL, 2011, p. 16.

A Ação Católica há de envidar todos os esforços para que, com a intensa propaganda, a páscoa das classes, este ano, seja uma grande afirmação de fé católica na nossa terra e um triunfo real de Jesus Cristo, rei imortal dos séculos.

Para que nenhuma "classe" ficasse esquecida, a Páscoa do ano seguinte inclui as empregadas do lar. Deste modo, o mês de maio foi dedicado à "Páscoa das Domésticas" em todas as paróquias da cidade de Sobral, onde os reverendíssimos padres pediam que as senhoras donas de casa mandassem suas "empregadas cumprir este preceito (ilegível) tão necessário à vida cristã".

Contudo, nem só de comunhão eucarística vivem ou viviam os operários católicos. No ano de 1943, em Sobral, a demonstração da Ação Católica ultrapassava os serviços referentes ao sacramento da comunhão. O domingo de 16 de maio foi destinado à "Festa dos Operários", com um extenso programa comemorativo ao quinquagésimo segundo aniversário da Encíclica *Rerum Novarum*, contando com a presença do Bispo Dom José Tupinambá da Frota. Eis o programa na íntegra:

**PROGRAMMA DA FESTA OPERARIA - COMEMORATIVA DO 52º ANIVERSÁRIO DA ENCICLICA "RERUM NOVARUM".**

---

- 15/5/891 - 15/5/943",

---

**DOMINGO 16 DE MAIO DE 1943**

Pela manhã: - na Catedral - Às 6 1/2 - Missa com comunhão geral dos Artífices, oficiada pelo Exmo. Sr. Bispo.

À Tarde: - Às 4 1/2 - *Concentração Operária, na Praça do Patrocínio, seguindo-se desfile pelas ruas da cidade.*

À Noite: - *Na Federação Mariana - SESSÃO MAGNA:*

- 1) Hino: Saudação aos Oper. pelo Educandário São José.
- 2) Porque nos reunimos - Ferreira Costa.
- 3) Influência de uma amiga (Quadro Social, representada pelas alunas do Educandário São José.)
- 4) Palavra ao Operariado - pelo Pe. Dr. Expedito Lopes
- 5) Jesus Modelo do Operário (Dialogo acompanhado ao violino)
- 6) Palavra á Juventude Operária Católica pela Srta. Josefa Lima.
- 7) O Operariado á Sombra da Bandeira (Apoteose).

Ao uso livre da palavra falou o operário José Wilson interpretando a gratidão do operário.

A sessão solene foi abrilhantada pela presença do Exmo. e Revmo. Sr. Bispo que deste modo mais uma vez patenteou seu apreço ao operariado.

A comissão encarregada da festa agradece, de publico, a valiosa cooperação do Educandário S. José que pelos trabalhos de sua digníssima Diretora, emprestou grande brilhantismo à sessão.

Também ao Presidente e Vice-Presidente do Circulo Operário respectivamente senhores Luis de França e Antonio Sampaio confessa dever grande parte do êxito da brilhante festividade.

O desejo de levar à Mesa Eucarística o maior número de trabalhadores distribuídos nas mais diversas categorias profissionais (e até crianças pobres, que provavelmente trabalhavam), aliado à intensa propaganda para tal fim, faz-nos compreender que, nesse momento, viviam-se tempos belicosos no terreno das ideologias e no esforço de agremiar homens e mentes.

## REFERÊNCIAS

LIMA, Francisco Petrônio Peres; SANTOS, Carlos Augusto P. dos. “Entrego meu peito á bala, mas não entrego o Ipu ao Madureira”. Comunistas e religiosos nos espaços do trabalho em Ipu-CE (1935-1946). In: **Revista Homem, Espaço e Tempo**. Universidade Estadual Vale do Acaraú-UVA Centro de Ciências Humanas-CCH. Março de 2009.

LUSTOSA, Oscar de Figueiredo. “Introdução: Os bispos do Brasil e a Imprensa”. In: **Os bispos do Brasil e a Imprensa**. São Paulo: Loyola: CEPEHIB, 1983.

RIBAS, Ana Claudia Ribas. A Boa Imprensa, a Política e a Família: os discursos normatizantes no jornal *O Apóstolo* (1929-1959). **Espaço Plural**. Ano XII. Nº 24. 1º Semestre 2011.

SANTOS, Carlos Augusto Pereira dos. **Cidade Vermelha: A militância comunistanos espaços do trabalho**. Camocim-CE (1927-1950). Fortaleza: NUDOC/BNB/TRT-CE, 2007. (Coleção Mundos do Trabalho).

SANTOS, Jovelina. **Círculos Operários no Ceará: “Instruindo, educando, orientando, moralizando”** (1915 – 1963). Coleção Mundos do Trabalho. Fortaleza, 2007.

SANTOS, Jovelina. Em campo contra o inimigo vermelho: a Igreja católica na disputa pela sindicalização dos trabalhadores rurais no Ceará. *In: Saeculum*. Revista de História [26]; João Pessoa, jan./jun.2012.

SILVA JÚNIOR, Agenor Soares e. **A cidade disciplinada:** a Igreja Católica e os trabalhadores urbanos em Sobral – Ceará (1920-1925). Recife, 2002. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal de Pernambuco.

SILVEIRA, Diego Omar. A peleja pela “Boa Imprensa”: reflexões sobre os jornais da Igreja, a romanização dos costumes e a identidade católica no Brasil. Trabalho apresentado no GT de História da Imprensa, integrante do 9º *Encontro Nacional de História da Mídia*, 2013.

SOUZA, Jessie Jane Vieira de. *Círculos Operários: A Igreja Católica e o Mundo do Trabalho no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2003.

SOUZA, Ney de (Pe.). Ação Católica, Militância Leiga no Brasil: méritos e limites. **Revista de Cultura Teológica** - v. 14 - n. 55 – abr./jun. 2006.



**O “SOLDADO” DA IGREJA NAS PÁGINAS  
DO “CORREIO DA SEMANA”: FRAGMENTOS  
DAS PERFORMANCES DO PADRE SABINO  
GUIMARÃES LOYOLA NA DÉCADA DE 1940**

*Thiago Braga Teles da Rocha<sup>1</sup>*

**Poética II**

Com as lágrimas do tempo  
E a cal do meu dia  
Eu fiz o cimento  
Da minha poesia.

E na perspectiva  
Da vida futura  
Ergui em carne viva  
Sua arquitetura.

Não sei bem se é casa  
Se é torre ou se é templo:  
(Um templo sem Deus.)

Mas é grande e clara  
Pertence ao seu tempo  
- Entrai, irmãos meus!  
(VINICIUS DE MORAES, 1962)<sup>2</sup>.

- 
- 1 Mestre em História e Culturas pelo MAHIS/UECE. Especialista em Ensino de História do Ceará pela UVA. Licenciado em História pela UVA. Professor da Secretaria de Educação do Estado do Ceará - SEDUC/CE. Ex-bolsista do Programa de Educação Tutorial – PET História/UVA. E-mail: thiagorochoa90@outlook.com.
  - 2 Disponível em: <http://www.viniciusdemoraes.com.br/pt-br/poesia/poesias-avulsas/poetica-ii>. Acessado em 5 de agosto de 2018.

A vida do Monsenhor Sabino Guimarães Loyola tem similitudes com a poesia de Vinicius de Moraes. Em seu extenso tempo de vida (95 anos, entre 25 de agosto de 1909 e 7 de janeiro de 2005), o clérigo oriundo do antigo distrito de Forquilha transformou sua vida em uma poesia carregada de solidez a partir da dedicação à sua função social e religiosa. Foi, certamente, um dos mais atuantes na construção da estrutura eclesiástica, política e social da Diocese de Sobral ao longo do século XX.

De fato, Monsenhor Sabino perpassou por batalhas que expuseram toda a sua vitalidade, deixando-o, anedoticamente, em carne viva. Entretanto, ao contrário de Vinicius, a sua casa, a sua torre e o seu templo tinham um lugar reservado e direcionado para Deus. A sua atuação religiosa é de uma solidez incontestável. Suas escolhas denotam uma aproximação com conceitos litúrgicos de forma profunda.

Entretanto, como qualquer um, sua obra é humana. É marcada pelo tempo em que viveu. Entraremos em fragmentos de suas construções, dando especial atenção às paredes erguidas nos anos 1940, enquanto fora colaborador e diretor do *Correio da Semana*, o principal porta-voz dos discursos da Igreja Católica na cidade de Sobral. Esse será o fio condutor de nossa escrita<sup>3</sup>.

Não pretendo julgar, nesta narrativa histórica, as ações desse sujeito a partir do prisma de *herói* e *bandido*, de *bem* e *mal*, de *mocinho* e *vilão*. Não é tarefa do historiador julgar os homens por ele estudados. Minha responsabilidade não é a de “condenar” ou “absolver”, e sim, narrar, esperando a revisão dos estudos pela constante reescrita da história<sup>4</sup>.

3 Sobre a relevância dos “fios” para a condução do enredo na narrativa histórica, Hayden White afirma que, “Os fios são identificados, estendidos para fora, na direção do espaço natural e social circundante dentro do qual ocorreu o evento, e para a frente no tempo, a fim de determinar seu ‘impacto’ e ‘influência’ sobre os eventos subsequentes”. WHITE, Hayden. **Meta-História: A Imaginação Histórica do Século XIX**. Tradução de José Laurência de Melo. 2. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008. p. 23).

4 Concordo com Paul Ricoeur sobre as especificidades que separam a função do Historiador e do Juiz. Segundo o filósofo, “O que acontece, então, com o confronto entre a tarefa do juiz e a do historiador? [...] O juiz deve julgar – é sua função. Ele deve concluir. Ele deve decidir. Ele deve reinstaurar uma justa distância entre o culpado e a vítima, segundo uma topologia imperiosamente binária. Tudo isso, o historiador não faz, não pode, não quer fazer; se tenta, com o risco de erigir-se sozinho em tribunal da história, é ao preço da confissão da precariedade de um julgamento cuja parcialidade e até mesmo a militância ele reconhece. Mas então,

Conheci o Monsenhor Sabino Guimarães Loyola quando eu tinha cerca de dez anos de idade. Ele celebrava missas, já nonagenário, em sua residência, onde mantinham uma capela. Minha mãe, muito católica, levava-me, junto ao meu pai, às missas em algumas oportunidades. Era surpreendente a força de vontade do clérigo em realizar suas atividades apesar da idade elevada e do pesar dos anos que ela o causou. Eu, enquanto criança, não conseguia entender muito de sua palavra na homilia, mas compreendia que era uma palavra firme, direta e, diferentemente de outros padres, com um discurso carregado de memórias, ligado a uma tradicional perspectiva de Igreja.

Pouco tempo depois, comecei a auxiliá-lo nas missas. Era também meu confessor, bem como de meus pais. Nessa experiência de convívio mais próximo, quase que diário, fui impactado com algo diferente da liturgia e das coisas da religião. A sua biblioteca era gigantesca e sedutora. Talvez a memória me faça reinventá-la hoje, imaginando-a maior do que era, mas aquele cômodo grande, arejado, com lances de estantes e uma infinidade de livros ainda me assustam. Sem dúvidas, aquele padre velho, rígido e marcado pelo peso da vida, outrora teve uma grande atividade intelectual. Eu pensava, “será que esse senhor leu isso tudo mesmo?”

Anos passaram, o Monsenhor Sabino faleceu em 2005, e eu deixei de auxiliar em missas, anos depois, na Paróquia de Nossa Senhora do Patrocínio, onde ele foi pároco por muitos anos e tem um busto em sua homenagem na praça da Igreja. Em 2011, já como estudante do Curso de História da UVA e bolsista do Programa de Educação Tutorial – PET, o reencontrei, o redescobri. Foi naquele *arquivo* que comecei a conhecer o personagem por outro ângulo. Ali dei o início às minhas inquietações como historiador.<sup>5</sup> É sobre esse então ainda Padre Sabino que escreverei

---

seu julgamento audacioso é submetido à crítica da corporação historiadora e à do público esclarecido, sua obra oferecida a um processo ilimitado de revisões marca a diferença entre um julgamento histórico e provisório e um julgamento judicial definitivo”. RICOEUR, Paul. *A memória, a história e o esquecimento*. Tradução de Alan François. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2007. p. 335.

5 A busca pelo princípio, especialmente em história, parte de um arquivo. A palavra advém de *arkhê* que, como pensa Jacques Derrida, “[...] designa ao mesmo tempo o *começo* e o *coman-*

as próximas linhas, a partir de sua intrínseca relação com o *Correio da Semana* e com a Igreja Católica. Mas, obviamente, essas próximas linhas nunca esquecerão do velhinho rígido daquela biblioteca que conheci ainda criança<sup>6</sup>.

Perpassando pelo processo de digitalização enquanto bolsista, certa vez, vi um texto assinado pelo Padre Sabino. Creio que aquilo tenha sido o pontapé inicial de minha atividade de pesquisa e minha atuação como historiador. O texto revela o erudito que era aquele jovem clérigo, ainda com pouco mais que trinta anos de idade, dentro do contexto da Segunda Guerra Mundial, refletindo sobre o pensamento de Alfred Rosenberg, um dos principais intelectuais do Nazismo. Acompanhemos um fragmento,

Rosenberg, o filósofo do Nazismo, num artigo publicado em Novembro de 1938 afirmou: “O Nacionalismo está disposto a proteger a Europa contra as ideias – hostis à vida e destruidoras dos povos – da maçonaria, do judaísmo, do marxismo e da igreja romana”. Alfredo Rosenberg é a cabeça que pensa e Hitler, a vontade que impera a execução. [...] A Igreja Católica marchando ombro a ombro com os famigerados inimigos da humanidade, Belíssimo!<sup>7</sup>.

Percebemos que o jovem clérigo era, antes de tudo, um combativo soldado<sup>8</sup> da Igreja Católica em Sobral. O combate intelectual, em um

---

*do*. Este nome coordena aparentemente dois princípios em um: o princípio da natureza ou da história, ali onde as coisas começam – princípio físico, histórico ou ontológico -, mas também o princípio da lei *ali onde* os homens e os deuses *comandam*, *ali onde* se exerce a autoridade, a ordem social, *nesse lugar* a partir do qual a *ordem* é dada – princípio nomonológico”. DERRIDA, Jacques. *Mal de arquivo: uma impressão freudiana*. Tradução de Claudia de Moraes Rego. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001. p. 11.

6 Este texto é escrito a partir de discussões e contém trechos de escritos que mantive em duas de minhas pesquisas. A Primeira foi a minha monografia de conclusão de curso, intitulada “As Lides da Boa Imprensa: A atuação e os discursos da Igreja Católica em Sobral (1941 - 1943)”. A segunda foi minha dissertação de mestrado, “De quem é Sobral?: as práticas letradas, as tensões políticas e a disputa pela temporalidade na Igreja Católica (1945 - 1953)”. Em ambos os trabalhos, o Padre Sabino teve fundamental na construção de minhas discussões e na inquietação da minha pesquisa. Sou grato a ele.

7 *Correio da Semana*, Sobral-CE, 14 de fevereiro de 1941, p. 1.

8 Esta perspectiva de padres e leigos em Sobral como “soldados” da Igreja é, em vários momentos, usada como recurso para explicar a atuação dos clérigos e dos leigos nas disputas, principalmente simbólicas, em minha pesquisa. É uma perspectiva de “militarização”, conceito que segundo Pierre Bourdieu, “[...] consiste em basear a autoridade na situação de ‘guerra’ com que se defronta a organização e que pode ser produzida por um trabalho sobre representação da situação, a fim de produzir e de reproduzir o medo de ser contra, fundamento último de todas as disciplinas militantes ou militares”. BOURDIEU, Pierre. **O Poder Simbólico**. Tradução de Fernando Tomaz. 14. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010, p. 202.

momento em que o Brasil ainda não havia declarado guerra aos nazistas (fato ocorrido apenas em 22 de agosto de 1942), era uma alternativa para a desconstrução da ideologia totalitária. Mais do que isso, era uma forma também de defesa da Igreja Católica.

Era uma associação muito profunda e negativa, dentro da lógica católica da época, a proferida por Rosemberg e citada por Sabino. Maçonaria, judaísmo e marxismo eram perspectivas combatidas pela Igreja historicamente. Desta forma, associá-las à Igreja Católica era antes de tudo uma afronta aos princípios partilhados naquele contexto. Isso fica evidente ao longo do texto, no qual judaísmo, maçonaria e marxismo são considerados pelo Padre Sabino como “famigerados inimigos da humanidade”.

A atividade intelectual do Padre Sabino nas páginas do *Correio da Semana* não era, de certo, passiva. O clérigo utilizava o jornal como palco para a construção de suas batalhas, *Práticas letradas*<sup>9</sup> que produziam uma ação sobre a narrativa do tempo e da Igreja. A reflexão era crítica tanto sobre a conceituação do olhar do *outro* sobre a Igreja quanto sobre as ações que os católicos deveriam desempenhar. Segundo Sabino, complementando as problemáticas inerentes ao que se devia ou não fazer naquele contexto bélico,

Ante a dolorosa situação da Igreja naqueles países [como a Polônia], qual deve ser a posição do católico que a Esposa de Cristo e sente com ela, na qualidade de membro do seu Corpo Místico? Mais claramente: pode o católico desejar o triunfo da Alemanha hitlerista?<sup>10</sup>

A reflexão partia de um exemplo histórico, a questão da situação da Igreja Católica nos países ocupados pelo Nazismo. A resposta da per-

---

9 Refletindo acerca do que seriam as *práticas letradas*, Gleudson Passos Cardoso afirma que, “Em relação às *práticas letradas*, essas são as realizações praticadas cotidianamente em prol do letramento, como a difusão das ideias e visões de mundo e de sociedade através da leitura em gabinetes e círculos de leitores; da impressão e circulação dos textos em livros, revistas e jornais e da promoção de saraus e debates nas associações e grêmios literários, científicos e filosóficos, com a produção intelectual ordinária, ritualizando o saber letrado”. CARDOSO, Gleudson Passos. *Práticas letradas e a construção do mito civilizador*: “luzes”, seca e abolicionismo em Fortaleza. Fortaleza: Museu do Ceará; Secretaria de Cultura do Ceará, 2016, p. 15.

10 *Correio da Semana*. Sobral-CE, 14 de fevereiro de 1941, p. 1.

gunta revela ainda mais a erudição do Padre Sabino dentro da rede de diálogos e informações do início da década de 1940. Ele justifica seu texto a partir das ideias de um cardeal inglês, de nome Arthur Hinsley, Arcebispo de Westminster, maior catedral católica da Inglaterra. O cardeal tratava o Nazismo como uma tendência ideológica de origem pagã, tratando-o como uma perspectiva que em muito entrava em confronto com o catolicismo. Segundo Arthur Hinsley, o combate entre Católicos e Nazistas “é o combate entre a luz e as trevas”.

Além da questão ideológica e teológica que, de fato, opõem conceitualmente e estruturalmente o nazismo e catolicismo, a questão do *lugar social de produção*<sup>11</sup> também deve ser elencada como um importante ponto de interpretação do discurso produzido por Hinsley e partilhado por Sabino. A Igreja Católica na Inglaterra, bem como nos países “Aliados”, é uma das grandes produtoras de práticas letradas que se caracterizavam pela oposição e desconstrução do ideário nazista.

Entretanto, é após a Segunda Guerra Mundial, quando o Padre Sabino se torna Diretor do *Correio da Semana*, que percebemos uma atuação mais concreta do clérigo como soldado a serviço da Diocese de Sobral. No dia 30 de março de 1946, é publicada uma sequência importante de textos que evidencia as opções políticas e ideológicas do clérigo. Mais do que isso, imprime nas páginas do jornal um retrato de sua intensa personalidade.

Os textos são oriundos de uma disputa com o Deputado Francisco de Almeida Monte, o Chico Monte, um dos mais importantes políticos locais ao longo da primeira metade do século XX. Dias antes, O *Correio da Semana* fez um comentário sobre a posse do novo prefeito de Sobral, Dr. João Melo. Nele, deixa a entender que havia a interferência de outros políticos, sem citar nomes, com interesses não pelo progresso da cidade, mas pela própria promoção pessoal. Chico Monte envia um telegrama para o Padre Sabino, reproduzido na íntegra na edição do jornal. Segundo o telegrama,

---

11 Ver: CERTEAU, Michel de. *A Escrita da História*. Tradução de Maria de Lourdes Menezes. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010. p. 56.

## **Telegrama do Deputado Francisco Monte ao Diretor do 'Correio'**

**Padre Sabino Loyola – Sobral**

Lendo Correio Ceará dia 18 transcrição trecho comentário *Correio da Semana* sobre nomeação Dr João Melo vg cumpre-me declarar vossa reverendíssima não posso concordar tenha autoridade para querer interferir assunto político pessedista vg tendo sido ardoroso propagandista Brigadeiro atacando General Dutra também posse adiantar que como chefe político só posso desejar desenvolvimento progresso. Sobral vg extranhando [sic] e lamentando esteja jornal Diocese abertamente facioso em questão puramente política vg sem compreender fatos desviando finalidade superior espiritual imprensa católica. FRANCISCO MONTE<sup>12</sup>.

Na lógica apresentada pelo deputado, os assuntos ligados à política não poderiam ser matéria de discussão em um jornal de cunho religioso. A linha editorial, segundo essa premissa, deveria ignorar assuntos políticos, principalmente do PSD. Chico Monte se apresenta claramente como um chefe político, o que de fato era, monopolizando assim a posse de um discurso de interferência.

Outros dois pontos são de grande destaque nesse texto. Primeiramente, o destaque dado às ações realizadas pelo Padre em ser “ardoroso propagandista” dos “ataques” do Brigadeiro Eduardo Gomes contra o General Eurico Gaspar Dutra no contexto das eleições de 1945 para presidente da república. Outro, mais institucional ainda, foi a de conceituar o jornal da Diocese como facioso, ou seja, como um incentivar de movimentos contra um poder estabelecido. Dessa forma, Chico Monte se mostrava como um defensor de seu lugar como poder estabelecido e combatente contra quaisquer críticas que surgiam contra si.

O telegrama não ficou sem resposta. Como estratégia discursiva, a fim de embasar sua lógica de defesa e também de ataque, o Padre Sabino faz questão de reproduzir o seu telegrama enviado ao Deputado Chico Monte. Nele, em uma linguagem que denota muito mais uma *performance pública* do que uma resposta pessoal, Sabino escreve as seguintes linhas,

12 *Correio da Semana*. Sobral-CE, 30 de março de 1946, p. 1.

### **Resposta do Diretor do “Correio”**

**Cel. Francisco Monte – Natal Hotel – Rio**

Orgão independente *Correio da Semana* dispensa seu beneplácito como qualquer político apreciação fatos relacionados progresso comuna célula grandeza nacional pt Jornal católico não abdica sentimentos brasilidade pt Quem ditou termos telegrama desconhece linha conduta semanário Diocese esquecendo facioso seria se frequência tratasse assuntos política apresentados favoravelmente mesmo partido pt Sua afirmação ataquei General Dutra constitue inverdade pt Quem trabalhou trapézio partido sindicalista mostrou-se sempre indiferente causa católica fechou olhos necessidades contrerâneos não se interessou instituições locais qualquer gênero, não fez único melhoramento, limitou-se pedir empregos correligionários, travou ação repressiva polícia favor desordeiros não possui absolutamente força moral dizer deseja progresso Sobral, nem delo cristão censurar orientação definida jornal aplaudirá autoridades combatem chagas morais promovem bem coletivo pt Poderia citar fatos provam Vossenhoria impediu desenvolvimento município. – **PE Sabino Loyola Diretor Correio**<sup>13</sup>.

O *Correio da Semana*, segundo a defesa de seu diretor, era um órgão independente que não precisaria da “bênção” de qualquer político para poder existir. Os sentimentos nacionalistas estavam presentes ali no jornal católico e justificavam suas ações. Além disso, o Padre Sabino negou ter feito ataques ao General Dutra e, além disso, demonstra que em sua lógica, ser facioso seria defender apenas um partido político.

Entretanto, é a segunda parte do telegrama que ganha maior destaque. Sabino passa da defesa ao ataque, evidenciando que seu temperamento e sua conduta passavam longe de ficarem apenas no campo da defensiva. O clérigo, no jornal de maior circulação da cidade Sobral, demonstra que o deputado foi indiferente a “causa católica”, além de ter deixado de lado o progresso da cidade e quaisquer melhoramentos em prol de favorecimentos para correligionários. Mais do que isso, segundo o padre, ele poderia citar exemplos de fatos que impediram o desenvolvimento do município

13 *Correio da Semana*. Sobral-CE, 30 de março de 1946, p. 1.

de Sobral. Sendo assim, o deputado não teria condições morais, segundo esse discurso, para falar que desejava o progresso de Sobral.

A perspectiva de avaliação e envolvimento político do Padre Sabino não se encerra aí. Na verdade, ele é aprofundado em um artigo seu, publicado na mesma página. É um texto simbólico, que visava marcar território nas disputas simbólicas pela cidade de Sobral, imprimindo um ponto de vista de independência da Igreja Católica frente às disputas políticas pela cidade.

O texto é intitulado de “De quem é Sobral?”, questão provocativa para uma cidade disputada politicamente e simbolicamente por diferentes grupos políticos, inclusive, pela Igreja Católica, que não abria mão de ser protagonista nas lides cidadinas. Segundo Sabino,

Outrora quando os Ouvidores e Corregedores inauguram as suas audiências gerais, começavam por perguntar aos presentes: De quem é esta vila? A resposta era: D’El Rei Nosso Senhor. [...] Hoje passado a período [sic] ditatorial se um diretor de jornal em Sobral quer escrever sobre os acontecimentos que se referem à vila da cidade, ao seu progresso, (só um palpitezinho!) terá que fazer idêntica pergunta: de quem é esta cidade E não duvidamos que brotasse de alguns lábios esta resposta: é do seu Chico Monte! [...] Isso de ser chefe político não nos interessa. Ademais não lhe devemos um só favor de ordem política. Adeus, seu Chico, passe bem e volte ao Ceará com firmeza depois de ter perdido a terceira cartada<sup>14</sup>.

O texto de Sabino demarcou claramente as relações de cisão na cidade naquele contexto. O clérigo aponta, claramente, que, em um período democrático (poucos meses depois do fim do Estado-Novo), não iria aceitar passivamente uma perspectiva de censura. Os valores republicanos e democráticos são expostos em contraponto à monarquia e à ditadura, demonstrando que as ações de Chico Monte pertenciam a uma premissa do passado. O cenário democrático seria marcado por novos jogos de poder, nos quais a Igreja também deveria se posicionar.

14 *Correio da Semana*. Sobral-CE, 30 de março de 1946, p. 1.

Esses novos jogos ainda mantinham velhos jogadores. Dom José Tupinambá da Frota e o Dr. José Saboya de Albuquerque protagonizaram importantes conflitos e disputas simbólicas pela cidade de Sobral entre os anos de 1945 e 1947. Tais importantes personagens sobralenses já tinham tido disputas nas décadas de 1910 e 1920 orientadas pelos seus anseios de cidade que desejavam. É a partir desse contexto que Dom José se torna bispo (1916) e passa a colocar em prática a construção de várias obras diocesanas como a Santa Casa de Misericórdia, os Colégios Sobralense e Sant'Ana, o Seminário Diocesano e o *Correio da Semana*, importantíssimo palco para a publicação dos discursos da Igreja Católica em Sobral e região.

Em 1945, o *Correio da Semana* já estava estabelecido como o grande jornal da cidade. Tinha vencido concorrentes ideológicos ao longo do tempo, como “A Lucta”, de Deolindo Barreto, “O Rebate”, de Vicente Loyola, e “A Ordem”, de José Saboya. Nesse ano o Padre Sabino Guimarães Loyola já era o diretor do jornal, responsável por selecionar e publicar os discursos existentes no jornal.

Em fins de 1946, estava ocorrendo a campanha para governo do estado do Ceará. Dois candidatos apareciam com grande destaque na disputa, o General Onofre Gomes Muniz, oriundo de Camocim e filiado ao Partido Social Democrático (PSD), e o candidato Faustino Albuquerque, oriundo de Pacatuba e desembargador do estado, atuando como presidente do Tribunal Regional Eleitoral, filiado à União Democrática Nacional (UDN).

Ao longo da campanha, a Igreja Católica passou a apoiar informalmente o nome do General Onofre em detrimento de Faustino Albuquerque. Isso, em nível estadual, pode ser explicado pelo apoio declarado que o então Partido Comunista do Brasil (PCB) ofereceu ao candidato da UDN. Em nível municipal, há um outro claro motivo para a participação de clérigos no apoio ao General do PSD. O líder da UDN em Sobral era o Dr. José Saboya de Albuquerque, antigo rival de Dom José.

O Dr. José Saboya tinha interesses nas eleições estaduais para poder finalmente voltar a ter relações políticas intrínsecas com o executivo es-

tadual. Durante o período getulista (1930 a 1945) e o governo de Menezes Pimentel, que era alinhado com os interesses da Igreja no Ceará, Dr. José Saboya viu sua influência política diminuir, chegando ao ponto de ter a sua aposentadoria imposta de forma compulsória em 1935.

A redemocratização serviu para ofertar novamente ao magistrado e industrial sobralense novos flertes com o poder. Um de seus genros, Plínio Pompeu de Saboya Magalhães, por exemplo, foi eleito senador federal em 1945. A campanha para o executivo trouxe novos embates entre ex-juiz e clérigos na cidade, com destaque para a participação do bispo, Dom José Tupinambá da Frota, e do então diretor do *Correio da Semana*, Padre Sabino Guimarães Loyola.

Em fins de dezembro 1946, o Desembargador Faustino Albuquerque veio a Sobral e participou de um jantar no Palace Club, importante clube da cidade daquele período. Nele, segundo os documentos datilografados contidos no fundo documental Padre João Mendes Lira, o Dr. José Saboya afirmou,

A questão eleitoral, assim, no Ceará, se deslocou do terreno da confiança política, para o domínio da afinidade religiosa, chegando os pretensos diretores da consciência católica, a dirigir questionários aos candidatos, perscrutando-lhes o fôro íntimo e querendo torna-los responsáveis pela ajuda que os eleitores taxados de indignos lhes viessem espontaneamente oferecer<sup>15</sup>.

O *Correio da Semana* foi o porta-voz da indignação clerical para com o “brinde” do Dr. José Saboya. Padre Sabino foi um dos protagonistas, junto com o próprio bispo de Sobral, Dom José, na construção das *práticas letradas* que objetivavam defender a Igreja Católica em Sobral e marcar posição nas disputas pela cidade. Isso é intimamente ligado à trajetória de vida de Sabino.

Padre Sabino tinha o perfil de membro participativo do clero sobralense. Nascido no até então distrito de Forquilha da cidade de Sobral,

---

15 Museu Dom José. Fundo Padre Lira.

em 1909, foi membro da primeira turma de seminaristas ordenados pelo Seminário Diocesano – uma das construções de maior orgulho de Dom José – entrando aos 16 anos de idade em 1925 e sendo ordenado padre dez anos depois em 1935<sup>16</sup>.

Ainda nos tempos de seminarista, vivendo parte da formação no Seminário da Prainha de Fortaleza, mantinha intenso contato epistolar com o Bispo, também seu padrinho, com quem buscava recomendações pessoais e religiosas. Nas cartas, contava experiências, aventuras e descobertas vivenciadas em Fortaleza. Em uma delas, é perceptível sua decisão retilínea de adentrar a vida sacerdotal, tendo ele confidenciado a Dom José que “Como sabe muitas vezes tenho dito a meu Padrinho, que o meu desejo é ser padre, e hoje ainda tenho o mesmo ideal. Além disso alimento bons sentimentos: quando fôr me entregarei com ardor e zelo à salvação das almas”<sup>17</sup>.

Sabino foi, durante sua jornada, Secretário do Bispado, Reitor do Seminário Diocesano, Diretor do *Correio da Semana* e fundador da *Rádio Educadora do Nordeste*, além de um dos grandes incentivadores da Ação Católica em Sobral. Certamente foi um dos mais intensos combatentes católicos na cidade. Foi um personagem importante para as relações de poder em Sobral. É um sujeito de temperamento forte e muitas vezes individualizado, que pode ser pensado na perspectiva de Goffman, que afirma que “A coerência expressiva exigida nas representações põe em destaque uma decisiva discrepância entre nosso eu demasiado humano e nosso eu socializado”<sup>18</sup>. Entendemos que Sabino se encaixava entre uma prática política individual e um coletiva, e como componente de um grupo marcado por intencionalidades coletivas. Tinha também o

16 Data da ordenação: 10 de fevereiro de 1935. Ver: MONT'ALVERNE, Glória Giovana Saboya; GOMES, Gonçalo de Pinho; ROCHA, Manoel Valdery da. *Centenário da Diocese de Sobral – 1915 – 2015*. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2015, p. 62.

17 *Cartas para Dom José*. Pasta 10. Disponível no Núcleo de Estudos e Documentação Histórica – NEDHIS, vinculado ao Curso de História da Universidade Estadual Vale do Acaraú – UVA.

18 GOFFMAN, Erving. *A representação do eu na vida cotidiana*. Tradução de Maria Célia Santos Raposo. Petrópolis, RJ: Vozes: 1985, p. 58

reconhecimento intelectual, sendo componente da Academia Sobralense de Estudos e Letras – ASEL<sup>19</sup>.

Voltando às disputadas ligadas às eleições executivas estaduais de 1947, foi simbólica a publicação, no dia 4 de janeiro de 1947, de um importantíssimo artigo assinado pelo Padre Sabino. O título visava marcar posição nos combates, tornando o Padre Sabino como um dos principais “soldados” da Diocese de Sobral. O texto *O Anticlericalismo do Dr. José Saboya ao lado dos Inimigos da Igreja*, onde expunha, entre outros pontos, que,

Em Sobral o Dr. José Saboya achou de fazer côro com os inimigos da Igreja. [...] fez intempestivo discurso em que atacou, faltando apenas declinar-lhes o nome, a Circular do Sr. D. Antônio Lustosa e a Ação Católica.

Poz-se desta maneira, com o espírito laicista e anti-clerical que o caracteriza, ao lado dos inimigos da Igreja, revelando-se dócil ao sentido apelo dos comunistas [...].

Sociedade perfeita, a Igreja possui os seus departamentos e órgãos, legitimamente autorizados, pelos quais se movimenta e atua na defesa dos seus direitos inauferíveis. [...]

Para S.S. os integralistas são a corja maldita, os vendedores da Pátria, os que puseram os barcos brasileiros a pique. E os comunistas o que são? Defina-os também. Se as posições dessas correntes estivessem trocadas, a corja maldita, apostaríamos, não seriam os integralistas, mas os comunistas.

Fiquemos hoje por aqui, já que o assunto é fértil e o manancial inexgotável<sup>20</sup>.

Assumindo uma lógica de defesa institucional, o Padre Sabino empreendeu uma série de ataques à postura do Dr. José Saboya no jantar realizado no Palace Club, em homenagem ao Desembargador Faustino Albuquerque. Ao mesmo tempo, apresenta a Igreja como uma “sociedade perfeita” que, dessa forma, estaria sendo vítima da associação do ex-juiz aos “inimigos da Igreja”, representados principalmente pelos “comunistas” que nutriam apoio, naquelas eleições, à UDN.

19 Ver: MELO, Francisco Dênis. *Os Intelectuais da Academia Sobralense de Estudos e Letras – ASEL e a Invenção da Cidade Letrada (1943-1973)*. 2013. 205f. Tese (Doutorado em História) - Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2013.

20 *Correio da Semana*. Sobral-CE, 4 de janeiro de 1947, p. 2.

Há, nesse trecho, ainda, uma clara defesa do Integralismo, tendência ideológica que teve grande destaque ao longo da década de 1930, frente à postura do Dr. José Saboya de Albuquerque. Existiu um esforço de construir uma oposição entre comunismo e integralismo, invalidando um em contraponto ao outro. O comunismo é, como já vimos em outro texto de Sabino em 1941, sempre associado como um inimigo da Igreja ou da humanidade. Mas, se não bastasse a associação ao comunismo, talvez fosse necessária a associação à dominação sobre os empregados na forma de um rico industrial capitalista. Na continuação de seu texto, Sabino afirmou que,

O procedimento [...] do dr. José Saboya em relação ao voto dos operários da fábrica está em flagrante oposição aos princípios democráticos que prega. Nas eleições do dia 2 de dezembro os “fabricantes” puseram se em fila deante da Fabrica de Tecidos para receber as chapas q’ ali-se-lhes impunham, sem se dar aos mesmos liberdade de escolha entre os candidatos do partido. Depois desfilaram rumo às secções eleitorais, sob o olhar vigilante e atento dos guardas do “procer” politico. E em Sobral se sabe que ameaça pesava sobre os operarios, se por ventura os democráticos patrões da Fabrica de Tecidos soubessem que votaram com outro partido seriam despachados do serviço. Perderiam o emprego por que a [sic] agora tanto zelo em salvaguardar o “foro intimo” dos candidatos católicos contra a orientação e esclarecimento que os Bispos querem dar aos fieis em face dos perigos iminentes desta hora gravíssima da história? <sup>21</sup>.

Não importava a contradição associativa, importava o processo de desconstrução do *outro*. A estratégia de desconstrução do outro entendida por Sabino é estruturada na associação de seu discurso às ações depreciativas do *outro*. Ser um rico industrial que imprimia sobre seus funcionários um poder político em moldes coronelistas também deveria ser evidenciado.

O *Correio da Semana* passa a funcionar como o grande propagador de discursos dos clérigos envolvidos no conflito contra o grupo da

21 *Correio da Semana*. Sobral-CE, 4 de janeiro de 1947, p. 2.

UDN. Sabino é o principal soldado nessas lides. Em 14 de janeiro, mesmo dia em que Dom José publica o texto “Por que vês tu o argueiro no olho do teu irmão, e não vês a trave no teu?”, o Padre Sabino publica outro artigo tenaz dirigido contra o grupo político do Dr. José Saboya. Em seu “Quem é o candidato dos comunistas?”, o clérigo expõe que,

Claro ficou que dos dois candidatos à Presidencia do Estado não é o General Onofre o que conta com o apoio oficial dos vermelhos e dito claramente a nota de esclarecimento aos eleitores católicos. Daí terá que se concluir, logicamente, que os comunistas apoiam o Desembargador? De nenhum modo. Seria uma ilação apressada e apaixonada, por que poderia suceder que o PCB não desse o seu apoio a nenhum dos ilustres candidatos<sup>22</sup>.

O discurso, nessa parte do texto, corrobora com a ideia de que a Igreja não deveria tomar partido algum nas eleições, apenas indicando os candidatos que não deveriam ser votados. Se Faustino não se identificasse com a égide comunista, não deveria ser atacado de forma “apressada e apaixonada”. Porém, na sequência, a ordem do discurso muda de figura, “Deante, porém, dos factos e das circunstancias reais dissipam se as duvidas e faz crer aos que refletem desapassionadamente que de fato os comunistas apoiam a candidatura do Desembargador [...]”<sup>23</sup>

Sabino apresenta justificativas para associar os comunistas a Faustino Albuquerque, evidenciando as pessoas que fazem apoio ao desembargador naquele contexto. Aqui, passa o General Onofre a contar com apoio oficial de parte do clero, mas com ressalvas:

Na qualidade de sacerdote, de cidadão brasileiro como os que mais o sejam e de conhecimento anti-comunista não passo em consciencia votar no Desembargador. Posso destacar, no entanto, que se o apoio comunista passasse do Desembargador para o General eu seria imediatamente eleitor do ilustre homem da toga<sup>24</sup>.

22 *Correio da Semana*. Sobral-CE, 14 de janeiro de 1947, p. 2.

23 *Idem*.

24 *Ibidem*. p. 2.

Não era, como percebemos no documento, um voto entusiasmado em Onofre, como não seria em Faustino. O entusiasmo político aqui e a ideologia se baseiam no combate ao *outro*, ao *comunismo*. Dito isso, Sabino se protegia nas disputas simbólicas pelas disputas na cidade atrás do escudo e da lança de combate aos ideais marxistas, considerados, desde o século anterior, como inimigos pela Igreja Católica.

Entretanto, os textos assinados contra o Dr. José Saboya não ficariam sem respostas. O ex-juiz usa de sua influência política no judiciário para obter um direito de resposta autorizado pela justiça no próprio jornal da Igreja. Isso não poderia acontecer em melhor momento. Faustino Albuquerque vence as eleições estaduais, e a resposta do Dr. José Saboya agora poderia ser carregada de todo o triunfalismo político frente à Igreja. Intitulado “O meu anti-clericalismo”, o texto traz duras respostas ao Bispo Dom José e ao Padre Sabino,

Compensando-se da inibição jornalística em que se tem mantido nos últimos mēzes, o Sr. D. José Tupynambá, bispo de Sobral, viu chegar nas vespersas das eleições estaduais, a ocasião [p]asada para manifestar a sua má vontade para com os que sustentavam a candidatura do Dezembargador [sic] Faustino de Albuquerque, contra a daquele, que especulação política, os seus partidários denominaram o candidato do povo católico do Ceará. Partidário do General Onofre Muniz, apoiado pelo pesse-dismo da Igreja, do qual S. Excia., que o jornal de sua propriedade e sob sua orientação e redação, abrisse um fogo de barragem, obedecendo à tática nazista, contra aqueles que se achavam na linha de frente em defeza da candidatura Faustino [sic], enquanto não chegava o momento de dirigir suas baterias contra o próprio Dezembargador, como depois sucedeu<sup>25</sup>.

Aqui o ex-juiz expõe uma perspectiva de atuação da Igreja no âmbito político. A seu ver, o Bispo orientou suas ações de forma calculada a fim de prejudicar a candidatura do Desembargador Faustino. Para o ex-juiz, era claro o apoio do prelado ao General Onofre, tendo inclusive utiliza-

25 *Correio da Semana*, Sobral-CE, 11 de fevereiro de 1947, p. 1.

do táticas nazistas de propaganda de massa para alcançar seus objetivos. O adversário de Dom José, ainda, ataca a construção social de uma memória de veneração à sua personalidade. Segundo ele,

Por último, quero lastimar que as minhas pobres letras, por vezes motivo de imaginárias ofensas a S. Excia. dêem lugar a tão repetidas manifestações de desagravo que, por sua frequência, e sem razão de ser, já estão sendo encaradas pelo grosso público sob o prisma do ridículo, e não representam mais do que simples manifestações de caráter político; ainda no ultimo meeting teve de ser cassada a palavra a um orador, por sinal, comunista fichado, que ali acorrêra, para exaltar a personalidade do candidato de S. Excia. não sofrem contraste tanto assim, que no último um dos oradores chegou ao ponto de taxar S. Excia. como sendo o maior sobralense, já porventura, nascido e ainda por nascer<sup>26</sup>.

Dr. José Saboya tenta ainda desassociar sua imagem à do comunismo, inimigo comum de ambos, mas não nega sua ação de pressionar seus subordinados a votarem em seu candidato. Segundo o ex-juiz,

Se, como diz S. Ex<sup>a</sup>. Para perscrutar as consciências dos nossos operários, os fazemos seguir para secções eleitorais, acompanhados de fiscais, não é para esse fim que o fazemos, mas para livrá-los da sanha de indivíduos inescrupulosos, entre os quais alguns padres que se dedicam ao papel indigno e criminoso de trocadores de chapas<sup>27</sup>.

Nessa perspectiva, a Igreja deveria reagir. Vários textos são publicados nos números seguintes do *Correio da Semana* como forma de reação ao direito de resposta do Dr. José Saboya. Somado a isso, ainda teve a expulsão do ex-juiz da Irmandade do SS Sacramento. Dentre os textos de defesa de Dom José, que visavam apequenar as ações do Dr. José Saboya, mas que deram eco a elas ao longo do tempo, há o destaque para um editorial. O texto não é assinado, mas a forma de escrita e a posição em que o Padre Sabino ocupava no jornal nos indicam ser sua a autoria. Em "Perseguição religiosa em Sobral: As ovelhas não podem ouvir o seu Pastor". No texto, o autor revela que

26 *Correio da Semana*, Sobral-CE, 11 de fevereiro de 1947, p. 1.

27 *Idem*.

A campanha totalitária e anti-clerical do bacharel José Saboya, atingiu as raias da perseguição religiosa. Sabendo ele que o Exmo. Sr. Bispo ia falar aos seus diocesanos, residentes nesta cidade, sobre os fatos relacionados com a atitude insolente do industrial de Sobral, proibiram aos operários assistir à leitura Pastoral, sob pena de serem postos fora da fábrica. E para exercer a espionagem, em obediência à tática nazista, foram destacados alguns veteranos empregados de confiança da gerencia. Ao que se afirmar, até uma operaria, residente à praça da Sé, onde se fez a leitura da carta episcopal teve que se retirar da própria casa, por intimação do prepotente patrão, para não ouvir o seu Chefe espiritual protestar contra o desrespeito do bacharel Jose Saboya. Alguns operarios não se conformaram com aquele abuso da liberdade alheia e foram ouvir o seu Bispo. Hoje não são mais empregados da fábrica de cujo serviço foram despedidos. Estamos vivendo, em Sobral, os tristes dias do nazismo. Esta terra tem o seu Hitler!<sup>28</sup>.

Dois anos após o fim da Segunda Guerra Mundial, tachar um adversário de totalitário, que usa de táticas nazistas e, mais diretamente ainda, de “Hitler de Sobral” era uma estratégia de demonização do outro que era evidenciada nas páginas do jornal. O editorial revela também as tensões inseridas dentro da própria fábrica de tecidos com a doutrinação realizada pelo patrão frente aos seus operários.

Nota-se que as disputas simbólicas não ficam restritas apenas à cidade de Sobral. Ganham repercussão e espaço na mídia de Fortaleza. É através dessa, também, a publicação da resposta de José Saboya, mas o palco escolhido foi o jornal *O Povo*. Em 5 de março de 1947, é publicado um texto de resposta do ex-juiz, fazendo um aparato geral do embate, com ênfase no caso de sua expulsão da irmandade do Santíssimo Sacramento. Dr. José Saboya afirma no texto que

Não estou com isto me defendendo, pois não pretendo “*volver a respiscência*”, conforme ridiculamente se me insinua; já me sinto bastante confortado com o ato de inúmeros dos meus ex irmãos, que se recusaram a assinar as listas de solidariedade a S. Excia., e sde condenação à minha conduta, pois sendo de quase 300 o número dos

associados, pouco mais de 40 assinara ditas listas, ao mesmo tempo que 31 outros se eliminaram espontaneamente da Irmandade, constituindo assim o apelo episcopal, um esplêndido fracasso, em holocausto à sua prepotência<sup>29</sup>.

O Dr. José Saboya não demonstrava estar intimidado com a campanha de defesas (e ataques) organizada pela Igreja. Batia de frente e, na construção de seus discursos, evidenciava sua envergadura política e seu capital simbólico. Talvez, em Sobral, só ele conseguisse fazer frente ao Bispo de Sobral.

Três semanas após a publicação do texto do ex-juiz no jornal *O Povo*, o Padre Sabino constrói um texto para tentar finalizar as disputas. Com o sugestivo título de "A vitória da verdade", o clérigo expõe aspectos do direito canônico que sustentaram a expulsão do ex-juiz da Irmandade do S.S. Sacramento. Segundo ele, "Baseado no Canon 2344, o Bispo da Diocese ou o Vigário Geral poderia tomar medidas mais enérgicas e graves"<sup>30</sup>.

O que há, então, no contexto problematizado, é uma Igreja combativa e palco de combates. Ou seja, ao mesmo tempo em que utiliza de seus "soldados" para os combates discursivos pela posse da cidade, percebe, em seu próprio campo intelectual e político tensões, sobre que discurso e prática católica havia na cidade. Nela, há o palco de embates para saber quem está autorizado a imprimir um *poder simbólico* a partir da Igreja, entendendo esse poder, a partir de Bourdieu, como "um poder de construção da realidade que tende a estabelecer uma ordem *gnoseológica*: o sentido imediato do mundo"<sup>31</sup>.

Sabino foi o principal soldado da Igreja Católica em Sobral a atuar no campo das disputas letradas nesse contexto. Foi determinado, como pareceu ser, enquanto jovem seminarista, ao enviar sua carta ao seu padrinho Dom José e ao reforçar seus votos e intencionalidades. Continuava a ser, mesmo passadas mais de cinco décadas dos embates aqui narrados, ao ce-

29 *O Povo*, Fortaleza-CE, 5 de março de 1947, p. 1.

30 *Correio da Semana*. Sobral-CE, 25 de março de 1947, p. 1.

31 BOURDIEU, Pierre. *O Poder Simbólico*. Tradução de Fernando Tomaz. 14. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010. p. 9.

lebrar suas missas com uma força de vontade ímpar para aquela idade, em sua casa, ao lado deste então jovem coroinha. Este artigo dá conta apenas de um fragmento da vitalidade e práticas do soldado da Igreja, que, assim como todos nós, tinha o tempo marcado em suas ações.

## FONTES

Cartas para Dom José. Pasta 10. Disponível no Núcleo de Estudos e Documentação Histórica – NEDHIS, vinculado ao Curso de História da Universidade Estadual Vale do Acaraú – UVA.

Correio da Semana, 14 de fevereiro de 1941.

Correio da Semana, 30 de março de 1946.

Correio da Semana, 4 de janeiro de 1947.

Correio da Semana, 14 de janeiro de 1947.

Correio da Semana, 11 de fevereiro de 1947.

Correio da Semana, 1 de março de 1947,

Correio da Semana, 25 de março de 1947.

Museu Dom José. Fundo Padre Lira

## REFERÊNCIAS

BOURDIEU, Pierre. **O Poder Simbólico**. Tradução de Fernando Tomaz. 14. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

CARDOSO, Gleudson Passos. **Práticas letradas e a construção do mito civilizador**: “luzes”, seca e abolicionismo em Fortaleza. Fortaleza: Museu do Ceará; Secretaria de Cultura do Ceará, 2016.

CERTEAU, Michel de. **A Escrita da História**. Tradução de Maria de Lourdes Menezes. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

DERRIDA, Jacques. **Mal de arquivo**: uma impressão freudiana. Tradução de Claudia de Moraes Rego. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

GOFFMAN, Erving. **A representação do eu na vida cotidiana**. Tradução de Maria Célia Santos Raposo. Petrópolis, RJ: Vozes: 1985.

MELO, Francisco Dênis. **Os Intelectuais da Academia Sobralense de Estudos e Letras – ASEL e a Invenção da Cidade Letrada (1943-1973)**. 2013. 205f. Tese (Doutorado em História) - Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2013.

MONT'ALVERNE, Glória Giovana Saboya; GOMES, Gonçalo de Pinho; ROCHA, Manoel Valdery da. **Centenário da Diocese de Sobral – 1915 – 2015**. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2015.

MORAES, Vinicius. **Poética (II)**. 1962. Disponível em: <http://www.viniciusdemoraes.com.br/pt-br/poesia/poesias-avulsas/poetica-ii>. Acessado em 5 de agosto de 2018.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história e o esquecimento**. Tradução de Alan François. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2007.

ROCHA, Thiago Braga Teles da Rocha. **“As lides da boa imprensa”**: A atuação e os discursos da Igreja Católica em Sobral (1941 - 1943). Monografia (Licenciatura em História). Universidade Estadual Vale do Acaraú, Sobral, 2013.

ROCHA, Thiago Braga Teles da Rocha. **“De quem é Sobral?”**: as práticas letradas, as tensões políticas e as disputas pela temporalidade na Igreja Católica (1945-53). Dissertação (Mestrado em História). Universidade Estadual do Ceará, Sobral, 2017.

WHITE, Hayden. **Meta-História**: A Imaginação Histórica do Século XIX. Tradução de José Laurência de Melo. 2. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.



## A “BÔA IMPRENSA” EM SOBRAL - CEARÁ

Aurélio Ponte Filho<sup>1</sup>

O *Correio da Semana*<sup>2</sup>, impresso semanal católico oficial, aglutina aspectos, interligados entre si, que o caracteriza como um genuíno instrumento da chamada “Boa Imprensa”<sup>3</sup>, em Sobral. Ou seja, veicula, ao mesmo tempo e durante um determinado período<sup>4</sup>, informação, opinião<sup>5</sup> e propaganda.

Isso comprova-se por três razões essenciais: suas características próprias de jornalismo impresso de opinião, com a disseminação das ideias e da doutrina católica, com um texto marcadamente ideológico mora-

- 1 Aurélio Ponte Filho é sociólogo. Mestre em Sociologia do Desenvolvimento pela Universidade Federal do Ceará e também Doutor pela Universidade Federal do Ceará/Universidade de Lisboa (Portugal) – ICS (Instituto de Ciências Sociais); Pós-Doutor em Arquivologia pela Universidade de Brasília (UnB).
- 2 Fundado em 31 de março de 1918, pelo primeiro Bispo da Igreja Católica de Sobral, Dom José Tupinambá da Frota, o *Correio da Semana*, ainda em circulação, é o mais antigo jornal impresso do Ceará e, talvez, o mais antigo jornal católico impresso do Brasil. No último dia 31 de março de 2021, completou 104 anos de existência.
- 3 Foi a partir das orientações contidas nas Encíclicas e em outros documentos do Papa Leão XIII que a expressão “Boa Imprensa” começou a ser inicialmente utilizada, não obstante o Papa Inocêncio VIII ter publicado, em 1487, um documento intitulado *Inter Multiplices*, em que define o pensamento da Igreja sobre os meios de comunicação escritos e como abordá-los e, em 1766, o Papa Clemente XIII ter escrito a encíclica *Christiane Republicae*, “referindo-se ao perigo das obras impressas de cunho anticristão, condenando-as e reafirmando os deveres dos bispos em combater a literatura imoral” (Rocha in “*Correio da Semana*”, edição de 29/05/10).
- 4 Análise detidamente (principalmente os artigos de fundo) as edições do “*Correio da Semana*” que correspondem aos três primeiros anos de sua publicação, ou seja, de 31/03/1918 a 27/03/1920, permitindo, assim, além da observação, pela regularidade e repetição da “política editorial” adotada pelo semanário católico, realizar um contraponto (muito embora não seja este o objetivo do presente artigo) com os principais jornais da época em circulação, sobretudo com o jornal “A Lucta”, de Deolindo Barreto.
- 5 De acordo com o jornalista Hélio Beltrão, os gêneros do jornalismo impresso podem ser classificados em três tipos: informativo, de opinião e de entretenimento.

lizante, existindo, assim, como um instrumento ideológico religioso de controle e coesão sociais, por meio das comunicações oficiais da Diocese de Sobral; de cartas pastorais, editais, comunicados, etc.; transcrições de comunicados oficiais, cartas pastorais e artigos de outras dioceses e, finalmente, pelas específicas notícias, anúncios e propagandas como parte da campanha em prol da “Boa Imprensa”.

Trabalhando articuladamente essas três categorias, o *Correio da Semana* estava pondo em prática um discurso<sup>6</sup> amparado por um programa<sup>7</sup> pensado e organizado pelo episcopado josefino para a imprensa. Além do fato de se apresentar como projeto oficialmente apoiado pela Diocese de Sobral, Dom José Tupynambá da Frota, primeiro Bispo de Sobral, preocupava-se e empenhava-se pessoalmente com o andamento do jornal<sup>8</sup>.

Em espaço central da primeira página da primeira edição, num curto texto, localizado logo abaixo da foto de Dom José, o *Correio da Semana*, explicita, desde então, claramente, a associação entre o seu mentor e criador e a missão do jornal:

Não pode ser melhor patrocinada a nossa modesta empresa, que os auspícios valiosos do eminente atistite [sic] da Igreja [sic] sobralense. É a mais segura garantia de nosso sucesso, o mais firme esteio em que se vão depor as nossas esperanças. Espírito altamente culto, dotado de largo descortino para o que diz respeito às obras so-

6 Júlia Miranda afirma que o “uso do discurso linguístico escrito, para o trabalho de doutrinação” (MIRANDA, 1987, p. 54) foi, no início dos anos 20, uma estratégia utilizada pela hierarquia da Igreja Católica, no combate às idéias (sic) liberais e “modernizantes”.

7 A certeza de um programa, previamente organizado, constata-se no artigo de fundo intitulado “Em Campo”, da primeira edição do jornal: “É quase inconsciente, o leitor assimila estas idéias, sujeitando-se ao impulso irresistível, chega ao ponto de aprovar (sic) incondicionalmente o que elle (sic) aprova, fazer o que ele (sic) sugere, amar o que elle(sic) ama, odiar o que elle (sic) odeia, e cegamente caminhar pelos seus passos. Estas observações, foram sugeridas pela necessidade que se nos impõe de definir sem restrições o nosso ideal, o nosso programma.” (sic) (“*Correio da Semana*”, de 31/03/1918).

8 A partir dos depoimentos, concordantes, dos Padres Sadoc de Araújo (entrevista realizada no dia 08 de junho de 2010) e Osvaldo Chaves (entrevista do dia 17 de setembro de 2010), é possível afirmar-se que, logo no começo, Dom José acompanhava com vivo interesse as informações e a redação das matérias que viriam a ser publicadas nas edições do jornal. “Algumas vezes”, diz Pe. Osvaldo, “Dom José irritava-se pelo fato de terem sido publicadas matérias que fugiam as suas ordens e determinações”. Além disso, afirma o Pe. Osvaldo, “Dom José acercava-se de pessoas de sua mais inteira confiança.” Nesse tempo, o jornal era conduzido pelo diretor Padre José de Lima e pelo redator responsável, Padre Leopoldo Fernandes Pinheiro. Somente a partir da década de 30, o jornal passaria a admitir leigos em sua diretoria.

ciaes [sic] de feição inteiramente catholica [sic] a cuja realização em sua Diocese, é parte importantíssima em seu luminoso programa episcopal. Dom José não poderia deixar de ser o amigo protector [sic] do CORREIO DA SEMANA que hoje circula sob as Bênçãos de S. Exca Revma. E eis porque, honrando a primeira página de nosso jornal a photografia [sic] de S. Excia, sentimo-nos satisfeito prestando este culto de amor a quem sempre, deperto interessou, tudo o que diz respeito a grandeza, felicidade e o progresso desta terra.<sup>9</sup>

O *Correio da Semana* representa a face intelectual, racionalizada, “sofisticada” da Igreja Católica de Sobral, com uma perspectiva de “organicidade” planejada e prevista<sup>10</sup>, como parte do projeto reformador de Dom José, um projeto sistemático de reação e restauração da Igreja Católica<sup>11</sup>. No período do surgimento do “*Correio da Semana*”, a Igreja local ainda sofria os reflexos dos movimentos de Canudos, da Serra do Rodeador, da Irmandade da Cruz em São Benedito e Massapê (1838) e do “*Legio Crucis*” (1897), em Ipu, e ainda do movimento protagonizado por Padre Cícero, em Juazeiro do Norte:

Estes foram, movimentos religiosos populares contestatórios de lideranças comunitárias que poderiam “contaminar” as populações da região. [...] “tais movimentos desencadeariam uma preocupação por parte das autoridades civis e religiosas que viam ali um perigo da desagregação da sociedade, como exemplo aos movimentos já conhecidos” (SOARES, 2009, p. 204).

Por outro lado, em Sobral, afluía a tradicional cultura ilustrada que se refletia na formação intelectual de alguns dos seus filhos religio-

9 *Correio da Semana*. Sobral-CE, 31 de março de 1918.

10 Para Antonio Gramsci, o jornal é um “organismo unitário de cultura” que produz um trabalho intelectualmente homogêneo, “servindo de elo intermediário, para o leitor médio, entre a religião e a civilização moderna” (GRAMSCI, 2004, p. 208).

11 Historiadores e estudiosos (Agenor Soares, Herbert Rocha, Dom José, Pe. Sadoc de Araújo e Nilson Almino de Freitas) são unânimes em afirmar que a cidade nasceu e se desenvolveu, *pari passu*, com o sentimento da religiosidade. A história de Sobral possui uma marcante tradição religiosa, e sua história confunde-se com a própria história da Igreja Católica. Padre Sadoc de Araújo, em entrevista do dia 10/06/2010, defende enfaticamente que Dom José “não é causa e sim consequência” da tradição religiosa católica dos sobralenses. Afirma que, antes mesmo do Bispo, outros padres fizeram a mesma trajetória eclesial em Roma.

sos, produzindo três importantes dignitários da hierarquia eclesiástica na Primeira República: Dom José Lourenço da Costa Aguiar (1847-1905), bispo da Amazônia; D. Jerônimo Tomé da Silva (1849-1924), tio materno de Dom José, Bispo de Belém, Arcebispo de Salvador e Cardeal Primaz do Brasil; e Dom José Tupinambá da Frota (1882-1959).

Os três “prelados da aristocracia imperial”<sup>12</sup> são originários da mesma matriz social, protagonistas do Império e, depois, da República Velha. Menos por coincidência, fizeram estudos e a formação eclesiástica no exterior, e os dois últimos, doutores da Igreja, formaram-se no Colégio Pio-Latino Americano e na Universidade Gregoriana de Roma.

A gênese de ilustrados eclesiásticos relaciona-se com a formação cultural de uma elite sobralense, tentando, ao longo do tempo, consolidar-se como uma classe hegemônica, organicamente estruturada, diferente de uma facção da Igreja Católica, naquele tempo, alicerçada exclusivamente no misticismo e no apelo messiânico. Não é de se estranhar Sobral, portanto, que seja no Brasil, cidade precursora no jornalismo impresso e católico<sup>13</sup>.

O *Correio da Semana* é originalmente um projeto intelectual de uma elite eclesiástica<sup>14</sup> que se manifestava desde então preocupada em informar e formar as “camadas médias populares”. Projeto semelhante, fora conduzido, em pouco tempo depois, a partir de 1921, por Dom Sebastião Leme<sup>15</sup>:

12 Essa expressão é utilizada por Sérgio Miceli no livro “A Elite Eclesiástica Católica”.

13 O Padre João Scaligero Augusto Maravalho nasceu em Sobral em 1844. Fez seus estudos e ordenou-se no Seminário de Fortaleza. Fundou o jornal “O Apostolo”, empastelado em 1897. Fugiu para a Europa e a ao retornar escreveu em vários jornais, como por exemplo, a “Tribuna Catholica” e a “Constituição”. Autor dos opúsculos intitulados “O companheiro fiel do Cristo”, “O Seculo actual” e o “Christianismo”, é, pela Igreja, considerado um dos pioneiros do jornalismo impresso católico no Brasil, chegando a ser nominado como “o campeão da imprensa catholica no Rio de Janeiro.”

14 A Igreja católica, segundo Gramsci, atuava simultaneamente sob a forma de duas religiões: uma religião voltada para a classe intelectual, economicamente dominante, religião essa mais elaborada intelectualmente, filosófica e teologicamente, mais carregada de elementos de bom senso, ação esta adotada pelo jornal e uma outra religião, em que predominam elementos de superstição e folclore.

15 Primeiro com Bispo de Olinda, em 1916, ao lançar a “Carta Pastoral de 1916” e depois, como Bispo-auxiliar de Dom Arcoverde Cavalcante, em 1921, no Rio de Janeiro, Sebastião Leme entra em sintonia com o convertido católico Padre Maria Júlia que defendia uma radical articulação da Igreja com o povo, mas em torno de um programa de elevação de seu nível da vida social e cultural.

A hierarquia eclesiástica brasileira demonstrou ter se dado conta do vazio religioso em que também se arrastava a Igreja, desde a sua separação do Estado Republicano em 1890. Sob liderança de D. Sebastião Leme, a partir da Capital da República, a Igreja, alijada pelo Estado, projetou sua reentrada na sociedade brasileira através de um movimento surpreendentemente sistemático, organizado, bem articulado e aparelhado em âmbito nacional (CASALI, 1995, p. 9).

A hipótese sustentada por Alípio Casali de que a Igreja, ao fundar as bases para a universidade católica no Brasil, “privilegiou, como estratégia para sua restauração e posterior desenvolvimento, a formação de lideranças intelectuais católicas voltadas preferencialmente para as camadas médias urbanas em formação e ascensão” (CASALI, 2009, p. 10) serve para compreender o projeto do jornal católico sobralense. Desse modo, como na preparação para a fundação de uma universidade católica, o jornal foi forjado no plano da hegemonia da ideologia religiosa no âmbito da sociedade civil:

Nesse plano, a Igreja demonstrou um razoável refinamento de percepção política e atualidade histórica (reformista) ao se dar conta do movimento de formação e ascensão das classes médias urbanas e da oportunidade de criação de uma Universidade confessional, em competição com Universidades do Estado (CASALI, 2009, p. 12).

O *Correio da Semana* adotou como “missão” a inquestionável evangelização cristã do público leitor e a consequente aplicação do projeto restaurador de recatolização da sociedade sob o argumento da ideia-força da coesão social:

Nosso porque não pertence a partido político mas aos interesses bem compreendidos da coletividade, nosso porque será o arauto da idéias [sic] de coesão [sic] e cooperação necessárias à realização das obras sociaes [sic] que, querendo Deus, organizaremos nesta querida Diocese.<sup>16</sup>

16 FROTA, Dom José Tupinambá da. Carta Honrosa. *Correio da Semana*. Sobral-CE, 06 de abril de 1918.

Desde a sua primeira edição, o *Correio da Semana*, assim como iniciativas de outras Dioceses do Brasil, na mesma época, foi resultado também do Papa Pio X (1903-1910) de quem veio a inspiração para implementar a imprensa católica<sup>17</sup>. A implantação de um jornal impresso apoiava-se então nas explícitas orientações do Papa Pio X sobre a inadiável e urgente necessidade de implantação e disseminação da imprensa católica na sociedade. Foi sob essa influência direta do pensamento moralizador<sup>18</sup>, que o jornal *Correio da Semana* surgiu:

O grande Pio X, de gloriosa memória, não se cansava de lembrar aos fiéis do mundo inteiro que em vão trabalham pela conservação da causa da crença Christan [sic], si [sic] na frente do grande exercito [sic] dos destemidos trabalhadores, não fulgurasse, radiante e triunfal [sic], a boa imprensa, a imprensa moralizadora [sic], a imprensa séria, a imprensa catholica [sic], enfim. Bem razão sobrava ao santo velho para falar assim, tão claramente e sem disfarce, da necessidade imprescindível do jornal catholico [sic] em meio às tempestades que tão fortes desencadeiam sobre o mundo nestes tempos de convulsão e de tristezas. Presentia o glorioso sucessor de S. Pedro que às dobras densas da impiedade não chegaram as admoestações dos pregadores e nem lhe refrigeraria as chagas tão profundamente cavadas na alma – balsamo [sic] dos conselhos evangélicos que systematica [sic] e crimosamente se repelem [sic]. Parecia-lhe a sua alta experiência que ao jornal não faltaria o privilégio singular de penetrar nos mais ocultos [sic] e tortuosos meandros da sociedade, e ahi [sic] levar, em nome da sã moral, o remédio poderoso para a cura de tão graves moléstias.<sup>19</sup>

Associado ao seu idealizador e fundador, o Bispo Dom José, o *Correio da Semana* surge num contexto social de transição<sup>20</sup>, em que a

17 Como na Pastoral de Dom Otávio Chagas de Miranda, Bispo de Pouso Alegre, publicada em 1918, “em que a hierarquia, depois de admitir que não se compreende mais propaganda católica sem imprensa católica, invoca o Papa Pio X para lembrar que a implantação e o fortalecimento dessa imprensa é a mais urgente das obras” (MIRANDA, 1987, p. 53).

18 O tema da moral, religiosa e cristã, era recorrente e, na grande maioria das vezes, foi abordado como assunto principal dos artigos de fundo das edições dos primeiros anos de publicação do jornal.

19 As Nossas Razões. *Correio da Semana*. Sobral-CE, 31 de março de 1918.

20 De acordo com Marcos Gonçalves, “vários pesquisadores mostraram-se atentos ao fenômeno. Assim é que, nas reflexões sobre o processo de ‘construção institucional’ da Igreja Católica na era republicana, não há como renunciar ao trabalho de redescoberta do papel fundamental dos meios de comunicação.” (GONÇALVES, 2007, p. 245-246)

Igreja Católica procurava se reorganizar, reagindo contra uma série de fatores desfavoráveis à concretização de sua missão apostólica e evangelizadora, objetivando a manutenção de uma “ordem social”, através da introjeção do sentido da moral.

Ao analisar o “confronto” dos jornais *Correio da Semana* e *A Lucta*, a historiadora Chrislene dos Santos nos dá uma noção deste objetivo da Igreja Católica em Sobral:

Numa perspectiva de “civilidade cristã”, o *Correio da Semana* chama atenção para o problema das divergências na imprensa, em *Jornalismo de Sobral em 1921*, fazendo uma análise das disputas entre os dois órgãos e critica *A Lucta*, afirmando: “semelhantes indelicadezas não combinam diante de todos os juízos com os foros da verdadeira civilização sobralense. Esta deveria mudar seu discurso, pois o veículo religioso era o canal da voz de Deus, nessa perspectiva, como tal estava no caminho da “verdade” e do bem da humanidade, num caminho de “ordem social”, da “tranqüilidade pública”, visto que os cidadãos eram membros de uma mesma família, logo, não poderia haver discórdia entre irmãos, era preciso criar a idéia de “homogeneidade” (SANTOS, 2009, p. 97).

Com relação ao aspecto da informação, no período em foco, pode-se afirmar ser o *Correio da Semana*, além de noticioso generalizante, um veículo de comunicação interna, por onde se faziam circular as cartas pastorais, comunicados e editais da Diocese de Sobral, para conhecimento das paróquias<sup>21</sup> existentes.

No que diz respeito à propaganda, em todo Brasil, já vinham sendo feitas campanhas de arrecadação de fundos, através de diversas iniciativas, dentre elas, a implementação de rifas e tómbolas, sempre divulgadas nos jornais impressos católicos, em forma de anúncios.

Desde a sua primeira edição, o *Correio da Semana*, seguidamente, reservava a página 4 para anúncios e propagandas. Nas edições de 1918:

21 A Diocese de Sobral, criada em 10 de novembro de 1915, pela bula “*Catholicae Religionis Bonum*”, era formada pelas seguintes 20 “paróquias” (sic): Acaraú, Aracaty-Assu (sic), Camocim, Campo Grande, Crathéus, Granja, Ibiapina, Independência, Ipú, Ipueiras, Massapé, Meruoca, Palma, Sant’ Ana, São Benedito, Sobral (sede), Santa Quitéria, Tamboril, Tianguá e Viçosa.” (“*Correio da Semana*”, edição de 16/04/1921 na matéria “Mapa Estatístico da Diocese de Sobral em 1920”.

06/04; 13/04; 20/04; 27/04; 04/05; 11/05; 18/05; 25/05; 01/06; 08/06; 15/06; 22/06 e na página 6 das edições de 29/06; 06/07 e 13/07, foi publicado texto, cujo conteúdo, ao mesmo tempo que aconselhava a não leitura de “mãos livros”, oferecia a “preços baratíssimos”, “bons” livros, didáticos, de história, de contos e manuais de piedade. Um dos primeiros sinais de que a “Bôa Imprensa” brotava em Sobral.

Pela primeira vez, o *Correio da Semana* publicava, na primeira página da edição de 18/05/1918, um “comunicado oficial”, intitulado “O dia da Bôa Imprensa”, datado de 14 de maio de 1918, assinado por Dom José, estabelecendo, na Diocese de Sobral, o dia consagrado à “grandiosa obra da Bôa Imprensa”, instituindo, para tanto, o dia 2 de fevereiro como o “dia da Bôa Imprensa” e recomendando aos vigários, párocos da Diocese de Sobral a arrecadação de fundos e donativos em favor do “Centro da Bôa Imprensa”, localizado no Rio de Janeiro.

Em artigo de primeira página da edição de 18/01/1919, o *Correio da Semana* conclama os vigários das paróquias para a efetiva participação em prol do “dia da boa imprensa”:

[...] como meios práticos para o bom êxito da causa sugerimos as Rvmos Vigários e seus auxiliares a ideia de se promoverem naquele [sic] dia tombollas [sic], leiloes, kermesses, dramas e outros recursos que as circunstancias [sic] de cada Parochia [sic] determinarão como sendo de mais eficácia [sic]. Para as boas [sic] causas parece que não devem prevalecer dificuldades que alias [sic] se superam com um pouco de boa vontade e com os esforços que exigem as condições precárias e criticas [sic] do momento catholico [sic] brasileiro.<sup>22</sup>

No campo das ideias e das opiniões, o jornal *Correio da Semana*, posicionava-se e demarcava o seu espaço:

O *Correio da Semana* tem orientação catholica [sic], perfeitamente definida, propognará por todos os interesses geraes [sic] do povo, e por isso alimenta a doce esperança do optimo [sic] acolhimento. Este grandioso e insuperável sentimento religioso embora latente que abrange a qua-

22 *Correio da Semana*. Sobral-CE, 18 de janeiro de 1919.

se totalidade de nossos irmãos, ressentem-se da necessidade inadiável de um órgão catholico [sic] que represente o magno expoente das verdades evangélicas e da moral christan [sic] que sempre foram e não pode deixar de ser o mais bello [sic] patrimônio dos sobralenses.<sup>23</sup> (*Correio da Semana*, edição de 31/03/1918. Artigo de fundo “Em Campo”).

A bandeira levantada e defendida pelo jornal era o “saneamento moral” da sociedade. O jornalismo era uma entidade moral de grandiosa importância que vinha efetivamente para concretizar um enorme poder na sociedade:

Em defesa destes princípios é que surge hoje o *Correio da Semana*. Em nossa bandeira estão “gravadas” em caracteres indelévels os símbolos sacrossantos deste tríplice ideal: Religião Pátria e Família. Sahimos [sic] para a Lucta [sic]: não empunhando a bandeira que fere e mata, mas sobraçando o código da verdade e da Moral - o Evangelho, e o symbolo [sic] da paz e do perdão - a cruz.<sup>24</sup>

Entendia-se, portanto, que se tratava de um meio de comunicação social impresso cuja missão era de não só informar, mas, sobretudo, a de instruir e formar os leitores, tendo como base a Doutrina Social da Igreja católica. Missão essa, evangelizadora e doutrinária, por meio da inculcação da moral<sup>25</sup>.

Por conseguinte, o *Correio da Semana* vem a ser a própria “Bôa Imprensa” de Sobral, porque coloca em prática o que preceitua o precursor pensamento do Papa Leão XIII, contidos nas encíclicas e em outros documentos<sup>26</sup>, embaixadores do que se convencionou chamar de “Bôa Im-

23 Em Campo. *Correio da Semana*. Sobral-CE, 31 de março de 1918.

24 Em Campo. *Correio da Semana*. Sobral-CE, 31 de março de 1918.

25 Segundo Alceu Amoroso Lima, o convertido Tristão de Athayde, “a qualidade intelectual é que conta para a autoridade autêntica da imprensa. Como a responsabilidade moral é o sentido do dever que lhes incumbe, como verdadeira missão social.” (Janeiro, 3, 2007)

26 Documento aos Bispos da Itália, de 15 de fevereiro de 1882; Breve Saepe Numero, de 18 de agosto de 1883; Encíclica Imortale Dei, de 1 de novembro de 1885; Encíclica Libertas, de 20 de junho de 1888; Encíclica Jacundá Semper, de 8 de setembro de 1894; Documento Aos bispos da Itália, de 5 de agosto de 1898; Documento Aos bispos da Itália, de 15 de outubro de 1890; Encíclica Nobilissima Gallorum, de 8 de fevereiro de 1884, Documento Breve Saepe Numero Considerantes, de 18 de agosto de 1883; Encíclica Providentissimus Deus, de 18 de novembro de 1888; Encíclica Exeunte Jam Anno, de 25 de dezembro de 1888; Constituição Officiorum, de 25 de janeiro de 1897; Carta ao Povo Italiano, de 8 de dezembro de 1892; Encíclica Aos Bispos de Portugal, de 25 de junho de 1894; Encíclica Aos bispos da Hungria, de 2 de setembro

prensa”. Além do Papa Pio X, foi o Papa Leão XIII quem mais incisiva e enfaticamente defendeu a implementação da nomeada “Bôa Imprensa”, partindo do pressuposto de que o remédio provenha da mesma fonte da do veneno. Nas encíclicas e em outros documentos publicados de sua autoria, há menção e orientação, claras e emergentes, para a concretização do jornalismo impresso católico no mundo<sup>27</sup>. No pontificado do Papa Leão XIII, a Igreja católica buscou adotar a política de possuir suas próprias publicações, fazendo frente ao avanço da imprensa “ímpia”.

A ideia da “Bôa Imprensa” surgiu a partir da premissa da negação da liberdade de pensamento, ou seja, para a Igreja Católica, a origem do mal estava no abuso da liberdade de pensar e publicar os pensamentos:

---

de 1893; Carta ao Povo Italiano, de 8 de dezembro de 1892; Encíclica Aos bispos da Itália, de 15 de outubro de 1890; Encíclica Annum Sacrum, de 25 de maio de 1899; Carta aos Bispos de Portugal, de 25 de junho de 1891; Encíclica aos Bispos da Itália, de 15 de fevereiro de 1882; Carta aos Bispos do Peru, de 1º de maio de 1894; Carta Aos Bispos do Brasil, de 2 de julho de 1894; Alocução Ao Sacro Colégio, de 23 de dezembro de 1898; Carta Apostólica Aos Bispos do Brasil, de 18 de setembro de 1899; Encíclica Aos Bispos de Portugal, de 14 de setembro de 1886; Encíclica Tametsi, de 1º de novembro de 1900; Encíclica Aos bispos da Hungria, de 22 de agosto de 1886; Encíclica Aos Bispos da Áustria, de 3 de março de 1891; Encíclica Aos Bispos da Itália, de 15 de fevereiro de 1882; Encíclica Aos Bispos da Itália, de 15 de outubro de 1890; Encíclica Nobilíssima Gallorum, de 8 de fevereiro de 1884; Encíclica Parvenu à Vingt-Cinquième Année, de 19 de março de 1902; Encíclica Aos Bispos da Itália, de 15 de fevereiro de 1882; Encíclica Immortale Dei, de 1º de novembro de 1885; Carta aos Bispos do Peru, de 1º de maio de 1894; Carta ao Núncio da França, de 4 de novembro de 1884; Encíclica Aos Bispos da Espanha, de 8 de dezembro de 1882; Encíclica Nobilíssima Gallorum, de 8 de fevereiro de 1884; Encíclica Aos Bispos de Portugal, de 14 de setembro de 1886; Encíclica Militantis, de 1º de agosto de 1897; Documento Aos Bispos do Canadá, de 8 de dezembro de 1897; Alocução a uma peregrinação de jornalistas, em 22 de fevereiro de 1879; Carta ao Cardeal Perraud, de 9 de fevereiro de 1898; Encíclica Ao Clero Francês, de 8 de setembro de 1899; Carta ao Arcebispo da Tarragona, de 10 de dezembro de 1894; Carta Aos Bispos das Províncias de Turim, Milão e Vercélia, de 25 de janeiro de 1882; Instrução da S. C. dos Negócios Eclesiásticos, de 27 de janeiro de 1902; Carta aos Bispos dos Estados Unidos, de 6 de janeiro de 1895; Carta ao Presidente do Congresso Católico de Munique, de 30 de julho de 1895; Alocução Aos redatores do Corriere Nazionale e de L'Italia Reale, de 25 de julho de 1897; Encíclica Militans, de 12 de março de 1884; Encíclica Ao Clero Francês, de 8 de setembro de 1899; Carta aos Bispos da Itália, de 15 de outubro de 1890; Carta ao Povo Italiano, de 8 de dezembro de 1892; Carta a M. Satolli, delegado nos Estados Unidos, de 12 de dezembro de 1894; Encíclica Aos Bispos da Itália, de 5 de agosto de 1898; Carta Sobre o Proselitismo Protestante em Roma, de 19 de agosto de 1900; Encíclica Parvenu à La Vingt-Cinquième Année, de 19 de Março de 1902.” Excertos desses documentos pontifícios fazem referência, direta ou indireta, à necessidade da adoção da imprensa católica, a chamada “Bôa Imprensa”, no mundo.

27 Os preceitos e ensinamentos da Igreja Católica, contidos, sobretudo nos documentos dos Papas Pio IX (1846-1878), Leão XIII (1878-1903), Pio X (1903-1914) e Bento XV (1914-1922), pela proximidade do tempo, estavam muito presentes no universo da formação acadêmica e eclesial de Dom José, tanto durante seus estudos no Colégio Pio-Latino Americano, como na Pontifícia Universidade Gregoriana, em Roma.

A liberdade da palavra e da imprensa tem ultrajado, muitas vezes, a *Majestade divina*. Homens há que, não só se mostram ingratos para com o Salvador do mundo, Jesus Cristo, e lhe repudiam os benefícios, mas também se vangloriam de não mais crer nem mesmo na existência de Deus. E, sobretudo aos católicos que importam reparar, com um grande espírito de fé e de piedade, esses transvios do espírito e da ação.<sup>28</sup>

E a licença ou a liberdade de imprensa, não é, em si, um direito:

A liberdade de pensar e de publicar os *próprios pensamentos*, subtraída a toda regra, não é em si um bem com que a sociedade tenha a congratular-se; antes, porém, é a fonte e a origem de muitos males... Não é permitido trazer à lume e expor aos olhos dos homens o que é contrário à virtude e à verdade, e muito menos ainda colocar essa licença sob a tutela e a proteção das leis (Encíclica Imortale Dei, de 1º de novembro de 1885, do Papa Leão XIII, in "Sobre a Imprensa- Excertos", p. 3).

A Igreja Católica compreendia o mundo, no período que vai da segunda metade do século XIX à primeira do século XX, marcado por profundas transformações em todos os aspectos da vida social<sup>29</sup> e, no Brasil, no início do século XX, acompanhando inclusive os passos da Igreja Católica na Europa, notadamente a de Portugal<sup>30</sup>, procurou orga-

28 Encíclica Nobilissima Gallorum, do Papa Leão XIII, de 8 de fevereiro de 1884. In: "Sobre a Imprensa - Excertos", p. 6.

29 Em termos globais, segundo Paulo Fontes, Professor da Universidade Católica Portuguesa, estudioso e especialista da imprensa católica, "a imprensa católica acompanhou o crescimento e especialização da imprensa em geral, sendo que a especificação de "católica" só adquiriu sentido na época contemporânea, devido ao processo de secularização e laicização das instituições nascido no seio das sociedades liberais" (FONTES, 2000, p. 423).

30 Bem próximo no tempo, segundo Domingos Monteiro, a seguir aos alemães, holandeses, italianos, franceses e ingleses, os portugueses do século XV receberam a arte tipográfica, que viria revolucionar o mundo do pensamento. É certo que em nada contribuíram para a sua invenção, e, relativamente, muito pouco para o seu aperfeiçoamento, mas mesmo já não se poderá dizer quanto à sua divulgação e disseminação pelo mundo (especialmente o recém-descoberto). "Foram os portugueses que divulgaram a nova invenção por todo o Oriente e, um pouco mais tarde, instalando oficinas tipográficas em Goa, Macau e Rio de Janeiro, quando ainda as não havia em muitas cidades européias" (MONTEIRO, 1963, p. 286). De acordo com Paulo Fontes, Portugal foi um dos primeiros países do mundo a implementar a "Bóia Imprensa". Exemplos disso, são os influentes diários "A Nação" (1847-1915) e "A Palavra" (1872-1913) e os semanários "Atalaia Católica" (1854-1864), "Domingo" (1855-1857), "O Bem Público" (1857-1877), "A Ordem" (1878-1904) e "A Propaganda Catholica" (sic) (1878-

nizar as premissas do jornalismo católico, instituindo o movimento em prol da “Bôa Imprensa”:

Iniciada, de algum modo, a quando da crise de 70, dominada pela comuna de Paris e pela “questão romana” -, com o Papa Pio IX (1846-187) a apelar à atividade [sic] conjunta dos católicos, a sua dinamização ter-se-á, no entanto, acentuado a partir de janeiro de 1882, na sequência da Carta de Leão XIII sobre a importância da imprensa católica, num momento em que, de acordo com a hierarquia, se registrava uma tentativa de apropriação de jornais, por parte de forças contrárias à religião, com o objetivo de promover a perturbação da ordem social e a “paganização” da sociedade configuradas no ateísmo, no agnosticismo e no socialismo. Em resposta ao apelo pontifício, assiste-se então, a uma mobilização da *elite* católica, visando, designadamente, a restituição do primado da religião na vida social e um combate mais activo aos chamados erros “da descrença e da modernidade anti-religiosa. Fomenta-se, para o efeito, o aparecimento de jornalistas e publicistas católicos, incluindo sacerdotes, ao mesmo tempo que se promove o apostolado da *boa imprensa* (em oposição a outra *má*), através da criação de comissões diocesanas, integradas por activistas [sic], convictos de que a imprensa, não é apenas um modo de luta contra o erro, mas também o meio mis universal, mais fácil e mais eficaz de educação, expansão comunicativa e sociabilidade. Simultaneamente, organizam-se congressos, assembléias e encontros de escritores, oradores e jornalistas” (MANOEL, 2009, p. 1).

No dia 29 de janeiro de 1910 foi, inaugurado, em Petrópolis, no Rio de Janeiro, o “Centro da Bôa Imprensa”. Após a fundação dessa instituição, foi criada a “Liga da Bôa Imprensa”, a fim de implantar o jornalismo impresso em todas as Dioceses do Brasil e arremeter recursos para o “Centro da Bôa Imprensa”. O Centro funcionaria como polo articulador das iniciativas jornalísticas dos católicos de todo o país:

Com relação à utilização da imprensa, sobretudo dos periódicos, a medida prática adotada pela hierarquia, prin-

---

1899). Tratavam-se de publicações mais preocupadas com a “instrução religiosa e moral do que propriamente com a notícia” (FONTES, 39, p. 425).

principalmente a partir dos anos 20, foi a criação de jornais católicos em todas as regiões e, se possível, dioceses do País. Lembre-se que, desde a primeira década deste século, iniciativas como da criação do Centro da Boa imprensa, e da Liga da Boa Imprensa, auxiliar do Centro como suporte administrativo e financeiro, haviam marcado a atuação da hierarquia nesse setor, sem que, no entanto, se tenha notícia de um jornal católico com circulação nacional sistemática (MIRANDA, 1987, p. 55).

Os jornais impressos passam a ser instrumentos estrategicamente utilizados para a prática do programa doutrinário da Igreja Católica:

[...] é a partir da instituição do regime republicano que se vai observar, por parte da Igreja, no Brasil, uma nova postura com relação à imprensa escrita, tanto no sentido “latu”, englobando livros e revistas, quanto no tocante aos jornais, especificamente. Se, em 1890, Dom Antonio de Macedo Costa já aconselhava a criação, na Capital Federal, de um órgão do episcopado e de folhas católicas em cada uma das dioceses, as “Carta Pastorais” publicadas após o Concílio Plenário Latino-Americano, realizado em Roma, em 1899 - época que no Brasil coincide com a implantação da República - demonstram uma inequívoca e crescente preocupação da Igreja com a utilização da imprensa. Esta era vista pela hierarquia como um poder cuja eficácia dependia do bom ou mau uso que dele se fizesse. Má era toda a imprensa não religiosa ou neutra e aquela que combatia posições assumidas com base unicamente na doutrina católica (MIRANDA, 1987, p. 51).

Vale lembrar que Dom José participou, em Roma, deste Concílio Plenário Latino-Americano<sup>31</sup>.

Sobral, na década de 20<sup>32</sup>, foi palco de disputa de ideias nos principais jornais locais, reflexo da forte tradição do jornalismo impresso e do

31 De próprio punho, em manuscrito intitulado “Efemerides particulares”, Dom José deixou assim registrado: “28 de maio de 1899 – Solenne abertura do Concílio Plenário Latino Americano na Capella do Colegio Pio Latino Americano, no qual eu estou matriculado.”

32 Segundo o historiador Agenor Soares, “A década de 1920 foi marcada pelo acirramento dessas disputas. Os jornais passaram a estabelecer de forma mais explícita, essas contendas, estimuladas pelo crescimento urbano e pelas mazelas que as secas periódicas causavam ao seu desenvolvimento” (SILVA JÚNIOR, 2009, p. 230).

crescente fenômeno da urbanização<sup>33</sup>, o que deve ter contribuído para o aumento considerável de leitores.

Até o início da década de 20, Sobral possuía cerca de uma centena de jornais impressos, entre diários e semanários<sup>34</sup> e, nos primeiros anos dessa década, os principais impressos da cidade eram os jornais *A Lucta* (1914-1924); *A Ordem* (1916-?); e o *Correio da Semana* (1918). Esses refletiam bem esse momento de transformação<sup>35</sup> e metanóia das pessoas da sociedade.

Então, o *Correio da Semana* foi a expressão de um movimento “conservador”, de restauração católica e de reação da Igreja, visando garantir a ordem social, restabelecendo o princípio da autoridade contra o princípio da liberdade que marcaria o liberalismo predominante da época, um dos seus inimigos. Na luta pela restauração da espiritualidade, reintroduzindo Deus na vida de toda a sociedade, a harmonia social deveria ser conquistada com a colocação de Cristo nos corações e nas mentes dos indivíduos.

Sobral estava inserida numa realidade social marcada, em maior ou menor grau, pelos reflexos simultâneos dos acontecimentos mais próximos das fortes secas de 1917 e 1919, do êxodo rural e do crescente processo de urbanização, do “fantasma” dos movimentos religiosos populares, das mudanças na política estadual (confronto entre rabelistas e acyolinos), das consequências da separação entre a Igreja e o Estado, da mudança na economia nacional (substituição de importações), da Revolução Russa, da primeira publicação do “Direito Canônico”, do fim da Primeira Grande Guerra Mundial, das repercussões de uma recém-criada Diocese de Sobral, dos episódicos de enfrentamentos entre as

33 Registra Agenor Soares: “Segundo o censo de 1920, o número de casas comerciais somava 760, contra 316 estabelecimentos rurais, verificando-se, dessa maneira, que o deslocamento do campo para a cidade se deu de forma bastante intensa no período, certamente devido às secas que assolaram a região desde décadas anteriores” (SILVA JÚNIOR, 2009, p. 230).

34 Consta, no livro “História de Sobral”, de autoria de Dom José, que, até o ano de o início da década de 1920, Sobral possuía cerca de uma centena de jornais impressos, entre panfletos, diários e semanários.

35 A historiadora Chrislene Santos esclarece que “A exposição de posturas, críticas e “verdades” chamavam, incentivavam o bate-papo de botecos e barbearias. Ao mesmo tempo em que esses periódicos representam três protagonistas: o Bispo Dom José, com o *Correio da Semana*; o Juiz José Saboia, com *A Ordem* e o jornalista Deolindo Barreto, com *A Lucta*” (SANTOS, 2009, p. 86).

lideranças políticas e religiosas locais; enfim, do movimento de secularização das ideias a nível mundial e nacional:

Não alheia aos progressos de Sobral, a Igreja acompanhava de perto suas transformações, preocupada com o movimento de secularização que se espalhava nas ideias e nos costumes de outras cidades brasileiras em fins do século XIX e início do XX. Os ditos movimentos modernos da região ainda se faziam acompanhar por costumes nada convencionais ao pensamento civilizador da época e aos cânones da Igreja romana (SILVA JÚNIOR, 2009, p. 202).

Tratava-se, portanto, de uma situação não muito pacífica, porque era um momento de mudança e passagem de uma para outra dimensão social. O *Correio da Semana* surge neste contexto de transição e, por isso, o conteúdo dos artigos de fundo<sup>36</sup>, neste período, era repetida e marcadamente de cunho moralizador<sup>37</sup>, caracterizando-se, assim, de acordo com o pensamento do Sociólogo Émile Durkheim, como um fato social, posto que a moral é ela própria um fato social<sup>38</sup>.

O jornal *Correio da Semana* encontra-se, pois, no limiar dessas transformações sociais nas dobras da realidade social e aparece como um dos marcos<sup>39</sup> temporais da história da Igreja Católica de Sobral. Ele é o ponto de fusão, ou melhor, de culminância da reação da Igreja Católica e a pilastra principal do projeto restaurador do episcopado de Dom José.

Ademais, sob o ponto de vista da história da imprensa escrita, o *Correio da Semana* tenta recuperar um espaço “perdido”<sup>40</sup>, ocupado princi-

---

36 Para o Professor do Curso de Comunicação Social da Universidade Federal do Ceará, o jornalista Ronaldo Salgado, artigo de fundo é a forma embrionária do atualmente chamado editorial, pois transmite, seja de maneira explícita ou implícita, o pensamento oficial do jornal (Entrevista realizada no dia 15/07/10).

37 A questão da moral, religiosa e cristã, no caso, foi abordada por diversas vezes como assunto principal dos artigos de fundo das edições dos três primeiros anos de publicação (1918-1920) do *Correio da Semana*.

38 Ao referir-me à categoria durkheimiana de fato social, procura-se, no entanto, utilizar uma abordagem metodológica dialética, permitindo compreender, a partir de uma realidade local, como atuou esse semanário católico, abrigando, no plano das ideias, a coexistência das contraditórias antinomias categoriais, como ordem e progresso; conservadorismo e modernidade; rural e urbano; espiritual e temporal; poder eclesiástico e civil; e fé e razão.

39 O primeiro deles foi a criação, em 1915, da Diocese de Sobral.

40 **Os confrontos manifestados entre os dois jornais intensificam-se sobremaneira no ano de 1919.**

palmente pelo jornal liberal independente “A Lucta”, do jornalista Deolindo Barreto, desde 1914<sup>41</sup>, e apresenta-se como elemento aglutinador, agregador de uma sociedade em “agonizante” estado de “anomiasocial”<sup>42</sup>.

Aparentemente sem nenhuma vinculação política e partidária, de sentimento libertário, ou seja, “liberal”, o semanário católico *Correio da Semana*, incorpora as características aqui aludidas de “Bôa Imprensa”, insurgindo contra a “Má Imprensa” e delimitando assim o seu campo de ação<sup>43</sup>.

O *Correio da Semana* assumia o discurso da moralidade da sociedade e elegia como “inimigos” aqueles que se utilizavam da “Má Imprensa”:

Não é este, afinal, o expediente tão arditoso na mão do inimigo que, quando fatigado de usar de todos os meios ao seu alcance para implantar nas almas o reinado dos vícios, socorre-se da má imprensa, como arma de moderno calibre, para o desgraçado fim que almeja? Si uma epocha [sic] nossa existir em que se torne indispensável, será o saneamento moral da sociedade, o concurso eficaz da boa imprensa, nenhuma mais necessidade deste auxílio do que a época em que vivemos.<sup>44</sup>

A orientação era para que se agisse contra a “Má Imprensa”, cabendo aos fiéis e seguidores não fazer assinaturas e não anunciar em jornais não religiosos. Ao contrário, os jornais católicos deveriam ser veículos de propaganda para arrecadar fundos e recursos em benefício da “Bôa Imprensa”.

Essa orientação chegou a redundar em um caso extremo que foi a proscrição e condenação do jornal “A Lucta”, em 1922, pelo Bispo Dom José, proibindo os fiéis católicos de lê-lo, sob pena de pecado mortal:

Sendo o bi-hebdomadário intitulado “ALucta”, que se publica nesta cidade, sob a direção [sic]e redacção [sic]

41 Logo depois, em 1922, “A Lucta”, como se vê adiante, viria a ser “condenado”.

42 José Albertino Rodrigues escreve que Durkheim afirma a existência de um reino moral, ao concluir que “a vida social não é outra coisa que não o meio moral, ou melhor, o conjunto dos diversos meios” (RODRIGUES, 1990, p. 18).

43 “Os campos de ação do jornalismo estão divididos: a BOA e a MÁ imprensa. Em matéria religiosa, a imprensa neutra é aliada natural e obrigatória da má imprensa, pois J. Cristo disse: ‘quem não é por mim é contra mim’” (*Correio da Semana*. Artigo de fundo “Em Campo”, de 18/03/1918).

44 *Correio da Semana*. Sobral-CE, 31 de março de 1918.

do Snr. Deolindo Barretto [sic] nestes últimos tempos sumamente [sic] ofensivo [sic] á [sic] consciência catholica [sic] do povo pelos seus erros contra á [sic] fé, pela sua linguagem imoral [sic] e pelos insultos dirigidos aos ministros sagrados e á [sic] própria dignidade Episcopal, Nós, em virtude da Nossa Auctoridade [sic] Ordinaria [sic], Proscrevemos e Condenamoso dito bi-hebdomadario [sic] "A Lucta" e Prohibimos [sic] expressamente aos Fieis [sic] desta Nossa Diocese que o assignem [sic] ou leiam sob pena de peccado [sic] mortal. Palácio Episcopal de Sobral, 9 de outubro de 1922 José Bispo Diocesano.<sup>45</sup>

Nota-se o conteúdo dos artigos de fundo, especialmente os das edições comemorativas do *Correio da Semana*, sempre aludindo à necessidade de propagação da "Bôa Imprensa" nos municípios sob a jurisdição da Diocese de Sobral.

Entretanto, além da propaganda e da informação em si, o texto do *Correio da Semana* trazia, implícita e explicitamente, a imprescindível tarefa de disseminar a moral religiosa cristã no seio da sociedade. Era, portanto, uma imprensa escrita voltada muito mais para uma instrução religiosa e moral do que propriamente preocupada com a notícia em si. Usava, como afirma Júlia Miranda, o "discurso lingüístico escrito para o trabalho de doutrinação" (MIRANDA, 1987, p. 54).

Assim iniciava-se, a crescente e ininterrupta trajetória da "Bôa Imprensa" em Sobral, ou seja, a luta pela hegemonia de um "bloco histórico" (a Igreja Católica) no âmbito da sociedade civil da cidade de Sobral, utilizando a religião como ideologia organizada por um grupo de intelectuais católicos (os "jornalistas" do *Correio da Semana*), liderados por Dom José.

Chega-se, finalmente, ao momento da história de Sobral onde acontece a passagem da estrutura para a esfera das superestruturas:

[...] o momento da luta pela hegemonia, da transformação das 'ideologias' em 'partidos', da luta pela liderança e condução do processo, em suma, o momento de instauração de um bloco histórico que envolve, além da unidade dos fins econômicos e políticos, a unidade intelectual e moral (MICELI, 1981, p. 15).

45 *Correio da Semana*. Sobral-CE, 14 de outubro de 1922.

Com efeito, o “*Correio da Semana*” era a representação viva de uma elite eclesiástica historicamente documentada “desempenhando uma função organizacional intelectual e moral no âmbito das superestruturas” (MICELI, 1981, p. 40), lançando uma contribuição para melhor compreensão da história de Sobral.

## REFERÊNCIAS

### Livros

BELTRÃO, Luiz. **Jornalismo Opinitivo**. Porto Alegre, Editora Sunna, 1980.

CASALI, Alípio. **Elite intelectual e restauração da igreja**. Petrópolis, RJ, Editora Vozes, 1995.

DURKHEIM, Émile. **Sociologia**. Coleção Grandes Cientistas Sociais. 5ª edição. São Paulo. Editora Ática, 1990.

FROTA, Dom José Tupynambá da. **História de Sobral**. Fortaleza. Editora Enriqueta Galeno, 1974.

GRAMSCI, Antonio. **Cadernos do Cárcere. Volume 2. Os intelectuais. O princípio educativo. Jornalismo. Caderno 24 (1934)**. Rio de Janeiro. Editora Civilização Brasileira, 2004.

MICELI, Sérgio. **A Elite Eclesiástica Católica**. São Paulo. Companhia da Letras, 2010.

MIRANDA, Júlia. **O Poder e a Fé. Discurso e prática católicos**. Fortaleza. Editora UFC, 1987.

SANTOS, Chrislene Carvalho dos. **Sentimentos no sertão republicano – imprensa, conflitos e morte – a experiência política de Deolindo Barreto (Sobral 1908-1924)**. Tese de Doutorado. Campinas. Universidade de Campinas. 2009.

SILVA JÚNIOR, Agenor Soares e Silva. **Cidade sagradas: a Igreja Católica e as transformações urbanas no Ceará (1870-1920)**. Centro de Estudos Gerais. Instituto de Ciências Humanas e Filosofia. Tese de Doutorado em História. Niterói. Universidade Federal Fluminense.

## Capítulos de livro

MICELI, Sergio. "Gramsci: ideologia, aparelhos do Estado e intelectuais" *In*: Antonio Gramsci. Intelectual e militante. Reflexão. **Revista do Instituto de Filosofia e Teologia da Pontifícia Universidade Católica de Campinas**. Ano VI No 19, pág. 1 - 140. jan./abril/81, p. 40.

MONTEIRO, Domingos. "A invenção da Imprensa. Principal fator Coadjuvante da Renascença". *In*: **O Livro de todos os tempos**. 1ª edição. Rio de Janeiro, Editora Lidador. 1963, p. 286.

## Artigos

FONTES, Paulo de Oliveira. **Dicionário de História Religiosa de Portugal. Centro de Estudos de História Religiosa da Universidade Católica Portuguesa**. Casais de Mem Martins, Rio do Mouro. Círculo de Leitores Printer Portuguesa, Ind. Gráfica Lda., p. 423 e 425, setembro de 2000.

GONÇALVES, Marcos. Uma reflexão sobre a intelectualidade católica. **Revista de Sociologia Política**, Curitiba, p. 245-250, junho de 2007.

JANUÁRIO, Marcelo. Alceu Amoroso Lima: humanismo e cultura no jornalismo brasileiro. **II Encontro Nacional da Rede Alfredo de Carvalho. GT História da Mídia Impressa Coordenação: Prof. Luís Guilherme Tavares (NEHIB)**, Florianópolis, p. 3, de 15 a 17 de abril de 2004.

MANOEL, Alexandre. **Os jornais Católicos e a causa da "Bôa Imprensa"**. Dissertação de Mestrado. Lisboa. Universidade Nova de Lisboa, p. 1, 2009.

## Outras Fontes

*Álbum Histórico do Seminário Episcopal do Ceará em comemoração às Bodas de Ouro de sua fundação*. Fortaleza, 1914-1920.

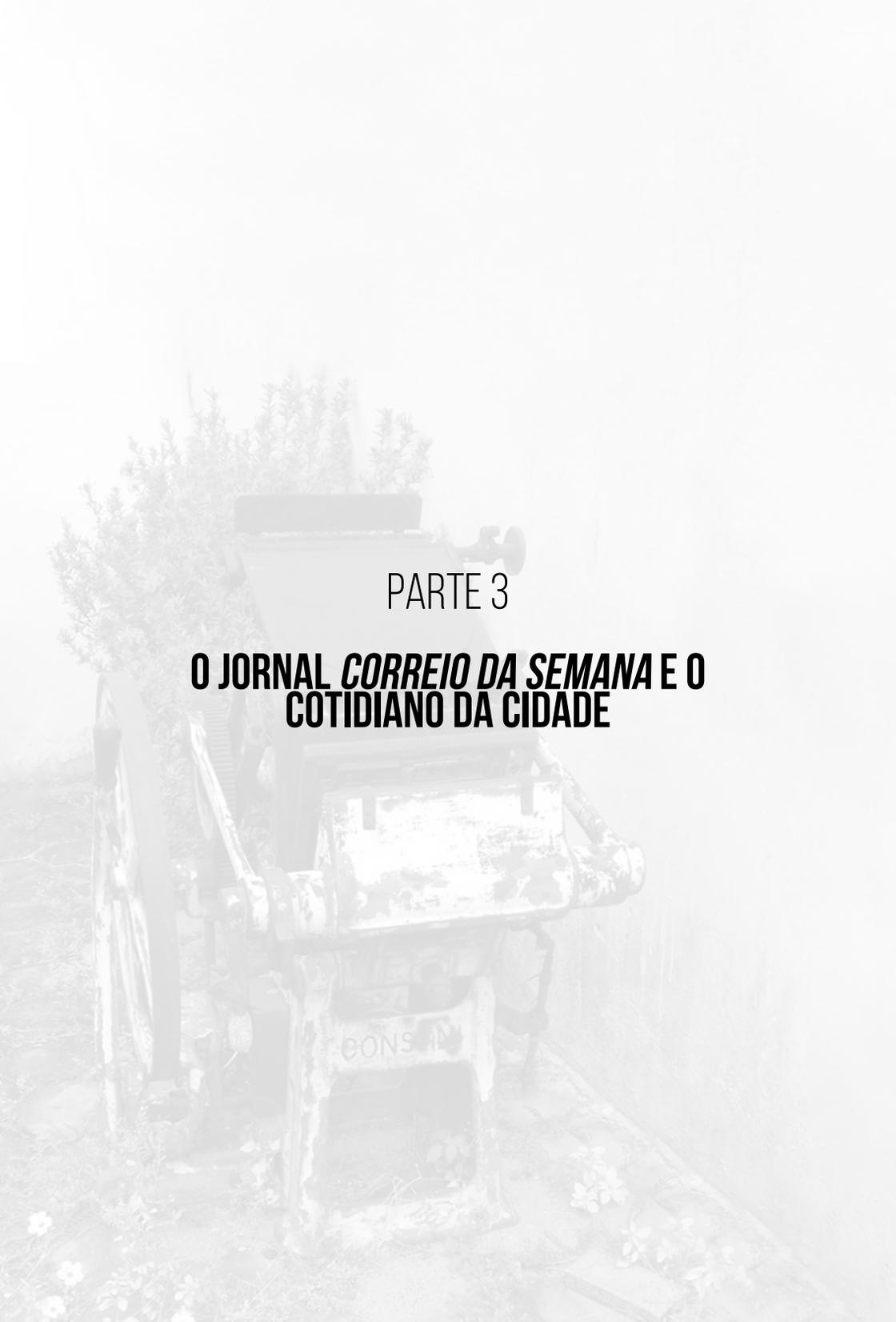
Documentos Pontifícios. **"Sobre a Imprensa Católica. Papa Leão XIII."** Excertos. Editora Vozes, 1967.

Entrevistas realizadas com os Padres Sadoc de Araújo e Osvaldo Chaves e o jornalista, Professor da UFC, Ronaldo Salgado.

Jornal *Correio da Semana*. Edições de 06/04, 13/04, 20/04, 27/04, 04/05, 11/05, 15/05, 18/05, 25/05, 01/06, 08/06, 15/06, 22/06, 29/06, 06/07 e 13/07 de 1918; 18/01/1919; 16/04/1921 e 29/05/2010.

Manuscrito "Efemerides particulares", de autoria do próprio Dom José.





PARTE 3

**O JORNAL *CORREIO DA SEMANA* E O  
COTIDIANO DA CIDADE**



# **“A PRINCESA ADORMECIDA”. A INTRODUÇÃO DE SOBRAL-CE NO CENÁRIO POLÍTICO DO PATRIMÔNIO CULTURAL NACIONAL**

*Neycikele Sotero Araújo<sup>1</sup>*

## **INTRODUÇÃO**

As casas antigas localizadas na cidade, os trilhos que cruzam as ruas seguindo um caminho antes percorrido pelo trem, os meninos a brincar de bola na calçada da Igrejinha onde seus pais se casaram, o rio que secou e encheu, mas que sempre esteve no mesmo lugar; as pessoas passaram, os séculos passaram, mas ele lá permaneceu, invisível para uns e essencial para outros. Esses espaços da cidade guardam as lembranças de tempos prósperos, mas também de tempos ruins, de momentos da infância que hoje são observados com olhos de saudades por aqueles que lá viveram. Sobre esse aspecto, é importante para nós a reflexão de Calvino sobre o que forma a cidade.

[...] Poderia falar de quantos degraus são feitas as ruas em forma de escada, da circunferência dos arcos dos pórticos, de quais lâminas de zinco são recobertos os tetos; mas sei que seria o mesmo que não dizer nada. A cidade não é feita disso, mas das relações entre as medidas de seu espaço e os acontecimentos do passado [...] (CALVINO, 2003, p. 15).

---

<sup>1</sup> Graduada em História e Pós-Graduada em Ensino de História do Ceará pela Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA). Mestranda em Artes, Patrimônio e Museologia (UFDP/PI).

É baseada na preservação desses espaços de sociabilidade e memória que a política de preservação do patrimônio surge. O termo patrimônio é de origem latina, *patrimoniu*, e designava, entre os antigos romanos, as propriedades pertencentes ao pai, e que podiam ser legadas como herança. Com o passar dos tempos a palavra patrimônio ganhou outros sentidos, e ganhou o acréscimo do termo “histórico”, fazendo relação ao bem de representação coletiva. Como nos afirma Oriá (2003, p. 247):

[...] o culto e o sentido de preservação dos monumentos históricos e artísticos estão relacionados à construção do Estado-nação, longo processo histórico que se inicia por volta do século XV, passa pela revolução Francesa, já no século XVIII e se consolida, sobretudo, a partir do século XIX, conhecida como a era dos nacionalismos.

No Brasil, esse sentimento nacionalista surge com as ideias de independência ainda no século XIX. Contudo, apenas no início do século XX, o nacionalismo encontrou força nas ideias dos artistas modernistas, como também na ideologia do governo de Getúlio Vargas.

No ano de 1937 foi criado, junto ao Ministério da Educação e Saúde (MES), o SPHAN<sup>2</sup>, órgão responsável pela identificação, catalogação e preservação da história brasileira, que, durante seus primeiros anos de atuação, ficou sendo conhecido como a preservação de “pedra e cal”, por tombar apenas construções históricas e que lembravam a história da colonização europeia. Essa primeira fase durou, aproximadamente, 40 anos.

Afinal, que Brasil estava sendo representado por meio desses bens? E qual o grau de envolvimento da sociedade? É baseada nessa reflexão que surge em 1980 outra forma de se pensar a política patrimonial, dando atenção à diversidade brasileira. O Brasil estava vivendo um novo contexto político, com o fim da ditadura civil-militar e o início da redemocratização do país. Com essa nova política de preservação do patrimônio nacional, muitas cidades do Nordeste brasileiro ganharam visibilidade e investimento. Nesse momento, a cidade de Sobral-CE, lo-

---

2 Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

calizada no interior do Estado do Ceará, através do jornal *Correio da Semana*, observam-se as denúncias sobre o abandono do patrimônio histórico da cidade e sobre as discussões sobre sua preservação.

## CONTEXTO E FORMAÇÃO DA POLÍTICA PATRIMONIAL NO BRASIL

Durante a década de 1920, encontrávamos, em algumas regiões brasileiras, manifestações a favor da preservação do patrimônio histórico edificado. Porém, Fonseca (2005), em suas discussões a respeito da criação do SPHAN e de sua política de patrimônio, nos indica que é preciso analisar o órgão a partir de dois fatos que marcaram a vida cultural e política do Brasil na primeira metade do século XX, o Movimento Modernista e a instauração do Estado Novo.

Através das denúncias sobre o abandono das cidades históricas e sobre a degradação do patrimônio nacional, os intelectuais modernistas conseguiram dar notoriedade ao assunto, chamando a atenção da sociedade e dos órgãos públicos para a questão de sua preservação. Segundo o intelectual modernista Mário de Andrade

É muito sabido já que um grupo de moços brasileiros pretendeu tirar o Brasil da pasmaiceira artística em que vivia. [...] Tinham de transportar a consciência nacional para o presente do universo. Muito bem. Mas onde estava essa consciência nacional? [...]. Era preciso auscultar, descobrir, antes: ajudar o aparecimento da consciência nacional. As pesquisas se multiplicaram nesse sentido entre os modernistas brasileiros. A realidade brasileira, agora criticada e não apenas sentimental caracterizada já claramente o trabalho desse grupo [...]. É trabalho consciente. E deve ser, sobretudo, prático, tradicional e experimental. Muito nos ajudará a obra dos historiadores, dos folcloristas, dos regionalistas, dos sociólogos (ANDRADE, 2002, p. 270).

O Movimento Modernista de 1922 buscava encontrar através das diversas formas de expressão cultural e produções artísticas, uma identidade nacional. Defendiam que a arquitetura colonial e as artes

barrocas eram os símbolos da identidade cultural brasileira e identificavam em Minas Gerais o berço da civilização brasileira, por seu estilo barroco genuinamente brasileiro.

No mesmo ano em que ocorreu a Semana de Arte Moderna, foi criado, sob a direção de Gustavo Barroso, o Museu Histórico Nacional, em comemoração ao centenário da Independência do Brasil, tendo como função guardar e expor os objetos históricos que contavam a história oficial do país, em um misto de patriotismo e de culto às tradições.

Após a Revolução de 30, com a criação da nova Constituição em 1934, Getúlio Vargas reformulou o Estado, criando novos ministérios, dentre eles, o MES, órgão que seria responsável pela gestão do patrimônio brasileiro.

Em julho de 1933, o governo federal assinou um decreto que elevou a Cidade de Ouro Preto a monumento nacional, sendo esse o início das ações para preservação do patrimônio histórico brasileiro. Contudo, ainda era pouco. Fazia-se necessário a criação de um órgão que servisse à proteção legal desse patrimônio, que, na fala dos modernistas, corria sérios riscos de desaparecer, perdendo-se, com esses monumentos, a própria história e identidade do país.

Um ano depois, é criado o primeiro órgão voltado para a preservação do patrimônio no Brasil, a Inspetoria de Monumentos Nacionais, vinculada ao Museu Histórico Nacional. Tal órgão tinha como principais finalidades impedir que objetos antigos, referentes à história nacional, fossem retirados do país em virtude do comércio de antiguidades, e evitar a destruição das edificações monumentais devido às reformas urbanas, tarefas que mais tarde seriam delegadas ao SPHAN.

O discurso do governo vai ao encontro do discurso dos intelectuais: a identidade nacional. A nomeação de Gustavo Capanema, citado por alguns autores como um influente intelectual da época, em 1934, como novo Ministro da Educação e Saúde, deu forma à ideologia nacionalista do governo Vargas, que via na educação o campo ideal para disseminar o sentimento

de patriotismo. Capanema teve como colaboradores os modernistas, entre eles Mário de Andrade, Lúcio Costa e Carlos Drummond de Andrade.

Em 1936, em caráter provisório, foi criado um departamento de preservação do patrimônio vinculado ao MES. O ministro Capanema, por indicação de Mário de Andrade, convida o advogado mineiro Rodrigo Melo Franco de Andrade para organizar e dirigir o departamento criado. Contudo, para oficializar o órgão, era necessário encontrar um instrumento jurídico que tornasse possível a regulamentação e proteção do patrimônio, sem que o proprietário perdesse o direito sobre o imóvel, pois havia sido a falta de um instrumento desse tipo que impediu, na década de 1920, os estados de criarem órgãos que protegessem os monumentos, pois o direito à propriedade estava garantido por lei.

Pensando nesse tipo de dificuldade, o ministro Capanema encomendou a Mário de Andrade, então diretor do Departamento de Cultura de São Paulo, um anteprojeto de criação de um “serviço de fixação e defesa do patrimônio artístico nacional” (ANDRADE, 2002, p. 271). A proposta do projeto de lei elaborada por Mário de Andrade sugeria a criação do Serviço do Patrimônio Artístico Nacional (SPAN), apresentando a seguinte definição de patrimônio:

Entende-se por Patrimônio Artístico Nacional todas as obras de arte pura ou de arte aplicada, popular ou erudita, nacional ou estrangeira, pertencentes aos poderes públicos, a organismos sociais e a particulares nacionais, a particulares estrangeiros, residentes no Brasil (ANDRADE, 2002, p. 271).

Mário de Andrade traz, em seu anteprojeto, uma ideia de diversidade nacional, que, no momento político em que se encontrava o país, não poderia ser aplicada, afinal, o governo nacionalista almejava uma unidade para o país. Tal projeto, todavia, foi substituído por uma versão que incorporava apenas parte do que se pensava contemplar inicialmente. O anteprojeto encaminhado por Rodrigo M. F. de Andrade ao Presidente da República, além de incluir, a pedido de Capanema, a

expressão “histórico”, ao lado de artístico, apresentava outra definição de patrimônio, agora vinculada “[...] a fatos memoráveis da história do Brasil, quer por seu excepcional valor arqueológico ou etnográfico, bibliográfico ou artístico”<sup>3</sup> (MARTINS, 2001, p. 29).

Em 1937, foi aprovado o Decreto Presidencial nº 25 que criou oficialmente Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN) e instituiu a lei de tombamento, que criava estratégias legais para a proteção do bem considerado patrimônio nacional. Foi na Constituição Brasileira de 1934, em seu art. 113, em que o governo estabelecia limites ao direito de propriedade, quando este representar o interesse social e coletivo, que Rodrigo M. F. de Andrade encontrou a brecha para a criação da lei de tombamento.

Contudo, a criação do SPHAN, em pleno Estado Novo, não deve ser vista como um acontecimento isolado. Ela foi acompanhada da criação, em 1937, do Instituto Nacional do Livro (INL), do Serviço Nacional de Teatro (SNT), do Instituto Nacional de Cinema Educativo (INCE) e do Conselho Nacional de Cultura (CNC), esse último criado em 1938. A criação e reunião dessas instituições culturais, no âmbito do Ministério de Educação e Saúde Pública, revelam uma nova preocupação com a questão cultural no país.

Essa primeira fase do SPHAN, de 1936 a 1967, ficou conhecida como a *fase heroica*, devido à escassez de recursos e ao reduzido número de funcionários para mapear e proteger os bens em todo o território nacional. Durante esses trinta e um anos, Rodrigo M. F. de Andrade esteve à frente do órgão, o patrimônio foi narrado “[...] como num processo de desaparecimento ou destruição, sob a ameaça de uma perda definitiva [...]” (GONÇALVES, 2002, p. 31).

3 A sigla do órgão passou por várias derivações: em 1937, era SPHAN (Serviço de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional); em 1946, era DPHAN (Diretoria de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional); em 1970, era IPHAN (Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional); em 1979, era SPHAN (Secretaria de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional); em 1990, era IBPC (Instituto Brasileiro de Patrimônio Cultural); e, em 1994, volta a ser IPHAN.

O patrimônio, defendido nessa fase, exerceu um caráter monumentalista e elitista, em que a cidade histórica é compreendida como uma obra de arte. O Brasil representado nessa fase foi um Brasil católico, de passado lusitano e branco, homogêneo. De acordo com Rodrigo M. F. de Andrade, o SPHAN

[...] visa justamente divulgar o mais possível as nossas re-  
 liquias históricas e artísticas, educando o povo no seu co-  
 nhecimento. Evidentemente não seria recomendável uma  
 obra para eruditos. As massas precisam saber também  
 destes assuntos (ANDRADE, 1987, p. 26-27).

O anteprojeto do Mário de Andrade contemplava a participação popular na identificação do patrimônio, porém, com as modificações sofridas, o projeto implantado não voltou sua atenção para isso. Embora falasse de uma educação popular, afirmava que os principais problemas enfrentados pelo SPHAN eram a “ignorância” e a “indiferença” da população em relação ao patrimônio edificado. Rodrigo falava da necessidade de uma apropriação da população para com o patrimônio, porém, não se dava conta de que a política centralizadora do SPHAN não dava voz a essa população que ele tanta queria aproximação. Os pedidos de tombamentos solicitados nessa época eram feitos pelos próprios funcionários, e, caso existisse, muito raro, um pedido de tombamento por parte de outra entidade, deveria ter o valor nacional definido segundo os critérios do SPHAN; caso contrário, o tombamento não era aceito. É nesse momento que identificamos as falhas cometidas pelo o órgão na sua formação, o que influencia ainda hoje na política de preservação do patrimônio.

Em 1967, com a aposentadoria de Rodrigo, o cargo de diretor passa para Renato Soeiro, que já trabalhava na casa. A administração de Renato Soeiro corresponde à segunda fase do IPHAN, denominada, por alguns estudiosos da área do patrimônio, como a *fase moderna*, em que o conceito de patrimônio histórico (referente principalmente aos monumentos) é ampliado para patrimônio cultural, para poder incluir vários outros significados em relação ao patrimônio.

Nas décadas de 1950 e 1960, ocorreram grandes mudanças no modelo de desenvolvimento do país. O Brasil estava na época áurea da industrialização, com uma urbanização acelerada e uma grande especulação imobiliária, levando o agora IPHAN (Instituto) a pensar novas estratégias de preservação desse patrimônio que voltava a sofrer ameaças de desaparecimento. É a partir daí que o órgão buscou rever os conceitos que regiam a proteção do patrimônio e definir novos instrumentos de proteção e valorização, recorrendo à UNESCO para encontrar soluções que compatibilizasse os interesses de preservação ao modelo de desenvolvimento então vigente no país.

A primeira alternativa foi seguir a Normas de Quito, que fazia referência à conservação e utilização de monumentos e lugares de interesse histórico e artístico “que podem e devem ser devidamente preservados e utilizados em função do desenvolvimento, como incentivos a afluência turística” (CURY, 2004, p. 114). Baseado nessa política de reciclar o discurso de preservação do patrimônio, essa nova fase liga o sentimento de identidade nacional ao desenvolvimento urbano, gerando, através do turístico cultural, a renda para região. Inicia-se uma nova política de tombamento, voltada mais para preservação de conjuntos, em que a cidade histórica deixa de ser uma referência à obra de arte barroca e passa a ser compreendida como a evolução da organização social.

Outro fator importante foi a descentralização das atividades do IPHAN, que promoveu encontros com governadores e prefeitos a fim de se discutir a necessidade de criação de órgãos de preservação no âmbito estadual e municipal, dando autonomia para esses órgãos mapearem, catalogarem e preservarem o que eles identificavam como patrimônio cultural de sua região. Esses encontros resultaram nos documentos denominados Compromisso de Brasília e Compromisso de Salvador e promoveram a criação do Programa Integrado de Reconstrução das Cidades Históricas do Nordeste, em 1973, que tinha como finalidade investir no turístico e geração de renda.

Uma segunda alternativa que apareceu foi o Centro Nacional de Referência Cultural (CNRC), criado em 1975 em convênio entre o Governo do Distrito Federal, através da Secretaria de Educação e Cultura, e o Ministério de Indústria e Comércio, através da Secretaria de Tecnologia Industrial. Segundo Fonseca (2005, p. 163) o objetivo inicial do CNRC era “[...] criar um banco de dados sobre a cultura brasileira, um centro de documentação que utilizasse as formas modernas de referenciamento e possibilitasse a identificação e o acesso aos produtos culturais brasileiros”.

O CNRC estava sob o comando do designer e artista plástico Aloísio Magalhães, que promovia seu discurso baseado na diversidade cultural brasileira, segundo a qual o patrimônio cultural brasileiro era muito mais que pedra e cal, estava em muitos outros lugares e pertencia a muitos outros grupos componentes da nossa sociedade. Estava no saber-fazer da população, na religiosidade, nas formas de sociabilidades desses grupos. Ao contrário do discurso homogêneo produzido na primeira fase do SPHAN, o CNRC explorou a diversidade brasileira sem medo de represálias, já que, afinal, não estava subordinado a nenhum órgão da administração pública. De acordo com Fonseca (2005, p. 173),

Ao CNRC não interessava, portanto, atuar sobre bens que fossem meros signos do passado; para proteger esses bens já existiam instituições e museus suficientes. Seu interesse se voltava para as manifestações culturais “vivas”, inseridas em práticas sociais contemporâneas [...].

Em fins da década de 1970, o CNRC teve suas funções interrompidas com a extinção do convênio que tinha entre seus assinantes. Logo em seguida, Aloísio Magalhães foi nomeado diretor do IPHAN, e a instituição inaugurou uma nova fase de sua trajetória, havendo a fusão entre IPHAN/PCH/CNRC. Aloísio Magalhães pretendia, como objetivo final, colocar as discussões a respeito das variantes culturais como tema importantes e necessárias de serem abordadas quando se pensasse em políticas culturais no Brasil. Nesse sentido, a população passa a ser pensada como um agente ativo nesse processo. Era o início da tentativa de se

rever as políticas de preservação do patrimônio. Aloísio propõe, então, a criação da Fundação Nacional Pró-Memória como órgão executivo da Secretaria do Patrimônio Artístico Nacional (SPHAN), que seria o órgão normativo e substituiria o então IPHAN. Conforme Gonçalves, a nova fase do órgão ganha um caráter de antropologia cultural.

[...] quando contrastada com a narrativa histórica de Rodrigo, em que o Brasil aparece como “civilização” e “tradição”, a de Aloísio parece mais próxima a de um moderno antropólogo social ou cultural, cujo a autoridade está baseada numa teoria sistemática da cultura e da sociedade. [...] assim, Aloísio substitui o “patrimônio histórico e artístico” de Rodrigo pela noção de “*bem culturais*”. Quando usa a noção de “cultura brasileira”, ele enfatiza mais o presente do que o passado. Ele destaca que a noção de “bens culturais”, tal como a sua, existe no contexto da vida cotidiana da população. [...] assinala a importância de um contato direto entre os profissionais do patrimônio cultural e as populações locais. Enfatiza a diversidade cultural existente no contexto da sociedade brasileira (GONÇALVES, 2002, p. 50-51, grifo nosso).

Os anos de 1980 foram expressivos no que diz respeito às novas discussões relacionadas à temática do patrimônio. Uma das mudanças mais importantes foi em relação ao conceito de cultura, que, até essa década, era dividida entre a erudita, representada pelo patrimônio, e a popular, expressa através do artesanato e do folclore. Nesse momento, surge a resposta para a questão até então discutida: por que a população se mantém indiferente a preservação do patrimônio? Para Aloísio, a indiferença da população é reflexo das políticas culturais que ignoram a complexidade e a diversidade da sociedade e da cultura brasileira.

No final da década de 1980, com a abertura política e a redemocratização do país, a Carta Magna de 1988 corrige várias distorções na política de preservação, inserindo novos dispositivos que valorizam outros elementos formadores da identidade nacional, admitindo a presença de uma memória plural. O artigo nº 215 da Constituição de 1988 garante a todos o pleno exercício dos direitos culturais e reitera a proteção às manifestações

populares indígenas e afro-brasileiras ou de quaisquer outros segmentos étnicos nacionais, e o artigo nº 216 define como patrimônio cultural:

Os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação e à memória dos grupos formadores da sociedade brasileira, nos quais se incluem: as formas de expressão; os modos de criar, fazer e viver; as criações científicas, artesanais e tecnológicas; as obras, objetos, documentos, edificações e demais espaços destinados às manifestações artístico-culturais; os conjuntos urbanos e sítios de valor histórico, paisagístico, artístico, arqueológico, paleontológico, ecológico e científico<sup>4</sup>.

Ao partir da valorização do intangível na conceituação de patrimônio cultural, o enfoque é deslocado da nação para a sociedade, em que a identidade brasileira será identificada, usando as palavras de Fonseca (2005) “para além da pedra e cal”, além de ser valorizada, também, a diversidade cultural presentes nos saberes e fazeres do povo brasileiro. A partir daí, o patrimônio intangível ou imaterial ganha destaque nas políticas públicas de patrimônio cultural no país, e a população brasileira, de fato, ganha reconhecimento nesse novo espaço cultural.

## **O JORNAL *CORREIO DA SEMANA* COMO ESPAÇO DE DENÚNCIA AO ABANDONO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO DE SOBRAL**

De acordo com Luca (2011), até a década de 1970, o uso dos jornais era considerado pouco adequado como fonte histórica, pois “continham registros fragmentados do presente, realizados sob o influxo de interesses, compromissos e paixões” (LUCA, 2011, p. 112). Com a Nova história, o campo de pesquisa dos historiadores alargou-se, foram propostos novos objetivos, problemas e abordagens. Para responder aos questionamentos, os jornais e revistas foram utilizados como fonte para conhecimento histórico. Segundo Luca (2001, p. 139):

4 CONSTITUIÇÃO DA REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL DE 1988. Disponível em: <http://www.cultura.gov.br/documents/10907/963783/Constitui%C3%A7%C3%A3o+Federal+da+Cultura.pdf/9185e6c0-1cca-4ccd-a109-89f116ae2c9d>. Acesso em: 29 ago. 2010.

[...] a imprensa periódica seleciona, ordena, estrutura e narra, de uma determinada forma, aquilo que se elegeu como digno de chegar até o público. O historiador dispõe de ferramentas provenientes da análise do discurso que problematizam a identificação imediata e linear entre a narração do acontecimento e o próprio acontecimento [...]

A partir da pesquisa das publicações no jornal *Correio da Semana* da década de 1990, pode-se encontrar uma cidade interiorana que almejava o progresso e, para isso, era preciso dar lugar a novos empreendimentos, o que provocava uma disputa constante entre o que se deveria ou não se preservar. O jornal foi criado em 1918 por Dom José Tupinambá da Frota com a finalidade de divulgar as notícias da Diocese de Sobral, contudo observou-se que outros assuntos sobre a vida cotidiana da cidade eram noticiados no periódico. Segundo Capelato e Pardo (1980 *apud* LUCA, 2011, p. 118) “[...] a escolha de um jornal como objeto de estudo justifica-se por entender-se a imprensa como um instrumento de manipulação de interesses e de intervenção na vida social [...]”.

Através das matérias do jornal *Correio da Semana*, foi possível encontrar as discussões locais sobre a preservação do patrimônio cultural de Sobral. Essa questão parece ter despertado em Sobral somente no início da década de 1990, na segunda gestão do prefeito José Prado<sup>5</sup>, correspondendo à nova política nacional de patrimônio, traçada pela nova Constituição Brasileira de 1988, que ampliava o conceito de patrimônio e atribuía a responsabilidade de sua preservação também ao estado e ao município. Isso é o que nos indica uma matéria publicada no jornal *Correio da Semana*, assinada pelo Pe. João Mendes Lira:

Foi com imensa alegria que encontrei na Praça da Sé uma espécie de relíquia histórica de nossos antepassados. Bem perto da antiga Câmara Municipal, ainda está bem conservada, uma casa do século XVIII, que o prefeito José Parente Prado teve o cuidado e feliz ideia de desapropriá-la, transformando-a em patrimônio histórico de nossa cidade<sup>6</sup>.

5 A primeira gestão corresponde aos anos de 1973 a 1977.

6 *Correio da Semana*. Sobral-CE, 05 de maio de 2001. Ano 83. n° 195, p. 15.

A matéria escrita pelo Padre Lira foi publicada em sua coluna *Nossa História*. Segundo Silva (2015), essa coluna foi publicada pela primeira vez no ano de 1971, e, através desse espaço, o padre tinha “[...] a pretensão de escrever sobre o passado de Sobral, Lira evidenciava determinadas famílias e principalmente alguns nomes e fatos que, segundo ele, tiveram importância” (SILVA, 2015, p. 59).

**Figura 1** - Coluna Nossa História. Escrita por Pe. Lira



**Fonte:** *Correio da Semana*. Sobral-CE, 05 de maio de 2001.

O prédio, conhecido hoje como Casa do Capitão-Mor, foi comprado na gestão do prefeito José Parente Prado e recebeu uma placa para identificá-lo como imóvel mais antigo da cidade. Essa foi a ação de “preservação” realizada pelo gestor. Contudo, foi outro prédio que serviu de estopim para travar uma discussão acirrada na cidade sobre o que deveria ser considerado patrimônio local. O imóvel em questão foi o Solar dos Figueiredo, conhecido hoje como Casa da Cultura, que, desde o fim da década de 1980, vinha sendo cobiçado por comerciantes locais, devido à sua privilegiada localização na principal avenida da cidade, para ser um

importante centro comercial. Porém, na administração do prefeito Joaquim Barreto, conhecido também como Quinca, o imóvel foi comprado e declarado de utilidade pública para efeito de desapropriação pelo município de Sobral, com o intuito de sediar a Fundação Cultural de Sobral, tendo a função de abrigar todas as ações culturais do município e a primeira biblioteca pública municipal. Porém, até se concretizar esse desejo, muitas divergências foram geradas em torno do imóvel. Isso é o que nos mostra uma carta enviada pelo Sr. Edilson Aragão<sup>7</sup> ao jornal *Correio da Semana*.

No início de 1988, foi fechado com o Sr. Francisco Figueiredo, administrador do espólio e proprietário do prédio, preço e forma de pagamento por parte da prefeitura. No entanto no desenrolar da sucessão municipal daquele ano, colocou em campos opostos o prefeito Quinca e o deputado Chico Figueiredo, remetendo a solução final para o próximo prefeito. O Sr. José Prado, prefeito eleito e adversário, naquele momento do deputado Chico Figueiredo, simplesmente declara que a prefeitura não tem mais interesse naquele prédio e se o deputado quisesse poderia vendê-lo. Esqueceu-se o então prefeito que um decreto-lei não poderia ser revogado por uma simples declaração e o que o referido decreto tornava aquele prédio inegociável por um prazo de cinco anos, ficando o mesmo, neste período, sob a posse do poder público municipal<sup>8</sup>.

O que chama atenção na carta do Sr. Edilson Aragão, que, na época, era vereador no município, é a forma como ele mostra a falta de interesse do então prefeito da época José Prado em relação ao prédio que seria um espaço cultural da cidade, colocando em dúvida as palavras do Pe. Lira, publicadas no mesmo jornal, porém, em diferente ano, que aclama o comportamento do mesmo prefeito em relação à proteção da Casa do Capitão-Mor que foi identificada como patrimônio da cidade. Nesse momento, observa-se certa rivalidade política existente entre o vereador e o prefeito, que acabaria promovendo a discussão acerca da preservação patrimônio local.

7 Sobralense que ocupou vários cargos públicos na prefeitura de Sobral, dentre eles os cargos de vereador e de vice-prefeito.

8 *Correio da Semana*. Sobral-CE, 11 de maio de 1996. Ano 78. N° 156, p. 09.

**Figura 2 - Casarão dos Figueiredo pode ruir causando graves acidentes**



**Fonte:** *Correio da Semana*. Sobral-CE, 04 de maio de 1996.

Contra ou a favor da preservação do patrimônio local, no ano de 1990, o então prefeito José Prado sanciona a Lei Orgânica<sup>9</sup> do município, que, no artigo nº 186, responsabiliza o município pela proteção do patrimônio cultural local. Segundo a Lei Orgânica Municipal

Ao Município compete promover a proteção do patrimônio histórico cultural local, criando dispositivos, através de leis ordinárias, para tombamento de prédio, sítio arqueológico, bem como das paisagens naturais e construídas<sup>10</sup>.

Contudo, na administração do José Prado, o Solar dos Figueiredo não foi visto como um patrimônio histórico da cidade, sendo vendido ao empresário Otacílio Vasconcelos, para construção de um *shopping center*. A partir daí, começa um embate entre o vereador da oposição, Edilson Ara-

9 Conhecida também como Constituição Municipal, a Lei Orgânica é a norma que rege o município, respeitando os princípios da Constituição Federal e da Constituição do respectivo Estado.  
 10 SOBRAL. Lei Orgânica, de 05 de abril de 1990, com alterações da emenda 020/2009, de 01 de set. de 2009. Disponível em: [http://www.camarasobral.ce.gov.br/interna.php?pagina=lei\\_organica.php](http://www.camarasobral.ce.gov.br/interna.php?pagina=lei_organica.php). Acesso em: 12. set. 2010

gão, e o novo proprietário do prédio, porém, o vereador desejava atingir o prefeito. Em torno desse embate, o discurso proferido entre os dois lados, oposição e situação, culminava na importância da preservação do patrimônio histórico local versus o desenvolvimento e modernidade de Sobral.

O então vereador Edilson Aragão, através do seu advogado Clodoveu Arruda, entrou com uma ação popular, representando um grupo de quinze pessoas interessadas na preservação do imóvel, contra a prefeitura, exigindo que o imóvel atingisse sua função inicial de centro cultural, objetivado na administração do ex-prefeito Joaquim Barreto. Com essa ação, o vereador conseguiu embargar a obra, dando início, no meio intelectual e elitizado, a discussão do que seria e do que não seria considerado patrimônio histórico de Sobral. Em uma matéria publicada no jornal *O Povo*, identificamos a ira daqueles que estavam a favor da demolição do prédio.

Em Sobral, pessoas ditas intelectuais movimentam-se no sentido de impedirem a demolição do casarão pertencente a família Paulo Pessoa sob a alegativa de que ele se constitui num patrimônio histórico [...] a postura de tais pessoas é um tanto medieval, uma vez que entendemos como patrimônio histórico, obras que fazem parte do cenário mais vivo da história de um povo conhecidas, cuidadas e respeitadas, coisa que não se sucede a obra em evidencia, vez que nem mesmo a própria família proprietária soube valorizá-la, preferindo vendê-la. [...] temos uma visão voltada para o modernismo. No local onde está o casarão abandonado até então haverá de nascer um suntuoso shopping Center que viria embelezar a cidade. Aumentar o número de empregos e beneficiar nosso comércio<sup>11</sup>.

Mesmo com a oposição, o embarco contra a demolição do prédio foi feito, passando o prédio a pertencer ao governo do estado, na administração de Ciro Gomes, que comprou o prédio para sediar, de início, o Palácio da Microempresa.

No ano de 1995, na administração de Aldenor Façanha Junior, é criada em Sobral uma lei específica para a proteção do patrimônio cultural, histórico, artístico e paisagístico localizado no território do município de Sobral. Tal lei, certamente, foi resultado das várias reivindicações,

11 *O Povo*. Fortaleza-CE, abril de 1990.

em jornais locais, acerca do abandono do patrimônio. Isso é o que nos mostra um artigo denominado “Sobral de outrora e Sobral de hoje: uma dura realidade”, de autoria do professor universitário Daniel Caetano de Figueiredo, publicado no jornal *Correio da Semana*.

Nossa querida Sobral, com o passar do tempo, identifica-se e a acomoda-se cada vez mais com o merecido título de “a cidade do já teve”, “a cidade do já foi. [...] Sobral já possuiu [...] um quarteirão repleto de casas antigas, históricas, que possuíam azulejo português nas paredes. Um certo empresário mandou, simplesmente, demolir quase todo o quarteirão para construir um shopping Center. Citado shopping nunca saiu do papel, e mesmo que saísse, não existiria justificativa para a demolição das casas, pois as mesmas deveriam ter sido preservadas. Nenhuma de nossas autoridades competentes chegou sequer a se pronunciar sobre o fato, à época. Foi um verdadeiro crime – mais um -, contra o patrimônio histórico-cultural da cidade de Sobral. [...] Sobral, através de seus municípios, parece não ter ainda aberto os olhos para ver que nem tudo que é novo é bom. Muito pelo contrário [...] *quando o patrimônio histórico é destruído a população vai também, perdendo sua identidade, perdendo os seus valores*, ficando presa fácil dos aproveitadores (provavelmente a especulação imobiliária). Estes sim, são sempre excesso. [...] Não se quer, com isto, dizer que queremos a volta ao passado, muito pelo contrário, queremos progresso, mas o progresso e respeito, pois sem o mesmo não existe sequer o hoje, muito menos o amanhã. Um povo sem memória de sua história é um povo indigno do presente. Pior que isto, contudo é um governante que permite a destruição do patrimônio histórico de uma cidade. Este sim, merece com certeza o desprezo e o repúdio de todos<sup>12</sup> (Grifo nosso).

As memórias são (re)clamadas através desses meios de comunicação para que a população também se identifique pela causa da proteção do patrimônio cultural da cidade e para que os órgãos responsáveis por essa proteção atuem de fato. É como dizia o Pe. Lira em sua coluna *Nossa História*, no jornal *Correio da Semana*, “um povo sem memória, é um povo sem história”. A memória é resistência, segundo Bosi (1994, p. 452):

12 *Correio da Semana*. Sobral-CE, 15 de julho de 1995. Ano 77. nº 115. p. 08.

[...] Podem arrasar as casas, mudar o curso das ruas; as pedras mudam de lugar, mas como destruir os vínculos com que os homens se ligavam a elas? [...] as pedras e os materiais não vos resistirão [...] mas os grupos resistirão [...] A resistência muda das coisas, à teimosia das pedras, une-se a rebeldia da memória que as repõe em seu lugar antigo.

A nova legislação para a proteção do patrimônio cultural de Sobral não trouxe nenhuma novidade para a política de patrimônio municipal, só reforçou os critérios já ultrapassados de preservação do patrimônio “pedra e cal”, excluindo as manifestações culturais existentes na cidade e que, há muito tempo, almejava um espaço de divulgação e reconhecimento.

Consideram tombadas por esta Lei, os seguintes monumentos públicos e particulares do Município de Sobral: Teatro São João, Arco Nossa Senhora de Fátima, Museu Dom José, Catedral da Sé, Igreja do Rosário, Igreja Menino Deus, Igreja São Francisco, Igreja do Patrocínio, Abrigo Coração de Jesus, Conjunto Arquitetônico da Universidade Estadual Vale do Acaraú- CAMPUS BETÂNIA - Seminário São José e Colégio Sant’Ana<sup>13</sup>.

Nesse momento, a prefeitura, enquanto pessoa jurídica, torna-se um órgão autoritário, ao definir o que deve ser tombado como patrimônio histórico, excluindo a população desse momento de representatividade, impondo a eles o que deve ser lembrado, tornando-se “senhores da memória e do esquecimento”<sup>14</sup>.

Em análise do jornal *Correio da Semana*, encontramos, exatamente no mesmo ano que é criada a lei municipal de proteção ao patrimônio, várias reivindicações referentes ao abandono do patrimônio local, em específico, ao Solar dos Figueiredo, que, com o passar dos anos, se transformou em ruínas e encontrava-se esquecido no centro da cidade.

[...] hoje, as referidas ruínas, ou o que restou da “ação popular” para a preservação do que nada mais existia, não

13 Art. 4º da Lei nº 019//95- AFJ referente a preservação do patrimônio cultural, histórico, artístico e paisagístico de Sobral.

14 LEGOFF, Jacques. *História e Memória*. 5º. ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2003, p. 422.

estaria com uma placa de aviso “PERIGO” denunciando o zelo pelos interesses coletivos. Somos intransigentes contra as transgressões que se sucedem aos prédios antigos, que fazem parte da história de Sobral, dos quais muitos deles já não existem mais pela insensibilidade dos legisladores [...] *estamos denunciando o descaso a que ficou relegado tão importante acervo histórico* [...] qualquer cidadão, em sã consciência, reconhece ser impraticável uma boa ação dos governantes, municipal e estadual, por que jamais houve interesse para o restabelecimento pleno do prédio<sup>15</sup> (Grifo nosso).

Solar dos Figueiredo só veio ser percebido novamente pelo poder público no ano de 1996, quando representantes de associações de classe, clubes de serviços, sindicatos e outras entidades não governamentais sobralenses, através de um abaixo-assinado, reivindicavam urgentemente uma solução quanto à restauração do prédio, enviando o documento ao secretário de Desenvolvimento Urbano e Meio Ambiente do Estado, Adolfo Marinho. Contudo, os apelos à preservação do patrimônio continuavam sendo publicados no jornal *Correio da Semana*, como se pode observar no recorte da matéria abaixo.

**Figura 2** - A Princesa Adormecida



**Fonte:** *Correio da Semana*. Sobral-CE, 25 de maio de 1996. Ano 78. Nº 158. p. 09.

15 *Jornal Correio da Semana*. Sobral-CE, 11 de maio de 1996. Ano 78. Nº 156. p. 09.

Com as eleições de 1996, a população elege como novo gestor municipal o sobralense Cid Gomes. No ano de 1997, dando início à sua administração, que tinha como slogan de governo “Sobral no rumo certo”, Cid Gomes cria a Secretaria de Cultura, Desporto e Mobilização Social e nomeia Veveu Arruda como secretário da pasta. Inicia-se, nesse momento, um planejamento estratégico para estabelecimento de políticas públicas na área da cultura. A primeira ação realizada foi o estudo de tombamento do patrimônio histórico de Sobral, a partir do qual a prefeitura contratou, com recursos auferidos pela Lei Estadual de Incentivo à Cultura, um escritório especializado em patrimônio histórico para realização do levantamento e identificação dos bens. A pesquisa foi concluída em setembro de 1997 e encaminhada, junto com um abaixo-assinado, para o IPHAN, solicitando o tombamento do Sítio Histórico de Sobral.

O estudo de tombamento de Sobral, foi provavelmente influenciado pelo tombamento, em 1997, da cidade de Icó, que foi a primeira cidade do Ceará a ter seu centro histórico reconhecido/tombado em âmbito nacional. Foi fundamentada na retórica da perda, como fizeram os modernistas da década de 1930, que Sobral expôs a necessidade de preservação da cidade, que, devido à acelerada descaracterização de seus imóveis, vinha perdendo parte de sua memória, e conseqüentemente, de sua história.

Segundo os estudos feitos pelo IPHAN para o tombamento da cidade, a seleção das áreas para a preservação da cidade foi feita baseada nos processos socioeconômicos e histórico de formação e desenvolvimento da mesma.

[...] do ponto de vista arquitetônico, o conjunto de Sobral é muito fragmentado, mas ainda com número suficiente de exemplares para justificar a preservação desse aspecto. A arquitetura produzida durante os três grandes ciclos econômicos e evolução. As tipologias que remetem à evolução dos estilos e da arquitetura tradicional na cidade encontram-se grandemente concentradas na área central, nas proximidades da Igreja Matriz, do largo do Rosário, da Av. D. José e da Praça do Patrocínio. [...] As últimas décadas não foram arquitetonicamente pródigas com a cidade de Sobral. Elas coincidem com um certo declínio economi-

co, só recentemente revestido, e com a valorização de uma vulgar e equivocada noção de progresso, que resultaram na mutilação do belo conjunto arquitetônico da cidade [...]<sup>16</sup>.

Em agosto de 1999, na reunião do Conselho Nacional do IPHAN, foi aprovado o Tombamento do Sítio Histórico de Sobral.

O que norteia a presente proposta, em última análise, a justificativa, é a necessidade e a oportunidade de reconhecê-lo e preservá-lo como um dos mais importantes documentos do urbanismo colonial nesta região e da história do desbravamento e da ocupação do sertão nordestino. [...] Não possuindo a arquitetura deslumbrante de Ouro Preto nem a riqueza do centro histórico de Salvador, como objetivo patrimonial, Sobral pode ser melhor comparada a cidades como Laguna cujo núcleo foi tombado pelo IPHAN em 1985, pelo seu valor como documento histórico a testemunhar a escolha criteriosa de um sítio, o papel de um núcleo urbano na consolidação do território nacional e a forma urbana resultante desse processo<sup>17</sup>.

Com esse reconhecimento, a cidade estava credenciada a utilizar recursos do convênio que o Banco Mundial tinha com o Ministério da Cultura para restauração de prédios de cidades históricas. Além disso, Sobral, no mesmo ano em que foi tombada, foi escolhida pelo Governo do Estado para ser objeto piloto do Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano (PDDU), que corresponde à política urbana determinada pela Constituição de 1988, referente ao planejamento das cidades brasileiras com mais de vinte mil habitantes. Com as verbas desse projeto de desenvolvimento, o prefeito Cid Gomes pôde investir na recuperação do Rio Acaraú, na construção de um parque com amplas áreas de lazer arborizadas, na recuperação do patrimônio histórico do centro, entre outros projetos que ajudaram no desenvolvimento urbano da cidade. Em entrevista com o então chefe do escritório técnico do IPHAN em Sobral,

16 URBISSOBRAL – Seminário Técnico Programa URBIS e Revitalização de Sítios Históricos em Sobral/CE, 2001, p. 24-25.

17 *Idem*, p. 26.

Alexandre Veras, ele expõe sua opinião sobre o ganho que Sobral teve ao ser reconhecida como patrimônio nacional.

Então, aí você ver o tombamento que é de 90, de 1999 para cá, dez anos, você ver uma transformação positiva. Você ver monumentos que foram recuperados, reconstruídos, praças qualificadas [...] nós IPHAN, nós acertamos quanto houve o tombamento da cidade, acho que muita coisa se perdeu. Acho que hoje a cidade está melhor graças ao tombamento [...] <sup>18</sup>.

O reconhecimento como patrimônio histórico nacional e o projeto de política urbana estalado em Sobral foram fundamentais para transformar a cidade. Contudo, o tombamento de âmbito federal limitou-se apenas ao patrimônio edificado localizado no centro da cidade. Outros espaços da cidade que mereciam a preservação da memória local, além dos saberes ancestrais, não foram salvaguardados por uma legislação municipal. Conforme o depoimento do técnico do IPHAN, Alexandre Veras, é necessário que a cidade crie sua legislação municipal para preservar o patrimônio cultural local, pois são histórias e formas de saberes muito particulares da cidade.

[...] Eu acho apenas que essas ações elas tem que sair do sitio histórico, eles tem que ir para além do sitio histórico, dessa área do IPHAN, tem que ir para outros locais. Tem muitas outras áreas que elas têm que ser pensadas culturalmente, se elas são dignas de proteção, se elas são importantes para preservação, incentivar estudos. Por que, por exemplo, fora dessa área nós temos a UVA, nós temos a lagoa da fazenda, nós temos a Santa Casa, a Estação Ferroviária, a igreja do Sumaré, então, as igrejas dos distritos, de Patriarca. Então tem muitos outros edifícios e espaços que as pessoas tem carinho, tem afeição por eles, e eu entendo que eles são merecedores de proteção. Então, deveria haver estudos na, além de estudos, ações da prefeitura para preservar e promover. Nos outros distritos, por exemplo, Aracatiçu e Jordão tem uma série de evidências arqueológicas <sup>19</sup>.

18 Francisco Alexandre Veras de Freitas. Entrevistado em 16 de setembro de 2010. Sobral-CE.

19 Francisco Alexandre Veras de Freitas. Entrevista já citada.

E ainda complementa dizendo:

[...] eu acho que, primeiro todo município, seja qualquer município, deveria ter suas estâncias de tombamento, aquilo que o município entende, entende que se tem que preservar. Ele não pode, nenhum deles hoje deve ficar esperando uma entidade externa, fazer o trabalho que eles entendem, eles já sabem que aquilo é importante para eles<sup>20</sup>.

Desde 2000, Sobral conseguiu estabelecer, embora de forma tímida, o fortalecimento da política de preservação do patrimônio, desenvolvendo ações no campo legislativo e educacional. Como exemplo, pode-se citar a consolidação do equipamento cultural Casa do Capitão-Mor como centro de referência do Patrimônio Histórico e Cultural de Sobral, onde atualmente está abrigado o estudo de tombamento da cidade e são desenvolvidas ações de educação patrimonial, além de funcionar, também, o escritório técnico do IPHAN. No campo da legislação, foram sancionadas as seguintes Leis: Lei nº 1110/2011, que instituiu o dia 28 de outubro com o dia municipal do patrimônio; Lei nº 1160/2012, que criou o fundo municipal de preservação do patrimônio. Além disso, no ano de 2013, foram registrados como patrimônios imateriais o encontro de bois e reisados, o doce fartes e sua receita e a procissão e festejos de São Francisco de Assis, além de outros bens. No ano 2017, foi sancionada a Lei nº 1697/2017, que cria o conselho municipal do patrimônio cultural e reestrutura o fundo municipal de preservação do patrimônio cultural além de regulamentar o tombamento de bens culturais de natureza material e o registro de bens culturais de natureza imaterial do município.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sobral está entre as quatro cidades cearenses<sup>21</sup> reconhecidas como patrimônio cultural nacional e recebe constantemente turistas de outras regiões do Brasil, bem como de outros países. A cidade preserva, em

20 Francisco Alexandre Veras de Freitas. Entrevista já citada.

21 As outras cidades são: Icó, Aracati e Viçosa.

seus prédios, as marcas da história, e preserva, nas mãos e mentes dos artesãos e mestres, a ancestralidade. A discussão iniciada na década de 1990, registradas nas páginas do jornal *Correio da Semana*, foram essenciais para que a política cultural ganhasse espaço na cidade e promovesse o debate sobre a importância da preservação dos bens culturais para o fortalecimento da cidadania.

## REFERÊNCIAS

ANDRADE, Mário de. Anteprojeto para criação do Serviço de Patrimônio Artístico Nacional. In: (Org.) BATISTA, Marta Rossetti. Mário de Andrade. **Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**. Rio de Janeiro, n° 30, 2002.

ANDRADE, Rodrigo Melo Franco de. **Rodrigo e o SPHAN**: coletânea de textos sobre o patrimônio cultural. Rio de Janeiro: MinC/Fundação Nacional Pró-Memória, 1987.

BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade**: Lembrança dos Velhos. 3°. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Texto constitucional promulgado em 5 de outubro de 1988. Brasília: Senado Federal/ Subsecretaria de Edições Técnicas, 2006.

CAVALCANTI, Lauro (Org.). **Modernistas na repartição**. 2. Ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ; MinC – IPHAN, 2000.

CHAUÍ, Marilena de Souza. **Brasil**: mito fundador e sociedade autoritária. São Paulo: Brasiliense, 1989.

CURY, Isabelle (Org.). **Cartas patrimoniais**. 3. ed. Rio de Janeiro: IPHAN, 2004.

FONSECA, Maria Cecília Londres. **O patrimônio em Processo**: Trajetória da política federal de preservação no Brasil. 2. Ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ; MinC- Iphan, 2005.

FUNARI, Pedro Paulo Abreu; PELEGRINI, Sandra de Cássia Araújo. **Patrimônio histórico e cultural**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006.

GONÇALVES, José Reginaldo S. **A Retórica da Perda**: Os discursos do patrimônio cultural no Brasil. Rio de Janeiro: Editora UFRJ; Iphan, 2002.

MARTINS, Maria Helena P. **Preservando o patrimônio e construindo a identidade**. São Paulo: Moderna, 2001.

NOGUEIRA, Antonio Gilberto Ramos. **Por um Inventário dos Sentidos**: Mário de Andrade e a Concepção de Patrimônio e Inventário. São Paulo: Hucitec/Fapesp, 2005.

ORÍ, Ricardo. Fortaleza: os lugares de memória. In: SOUZA, Simone de (Org.). **Uma nova História do Ceará**. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2000.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História e História Cultural**. 2. Ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

SOUSA, Raimundo Nonato Rodrigues de; VASCONCELOS, R. I. V.; BARBOSA, Marta Emísia Jacinto; LUCAS, M. R. L. **Sobral: Patrimônio Nacional**. 1. ed. Sobral: Prefeitura Municipal de Sobral/Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - 4ª Região, 2000. v. 1. p. 96.

SILVA, Ana Carolina Rodrigues da. **Os sentidos do passado ou o passado sentido**: mecanismos da memória nos escritos de padre Mendes Lira. 2015. 217 f. Dissertação (Mestrado em História) – Centro de Humanidades, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza.

LEGOFF, Jacques. **História e Memória**. 5°. ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2003.

LUCA, Tania Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). **Fontes históricas**. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2011.



**POBREZA, SEDUÇÃO E DEFLOREMENTO: UMA ANÁLISE A PARTIR DOS PROCESSOS-CRIME DE SEDUÇÃO E DO JORNAL *CORREIO DA SEMANA* EM SOBRAL –CE (1940 A 1945)**

*Rubens Francisco da Silva*<sup>1</sup>  
*Viviane Prado Bezerra*<sup>2</sup>

## **INTRODUÇÃO**

Com o interesse da história social e cultural pelo estudo das “margens da sociedade”, reintroduz-se no cerne das discussões acadêmicas o papel primordial do sujeito e da experiência, apreendido nas interfaces do cotidiano. Dentre os novos sujeitos da história situam-se as mulheres, há muito relegadas pelo positivismo e por outros modelos de interpretação do passado.

No texto “Uma História das mulheres: as vozes do silêncio”, de Mary Del Priore, a autora encerra suas considerações se interrogando “Para que serve a história das mulheres?” e, ao mesmo tempo, respondendo, de modo simples: “para fazê-las existir, viver, ser”, enfatizando, ainda, ser essa a “função potencial da história”<sup>3</sup>. Tal função, de “fazer existir” os grupos

---

1 Graduado em História e Especialista em Ensino de História do Ceará, pela Universidade Estadual Vale do Acaraú- UVA.

2 Mestre em História Social pela Universidade Federal do Ceará. Doutora em História Social pelo DINTER Universidade Federal Fluminense - UFF/ Universidade Regional do Cariri - URCA.

3 DEL PRIORE, Mary. História das Mulheres: as vozes do silêncio. In: FREITAS, Marcos César de. *Historiografia Brasileira em Perspectiva*. São Paulo: Contexto, 2000, p. 235.

sociais, excluídos da historiografia tradicional, constituiu-se em interesse de investigação histórica apenas na segunda metade do século XX.

Assim, ao lado dos operários, camponeses, escravos, pessoas comuns, emergem as mulheres, como sujeitos e objetos da história. Ainda de acordo com Del Priore, a história das mulheres, “fundada na constatação da negação e do esquecimento”, ganha vulto, no correr dos anos 1970, com a afirmação do movimento feminista<sup>4</sup> e com o florescer da antropologia e da história das mentalidades, além do interesse da história social pelo campo da cultura popular.

Nesse sentido, o presente capítulo busca analisar a história de mulheres pobres da sociedade sobralense, assim como as relações de gênero que se situam no período de 1940 a 1945 através dos Processos- crime de Sedução e também do jornal *Correio da Semana*, hebdomadário sobralense, fundado em 1918 pelo então bispo Dom José Tupinambá da Frota.

Desde sua criação, este órgão está atrelado à Diocese de Sobral e se insere na dinâmica dos Meios de Comunicação Social da Igreja Católica, antecedendo até mesmo a criação do jornal *O Nordeste*, datado de 1922, de iniciativa da Arquidiocese de Fortaleza. É válido ressaltar que o *Correio da Semana* tanto antecede como ultrapassa *O Nordeste*, visto que esse último encerra sua edição na década de 1960.

Nesse sentido, tanto o jornal *Correio da Semana*, quanto o jornal *O Nordeste* são entendidos como iniciativas da imprensa católica como difusores de sua doutrina e como representantes de um projeto político-social condizente com a Igreja de seu tempo. Por apresentarem discursos em defesa da moral cristã e dos bons costumes, tais jornais assumiram durante toda sua sobrevida um caráter tido como conservador, em consonância com as posturas políticas e ideológicas adotadas pela Igreja Católica.

---

4 Joana Pedro situa, nesse momento, a escrita de uma história das mulheres vinculada ao movimento feminista de “segunda onda”, configurado no pós - segunda guerra mundial, cujos interesses centravam-se nos direitos do corpo, do prazer, opondo-se ao patriarcado e defendendo como ideia-força de suas reivindicações a assertiva de que “o privado é político”. In: PEDRO, Maria Joana. Narrativas fundadoras do feminismo. *Revista Brasileira de História*. São Paulo. v. 26, n. 52, 2006, p. 249-272.

O jornal *Correio da Semana* mantém sua edição e circulação até os dias atuais, tendo completado 100 anos desde sua fundação e sendo referência como veículo de evangelização, informação e propaganda para os leitores de Sobral e região. Na perspectiva da pesquisa historiográfica, tal jornal vem sendo cada vez mais utilizado como fonte histórica, devido ao seu vultoso acervo, que, através de seus editoriais, colunas e artigos jornalísticos, enfocam notícias de diversos acontecimentos da história local, nacional e internacional de praticamente todo século XX. Portanto, o *Correio da Semana* pode servir de fonte de pesquisa para diversos temas da historiografia, tais como: História e Religião, História Política, História Urbana, História das mulheres e das relações de gênero, História do trabalho e dos trabalhadores, História do cotidiano, entre outros.

Nesse sentido, o trabalho de pesquisa com as fontes não é tarefa fácil. A prática de pesquisa requer paciência e tempo para que o pesquisador se adapte à escrita do documento e entenda a sua natureza. Ao entrar em contato com as fontes, o historiador/pesquisador precisa compreender as condições de produção dos documentos. Com os periódicos não é diferente. Todo jornal está infiltrado da subjetividade de quem o escreve, como também, dos interesses do órgão que o produz e o financia.

Para tanto, o texto de Tania Regina de Luca, “Fontes Impressas: História dos, nos e por meio dos periódicos”<sup>5</sup>, ajuda a compreender os motivos de se escolher um jornal impresso como fonte histórica, quais discursos ele reproduz e que impactos ele acarreta no cotidiano das pessoas, com notícias e informações sendo reproduzidas no “calor dos acontecimentos”. Segundo a autora:

A pesquisa com os jornais e revista, é feita de uma maneira diferenciada, pois essas fontes agregam pessoas em torno de ideias, crenças e valores que se pretende difundir a partir da palavra escrita, já que o pesquisador que trabalha com esse tipo de fonte trabalha com notícias através

5 LUCA, Tania Regina de. Fontes Impressas: História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). *Fontes Históricas*. 2 ed., 1ª reimpressão. – São Paulo: Contexto, 2008.

da análise do discurso que problematize a narração dos acontecimentos e o próprio acontecimento<sup>6</sup>.

Ao pesquisar o *Correio da Semana* e os processos-crime de sedução, referentes à cidade de Sobral no período de 1940 a 1945, pôde-se perceber como se davam as relações cotidianas entre mulheres e homens da classe pobre sobralense, sendo que, ao mesmo tempo, foi possível visualizar que, embora o controle social da igreja católica fosse disseminado para todos os sobralenses, nem todos da classe pobre se sentiam obrigados a seguirem os padrões sociais e a viverem sobre o controle religioso. Tais fontes também ajudaram a perceber como se davam as relações nos espaços de namoro, fazendo-nos entender que estava havendo um enfraquecimento das amarras sociais sobre os desejos femininos, sendo isso possível quando identificamos até que ponto a mulher era dona de seu próprio destino.

Se, por um lado, os processos crimes permitiam perceber como se davam as práticas populares e cotidianas da classe pobre, por outro, percebe-se que o jornal *Correio da Semana* foi um periódico voltado para a elite sobralense da época, e isso é perceptível por meio dos anúncios que o periódico colocava como destaque. Por exemplo, o jornal trazia notícias internacionais; notas de agradecimentos e falecimentos; ofertas; notícias da semana, sendo estas também internacionais; avisos ao comércio; anúncios de remédios, como o “Elixir de Nogueira”. Havia um destaque para a poesia e para as notas sociais, onde eram destacados os aniversariantes. Também eram colocadas informações distorcidas sobre o comunismo e o protestantismo, de acordo com os posicionamentos católicos contrários a tais práticas.

Nota-se que pouco, ou quase nada, das notícias se destinavam para as pessoas da classe pobre e periférica da cidade, pois a preocupação das informações destinava-se ao centro urbano e aos assinantes do jornal. Em vista disso, afirma-se que este hebdomadário era voltado para a classe abastada da época e que, acima de tudo, buscava evangelizar e

---

6 *Ibid.*, p. 111.

difundir o controle social da Igreja católica, como se evidencia no decorrer deste capítulo.

## **A MODERNIDADE NA TRANSFORMAÇÃO DO ESPAÇO URBANO E DO COMPORTAMENTO DAS MULHERES POBRES NA SOCIEDADE SOBRALENSE**

Entender a história da cidade de Sobral é deparar-se, metaforicamente, com um grande “quebra-cabeça” ainda incompleto, sendo que as peças que faltam compõem os arredores desse jogo, pois o seu centro já está formado e mostra uma “realidade histórica” vivenciada por poucos, em que somente alguns indivíduos ganham destaque e reconhecimento por suas ações, enquanto o restante das pessoas, ou seja, a classe pobre e humilde é esquecida.

Entretanto, antes de começarmos a dar visibilidade para esses sujeitos que também são históricos, é preciso entender em que contexto Sobral se encontrava durante o período de 1940 a 1945. Para tanto, faz-se preciso recuar vinte e poucos anos para compreendermos que a modernidade, o controle religioso e a distinção social já existiam antes mesmo do período abordado.

A cidade de Sobral foi ganhando destaque e se inserindo em um novo contexto econômico devido, principalmente, à influência do comércio propiciado, em parte, por conta da estrada de ferro que ligava a cidade até o porto de Camocim e das indústrias, que já começavam a se fortalecer, promovendo o surgimento de empregos, que contribuíram, antes da década de 1920, para o desenvolvimento da cidade, fazendo com que a cidade cada vez mais buscasse se transformar para alcançar o tão sonhado progresso.

Em vista disso, afirma Glória Giovana Girão:

A cidade passou a ser pensada como sinônimo de progresso, lugar da história, onde seus habitantes eram também sujeitos históricos. Entretanto quando se pensava

em reformas das cidades, a referência maior era Paris de Haussmann, ou seja, a Paris do Segundo Império<sup>7</sup>.

De acordo com a autora, a cidade começou a ser pensada como sinônimo de progresso, mas, para isso, era preciso que passasse por amplas reformas, sendo que o espaço urbano ainda conservava as características da sua antiga formação de Vila. Assim, se a ideia era ter como referência a cidade de Paris, em breve a cidade de Sobral também passaria pelas mesmas transformações que a capital francesa, havendo a derrubada dos antigos casebres, a mudança da iluminação pública, a construção de novos prédios, o alargamento de todas as ruas, além de que, possivelmente, seriam “empurradas” para as periferias as pessoas pobres, assim como ocorreu na “cidade luz”, sob a autoridade de Napoleão III e a direção de Haussmann<sup>8</sup>.

Aos poucos e, em curto prazo, tais mudanças foram sendo realizadas pelos gestores da cidade. A modernidade invadia o lugar e em pouco tempo as práticas de sociabilidade iam ganhando outras formas. Entretanto, é importante destacar que a igreja também foi responsável por essas transformações no espaço sobralense. Com a criação da Diocese, em 1915, tendo Dom José Tupinambá da Frota como primeiro bispo, tais mudanças tornaram-se ainda mais concretas.

Segundo Girão, é possível perceber a influência da igreja na citação a seguir:

A igreja em Sobral, até metade do século XX, configurou-se como importante agente da modernidade por suas ações empreendedoras, trazendo uma evidente transformação no espaço urbano, como também nos padrões de comportamento da sociedade, controlada em seus anseios de inovações. O dilema constante era como desprezar as tradições e assumir a modernidade, numa sociedade essencialmente conservadora. Se a modernidade apontava para a desconstrução de preconceitos, para a emancipa-

7 GIRÃO, Glória Giovana S. Mont'Alverne. *As transformações socioculturais em Sobral (1870 – 1920)*. Dissertação. Universidade Federal de Pernambuco – UFPE, 2001, p. 62.

8 Sobre este assunto ler: BERMAN, Marshall. Baudelaire: O modernismo nas ruas. In: *Tudo que é sólido desmancha no ar: A aventura da modernidade*. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.

ção do homem, ela também tinha que se desligar das tradições e limites impostos pela igreja católica em Sobral<sup>9</sup>.

A autora destaca a igreja como agente transformador do espaço urbano e também como aquela que ditava normas de comportamento, sendo possível imaginar que agia paralelamente ao poder político local. Contudo, é destacada a preocupação que estava surgindo com a modernidade, pois essa vem se opor a tudo que era “velho” ou “antigo”.

Nesse contexto, a igreja começava a possuir um papel paradoxal, pois como possuía ideias ditas modernas, mas conservava antigas tradições e continuava a ditar as formas de sociabilidade entre os cidadãos? Entende-se que, com a modernidade, o homem se torna um ser emancipado, ou seja, liberta-se de antigas práticas e abre-se para novas ideias, experiências, e é sujeito ativo das futuras transformações.

Com base nisso, afirma Marshall Berman que:

Ser moderno é encontrar-se em um ambiente que promete aventura, poder, alegria, crescimento, autotransformação e transformação das coisas em redor – mas ao mesmo tempo ameaça destruir tudo o que temos, tudo o que sabemos, tudo o que somos.<sup>10</sup>

O que se pode concluir é que, mesmo com a modernidade, a igreja continuou com seu papel de “protetora” da sociedade sobralense, não deixando que “as ovelhas de seu rebanho” se perdessem com os atrativos dos novos tempos. É claro que nem sempre ela conseguia influenciar todos os indivíduos. Nesse sentido, o jornal *Correio da Semana* ajudava a disseminar a doutrina católica, bem como, servir de porta-voz da moral e dos bons costumes.

Embora a cidade tenha se transformado com a atuação da igreja, na pessoa de Dom José Tupinambá da Frota, e do poder político local,

9 GIRÃO, Glória Giovana S. Mont'Alverne. *Op. cit.*, p. 65–66.

10 BERMAN, Marshall. *Tudo o que é sólido desmancha no ar: A aventura da modernidade. Op. cit.*, p. 15.

percebe-se que essas mudanças não foram usufruídas por todos os habitantes da cidade, pois somente a elite é que ganhava e percebia tais mudanças, já que o restante da população continuava da mesma forma, ou seja, à margem da sociedade.

De acordo com Girão, era possível perceber que:

As transformações sociais e econômicas não atingiram todas as classes. Enquanto a elite elaborava padrões de comportamento europeizado, as classes menos favorecidas viviam um tempo de calamidades em decorrência da seca e do descaso das autoridades<sup>11</sup>.

E continua:

No final da década de 1920, o Teatro São João passou a exibir sessões de cinema, diversão muito procurada. [...] Em frente ao teatro, ficavam pessoas de famílias tradicionais, enquanto os outros localizavam-se próximo à Igreja do Menino Deus. Por essa razão, a praça era dividida ao meio numa clara demonstração de discriminação social<sup>12</sup>.

Com a construção de colégios, de praças, do teatro e cinemas, Sobral abria a oportunidade para que a elite local tivesse acesso e usufruísse dos novos espaços de sociabilidade. No entanto, a classe pobre era esquecida pelo poder público. O problema da modernidade e do capitalismo é que beneficiam uns e discriminam outros, provocando, dessa forma, as diferenças sociais e a exclusão dos indivíduos que não possuem as mesmas condições financeiras de uma minoria.

Embora Sobral estivesse se reconstruindo urbanisticamente e promovendo o acesso à cultura para uma parte da população, podemos conjecturar que seria muito difícil uma pessoa pobre ter dinheiro ou livre acesso para frequentar espetáculos teatrais, porque pobre não frequentava espaços da elite. Como a autora expôs anteriormente, a Praça São João era dividida justamente para que a elite que frequentasse o

11 GIRÃO, Glória Giovana S. Mont'Alverne. *Op. cit.*, p. 70.

12 GIRÃO, *Op. cit.*, p. 81.

teatro ficasse em frente ao próprio teatro, enquanto a classe menos favorecida ficava do outro lado, próxima à igreja.

Em relação a isso, a historiadora Luciana de Moura Ferreira, em sua dissertação, afirma que:

[...] A praça fora construída em dois momentos, sendo a primeira ala construída do lado da Igreja Menino Deus, porém como havia intenso movimento devido ao teatro, o poder público construiu uma outra ala que, “a elite elegera-a como privativa, ficando a ala antiga destinada às classes menos favorecidas da sociedade”. Essa divisão, apesar de não ter sido oficializada através de documentos escritos, instituiu-se na memória da cidade e também na história<sup>13</sup>.

Segundo a autora, é possível compreender que, em vista da movimentação da elite no Teatro, o poder público resolveu construir a outra ala da praça para que esse público-alvo fosse beneficiado, tendo onde ficar antes e depois dos espetáculos, e também para que a frente do Teatro fosse valorizada, já que a primeira ala ficava mais próxima da Igreja Menino Deus e que acabara tornando-se o espaço destinado para as pessoas desfavorecidas da cidade. A Praça São João, que na época chamava-se Praça Barão de Sobral, tornou-se símbolo de um período em que era evidente a discriminação e a separação de pessoas pertencentes a classes sociais opostas.

Ainda hoje, a bifurcação da Praça São João, apesar de ser histórica, chama atenção, principalmente porque a ala da praça que fica em frente ao Teatro possui características peculiares como o lago e a estátua de um cisne ao centro, uma paisagem que atendia ao embelezamento da praça para uma minoria da cidade, enquanto a ala que fica próxima à igreja é mais simples e quase não chama a atenção. Essa ideia de separação de classes por meio da praça se faz presente no imaginário de pessoas que constantemente passam por ela, seja de carro, motocicleta ou, até mes-

13 FERREIRA, Luciana de Moura. *Memória social, imaginário e representação no álbum do centenário de Sobral - 1941*. Dissertação. Fortaleza: Universidade Estadual do Ceará/UECE, 2010, p. 105.

mo, a pé, e visualizam em sua estrutura o que, no passado, foi sinônimo de um possível “apartheid” social.

O imaginário social é forte e significativo dentro de uma sociedade, e é a partir dele que se estabelece a formação e a identidade daqueles que a compõem. Com base nisso, Bronislaw Baczko ressalta que:

[...] através do imaginário, as sociedades estabelecem e distribuem papéis e posições sociais, exprimem e impõem crenças e regras de conduta, constroem códigos de comportamento, produzindo representações de si próprias, nas quais as pessoas encontram um lugar, uma identidade e uma razão de ser<sup>14</sup>.

O fato é que só quem teve acesso à cultura e à erudição foi a elite sobralense, pois a classe pobre continuou a ser marginalizada e excluída das transformações sociais ou, em outras palavras, as pessoas pobres se tornaram a peça daquele quebra-cabeça, onde ninguém teve o interesse de colocá-lo para completar o jogo e mostrar a real situação em que viviam os cidadãos sobralenses, em que, de um lado, alguns desfrutavam dos benefícios sociais, enquanto, do outro, a grande maioria continuava na suas rotinas de trabalho pesado preocupando-se em ganhar o seu sustento.

Conforme Girão, enquanto as famílias abastadas sentavam-se no final da tarde em suas calçadas para conversarem e se refrescarem, as lavadeiras voltavam do rio Acaraú com enormes trouxas de roupa direto para casa de suas patroas. Muitas vezes, esse retorno do rio dava-se embaixo de um sol escaldante. No entanto, se viam obrigadas a fazer tal serviço, já que em nada o progresso da cidade lhes beneficiava<sup>15</sup>.

Esse foi o contexto histórico em que a cidade de Sobral se organizou socialmente antes de chegar ao período abordado neste texto. A partir do ano 1940, a cidade ainda sustentava a ideia de progresso e, como sempre, a modernidade era pensada por uma classe dominante para uma elite abastada. No entanto, na contramão desse grupo privilegiado,

14 BACZKO, Bronislaw. Imaginação social. *Apud* TEDESCHI, Losandro Antonio. *História das mulheres e as representações do feminino*. Campinas: Editora Curt Nimuendajú, 2008, p. 29.

15 GIRÃO, Glória Giovana S. Mont’Alverne. *Op. cit.*, p. 133.

percebia-se a movimentação de pessoas simples que utilizavam esses espaços urbanos quando se dirigiam para suas atividades diárias.

Com base nisso, explica Francisca Elane M. de Sousa:

A ‘sobralidade triunfante’ pertencia a um pequeno grupo elitizado e os noticiários que ganhavam as páginas do jornal *Correio da Semana*. O certo é que pessoas simples romperam esse domínio vivendo, trabalhando e resistindo os disciplinamentos e o ordenamento planejado para a cidade de Sobral e os sobralenses<sup>16</sup>.

A historiadora nos faz entender que, embora essa “sobralidade” e a modernidade não fossem compartilhadas por todos os cidadãos, esses, aos poucos, começaram a dar outro contorno para suas vidas e visivelmente não seguiam as regras e normas de conduta que eram impostas pela Igreja para a elite e para eles. Ou seja, as pessoas humildes criaram uma forma própria de pensar e utilizar aquele espaço que não fora construído para eles.

Nesse momento, percebemos que essas formas de viver por parte da classe proletária estavam surtindo efeito, pois casos de jovens seduzidas e que perdiam a virgindade para seus parceiros ou namorados estavam chegando às delegacias para que a Justiça tomasse partido. Isso era a prova de que esses moradores das periferias colocavam em prática o que bem desejavam como, por exemplo, a prática sexual, promovendo assim mudanças em seu cotidiano.

Por esse viés, compreende-se que tanto as mulheres quanto os homens solteiros usufruíam de certa liberdade sexual que nem todos os casais tinham naquela época, a não ser que fossem casados. Em vista disso, existe a necessidade de estudar as relações de gênero nesse universo em que estavam se inserido em uma cidade extremamente rigorosa e coercitiva, mas em que, ao mesmo tempo, não se via essa autoridade sendo respeitada pelas jovens defloradas e por seus companheiros.

16 SOUSA, Francisca Elane Marques de. *Crimes de Sedução em Sobral: Uma outra visão da “Princesa do Norte” (1940 – 1945)*. Monografia. Sobral: Universidade Estadual Vale do Acaraú - UVA, 2005, p. 29.

Segundo Maria Helena de Paula Frota, ao interpretar a Categoria de Gênero de Joan Scott, define o conceito como uso tanto por ter caráter de estudo para as mulheres como pelo aspecto relacional entre os gêneros, ou seja, um necessita do outro<sup>17</sup>. No entanto, não é possível estudar de forma satisfatória essas mulheres pobres e seduzidas sem conhecermos o lado social masculino, assim como os conceitos patriarcais que eram desenvolvidos, ora para lhes dar liberdade de se sentirem “superiores” sobre as mulheres, e ora para, também, seguirem as mesmas regras que elas seguiam naquele espaço social coercitivo.

Pesquisando e analisando os processos crimes de sedução de 1940 a 1945, foi possível perceber as exigências que eram requisitadas no Auto de corpo de delito para se constatar o crime contra a vítima e para que a lei pudesse tomar as medidas cabíveis contra o acusado.

Esse tipo de questionamento é bem exposto em um processo criminal de 1944, em que o acusado é Francisco Diogo do Nascimento e a vítima, Maria do Socorro de Oliveira:

[...] 1º Houve conjunção carnal? 2º Há vestígios de desvirginamento recente? 3º Há outros vestígios de conjunção carnal recente? 4º Há vestígios de violência? 5º Em que consistiu essa violência? 6º Da violência resultou para a vítima incapacidade para as ocupações habituais por mais de trinta dias, ou perigo de vida, ou debilidade permanente ou perda ou inutilização de membro sentido ou função ou incapacidade permanente para o trabalho ou deformidade permanente? 7º A vítima é alienada ou débil mental? 8º Houve outra causa diversa [...] não maior de catorze anos, alienação ou debilidade mental que a impossibilitasse de oferecer resistência?<sup>18</sup>.

Esse tipo de questionamento era feito por dois peritos indicados pela Justiça para analisar o órgão genital da ofendida. A partir do resultado desse auto de corpo de delito, era possível saber se, de fato, a mulher

17 FROTA, Maria Helena de Paula; OSTERNE, Maria do Socorro Ferreira (Org.) [et al.]. *Família, Gênero e Geração: temas transversais*. Fortaleza: EDUECE, 2004, p. 16.

18 UNIVERSIDADE ESTADUAL VALE DO ACARAÚ – UVA. Núcleo de Estudos e Documentação Histórica – NEDHIS. *Processos Criminais*. Sedução. Caixa nº 2. Vítima: Maria do Socorro de Oliveira, Acusado: Francisco Diogo do Nascimento. Sobral, 1944, p. 5.

havia sido deflorada com o rompimento da membrana hímen e quando havia ocorrido o desvirginamento. Geralmente, pelo que foi percebido em todos os processos analisados, todos os resultados eram positivos.

Sobre este mesmo assunto, Martha de Abreu Esteves afirma, na seguinte citação que:

[...] Viveiros de Castro analisava inicialmente as exigências materiais que deviam ser aprovadas para caracterizar o delito – ou seja: confirmação da cópula completa ou incompleta com rompimento da membrana hímen, na grande maioria dos casos; determinação da virgindade física; estabelecimento da menoridade da ofendida (menor de 21 anos)<sup>19</sup>.

Percebe-se que Esteves traz esses dados materiais dos crimes, fundamentados nos conceitos do Jurista Francisco José Viveiros de Castro que, em seus estudos, dedicou-se aos crimes contra a honra das mulheres. Em relação aos dados citados acima, pode-se compreender que, se fosse provado o defloramento a partir deles, as mulheres seriam, imediatamente, amparadas pela Lei, e, conseqüentemente, seus companheiros seriam “punidos”.

No entanto, não era bem dessa forma que acontecia. Existia todo um aparato jurídico e social em que a vítima, o acusado e as testemunhas, seriam ouvidos para que de fato fosse feita justiça. Naquele período, a mulher passava por todo um processo de análise para saber se era de boa família, se tinha bons costumes e se não possuía atos libidinosos antes do acontecido, pois, se ela fosse de má índole, a cópula carnal teria acontecido porque ela havia permitido, e não, somente, por culpa de seu companheiro. E se a vítima, também, apresentasse testemunhas, essas, conseqüentemente, seriam também postas a prova de sua honra e conduta moral pelos juristas.

Cabe a nós imaginar o cotidiano dessas mulheres que eram pobres, algumas analfabetas, a grande maioria com “prendas domésticas”, ou-

19 ESTEVES, Martha de Abreu. *Meninas perdidas: os populares e o cotidiano do amor no Rio de Janeiro da Belle Époque*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989, p. 37.

tras operárias, com faixa etária entre 14 e 19 anos de idade. Muito cedo eram ensinadas a trabalhar, pois precisavam ajudar os pais no sustento do lar. Não estudavam, pois os pais não tinham condições de colocar os filhos na escola. Então, muito cedo essas jovens conheciam a realidade das ruas já que precisavam sair sozinhas para trabalhar. Ao passo que iam crescendo, ganhavam forma física, ou seja, seus corpos adquiriam contornos, fator que atraía os homens. Sem falar que elas, também, começavam ter desejos sexuais.

Desse modo, entende-se que a necessidade de sobrevivência fazia com que essas mulheres ocupassem o espaço público e buscassem se aproveitar da oportunidade de estarem em “liberdade” para viverem suas vidas da maneira que achassem corretas. Nesse momento, percebe-se que aquela visão patriarcalista, em que definia: “para os homens, o público e o político, seu santuário. Para as mulheres, o privado e seu coração, a casa”<sup>20</sup>, perde, em alguns casos, seu sentido perante essa nova realidade vivida pelas mulheres pobres.

Martha de Abreu Esteves também nos expõe outro motivo para explicar o porquê dessas jovens não se manterem virgens até o casamento:

Ora, as moças pobres, além de geralmente não demonstrarem as fases de amor tão marcadas e definidas, não aguardavam tanto tempo até uma relação sexual, ou melhor, o período de “perigosas” intimidades era atingido bem mais rápido que em dois anos (se fossem esperar os rapazes “arranjarem” a vida... morreriam virgens, provavelmente)<sup>21</sup>.

Nessa passagem, é retratada que os motivos que levavam os defloraamentos a ocorrerem eram a necessidade de saciar os desejos carnis das próprias mulheres. A perda da virgindade, então, acontecia por pressa e, ao mesmo tempo, por medo, por parte das moças, de não terem tempo de experimentar um dos prazeres da vida, ou seja, o ato sexual, já que,

20 PERROT, Michelle. *Mulheres públicas*. Tradução Roberto Leal Ferreira. São Paulo: Fundação editora da UNESP, 1998, p. 10.

21 ESTEVES, Martha de Abreu. *Op. cit.*, p. 164.

na maioria dos relacionamentos, os rapazes não tinham condições financeiras de sustentarem suas futuras esposas, atrasando ainda mais o tão esperado casamento. Segundo Rachel Soihet, o casamento formal era de extremo valor para as moças pobres e um objetivo a ser alcançado, embora muitos não se realizassem<sup>22</sup>.

A promessa de casamento, na verdade, seria uma desculpa e uma “válvula de escape” da coerção dos prazeres carnavais em que muitas jovens viviam, sendo que, para a sociedade, elas haviam errado por terem se “entregue” aos seus parceiros, mas que iriam se redimir por meio do matrimônio. No entanto, as moças que se deixavam seduzir por essas promessas, na grande maioria, só conseguiam conquistar a própria honra e a da família. E em algumas situações, quando o matrimônio ocorria, não era por amor, e sim como obrigação judicial, para que o acusado não fosse condenado à prisão e nem precisasse pagar uma indenização a vítima.

Pôde-se perceber, na leitura dos 14 processos criminais, que, em alguns casos, o acusado foi preso, tendo que pagar uma indenização para a ofendida. Será que essa indenização era, realmente, paga? E as moças que ficaram grávidas? Como ficavam a vida delas e de seus filhos? Será que o pai da criança ao sair da cadeia dava-lhes assistência? São questionamentos que os processos, infelizmente, não respondem.

Essa busca por respostas fez com que se recorresse ao jornal *Correio da Semana* do período abordado para visualizar se os discursos existentes alcançavam as classes periféricas ou se só se concentravam no centro urbano elitizado. Entretanto, a escolha de um jornal como fonte se faz necessário para analisarmos: Quem o escreve? Por que o escreve? Como o escreve? E para quem ele escreve?

Em referência a isso, Maria Helena Capelato e Maria Ligia Prado explicam que:

[...] A escolha de um jornal como objeto de estudo justifica-se por entender-se a imprensa fundamentalmente como instrumento de manipulação de interesses e de intervenção na vida social; nega-se, pois, aqui, aquelas perspectivas que

22 SOIHET, R., *Vivências e Formas de Violências. Mulher de Classe Subalterna no Rio de Janeiro (1890 - 1920)*. Apud ESTEVES, Marthá de Abreu. *Op. cit.*, p. 185.

a tomam como mero “veículo de informações”, transmissor imparcial e neutro dos acontecimentos, nível isolado da realidade político-social na qual se insere<sup>23</sup>.

Baseado na ideia das autoras, a proposta é entender também o jornal *Correio da Semana* como um instrumento que tentava influenciar a opinião pública e que buscava difundir valores e normatizar a vida de seus leitores, ao mesmo tempo que se busca perceber se os tais objetivos do jornal eram seguidos e respeitados em outros segmentos sociais. O mais importante é deixar bem claro que um periódico não é imparcial ou neutro, pois ele traz a subjetividade de quem o escreveu. Essa concepção de análise, também, se aplica aos processos criminais utilizados nessa pesquisa.

Por meio das diversas abordagens que foram colocadas, é possível conjecturar inúmeras situações em que essas mulheres seduzidas e de origem pobre foram as protagonistas de sua própria história, juntamente com seus parceiros. É claro que, diferente das novelas, essa história da vida real não teve, em alguns casos, um final feliz. No entanto, essa pesquisa baseia-se mais por suposições do que afirmações, visto que os processos-crime de sedução e o jornal *Correio da Semana* não terão todas as respostas necessárias.

## **“O OUTRO LADO DA MOEDA”: A CIDADE DE SOBRAL ENTRE MUDANÇAS E PERMANÊNCIAS**

Abordar a cidade de Sobral e as transformações que vivenciara durante o período de 1940 a 1945 é lembrar, também, que, durante esse momento, o mundo havia virado um “palco” de disputas e de mortes, ou seja, estava ocorrendo a Segunda Guerra Mundial (1939 – 1945), em que o Brasil, sob a liderança do presidente Getúlio Vargas, havia aderido, indiretamente, à guerra. O fato é que, enquanto a guerra destruía países e acabava com vidas na Europa, tanto o Brasil quanto a cidade de Sobral

23 CAPELATO, Maria Helena e PRADO, Maria Ligia. O bravo matutino. *Apud* LUCA, Tania Regina de. Fontes Impressas: História dos, nos e por meio dos periódicos. *In*: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). *Op. cit.*, p. 118.

passavam por intensos processos de transformações urbanas, sendo que boa parte deles eram pensados por seus gestores com o propósito de dar maior visibilidade às suas ações como governantes, já que estavam preocupados em mostrar o país e o município, respectivamente, como espaços de remodelação e progresso, tanto econômico quanto social.

Segundo Éricka Natália, é possível entender isso, quando se afirma que:

[...] Na primeira metade da década em questão o presidente do Brasil era Getúlio Vargas, na época do Estado Novo, depois veio o período democrático, nessa época o país passava por um processo de modernização e Sobral não ficou de fora, até porque nesta década a cidade vai comemorar seu centenário e se afirmava como polo econômico da região norte; assim Antenor Ferreira Gomes, prefeito da cidade na época, fez com que a cidade também entrasse nesse processo de modernização<sup>24</sup>.

A historiadora ressalta que, devido ao fato de o país passar por mudanças decorridas da política getulista, durante o governo do Estado Novo, a cidade de Sobral, na gestão do prefeito da época, Vicente Antenor Ferreira Gomes, que administrou o município no período de 1935 a 1944<sup>25</sup>, também quis colocar a cidade nessa mesma via de transformações, até porque Sobral iria festejar o seu centenário<sup>26</sup> no ano de 1941, e nada melhor do que dar à cidade um “ar” de modernizada e progressista, promovendo alterações nos espaços econômicos e também de sociabilidades.

Algumas das mudanças no espaço urbano sobralense ocorreram com o início da demolição do segundo Mercado Público, que ficava localizado na chamada Praça do Mercado. Após sua demolição, a praça foi renomeada de Praça Barão do Rio Branco, onde se destacou a Coluna da Hora. Atualmente, essa praça é chamada de Praça Dr. José Saboya, mas

24 PORFÍRIO, Éricka Natália Machado. *Gênero, Honra e Sedução: A importância da virgindade feminina na década de 1940 em Sobral*. Monografia. Sobral: Universidade Estadual Vale do Acaraú - UVA, 2009, p. 16.

25 Sobre essa administração e esse período ler: SOARES, Maria Norma Maia. *Sobral: História e Vida*. Sobral: Edições UVA, 1997, p. 124.

26 Sobre este assunto ler: FERREIRA, Luciana de Moura. *Memória social, imaginário e representação no álbum do centenário de Sobral - 1941*. Dissertação. Fortaleza: Universidade Estadual do Ceará/UECE,

ainda conserva a exuberância de sua Coluna da Hora. É válido ressaltar que, paralelo à demolição da antiga Praça do Mercado, o prefeito da época, Vicente Antenor Ferreira Gomes, havia autorizado a construção do novo Mercado Público, sendo esse inaugurado em 1940.

É possível confirmar tais informações quando Norma Soares afirma que:

Somente no ano de 1935, o Mercado Velho foi demolido. Tinha estrutura de ferro fundido em estilo *art nouveau* semelhante ao Mercado dos Peões, ainda existente em Fortaleza. O Prefeito Vicente Antenor Ferreira Gomes construiu, em 1940, o novo mercado em frente à Cadeia Pública, na chamada Praça do Catavento. [...] Na praça do Mercado, depois denominada Barão do Rio Branco, destacava-se a Coluna da Hora, construída em 1942, que se constituiu um dos símbolos da Cidade, por muitas décadas, ponto de encontro de populares [...] <sup>27</sup>.

De acordo com o trecho acima, é possível entender que, quando a praça possuía o antigo Mercado Público, esse era o lugar escolhido pelas pessoas para trocarem experiências, para conversarem de forma informal, para saberem das principais notícias da cidade, dentre outros, sendo que esse lugar ficou instituído no imaginário dos moradores como “ponto de encontro de populares”, ou seja, era um espaço de sociabilidade e que, mesmo depois de sua reforma, ainda conservou tal característica. Entretanto, o poder público agia com lentidão em suas obras modernizadoras, pois, embora a autora afirme que, no ano de 1935, o Mercado Velho tenha sido demolido, é notório entender que isso não ocorreu de uma vez só, pois, em um trecho do jornal *Correio da Semana* de 1942, percebe-se que tal mudança só foi concluída depois do centenário da cidade.

Com base nisso, é o que se afirma no jornal cujo destaque da chamada “**Muito bem, Sr. Prefeito**” diz:

Nosso prezado amigo Cel. Vicente Antenor Ferreira Gomes mandou retirar o restante do Mercado Público.

27 SOARES, Maria Norma Maia. *Op. cit.*, p. 106.

E assim, demolido o velho Mercado que tanto afeiava a Praça Barão do Rio Branco, satisfez as aspirações do povo sobralense [...].<sup>28</sup>

É visível perceber que a ação do prefeito não se deu de forma espontânea, mas porque, provavelmente, vinha sendo pressionado para tomar tal iniciativa, já que a elite se sentia incomodada ao se deparar com os resquícios do que era “antigo”, sendo que a cidade estava se modernizando. Essa frase colocada na matéria em que se diz que “satisfez as aspirações do povo sobralense”, não pode ser entendida como um desejo de toda a população da época, pois esse desejo progressista era o anseio da classe abastada, já que as camadas desfavorecidas viviam à margem das decisões do poder público e das mudanças sociais.

Entretanto, muitas dessas mudanças promovidas pela prefeitura eram realizadas, pois o jornal *Correio da Semana*, além de disseminar normas e códigos de conduta da igreja, também havia assumido o papel de “alfinetar” ou de chamar a atenção dos gestores da cidade nas páginas desse periódico para que tomassem iniciativas perante os problemas existentes na cidade e que não eram resolvidos.

Em vista disso, Luciana de Moura afirma que:

[...] o jornal *Correio da Semana*, apesar de ser o maior divulgador das ideias de modernidade almejadas pela cidade, também apresentava-se como porta voz das omissões dos seus habitantes e do poder público, quanto a caminhada rumo ao progresso e a modernização. No entanto, o jornal também funcionava como meio divulgador das ideologias da Igreja e dos grupos políticos a que estava ligada<sup>29</sup>.

As mudanças no centro do espaço urbano eram significativas tanto para a cidade - que deixava de possuir aquele caráter de Vila - quanto para uma parte da população que se destacava por seu grau de conhecimento e cultura, principalmente, com o papel da igreja na pessoa do

28 UVA/NEDHIS. Periódicos. Cidade de Sobral. “Muito bem, Sr. Prefeito”. *Correio da Semana*, Sobral, 27 de novembro de 1942. Ano XXV. N.º. 34, s/p.

29 FERREIRA, Luciana de Moura. *Op. cit.*, p. 33.

Bispo Dom José Tupinambá da Frota, que trouxe para Sobral a influência da arquitetura europeia, sendo que tais transformações eram noticiadas pelo jornal. No entanto, esse planejamento de uma nova Sobral não atendia às demais camadas da população, até porque ainda eram tidas como pessoas ignorantes e que ainda estavam longe de entenderem o real sentido da modernidade, sendo o mais viável afastá-los daquele espaço em remodelação, como de fato ocorreu.

Sobre isso, Sérgio Pechman e Lílían Fritsch explicam que:

O planejamento da cidade obedeceu a algumas premissas, de um lado procurava modernizar e “europeizar” a antiga urbe colonial; por outro lado, a reforma pretendia ordenar e disciplinar a população pobre, trazendo as “luzes” para seres bestializados<sup>30</sup>.

As mudanças em Sobral eram bem visíveis no sentido da construção e demolição de prédios, praças, dentre outros, mas, no que diz respeito às permanências, a cidade, apesar de “moderna”, preservava a ideia de manter as classes desfavorecidas longe do convívio social da elite. Segundo Ferreira<sup>31</sup>, embora o progresso e a modernização estivessem presentes em todos os lugares da cidade, Sobral ainda possuía espaços que se caracterizavam por seu desordenamento urbano, sendo isso perceptível com o crescimento desenfreado dos subúrbios, considerados como o “outro lado da cidade”.

Por esse viés, esses subúrbios acabavam adquirindo características próprias e, ao mesmo tempo, antagônicas, pois embora as pessoas que morassem lá, mesmo que fossem também sobralenses, não eram mencionadas e muito menos compartilhavam das mesmas benesses e dos lazeres que a elite frequentava. Ser pobre era sinônimo de exclusão, pois nem tudo era acessível a quem pertencia a essa camada social. Ou seja, as “portas” se fechavam e a entrada era proibida, enquanto, com a elite, ocorria o contrário.

30 PECHMAN, Sérgio e FRITSCH, Lílían. *Apud* RAMINELLI, Ronald. História Urbana. In: CARDOSO, C. F.; VAINFAS, R. *Domínios da História*. Ensaios de Teoria e Metodologia. RJ: Editora Campus, 1997, p. 295.

31 FERREIRA, Luciana de Moura. *Op. cit.*, p. 41.

Sobre esse assunto, Ferreira explica no seguinte trecho que:

A vida social [...] estava diretamente ligada a uma determinada classe e excluía a maior parte da sociedade, ou seja, a classe que não frequentava os “artísticos salões” sobralenses e que não tinha como ostentar “luxuosos trajes”. Não cabia à cidade ou aos jornais preocupar-se organizar as formas de lazer dessa parcela da sociedade, e também ela não fazia parte da “cidade” a ser divulgada pelos ordenadores da cidade, a não ser quando eles quebravam as regras da “moral e dos bons costumes”<sup>32</sup>.

O interessante dessa afirmação é mostrar o grau de egoísmo da sociedade sobralense, naquele momento, ao tratar como invisíveis as pessoas das camadas sociais desfavorecidas, fazendo questão de esquecer que estes também tinham o direito de frequentar os espaços de lazer que a cidade possuía, mesmo que não tivessem os trajes de gala exigidos para adentrarem nesses espaços. O mais intrigante é o discurso de pertencimento que a sociedade elitizada e o jornal utilizavam para caracterizar esses indivíduos como não pertencentes à cidade. Isso se dava por fazerem parte de outra categoria social, sendo que só eram mencionados quando fugiam das regras que a igreja havia estabelecido para todos. Se eles “não” pertenciam a essa cidade, então qual era o porquê de seguir as mesmas regras que a elite seguia? Talvez essa seja a perspectiva para entendermos as mudanças que ocorreram na classe pobre em relação às outras formas de viver, namorar e até mesmo em relação à liberdade feminina, coisa não recomendada pela igreja.

É possível identificar a situação vivida por essa população carente em outra notícia do *Correio da Semana* cujo destaque da notícia era o título: **“Situação dolorosa”**:

Atravessamos em Sobral momentos difíceis. A vida em nossa terra, dia a dia torna-se mais cara. O phosphoro que custava antigamente \$200 está custando hoje a caixa \$300 e já nos consta que há quem peça pela mesma \$400. Já não querem vender \$100 de Kerozene à pobreza.

---

32 *Ibid.*, p. 11.

E o pão? Com \$100 compra-se um arremedo de pão, sem miolo e mal cozido. **Os ricos vão se mantendo bem, mas a pobreza passa fome por que tudo custa os olhos da cara. [...] A situação é dolorosa e não tem para quem appellar [sic]**<sup>33</sup> (Grifos são nossos).

Conforme a notícia, realmente, estava difícil sobreviver em Sobral nesse período fazendo parte da “pobreza” como anunciava o jornal. É perceptível que o autor da notícia enfatizava que “os ricos vão se mantendo bem” enquanto os pobres passavam fome. A carestia dos produtos era o alvo da crítica, a qual se estendia também aos gestores do município, que não estavam preocupados com as pessoas desfavorecidas que estavam passando fome. Quando se diz no jornal que “não tem para quem apelar”, é porque a pessoa que escreveu estava se referindo aos mais pobres, que, de fato, não tinham para quem pedir ajuda, já que não possuíam voz e vez naquele espaço em transformação.

Perceber Sobral como uma cidade entre mudanças e permanências é enxergar o “outro lado da moeda”, ou seja, é compreender que, enquanto um lado se transformava e se estabelecia como sinônimo de erudição, prestígio, educação e cultura, o outro lado ficava desassistido, só percebendo tais transformações como se estivesse, metaforicamente, em frente a uma vitrine do lado de fora de uma loja e sem dinheiro, de onde só se pode olhar de certa distância, por estarem separados por uma parede de vidro daqueles que estão lá dentro usufruindo daquilo que a loja tem a oferecer e com dinheiro para comprar.

Todavia, é válido ressaltar que, embora os pobres estivessem excluídos dessas transformações urbanas, eles acompanhavam de “carona” tais acontecimentos, pois, mesmo que a classe humilde morasse afastada do centro da cidade, eles conseguiam perceber que as mudanças sociais estavam acontecendo, ainda que não fossem os mais beneficiados. Portanto, no olhar da classe pobre, essa foi a Sobral de opulência e tradição vivida por uns, mas mostrada para os de fora como se todos a tivessem vivido.

33 UVA/NEDHIS. Periódicos. Cidade de Sobral. “Situação dolorosa”. *Correio da Semana*, Sobral-CE, 28 de fevereiro de 1941. Ano XXIII. Nº. 58. p. 03.

## A JUVENTUDE, OS NAMOROS E O CONTROLE SOCIAL E RELIGIOSO EM SOBRAL DOS ANOS 1940

Ao se analisar os catorze processos criminais do período de 1940 a 1945, percebeu-se que os crimes de sedução, em alguns casos, ocorriam em menos de quatro meses de namoro, em consequência de uma promessa de casamento que iludia as moças para que se entregassem aos desejos sexuais de seus parceiros. Além desse artifício, não se pode esquecer, que nesses momentos, os homens, também, exigiam de suas companheiras a tão sonhada “prova de amor”, sendo este outro artifício para fazer com que as vítimas abrissem mão de sua virgindade em troca de um prazer momentâneo para aqueles que elas achavam que seriam seus futuros maridos.

Parafraçando Éricka Natália<sup>34</sup>, ao pesquisar os casos encontrados no período abordado, percebe-se que, na maior parte das situações, era o homem que protagonizava o ato sexual, pois ele possuía a vítima sexualmente e nunca o contrário, fazendo com que a moça, ao perder a virgindade, se sentisse “presa” à autoridade dele e não mais à paterna. Em todo caso, embora os acusados exercessem esse “controle” sobre as vítimas, elas se entregavam devido à ideia de que seriam recompensadas no futuro e de que não sofreriam por seu erro, pois já o teriam reparado com o casamento, sendo que, ao mesmo tempo, elas buscavam também satisfazer seus próprios desejos carnisais, já que nem sempre elas foram tão passivas e submissas assim.

Por outro lado, entende-se que a associação corpo/prazer promovia um incentivo para a ocorrência das práticas sexuais e, ao mesmo tempo, um pouco do afrouxamento do controle exercido pela religião. Sobre isto, Mary Del Priore expõe que “há quem diga que o século XX inventou o corpo! Corpo novo e exibido. Mas, também, um corpo íntimo e sexuado que, lentamente, veria afrouxar as disciplinas do passado em benefício do prazer”<sup>35</sup>. Com essa afirmação, supõe-se que tanto um cor-

34 PORFÍRIO, Éricka Natália Machado. *Op. cit.*, p. 40.

35 DEL PRIORE, Mary. *Histórias íntimas: sexualidade e erotismo na história do Brasil*. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2011, p. 106.

po sedutor quanto a busca por prazer seriam a “chave” para se entender a ocorrência das práticas sexuais com pouco tempo de relacionamento naquele espaço em transformação que, direta ou indiretamente, estivesse sob a influência da igreja, mas que não impedia que os sujeitos protagonizassem suas paixões.

Falar de sexo e da sua prática era tema praticamente nunca abordado, pois criou-se na mentalidade das pessoas que era falta de pudor ou falta de moral – ideias propagadas pela igreja – e que isso era para ficar restrito em quatro paredes e entre marido e mulher. Se houvesse, naquela época, maior presença familiar e também diálogo sobre essas questões, provavelmente muitas jovens não ficariam tão curiosas e ansiosas para descobrir e pôr em prática aquilo que, em público, era repudiado e proibido pela sociedade, mas que, no privado, todos praticavam.

Segundo Michel Foucault, “[...] é pelo sexo efetivamente, ponto imaginário fixado pelo dispositivo de sexualidade, que todos devem passar para ter acesso à sua própria inteligibilidade [...], à totalidade de seu corpo [...], à sua identidade [...]”<sup>36</sup>. De acordo com o autor, percebe-se que seria por meio do sexo que as pessoas alcançariam a plenitude humana, sendo esse um estágio em que se dariam conta do papel do nosso corpo e como poderiam descobrir quem são por meio da essência dos sentidos, que só seriam alcançados por meio do prazer. É claro que nos casos analisados, o sexo não era praticado para alcançar esse “ápice” dos sentidos, e sim por um simples orgasmo momentâneo.

Sabe-se que a igreja católica, na época, exercia forte controle social e inibia o desvio da moral e dos bons costumes da sociedade sobralense. No entanto, ainda que a permanência dos valores morais estivesse difundida em alguns espaços, não se pode esquecer que a modernidade estava promovendo alterações nos modos de pensar, agir e amar, principalmente, das pessoas que estavam mais afastadas dos olhares vigilantes dos religiosos.

36 FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade I: A vontade de saber*. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro, Edições Graal, 1988, p. 145–146.

Mesmo não podendo estar presente em todos os lugares, a Igreja Católica de Sobral mantinha, desde 1918, o jornal *Correio da Semana* para ajudá-la na difusão de suas ideias. Contudo, apesar de ser um “veículo” de informação da sociedade sobralense, apresentava as notícias de âmbito local, nacional ou internacional, voltando-se para seus assinantes, já que quase nunca se liam matérias a respeito do cotidiano das pessoas mais pobres ou de seus casos particulares, sendo que, quando eram mencionadas, ocorria de maneira generalizada.

Com base nisso, Pedro Vilarinho Castelo Branco afirma que:

[...] As pessoas, e em particular as mulheres mais humildes, que formavam a grande massa populacional [...], não eram objeto de muitas notícias nos jornais, seus nomes não eram exibidos como os das mulheres de elite. Ao contrário, a participação delas era vista como massa humana e, por isso mesmo, retratada apenas enquanto um todo e não de forma particularizada. [...] <sup>37</sup>.

Possivelmente, essa exclusão se dava porque o jornal era por assinatura e a massa popular não tinha condições de adquiri-lo. Então, não havia sentido falar de pessoas humildes, sendo que o público leitor eram as famílias abastadas, já que o normal era falar desses cidadãos, que aos olhos da igreja, eram mais importantes. Em todo caso, quando os modos de vida da classe pobre começavam a interferir e a serem visualizados pelas famílias abastadas e pelos religiosos, o jornal começava a destacar certas notícias para chamar a atenção das autoridades locais.

Dentre estas, destaca-se uma com o seguinte título: **“A quem de direito”**:

Estamos devidamente informados de que, lá para as bandas da conhecida Rua dos Cocos, há uma casa de danças para mocinhas pobres, pelo menos são tidas como tais... Infelizmente, o pior de tudo, lá para as tantas da madrugada, após a festinha, três ou quatro ali ficam até de ma-

---

37 CASTELO BRANCO, Pedro Vilarinho. *Mulheres Plurais*. A condição feminina em Teresina na primeira república. Teresina, Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1996, p. 54.

nhã. Por certo que o leitor inteligente viu nas entrelinhas de que se trata e a polícia local bem podia surpreender os festeiros, fazendo-lhes uma visita que por certo a achariam inoportuna. Por hoje é só <sup>38</sup>.

Conforme o jornal, o autor da notícia parecia estar preocupado com o possível “escândalo” que uma casa de danças poderia trazer para acabar com os valores morais. A notícia faz-nos entender de que, na verdade, este lugar poderia ser um prostíbulo, onde as moças que se diziam pobres, que talvez fossem mesmo, seriam as encarregadas de atenderem os fregueses e, por algum trocado, manterem cópulas carnais. Isso nos remete a pensar que, em alguma situação, esse lugar poderia estar atentando contra a ordem que a Igreja buscava estabelecer, já que o lugar ao invés de funcionar, somente, à noite, acabava se estendendo até o dia amanhecer.

Eram essas e outras as situações que o jornal buscava denunciar quando tais práticas se tornavam visíveis. Entretanto, vimos anteriormente que os valores morais não eram seguidos fielmente, principalmente, ao se observar como se davam os relacionamentos existentes nos autos dos processos crimes. Ainda que o jornal relatasse aquilo que era visível, era comum, de acordo com os processos, a existência de práticas libidinosas em diversos locais da cidade e que, nem sempre, se davam aos olhos dos demais cidadãos.

Por exemplo, alguns homens e mulheres mantinham cópula carnal no chão dos terrenos baldios, em pé e encostados nos muros, em cima dos arbustos ou embaixo de um pé de cajazeira. Se o local era propício, então por que não fazer ali mesmo? Talvez fosse isso o que muitos casais pensavam no momento. Contudo, esses espaços só eram descobertos a partir do momento em que as vítimas iam parar nas delegacias para denunciarem seus ofensores. Já em outras situações, era o próprio jornal que chamava a atenção da polícia para os namoros indecorosos em outros espaços e que ficavam à vista das pessoas.

38 UVA/NEDHIS. Periódicos. Cidade de Sobral. “A quem de direito”. *Correio da Semana*, Sobral-CE, 27 de outubro de 1944. Ano XXVII. n.º. 30, s/p.

Em relação a isto, o *Correio da Semana*, em 1945, fazia outra denúncia com o seguinte tema: **“Casos de Polícia”**:

Pedimos a atenção do Sr. Delegado Regional de Polícia para os namoros gravemente inconvenientes dos becos escuros e das praças mal iluminadas desta cidade. Para aqueles que lá fizeram tabula rasa da moral, só resta a repressão severa da polícia. Certos namorados perderam totalmente o senso cristão, embruteceram-se dando rédeas às suas mais baixas paixões. Não são apenas os becos escuros e as portas fingidas dos velhos muros as testemunhas mudas das liberdades de certos jovens, como também os que transitam pelas praças públicas mais movimentadas. [...] <sup>39</sup>.

A partir dessa notícia, nota-se, primeiramente, que o autor chamava a atenção para os espaços que deveriam ser melhorados pela administração pública, principalmente, com a manutenção de luzes para os postes. O outro detalhe é que alguns dos relacionamentos estavam deixando de acontecer em lugares que, outrora, seriam mais reservados e escondidos, por conta da falta de pudor, para assumirem os espaços públicos mais movimentados. Isso seria o reflexo de que a modernidade estava possibilitando maior liberdade para que os casais pudessem viver seus relacionamentos sem aqueles preceitos morais que ditavam os modos de como as pessoas deveriam proceder durante o namoro e de que o lugar adequado para os encontros teria que ser a casa da moça, sob a vigilância de um parente.

É possível supor que o redator da notícia tenha sido informado que esses namoros se davam com mais liberdades, como abraços, beijos de língua, carícias, entre outros detalhes, que chamavam a atenção dos visitantes ou daqueles que passavam pelo lugar. Isso, aos olhos da Igreja, era perder o senso cristão e, por isso, pedia que o delegado de polícia, da época, tomasse uma providência, já que tais “espetáculos” estavam incomodando ou incentivando, talvez, os demais cidadãos da sociedade sobralense.

39 UVA/NEDHIS. Periódicos. Cidade de Sobral. “Casos de Polícia”. *Correio da Semana*, Sobral-CE, 20 de outubro de 1945. Ano XXVIII. nº. 29. p. 4 (A página não possuía numeração, mas pela contagem subentende-se que é a número 4).

Com base nesses namoros em praças públicas, Castelo Branco explica que:

Os momentos desfrutados na praça eram aproveitados para namoros, flertes e conversas entre rapazes e moças. Os relacionamentos amorosos eram os principais alvos dos cronistas dos jornais [...], que estavam sempre prontos a retratar em suas crônicas alguma informação indiscreta sobre esses assuntos<sup>40</sup>.

Mesmo a cidade de Sobral sendo controlada pela ideologia religiosa, viu-se, anteriormente, que tanto as moças quanto os rapazes da classe pobre estavam vivendo conforme a realidade que lhes foi imposta pela própria condição de vida, já que não se sentiam obrigados a seguirem os mesmos ideais que as famílias abastadas seguiam por conta da influência religiosa. Mas isso também nos leva a refletir que, embora a cidade afastasse do centro para a periferia tudo que pudesse macular a história de opulência e magnitude, esses problemas acabavam retornando para o meio social da elite, fazendo-nos entender que ainda que a classe pobre fosse expulsa daquele espaço em transformação, eles sempre que podiam utilizavam o mesmo lugar para suas práticas cotidianas como trabalhar, ter um lazer e, principalmente, viver seus relacionamentos.

Ao mesmo tempo em que se sentiam excluídos, essas pessoas queriam mostrar que também pertenciam àquela sociedade e que tinham todo o direito de usufruir, da sua maneira, dos espaços que a administração pública, naquele período, construía para a população. Então, não seria nada demais ir para uma praça que não era nem escura ou para um muro para poder namorar, já que os casais não precisavam ficar se escondendo dos olhares vigilantes, sendo que os tempos eram outros. Contudo, as autoridades religiosas não pensavam dessa forma e, para isso, usavam o Jornal para poder explicitar a sua revolta perante tais ações.

Ainda na crônica “**Casos de Polícia**”, o autor da notícia continuava a expor sua insatisfação da seguinte maneira:

40 CASTELO BRANCO, Pedro Vilarinho. *Op. cit.*, p. 49.

[...] Sabemos de um caso, tão deprimente quão revoltante, ocorrido, há poucos dias, na Praça do Menino Deus, onde um par de namorados, sem o menor respeito aos sentimentos alheios, demonstraram – fizeram exibição – que se obnubilaram os seus mais elementares sentimentos de pudor, tristes tempos estes que vivemos. Essas graves ofensas a moral pública, lançadas como um insulto a face da sociedade cristã de Sobral, merece forte e enérgica censura deste semanário católico, que pede medidas preventivas a polícia para que não se reproduza cena tão degradante dos costumes. **O “Correio” abrirá forte e decidida campanha contra essa onda de imoralidade, sem medir consequências**<sup>41</sup>. [Os grifos são nossos].

É comum se ouvir o ditado popular que “tudo que é proibido, é mais gostoso”, e o mesmo se aplica a essa situação, pois, de acordo com a matéria, não era a primeira vez que tais casais saíam de seus bairros para chamarem a atenção nessa praça movimentada de Sobral. Parecia que a forma de se relacionarem seria mais prazerosa se estivessem sendo vigiados e cobiçados pelas pessoas que passavam ou que também frequentavam o local. Talvez, não fosse nem essa a intenção dos casais, mas, para o jornal, tudo aquilo era um “insulto a sociedade cristã”. Nota-se que o hebdomadário pedia a interferência da polícia para “limpar” ou expulsar, como foi feito anteriormente, aqueles sujeitos de um espaço de família e adepto dos valores morais, já que o mesmo se declarava o principal inimigo da imoralidade sem a medida de consequências.

Quando se evidencia a preocupação da Igreja em combater esses tipos de namoros, fica a pergunta se de fato eles poderiam ser tão prejudiciais assim e se poderiam corromper os demais cidadãos sobralenses. Por outro lado, não se pode esquecer que, para a religião católica, a sexualização do corpo e a busca do prazer poderiam promover o pecado da carne. Dessa forma, o mais sensato seria inibir qualquer ato erótico que pudesse conduzir as pessoas para as práticas pecaminosas.

Sobre isso, Marilena Chauí aborda que:

41 UVA/NEDHIS. Periódicos. Cidade de Sobral. “Casos de Polícia”. *Correio da Semana*, Sobral-CE, 20 de outubro de 1945. Ano XXVIII. N°. 29. p. 4 (A página não possuía numeração, mas pela contagem subtende-se que é a número 4).

A sexualização dos pecados e do corpo significa, simplesmente, a preocupação cristã com todas as formas da concupiscência, visto ser esta a manifestação da fraqueza da carne, e, conseqüentemente, a preocupação está voltada para a percepção, captura e controle de tudo quanto desverte prazer. [...]<sup>42</sup>.

Embora a Igreja conseguisse retirar, até certo ponto, os namoros indecorosos das praças públicas, ela não conseguia proibi-los nos outros lugares e nem evitar que as moças pobres continuassem a ser seduzidas por seus parceiros. A questão é que se passou a haver certa liberdade sexual em pouco tempo de namoro, justificada pela necessidade de “quebrar” regras e de não continuar sob os moldes do que a religião ditava como correto para seguir e viver. Em vista disso, embora uma nova fase de relacionamentos estivesse tentando sobrepor naquele momento, ficava a critério de cada moça seguir ou não esse novo modo de pensar.

Segundo Francisco Rogério Rodrigues:

Se envolver em relações sexuais com pouco tempo de namoro desprestigiava a jovem. Esta deixava de ser vista como “pura” e se aproximava da meretriz. Devia “se esquivar, repelir” o ato sexual com o namorado, que podia de todas as maneiras seduzir sua amante para seguir “para o mató”.

Infelizmente, as vítimas existentes nos processos criminais não conseguiram “se esquivar” das promessas de seus companheiros e nem evitaram aparecer nos autos dos inquéritos policiais. Ainda que elas, em alguns casos, conseguissem provar sua inocência e fazer com que houvesse a prisão dos acusados, isso não significava que a sociedade as trataria como eram antes, já que sua virgindade havia sido retirada por um conquistador qualquer.

Em todo o caso, o importante é que, apesar dos pesares, algumas dessas mulheres, conseguiram viver suas paixões avassaladoras e embora al-

42 CHAUI, Marilena. *Repressão Sexual: Essa nossa (des) conhecida*. São Paulo: Editora Círculo do Livro, 1990, p. 103.

gumas dessas histórias não tenham tido finais felizes, o essencial é que elas viveram, amaram e se entregaram aos seus desejos e aos seus amores.

## REFERÊNCIAS

BACELLAR, Carlos. Fontes Documentais: uso e mau uso dos arquivos. *In*: PINSKY, Carla Bassanezi (Org). **Fontes Históricas**. - 3. ed. - São Paulo: Contexto, 2011.

BERMAN, Marshall. **Tudo o que é sólido desmancha no ar**: A aventura da modernidade. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.

CARDOSO, C. F.; VAINFAS, R. **Domínios da História**. Ensaios de Teoria e Metodologia. RJ: Editora Campus, 1997.

CASTELO BRANCO, Pedro Vilarinho. **Mulheres Plurais**. A condição feminina em Teresina na primeira república. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1996.

CHAUÍ, Marilena. **Repressão Sexual**: Essa nossa (des) conhecida. São Paulo: Editora Círculo do livro, 1990.

DEL PRIORE, Mary. História das Mulheres: as vozes do silêncio. *In*: FREITAS, Marcos César de. **Historiografia Brasileira em Perspectiva**. São Paulo: Contexto, 2000.

DEL PRIORE, Mary. **Histórias íntimas**: sexualidade e erotismo na história do Brasil. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2011.

ESTEVES, Martha de Abreu. **Meninas perdidas**: os populares e o cotidiano do amor no Rio de Janeiro da Belle Époque. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.

FERREIRA, Luciana de Moura. **Memória social, imaginário e representação no álbum do centenário de Sobral – 1941**. Universidade Estadual do Ceará/UECE, Fortaleza, 2010. Dissertação.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I**: A vontade de saber. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro, Edições Graal, 1988.

FROTA, Maria Helena de Paula; OSTERNE, Maria do Socorro Ferreira (Org.). **Família, Gênero e Geração**: temas transversais. Fortaleza: Eduece, 2004.

GIRÃO, Glória Giovana S. Mont'Alverne. **As transformações socioculturais em Sobral (1870 – 1920)**. Pernambuco: Universidade Federal de Pernambuco-UFPE.

LUCA, Tania Regina de. Fontes Impressas: História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). **Fontes Históricas**. 2 ed., 1ª reimpressão. – São Paulo: Contexto, 2008.

PEDRO, Maria Joana. Narrativas fundadoras do feminismo. **Revista Brasileira de História**. São Paulo. v. 26, n. 52, 2006, p. 249-272.

PERROT, Michelle. **Mulheres públicas**. Tradução Roberto Leal Ferreira. São Paulo: Fundação editora da UNESP, 1998.

PORFÍRIO, Éricka Natália Machado. **Gênero, Honra e Sedução**: A importância da Virgindade Feminina na década de 1940 em Sobral. Sobral: Universidade Estadual Vale do Acaraú – UVA, 2009. Monografia.

RODRIGUES, Francisco Rogério. **Namoro e Juventude na cidade disciplinada**: O comportamento “impróprio” dos jovens no cotidiano de Sobral – CE (1960 – 1969). Monografia. Sobral: Universidade Estadual Vale do Acaraú – UVA, 2006.

SOARES, Maria Norma Maia; GIRÃO, Glória Giovana S. Mont'Alverne. **Sobral: História e Vida**. Sobral: Edições UVA, 1997.

SOUSA, Francisca Elane Marques de. **Crimes de Sedução em Sobral**: Uma outra visão da “Princesa do Norte” (1940 – 1945). Monografia. Sobral: Universidade Estadual Vale do Acaraú – UVA, 2005.

TEDESCHI, Losandro Antonio. **História das mulheres e as representações do feminino**. Campinas: Editora Curt Nimuendajú, 2008.

**SONS DO PROGRESSO E A CIDADE DO BARULHO  
NAS PÁGINAS DO JORNAL *CORREIO DA SEMANA*  
EM SOBRAL-CE**

*Francisco Dênis Melo<sup>1</sup>*

Em algum lugar, numa dobra da terra, a cidade desperta, com uma bateção, um martelar, um chiar num crescendo. Agora um trovão, um estrondo, uma explosão ocupa todo o espaço, absorve todos os apelos, os suspiros, os soluços [...] (Italo Calvino, *Um Rei à Escuta*).

Certo Rei, personagem do escritor Ítalo Calvino, lido na epígrafe acima, deambulando por uma cidade, é surpreendido por uma questão: “Aos seus ouvidos ressoam ruídos novos, insólitos?”<sup>2</sup>. Ruídos novos e insólitos fazem da cidade um espaço que ribomba. O poeta mineiro Carlos Drummond de Andrade, no poema *Anoitece*, lida em parte abaixo, faz referência também a uma cidade que se abre para novas sonoridades, uma cidade marcada por um ritornelo que reverbera:

É a hora em que o sino toca,  
mas aqui não há sinos;  
há somente buzinas,  
sirenes roucas, apitos  
aflitos, pungentes, trágicos,  
uivando escuro segredo;  
desta hora tenho medo [...] <sup>3</sup>.

1 Professor do Curso de História da Universidade Estadual Vale do Acaraú – UVA.

2 CALVINO, 1995, p. 163.

3 ANDRADE, 1992, p. 100.

Outros sons... outras imagens... sentidos e significados para outros espaços. Sobral já alimentou durante muito tempo uma tradição do som de seus sinos nas altas torres de suas inúmeras igrejas católicas, mas outras sonoridades, muitas vezes nascidas a partir de equipamentos e objetos do progresso, como buzinas de automóveis, sirenes, apitos, ruídos, barulhos, começavam a compor sua paisagem sonora, entre a década de 1930 e o início da década de 1970, recorte destas reflexões. Pairavam, sobre a cidade, determinados sons que, a partir de então, causavam incômodos e surpresa. Sobre a novidade do automóvel na cidade, por exemplo, temos um importante acontecimento narrado pelo jornalista e memorialista César Barreto:

Nos dias de hoje, em determinadas cidades do interior, o cotidiano ainda pode ser abalado por motivo de curiosidade, de alvoroço, de disse me disse [...]. Agora, imaginemos a chegada de um automóvel de passeio importado, da marca FORD, chegando a Sobral no final dos anos quarenta, vindo do Rio de Janeiro, tendo sido adquirido por um dos mais conhecidos e bem-sucedidos comerciantes locais, o senhor Francisco das Chagas Barreto Lima. Foi uma grande novidade! Na época só existia em Sobral uma frota de não mais que dez veículos, sendo seus proprietários os senhores de mais posses na cidade<sup>4</sup>.

Esse FORD não foi o primeiro automóvel a circular pelas ruas, em sua maioria, estreitas de Sobral. As pessoas já haviam, de certa forma, se acostumado com essas máquinas, com o seu som, o ronco do motor e seu apito, mas a sua presença ainda era relativamente espantosa. Apesar do pequeno número de veículos em Sobral, os jornais apresentavam propagandas afirmativas do lugar do automóvel na cidade, conforme verificamos na notícia que segue: “Agência CHEVROLET acaba de receber grande stoc de acessórios e os afamados pneus FIRESTONE”. Na mesma reportagem, afirma que ela: “DISTRIBUE A AFAMADA GASOLINA ATLANTIC. A mais econômica e a única fabricada exclusivamente para o Brasil.

4 LIMA, 2010, p. 19.

rande baixa nos seus preços”<sup>5</sup>. Padre João Mendes Lira, importante autor de obras sobre a história local, fez referência à chegada do primeiro automóvel em Sobral, em sua coluna *NOSSA HISTÓRIA*, publicada semanalmente no jornal *Correio de Semana*, em seu capítulo 159, de título *O primeiro automóvel em Sobral*, de 20 de setembro de 1973:

A Revista “O Trabalho” – órgão oficial da Associação dos Empregados do Comércio de Sobral – do dia 30 de outubro de 1933, traz um artigo intitulado “Subsídios para a nossa história” descrevendo a chegada do primeiro automóvel em nossa cidade.

“O automóvel, um dos mais fortes fatores da prosperidade e o certificado mais vivo de uma civilização, teve, em Sobral, uma estréia dolorosa. Corria a seca de 1919, quando o primeiro pneu rodou sobre o calçamento desconjuntado de nossas ruas. Não foi, entretanto, a seca que influenciou na vinda do Ford, naquela ocasião, daí o fato de sua ingressão em nosso meio não ser mais dolorosa ainda. Trouxe-o o Dr. Henrique Morize, Diretor do Observatório Nacional, quando aqui veio, naquele ano, observar o grande Eclipse total do sol, para cuja pesquisa científica Sobral oferecia melhor posição. Vieram sábios de todo os recantos da terra, somente o sábio brasileiro trouxe, em sua complicadíssima bagagem – como complicadas são as bagagens de todos os astrônomos – carrinho Ford, modelo moderníssimo naquele tempo. Foi um açodo na população da cidade. Todo mundo afluía curioso, para ver o veículo correr, mal ouvia ao longe o ruído do motor. As crianças, audaciosas e vivazes, corriam atrás, desabadadamente, como que para prolongar o tempo de conhecer a maravilhosa máquina americana. E a noite o efeito era deslumbrante. Sobral, que, naquela época dormia nas trevas, sacudia-se num frêmito de curiosidade, atraída pelos faróis do automóvel, cujas luzes focavam longe, iluminando copiosa e furtivamente, ruas inteiras<sup>6</sup>.

Interessante perceber como a Revista “O Trabalho”, pertencente à Associação dos Empregados do Comércio de Sobral, trata o automóvel como símbolo de prosperidade e elemento de civilização. Difícil imagi-

5 *O Jornal*. Sobral-CE, 8 de dezembro de 1932. Arquivado e disponibilizado para pesquisa no NEDHIS/UVA. Todas as citações dos jornais neste texto respeitam a grafia da época.

6 LIRA, Padre João Mendes. O primeiro automóvel em Sobral. *Correio da Semana*. Sobral-CE, 20 de setembro de 1973. Coluna Nossa História.

nar um empregado do comércio com possibilidade de ter o seu próprio automóvel, o que significa dizer que esse tipo de prosperidade e de *civilidade* não fazia parte de sua vida. Nessa perspectiva, os empregados do comércio eram um pouco menos *civilizados*. Assim, entendemos civilização, dentro desse contexto, como sinônimo de progresso, resultado da posse de alguns objetos. Chama-nos atenção também o fato de a revista pontuar que a estreia do automóvel na cidade foi dolorosa. Mas dolorosa por quê? O ano era 1919, período de seca, mas não foi por causa da seca que o primeiro automóvel chegou à cidade, e sim por ocasião da vinda da Comissão do Eclipse Solar de 1919, formada por três comissões científicas, a brasileira, a americana e a inglesa, que tinham como objetivo comprovar a Teoria da Relatividade de Albert Einstein, a partir de um posto de observação montado em frente à Igreja do Patrocínio, região um pouco mais afastada do centro da cidade.

A estreia do automóvel na cidade nos pareceu muito mais espetacular do que dolorosa. Espetacular principalmente à noite, quando ruas escuras da cidade eram iluminadas por seus faróis. Foi espetacular também pela afluência das crianças audaciosas e vivazes, correndo atrás do veículo em agitação frenética, enchendo com uma nova sonoridade as ruas da cidade.

O romancista Cordeiro de Andrade, em sua obra *Cassacos* (1934), com sua sensibilidade, faz referência à Comissão Científica de 1919 e à presença do automóvel em Sobral:

Foi um furdunço dos diabos, aquéla manhã de maio.

O povo assanhado, em reboliço prá espisar de perto os homens da Comissão Científica, que haviam chegado a Sobral, prá apreciar o eclipse solar, a mandado do governo.

Primeiro armaram uma barraquinha de pano, na praça do Siebra, perto do cata-vento. Depois, instalaram-se na praça do Figueira. Eram uns homens rosados como camarão cosido. Umas barbas não sei de que tamanho, ruivas, que serviam de brinquedo ao vento. Fazia até medo na gente.

Os meninos cochichavam desconfiados:

– Parece a barba do Casusa do boi. Não parece? Do Bimbéu, do Junco.

– Ado Casusa do Bimbéu não é assim, comprida... A que é, é a do velho, do boi Lagartixa. Vi de perto, no dia que o filho de uma mãe me fez de cebola prá remédio de garrote...

Os primeiros automóveis que a cidade viu, os dos astrônomos. Dois fórdsinhos, com jeito de gafanhoto de jurema. Três caminhões, cobertos à lona. Motocicletas gasguitos. Animação bôa. Muito melhor que a festa de Nossa Senhora da Conceição. Nem se comparava.

Quando um carro passava, numa rua, buzinando, as janelas ficavam batendo assim...

– Fon-fon... Fon-fon...

– Passa prá dentro, Manéco! Olha que o diabo desse bicho não te pise. Capaz de errar o caminho e fazer uma arte [...] <sup>7</sup>.

Cordeiro de Andrade consegue captar com perspicácia, em seu romance, o provável clima de espanto que tomou conta da cidade com a chegada da Comissão Científica de 1919. Não era só o automóvel que espantava as pessoas mais velhas e alegrava a criançada, mas as diversas sonoridades de instrumentos de medição, máquinas fotográficas, telescópios, instrumentos dos mais variados e nunca vistos na cidade; a visão de barracas de lona também causava espanto na população. Homens barbudos, vermelhos, eram comparados a um outro homem barbudo, mas bem conhecido na cidade, o velho Cazuza do Bumba Meu Boi, folguedo tradicional muito importante em Sobral. A imagem do automóvel como um gafanhoto de jurema procura dar um ar de familiaridade àquele objeto estranho presente na cidade. Por outro lado, a imagem dos pneus do automóvel como *pés* capazes de pisar os meninos soltos pela rua, de errar os *passos* e fazer uma *arte*, é de grande beleza. Sobre a presença desse automóvel na cidade, temos um importante depoimento de uma testemunha ocular do evento, o senhor Randal Pompeu de Sabóia Magalhães, ex-prefeito da cidade, com 79 anos em 1979, data de publicação da reportagem feita pelo jornalista Egídio Serpa, que segue em parte:

Eu tinha 23 anos. Os astrônomos chegaram aqui de trem, vindos de Fortaleza. Houve até festa para recebê-los na

7 ANDRADE, 1934, p. 149-151.

estação. No dia seguinte à chegada deles, desembarcou também de trem, um automóvel, um *Ford* bigode, que o governador do Estado, João Thomé de Sabóia, mandou pra eles. Foi o primeiro carro a circular por aqui. Você precisava ver: o automóvel andando na frente e todo mundo atrás, admirado<sup>8</sup>.

Quando o romancista Cordeiro de Andrade fala em dois automóveis e dois caminhões em seu romance, como vimos na citação anterior, estava imaginando uma cena em sua liberdade de escritor. Apenas um automóvel chegou à cidade em 1919, ficando à disposição dos astrônomos, levando-os para passeios por várias ruas da cidade, sendo, inclusive, utilizado para subir a Serra da Meruoca. Sabemos que

Entre os membros da Expedição Brasileira havia também um “*chauffeur*” de nome Antônio Rodrigues de Carvalho, cedido pela Agência da Casa Studebaker, vindo do Rio de Janeiro, a pedido do Ministro da Cultura, Padua Salles<sup>9</sup>.

Mas, com o passar do tempo, o automóvel não serviu apenas de encanto e espanto na cidade, ele também foi motivo de reclamações, especificamente porque havia, no centro da cidade, uma oficina especializada em conserto de buzina, questão levada para o *Correio da Semana* da seguinte forma:

Coisas e fatos de Sobral.

A título de reclamação, chegou ao nosso conhecimento a localização de uma oficina destinada a concerto de buzinas, na rua Cel. Joaquim Ribeiro, frente ao armazém dos snrs. Euclides Andrade e Cia. Sabemos que é facultada a todos a livre aquisição do necessário ao sustento de vida, mas, sabemos também que o centro da cidade, onde residem famílias, e estão localizadas diversas casas comerciais, não é lugar para o concerto de buzinas, que a todos importuna com o incessante fon-fon, o que não condiz com a urbanização que devemos possuir. É assim, apelamos para quem de direito afim de que o proprietário

8 SERPA, Egídio. Sobral, Ceará. Aqui se provou que Einstein estava certo. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 26 de março de 1979.

9 RODRIGUES, Joyce Mota. *Entre telescópios e potes de barro: o eclipse solar e as expedições científicas em 1919, Sobral – CE*. 2012. 131 f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2012.

da referida oficina a transfira para outro local, onde seja menos importuno<sup>10</sup>.

Parte da população já não escutava o automóvel do mesmo modo, ou melhor, a sua buzina, sinal sonoro que se tornava comum no cenário da cidade. A sua repetição, na oficina especializada, causava incômodo e, agora, era considerada ruído, um som desagradável, portanto. No mesmo artigo do dia 20 de setembro de 1973, *O primeiro automóvel em Sobral*, Padre Lira faz referência ao segundo automóvel a circular pelas ruas da cidade, citando a mesma revista “O Trabalho”, acrescentando outros dados importantes:

O segundo carro – era um ‘Chandler’ – que aqui veio, foi adquirido pelo Sr. Piragibe Mendes, então gerente da Pernambucana. Era um carro para alugar. Tal sucesso obteve esse automóvel, que os pretendentes a passeios, inscreviam-se previamente, tomando a sua hora, com dias de antecedência. Rodava o dia inteiro. Dia de domingo e dia de semana. De manhã à noite. Todos queriam sentir a volúpia de um passeio de automóvel.

Cedo, porém, estabeleceu-se a concorrência: apareceram outros e mais outros carros, e desde então que o automóvel passou a ser, no rol das coisas, um objeto de curiosidade, mas a engrenagem mais banal deste mundo [...]<sup>11</sup>.

O “Chandler” utilizado como carro de passeio em Sobral era, provavelmente, o automóvel mais conhecido para esse tipo de atividade no Brasil. Tudo indica que o automóvel tenha sido comprado no Rio de Janeiro, possivelmente, nos estabelecimentos *Mestre & Blatgé*, localizado à Rua do Passeio, 48-54. *Mestre & Blatgé* foi o nome original da loja *Mesbla*, durante décadas a maior rede de varejo do Brasil, de origem francesa, e importava máquinas e equipamentos. Os automóveis *Chandler* foram fabricados em Ohio, Estados Unidos, entre os anos de 1913 e 1929. O mais conhecido “*chauffeur*” de Sobral, “JOAQUIM LOURINHO (Foguinho) – Mãos firmes e hábeis no volante, dirigiu, dentro e fora da cidade, os primeiros automóveis de aluguel ali chegados”<sup>12</sup>.

10 *Correio da Semana*, Sobral-CE, 24 de janeiro de 1951.

11 LIRA, Padre João Mendes. O primeiro automóvel em Sobral. *Correio da Semana*. Sobral-CE, 20 de setembro de 1973. Coluna Nossa História.

12 GOMES, 1998, p. 33.

Ficamos imaginando se esses carros que dirigiu não teriam sido os *Chandler*, por ser automóveis relativamente espaçosos, como podemos observar na interessante e bem cuidada propaganda publicada na revista *EU SEI TUDO*, em 1918, no Rio de Janeiro, e citada no blog Carros antigos, criado por Nikollas Ramos:

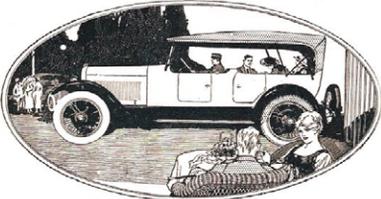
**Figura 1** – Propaganda do Chandler na Revista *EU SEI TUDO*, em 1918

O PONTO DE PARTIDA FOI UM AUTOMOVEL  
O ponto culminante foi o

**CHANDLER**

que atingiu o apogeu da  
perfeição.

Est. MESTRE & BLATGÉ, S.A.  
Rua do Passelo 48/54  
RIO DE JANEIRO



**Fonte:** RAMOS, Nikollas. Carros antigos. Disponível em: <https://carrosantigos.wordpress.com/tag/1918/>. A imagem também está disponível em: [https://carrosantigos.files.wordpress.com/2009/05/chandler\\_automobiles023.jpg](https://carrosantigos.files.wordpress.com/2009/05/chandler_automobiles023.jpg). Acesso em: 27 set. 2016.

Padre Lira, com relação à ação comercial do senhor Piragibe Mendes, ao trazer para a cidade o segundo automóvel para aluguel, ratifica a nota da revista “O Trabalho”, que estabelece uma relação direta entre o automóvel e a civilidade em Sobral:

Aristocrata, inteligente, compreendeu o quanto um automóvel podia, na época, modificar o comportamento social de uma pequena cidade e colocá-la no ritmo do progresso dos transportes. Sonhava este nosso conterrâneo com uma Sobral educada, nobre, moderna e atraente. Amava fortemente a sua terra<sup>13</sup>.

Assim, temos em Sobral, a partir da fonte jornalística, publicada entre os anos de 1930 e a década de 1970, várias informações sobre a difu-

13 LIRA, Padre João Mendes. O primeiro automóvel em Sobral. *Correio da Semana*. Sobral-CE, 20 de setembro de 1973. Coluna Nossa História.

são de novos sons maquínicos que acabam por gerar uma dupla reação na população sobre como determinadas mudanças sonoras começaram a ocorrer na cidade. Por um lado, deseja-se o novo; por outro, ouvem-se várias reclamações a respeito dos sons considerados indesejáveis, resultados da nova maquinaria que começa a compor o cotidiano da cidade.

Nessa direção, uma notícia publicada no jornal *Correio da Semana*, cujo título é *Na mesma tecla*, destaca o que seria uma nova necessidade da cidade:

Em nosso último numero falamos da necessidade de uma empresa telephonica em nossa terra. O alvitre teve muita repercussão em nosso meio. Diversas pessoas applaudiram a idea e pediram nos que vez por outra, nesta folha fosse tratado tão importante assunto. Não é dificil a realização de tão util empreendimento; falta quem tome a frente, auxiliado pelos que podem e devem dotar nossa urbs de tão louvável melhoramento. É melhor se testar em casa de um negocio do que de longe, muitas vezes não se encontrando a pessôa que se quer tratar. Confiemos nos homens de bôa vontade<sup>14</sup>.

Uma empresa telefônica na cidade é vista como necessidade de progresso. Isso fica claro quando lemos o título da nota: *Na mesma tecla*. O autor da nota ratifica o que já havia anunciado antes, a necessidade da instalação de telefonia em Sobral, encontrando eco nas ruas, segundo suas palavras, mas sem encontrar “quem tome a frente” do empreendimento. Podemos, talvez, entender a utilização desse equipamento em duas frentes: uma voltada para a vida privada, com o telefone dentro das casas, e outra voltada para a vida social, aberta, na medida em que o telefone aproximava as pessoas, diminuindo as distâncias e sintonizando vozes distantes. Nessa sociedade da máquina e produtora de novas sonoridades, outros objetos eram desejados:

**Um presente de valor para o natal.**

Quereis proporcionar um dia de intensa alegria à sua esposa, filha ou noiva? Ofereça-lhes como presente de Boas Festas ou Ano Bom uma Máquina Singer, que com esta comple-

14 *Correio da Semana*, Sobral-CE, 17 de dezembro de 1932.

tareis a felicidade de vosso lar. A Máquina Singer é um dos objetos que pode ser adquirido com muita facilidade<sup>15</sup>.

A máquina de costura aqui é vista como símbolo da mulher, que podia ser a filha, a noiva ou a esposa. Motivo de felicidade e de fácil aquisição, seria o complemento da felicidade do lar. Por quê? Talvez porque, com esse tipo de máquina em casa, as mulheres estariam mais restritas à casa e mais longe da rua. Assim, “a experiência cotidiana com as sonoridades técnicas alcançava agora as estratégias mercadológicas”<sup>16</sup>, transformando-se em objeto de desejo. Outra notícia publicada no *Correio da Semana*, intitulada *A Construção da maior e mais bela avenida de SOBRAL*, nos interessa pela continuação da notícia que tem como subtítulo *OUTRAS NOTAS* e que apresenta uma cidade em transformação com seus sons e novos sentidos:

Já não se ouve o som da picareta pondo por terra o Mercado Público, de estilo colonial, que tanto afeiava uma das principais ruas de Sobral. Desapareceu também o grupo de jumentos fiscalizados muitas vezes pelo pobre Tibúrcio, de saudosa memória. Tudo agora é um montão de ruínas transportado por caminhões. A praça está mais ampla e melhormente arejada. Coisas que tempo levou... Vamos ter agora, por iniciativa do Sr. Prefeito Municipal, uma avenida que se diz a melhor da cidade, calçada a paralelepípedo e com jardins caprichosamente tratados e de flores variadas. Cerca de 150 homens ali trabalham, concorrendo não só para o progresso da cidade como encontrando pão diário nestes momentos de angustia e aperturas. [...] As mesmas vozes que se levantaram contra o desaparecimento do velho mercado já começaram os seus aplausos à marcante construção do Sr. Prefeito que vai ser uma das mais importantes da cidade [...]<sup>17</sup>.

Na passagem acima, o articulista usa como metáfora do que seria o atraso da cidade “um montão de ruínas transportado por caminhões”, ruínas do antigo mercado público de estilo colonial que ficava no centro da cidade e que, segundo o autor, causava uma má impressão, assim como

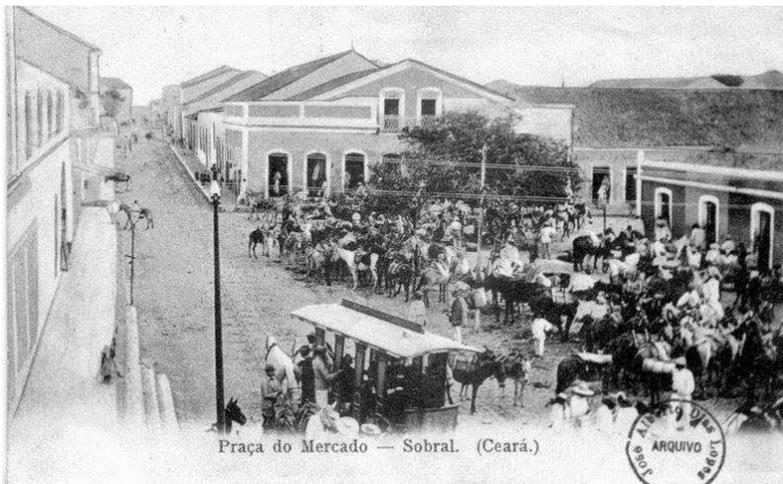
15 *Correio da Semana*, Sobral-CE, 16 de maio de 1941.

16 SILVA FILHO, 2006, p. 66.

17 *Correio da Semana*, Sobral-CE, 1º de maio de 1942.

o grupo de jumentos solto pela rua. O som do progresso, por outro lado, vinha de um instrumento de trabalho rudimentar: a picareta. Sinal de desenvolvimento e progresso da cidade é a avenida calçada a paralelepípedo, sendo aberta por cerca de 150 homens. Mas desconfiávamos que o que se queria deixar para trás, no entanto, não era apenas o velho mercado colonial, segundo mercado a ser construído na cidade, mas, principalmente, a sua desorganização espacial e sonora, seu concerto de vozes, alaridos, ruídos, sons de bichos, animais amarrados junto às árvores e os pregões tão comuns às cidades brasileiras. O pregão era “Criação sonora de profissionais livres – vendedores e compradores dos mais variados objetos, doceiros [...], ou pequenos artesãos, como amoladores, consertadores de guarda chovas e panelas etc.[...]”<sup>18</sup> Podiam se ouvir ainda vendedores de frutas, animais, remédios caseiros, tecidos, couros de animais, selas, chapéus, roupas, entre outros objetos mais populares.

**Figura 2** – Segundo Mercado Público de Sobral, construído em 1821



**Fonte:** Arquivo do Sr. José Alberto Dias Lopes.

Ainda que possamos observar acima o flagrante entre os animais que serviam como meio fundamental de transporte na cidade e o bonde mais ao centro da foto, um meio de transporte mais *moderno*, o moderno aqui, no entanto, é um veículo puxado a burros, visto que, em Sobral,

18 TINHORÃO, 2013, p. 59.

“A tração animal não só era penosa, mas precária. Acontecia que o carro lotado, nas subidas, emperrava com a insuficiência da força, ocasião em que os passageiros desciam para ajudar a vencer o obstáculo”<sup>19</sup>. Ou seja, essa *modernidade* era muito próxima dos jumentos soltos pelas ruas da cidade. Nesse sentido, temos uma coluna com o título *por hoje é só...* do *Correio da Semana* que trata das *Cousas que deviam ser abolidas*, em que se imagina uma cidade moderna sem a permanência de determinadas sonoridades. O autor da coluna faz sucessivas críticas à presença de determinadas sonoridades indesejáveis, conforme lemos abaixo:

Numa cidade adeantada como a nossa uns tantos costumes deviam ser abolidos.

Por hoje registramos os seguintes:

- 1) O uso de foguetões quando os míseros mortais de carne ainda dormem pela madrugada.
- 2) O modo descortês de muitos assistirem sessões cívicas ou mesmo durante as sessões cinematográficas, com ditos picantes, assobios e risadas espalhafatosas.
- 3) A mania de certa gente escrever a lápis ou a carvão nas paredes e até cousas que muitas vezes não podem ser lidas.
- 4) O desfolhamento dos ficus ou a destruição dos bancos das alamedas da cidade; há até que corte os galhos do ficus num desejo inconsciente de destruição.
- 5) A água trazida em canecos anti-higienicos e às costas de jumentos. Quando se resolverá o primeiro problema da cidade, a água encanada?
- 6) Quando haverá nesta cidade uma empresa funerária para o transporte dos caixões mortuários.
- 7) Por hoje é só...<sup>20</sup>.

Entre os costumes que deveriam ser abolidos numa cidade considerada “adeantada”, como lemos acima, está o uso de foguetes pela madrugada, atrapalhando, assim, o sono dos moradores. Temos aqui uma situação em que o barulho dos fogos é entendido como um som também indesejado. Sabemos, segundo Murray Schafer, que “O aumento dos sons no mundo moderno originou uma mudança no significado da palavra *ruído*”, de modo que

19 ANDRADE, 1992, p. 21.

20 *Correio da Semana*, Sobral-CE, 27 de novembro de 1941.

Ruído tem variedade de nuances de significados, entre as quais as mais importantes são:

- 1) *Som indesejado*. *The Oxford English Dictionary* contém referências a *ruído* como som indesejado datadas de 1225.
- 2) *Som não-musical* [...].
- 3) *Qualquer som forte*. No uso geral de hoje, ruído se refere com frequência a sons particularmente fortes. [...]
- 4) *Distúrbio em qualquer sistema de sinalização* <sup>21</sup> (Grifos do autor).

Os fogos de artifício durante as noites geravam sons indesejáveis para parte da população da cidade. Qualquer som forte no âmbito da cidade oscilava de forma intensa e precisava ser combatido em nome da civilidade e da decência. A percepção negativa de Schafer com relação ao ruído, entretanto, foi relativizada por outros autores, como, por exemplo, Luigi Russolo, pintor e compositor italiano, adepto do Futurismo, que escreveu, no Manifesto Futurista Italiano, em 1913, sobre a “Arte do Ruído”: “Nos deleitamos muito combinando em nossos pensamentos os ruídos de bondes, de automóveis, de carruagens e multidões vociferando [...]” Para José Miguel Wisnik, por outro lado, o ruído “é aquele som que desorganiza o outro, sinal que bloqueia o canal ou desmancha a mensagem” <sup>22</sup>. Mas, com relação ainda ao foguetório em Sobral, cinco meses antes da notícia vinculada pelo *Correio da Semana*, em novembro de 1941, outro articulista protestou no mesmo jornal, numa notícia cujo título é *Costume de aldeia*, denotando o sentido atribuído aos mesmos sons indesejáveis:

Na madrugada de dias altamente festivos em nossa querida Sobral, quando a cidade dorme, sobem ao ar os conhecidos foguetões ao som da banda de música municipal. E o acto prolonga-se numa duração, às vezes, de duas horas. Ninguém mais pode aproveitar os últimos momentos de sono. O estampido é tão forte que nos dá a idéia de um tiroteio cerrado nos campos de batalha. E a música percorre todas as ruas e os foguetões ferem o ar de todos os lados. Costumes assim já deviam ter abolidos; já não estamos, na velha Caiçara. Só mesmo aqui não se aten-

21 SCHAFER, 2000, p. 256-57.

22 WISNIK, 1999, p. 32-3.

dem as queixas do povo pela imprensa. Em breves dias ouviremos aqui novos estampidos de canhões alemães<sup>23</sup>.

Pela nota acima, ficamos sabendo as razões dos conhecidos foguetões nas noites da cidade de Sobral: fazer som de fundo para a banda de música municipal em dias festivos. Quando o articulista se refere ao fato de a cidade dormir enquanto a banda toca e os foguetes disparam, precisamos relativizar esse dado na medida em que, certamente, várias pessoas acompanhavam a banda e ouviam sem problema o foguetório. Isso nos faz refletir que o ruído é um conceito subjetivo. “O que é música para um homem pode ser ruído para outro”, de modo que, em Sobral especificamente, “perturbar a população”, nesse caso, “significa perturbar uma porção significativa do público”<sup>24</sup>, mas não *toda* a população. De toda forma, os sons considerados indesejáveis começam a ocupar parte importante do espaço público, constituindo perspectiva que enxerga em certos ruídos urbanos, vistos com ressalva, uma ligação com certo passado que se quer esquecer. Isso fica claro na passagem onde o articulista enfatiza que “já não estamos, na velha Caiçara”. A “velha Caiçara” é uma referência ao nome da fazenda que deu origem à Vila de Sobral e, depois, à cidade de Sobral, respectivamente, em 1773 e 1841. O articulista ainda compara os estampidos dos foguetes com tiros disparados.

Já lemos outra notícia sobre os foguetórios nas noites da cidade, e esse dado é refletido na passagem em que se diz: “Só mesmo aqui não se atendem as queixas do povo pela imprensa”, o que denota que essas duas notícias não são únicas, que outras queixas foram feitas e que o problema não foi resolvido. Sabemos que “O som urbano também é reflexo da expansão das cidades, seu aumento territorial somado aos modos de vida e ao uso de tecnologias de locomoção”<sup>25</sup>, mas não é só isso, porque as cidades, e Sobral é exemplar nesse caso, articulam os sons com diversas temporalidades, o que significa dizer que sons que chamamos de

23 *Correio da Semana*, Sobral-CE, 29 maio de 1941.

24 SCHAFER, *Op. cit.*, p. 258.

25 ROÇA, Luciana S.; TRAMONTANO, Marcelo. Polifonias, dissonâncias e ritmos: ouvir para construir cidades. In: *Virus*, São Carlos, n. 9, v. 1, [online], 2013. Disponível em: <http://143.107.236.240/virus/virus09/?sec=6&item=1&lang=pt>. Acesso em: 02 set. 2016, p. 3.

“positivos” aqui se ligam a uma visão de futuro, de progresso, de civilização, enquanto os sons considerados “negativos” são relacionados a certo passado dito atrasado e fora de lugar, como já refletimos. No entanto, outro som, esse menos ruidoso, começa a incomodar algumas pessoas que usam as páginas do *Correio da Semana* para reclamar:

### O assobio

Que coisa aborrecida, abandalhada, chocha, bestalica, ofídica, antipática, antihigienica, grosseira, alterante, desconcertante, irritante, infernante.

Na criança é prenuncio de certo mau caráter e tendência para o caipirismo, leviandade, preguiça, distração, pedantismo, orgulho, [...], mal criação, displicência, desprezo das coisas e dos homens quando seja sintoma certo [...] ou falta de chicote [...]<sup>26</sup>.

Mas onde se assobia? Por que ser tão causticante com um costume aparentemente banal? O assobio é tratado como um som descortês, antipático, grosseiro e ofídico, ou seja, *venenoso*. Para o conhecido *Manual de Boas Maneiras e Etiqueta*, de Maria Cândida Gonzaga Chedid, “Assobiar – é fazer pouco caso do próximo que está conversando ou calado. Assobie quando estiver só, ou em festinhas, que estejam cantando e assobiando.”<sup>27</sup> Ato descortês, como já frisamos, assobiar aqui é desconsiderar a presença do outro, e mais do que isso, é ser inoportuno. Temos outra manifestação do autor da coluna *Por hoje é só...*, no *Correio da Semana*, que nos esclarece um pouco sobre determinado local impróprio para assobios:

Por hoje é só...

A polícia local está muito empenhada em acabar com o uso do cigarro, no Teatro São João; está muito bem e tal providência está a merecer nossos mais francos aplausos. Que esta medida porém não seja de poucos dias, como já tem acontecido.

Existe contudo cousa peora corrigir por parte de certa gente que se não sabe portar em meios educados.

26 *Correio da Semana*, Sobral-CE, 24 de julho de 1941.

27 CHEDID, Maria Cândida Gonzaga. *Manual de Boas Maneiras e Etiqueta*. Disponível em: <https://www.portalbrasil.net/etiqueta/normasbasicas.htm>. Acesso em: 10 jun. 2016.

Por que não acaba a polícia com os ditos, **os assobios**, frases e piadas inconvenientes?  
 Mas o soldado fica assentado assistindo à exibição do filme e o resto, a não ser o cigarro alheio, pouco lhe interessa.  
 O oitão do mesmo Teatro serve de mictório cujo uso é público até perante senhoras.  
 Nossa polícia parece não enxergar.  
 Por hoje é só...<sup>28</sup> (Grifos nossos).

No interior do Theatro São João, ou melhor, no interior do Cine Theatro São João, porque é a esse espaço que o articulista se refere, deveria se impor certa ordem policial, que deveria conter o uso do cigarro em seu interior, mas essa ordem deveria atingir outros costumes considerados indesejáveis, entre eles, os assobios. O assobio, nesse sentido, era considerado caso de polícia. Primava-se pelo silêncio no interior daquele monumento, um silêncio entendido como respeitável. Por isso, outra reportagem do *Correio da Semana* conclama pelo silêncio na cidade: “Não há em nossa cidade silêncio noturno. Gente aquecida pelo álcool, em hora avançadas da noite, grita, gargalha estrepitosamente e canta chulas indecentes”<sup>29</sup>. Outra notícia, cujo título é *Reclama-se*, um mês depois, faz a mesma reclamação: “[...] O costume de se perturbar o silêncio noturno com gritos descompassados e chulas a bons pulmões [...]”<sup>30</sup>.

A cidade de Sobral, de certo modo considerada como uma cidade moderna desde a sua *Belle Époque*, na década de 1920, é espaço constante de variadas sonoridades, em que, praticamente nos mesmos espaços urbanos, especialmente em seu centro, os sons bucólicos das serenatas, por exemplo, começam a conviver com os sons dos automóveis, dos pregões nas ruas, dos assobios, entre outros sons, ou seja, estamos diante de uma sinfonia compósita de sons que se abrem sobre a cidade. Parte desse universo sensorial é explicitado novamente no *Correio da Semana*, já na década de 1970, mais precisamente em 1971, quando o articulista Francisco O. Moraes escreve um pequeno texto com o título *Sobral – Cidade do barulho*, sobre o qual refletiremos na sequência:

28 *Correio da Semana*, Sobral-CE, 06 de agosto de 1942. Coluna Por hoje é só...

29 *Correio da Semana*, Sobral-CE, 1º de janeiro de 1943.

30 *Reclama-se. Correio da Semana*, Sobral-CE, 4 de fevereiro de 1943.

Sobral, a terra de Domingos Olímpio, de Dr. José Saboia, de Dom José Tupinambá da Frota e de tantas outras personalidades ilustres, que projetaram seu nome no cenário nacional e até no exterior, vem se desenvolvendo assustadoramente, acompanhando o ritmo de progresso dos grandes centros urbanos. E em consequência da evolução, o barulho já está se tornando insuportável em pleno centro<sup>31</sup>.

Para o articulista, o desenvolvimento e o progresso têm a sua própria sonoridade, genericamente chamada por ele de barulho e o lugar desse barulho é o centro da cidade. O que o senhor Francisco O. Moraes não consegue entender com relação ao centro da cidade é que as ruas, especialmente as ruas centrais, mas não unicamente, são lugares de imprevisibilidades e que percorrê-las “significa atravessar tempos diversos no mesmo espaço, ou seja, espaços diversos, ao mesmo tempo”<sup>32</sup>, o que implica dizer que cada espaço compartilha os seus sons e que tempos diversos guardam diferentes sonoridades. E continua a reportagem do *Correio da Semana*:

Não é o barulho provocado pelos seus veículos que causa estranheza a seus habitantes, nem dos carros grandes e carretas que cortam a Princesa do Norte diariamente através da BR – 222, mas um barulho diferente. Não provocados pelos motores e a explosão. Barulho não causado por aviões de passageiros que lhe sobrevoe, pois não temos aeroporto. Não por esquadrilha de jatos, pois isso aqui é muito difícil<sup>33</sup>.

O articulista faz um clima de suspense em seu texto ao citar alguns sons comuns à cidade naquele período, sons de automóveis de passeio e de carretas que cortam a BR 222, estrada federal que cruza as imediações da cidade. Sons conhecidos e, segundo entendemos, digeridos pelos moradores sem problema. Outros sons, como aqueles causados por aviões e jatos, são apenas especulativos e demonstram a ironia do autor e sua estratégia para superdimensionar aqueles sons considerados barulhentos e fora da ordem, questão explicitada na sequência de seu texto:

31 *Correio da Semana*, Sobral-CE, 7 de novembro de 1971.

32 CANEVACCI, 1997, p. 216.

33 *Correio da Semana*, Sobral-CE, 7 de novembro de 1971.

Mas um barulho irritante, e constante, provocado por amplificadoras. Um barulho musicado, que teve origem na rivalidade de algumas lojas de tecidos de nossa cidade. O desejo ou a necessidade de propagar suas mercadorias, fizeram do centro da velha Caiçara uma autêntica baderna, numa mistura de músicas e vozes, que até nos dá a impressão de um parque de diversões à semelhança de um que esteve recentemente instalado na Praça Duque de Caxias<sup>34</sup>.

Voltamos às amplificadoras no centro da cidade, bastantes comuns, como a da *Coluna Imperator*, na praça São João, que servia como espaço de lazer, mas, dessa vez, o que temos é uma queixa com relação a esses equipamentos colocados junto a algumas lojas de tecidos. O que temos agora não é música simplesmente ou a programação da Rádio Iracema, mas “Um barulho musicado”, fazendo do centro da cidade “uma autêntica baderna”, segundo o articulista. A queixa maior diz respeito à impossibilidade de se “resolver um negócio nas adjacências dessas lojas sem que não seja gritando para seu interlocutor, sob pena de não ser ouvido”<sup>35</sup>. Sabemos, a partir das reflexões de Jean François Augoyard e Henry Torgue, que “os espaços urbanos e arquitetônicos podem proporcionar efeito de ubiqüidade sonora, pois possuem condições que favorecem a propagação e deslocalização sonora”<sup>36</sup>, de modo que, na cidade, os “sons não cessam, não existe possibilidade de privar o ouvido da audição assim como fechamos os olhos para impedir a visão”<sup>37</sup>. A cidade é uma incubadora de sons, está prenhe de barulhos, ruídos, sussurros, silêncios, novas audições e novos sentidos para escuta, e que repercutemna “concha do ouvido”, expressão cara ao *Rei à Escuta* de Italo Calvino. Assim, refletimos que o que define barulho, “ruído, assim como o silêncio [...], são atribuições dadas, construções sociais, morais, variáveis conforme a época e a situação”<sup>38</sup>.

34 *Correio da Semana*, Sobral-CE, 7 de novembro de 1971.

35 *Idem*.

36 AUGOYARD, J. F.; TORGUE, H. 2009, p. 131-137.

37 ROÇA; TRAMONTANO, *Op. cit.*, p. 6.

38 OBICI, 2006, p. 34. Disponível em: <http://www.pucsp.br/nucleodesubjetividade/Textos/giuliano/condicaoescutagiuliano.pdf>. Acesso em: 10 ago. 2016.

O jornal *Correio da Semana* é um importante documento para o entendimento das múltiplas faces de uma cidade contemporânea como Sobral. Suas páginas estão repletas de espaços de inscrição que forjam cidades possíveis e impossíveis, no limiar constante entre a cidade ideal e a cidade real, porque Sobral é estranha e ao mesmo tempo conhecida e reconhecida, longe e perto, aberta e fechada. *Deambular* pelas páginas desse importante jornal é se encontrar e se perder na perspectiva de variadas representações de uma cidade em constante dissolução e reconstrução. Uma cidade que tem a sua própria sonoridade, suas notas dissonantes e renitentes, compondo uma sinfonia social para múltiplas vozes e infinitas partituras...

## REFERÊNCIAS

ANDRADE, Carlos Drummond de. **Poesia e prosa**. 8. e. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1992.

ANDRADE, Cordeiro de. **Cassacos**. Rio de Janeiro: Andersen Editores, 1934.

ANDRADE, Plácido Marinho de. **Sobral Humor e prosa**. Fortaleza: Fortaleza Editora, 1992.

CALVINO, Italo. Um Rei à Escuta. In: CALVINO, Italo. **Sob o Sol-Jaguar**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

CANEVACCI, Massimo. **A cidade polifônica**: ensaio sobre a antropologia da comunicação urbana. São Paulo: Studio Nobel, 1997.

CHEDID, Maria Cândida Gonzaga. **Manual de Boas Maneiras e Etiqueta**. Disponível em: <https://www.portalbrasil.net/etiqueta/normas-basicas.htm>. Acesso em: 10 jun. 2016.

GOMES, Adail Ferreira. **Sem choro nem vela, muito menos fita amarela**. Fortaleza: Editora Henriqueta Galeno, 1998.

LIMA, César Barreto. **Estórias e histórias de Sobral**. 3. ed. Fortaleza: Premium, 2010.

ROÇA, Luciana S.; TRAMONTANO, Marcelo. Polifonias, dissonâncias e ritmos: ouvir para construir cidades. In: **Virus**, São Carlos, n. 9, v. 1, [online], 2013. Disponível em: <http://143.107.236.240/virus/virus09/?->

sec=6&item=1&lang=pt. Acesso em: 02 set. 2016.

RODRIGUES, Joyce Mota. **Entre telescópios e potes de barro: o eclipse solar e as expedições científicas em 1919, Sobral – CE.** 2012. 131 f. Dissertação (Mestrado em História) –Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2012.

SCHAFER, R. Murray. **A afinação do mundo.** São Paulo: UNESP, 2000.

SILVA FILHO, Antônio Luiz Macêdo e. **Rumores: a paisagem sonora de Fortaleza.** Fortaleza: Museu do Ceará; Secretaria da Cultura do Estado do Ceará, 2006.

TINHORÃO, José Ramos. **Os sons que vêm da rua.** São Paulo: Editora 34, 2013.

WISNIK, José Miguel. **O som e o sentido: uma outra história das músicas.** São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

# **JORNAL *CORREIO DA SEMANA*, UM INTÉRPRETE DA HISTÓRIA DO TEATRO SOBRALENSE**

*Edilberto Florencio dos Santos<sup>1</sup>*

## **INTRODUÇÃO**

Entre as últimas décadas do século XIX e as primeiras do século XX, a cidade de Sobral deu espaço à construção de pelos menos quatro edifícios destinados às artes cênicas: o Theatro Apollo Sobralense (1867), o Theatro São João (1880), o Theatro dos Democratas (1913) e o Cine-Teatro Glória (1928). Tais espaços abrigaram, em seu interior, as ações no campo das artes, do divertimento e da oratória da jovem elite sobralense, recebendo também a visita de companhias e grupos artísticos que passavam pela cidade dentro desse recorte.

No entanto, a história do fazer teatral sobralense acabou sendo condensado na historiografia sobralense e cearense através do Theatro São João, que, marcando a paisagem urbana, aparece naturalizado dentro dos enredos da história de Sobral enquanto marco de um momento no qual o desenvolvimento no campo econômico local se espraiou pela produção intelectual, cultural e artística de sua população. A alocação do São João a esse papel de protagonista da história cultura da cidade foi consolidado de modo a forjar uma representação sobre o lugar e seus habitantes,

---

<sup>1</sup> Mestre em História e Culturas pela Universidade Estadual do Ceará-UECE. Professor efetivo da rede municipal de Educação de Sobral.

efetivada com o tombamento do edifício do teatro como patrimônio estadual e do centro histórico sobralense como patrimônio nacional<sup>2</sup>.

Contudo, tais indicativos sobre a história do teatro<sup>3</sup> em Sobral como escrita, até o momento, funcionam mais como o programa de um espetáculo, que recebemos ao chegar para assistir a uma apresentação, através do qual o público tem acesso a um resumo da história que está por vir, bem como o descritivo de seus atos. Mas, ora, ninguém vai ao teatro para ler o programa da peça, mas sim para ver o espetáculo e, por alguns instantes, se envolver pelo enredo interpretado sobre o palco.

Desse modo, acreditamos não ser suficiente ouvir dizer que os grupos cênicos da cidade faziam delirar uma “plateia culta e amante da arte”, ou que o Apollo foi “palco de gloriosas atividades”, sendo sucedido pelo “majestoso Teatro São João”. É necessário, de algum modo, encontrar os artistas que compuseram essa cena, problematizar os processos de ascensão e desaparecimento desses espaços teatrais em Sobral, entender que companhias circulavam por estes palcos, e como se dava essa circulação, o que era representado, e como foram recepcionados pela cidade.

Todavia, pesquisar a história da arte teatral é ter em perspectiva as peculiaridades concernentes ao fazer cênico, em que suas fontes se compõem e se decompõem no ato de sua encenação diante da plateia que comungou com os artífices da cena do momento. Assim, como acessar a historicidade de uma manifestação artística que é tradicionalmente considerada efêmera, como o teatro? Como analisar e discutir a historicidade e as implicações de encenações levadas a público há mais de um século atrás?

Em detrimento da visão geral que atribui ao teatro um caráter de manifestação artística efêmera, a historiadora do teatro brasileiro Rosângela Patriota nos aponta a possibilidade de historicizar a fonte teatral. Para ela,

2 O Teatro São João é protegido como patrimônio histórico cearense por Tombo Estadual, segundo a lei nº 9.109 de 30 de julho de 1968, através do decreto nº 16.237 de 30 de novembro de 1983, além de ser peça-chave dentro da composição de um dos principais núcleos pertencentes ao perímetro tombado em 1999 como patrimônio nacional na cidade de Sobral pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN.

3 Utilizaremos a grafia do termo teatro com “th” fazendo referência à forma como a palavra era escrita no período, servindo também para diferenciar o fazer artístico (teatro) do edifício teatral (theatro).

o fazer teatral se semelhança ao acontecimento histórico, ambos se caracterizado como expressões de singularidade, pois, assim como um fato histórico que sabemos jamais irá se repetir, uma apresentação teatral de um mesmo espetáculo jamais ocorrerá de forma idêntica à apresentação anterior, que, por certo, será diferente em uma representação futura.

O caráter transitório de um acontecimento, de modo algum, inviabiliza a produção do conhecimento histórico, e sim o enriquece de sentidos outros, impondo desafios e possibilidades de abordagem, o que também se dá com a cena:

[...] a cena não é efêmera, não é passageira, não é transitória. A cena dispersa-se no tempo e no espaço. Essa dispersão acarreta um árduo trabalho para o historiador, na medida em que impõem dificuldades diferenciadas para serem lidos. Além disso, a dispersão das obras cênicas pode tomar duas conotações: a de dissipação ou de desaparecimento – a cena se espalha e prolifera no tempo e no espaço. Diante da dispersão, a tarefa do historiador é, através dos documentos existentes, recompor a cena, colocando-a novamente diante dos olhos dos leitores<sup>4</sup>.

Do mesmo modo que um acontecimento histórico, a cena não se perde no vazio, ela se engendra nos mecanismos do tempo e espaço, pois, conforme afirma Patriota, “no campo da pesquisa histórica a ‘cena’ adquire o estatuto de ‘acontecimento’”<sup>5</sup>, o que por sua vez, permite ao historiador perseguir os fios desses enredos vislumbrando apreender as relações entre arte e sociedade, presentes em uma elaborada rede de sentidos e sentimentos, que aproxima a história dos sujeitos, daqueles que sobem aos palcos e levam à cena uma reinvenção da vida, e daqueles que, estando na plateia, dão sentido a arte, produzindo e reproduzindo significados e reflexões.

Assim, perante o desafio imposto à pesquisa das manifestações teatrais, a procura pelos sentidos e implicações históricas do fazer teatral enquanto fonte para a historiografia encaminha-se na necessidade da busca de fontes que possam nos levar a uma análise da produção teatral

4 PATRIOTA, 2004, p. 240.

5 IDEM, P. 241

tanto em seu texto, presente nos sentidos e nas intencionalidades do enredo e da cena, quanto no seu contexto, ou seja, nas condições de sua produção, e na inserção na realidade social e cultural a partir da qual se consolidou e para a qual, do mesmo modo, se destina.

## OS JORNAIS COMO FONTE PARA A HISTÓRIA DO TEATRO: A IMPRENSA SOBRALENSE E SEU TEATRO

Se o teatro é um elemento referente à vida social e às práticas de sociabilidade de parte da população sobralense, entre as últimas décadas do século XIX e as primeiras do século XX, é por meio dos jornais do período que podemos encontrar as nuances da vida teatral da cidade. Como afirma a historiadora Tania Brandão: “com frequência as fontes jornalísticas surgem como o principal ou até o único registro disponível para o estudo do teatro brasileiro, nos séculos XIX e XX”<sup>6</sup>.

São notícias e pequenas notas sobre a construção dos palcos, casas de espetáculos e a formação de grupos cênicos; anúncios de peças, performances, números cênicos diversos e festivais artísticos; reclames divulgando grupos locais e companhias que passavam pela cidade, e que com frequência “visitavam” a redação destes jornais; e, por fim, algumas crônicas, que tratavam das encenações, assim como dos frequentadores das peças, de seu comportamento e hábitos durante os espetáculos, bem como das condições físicas e estruturais dos espaços cênicos.

No caso da cidade de Sobral, jornais como *Sobralense*, *Gazeta do Sobral*, *A Cidade*, *O Rebate*, *Pátria*, *A Ordem*, *A Lucta* e *Correio da Semana* ajudam a tangenciar a vida teatral representada, que, para além da ribalta e da materialidade dos espaços físicos dos theatros, ganhava o espaço citadino e reverberava em sua imprensa, nos ajudando a pensar a circulação de pessoas, ideias, comportamentos e de uma produção estética por meio da arte dramática.

6 BRANDÃO, 2001, p. 214.

O fazer teatral se enlaça nos enredos da vida cultural local e se manifesta nas páginas dos jornais, das quais emerge uma produção artística amadora ou de pequenas trupes que circulavam fora do grande circuito e dos palcos consagrados de algumas capitais, não deixando, assim, um grande lastro sobre suas atividades na historiografia sobre o teatro brasileiro. Portanto, nomes de companhias, trupes, grupos dramáticos, atores, atrizes, ensaiadores, autores e textos teatrais que, embora desconhecidos no atual painel da escrita sobre a história do teatro no Brasil, são essenciais para entender a existência de outras formas de pensar o teatro e sua importância na construção das sociabilidades e difusão de costumes em cidades que produziam e consumiam arte dramática.

Percorrendo as páginas amareladas das diversas folhas e hebdomadários de então, fomos surpreendidos pela constância na veiculação de informações relacionadas ao teatro, denotando interesse e inserção social desse tema na Sobral dos séculos XIX e XX. Nessas páginas, o teatro é aspirado e defendido, como durante as campanhas pela construção dos edifícios destinados a tal fim; divulgado e propagado comercialmente em anúncios e notas que se espalham sem lugar fixo nas edições consultadas; e analisado nas crônicas teatrais, misto de esboço crítico e registro social e dos costumes.

Tais questões evidenciam uma apropriação da arte dramática que se inseria para além do ambiente da caixa cênica ou do espaço físico dos teatros, convergindo em direção ao tecido social, embasando assim a ideia de Vida Teatral<sup>7</sup>, em que os jornais, mais que testemunhas, em uma condição passiva dentro deste processo, se caracterizam como instrumentos de propagação de ideias, das quais buscamos as que tangem a vida teatral sobralense, emitindo opiniões, avaliando companhias, artistas, espetáculos e gêneros teatrais, defendendo a necessidade de sua

---

7 Relativo ao conceito de “Vida teatral”, desenvolvido pelo pesquisador Antonio Herculano Lopes, o pesquisador compreende: “[...] a vivência dos habitantes da cidade com as atividades e as práticas desenvolvidas a partir do processo de produção e exibição de peças. As sociabilidades geradas a partir da atividade teatral, os usos diversificados dados ao prédio, [...] a vida das companhias e suas práticas [...] permitindo analisar melhor as conexões entre as instâncias estéticas, comerciais, políticas e dos usos e costumes da cidade.” In: LOPES, 2012, p. 05.

presença para a vida cultural e moderna que se ensaiava na cidade, propalando os hábitos e procedimentos a serem seguidos, e participando da construção do lugar social do teatro na realidade local.

Assim como o teatro, a imprensa também participava da consolidação das ideias de urbanidade e modernidade das quais ansiavam os “agentes do progresso” que gestavam a cidade no entresséculos. A presença das tipografias e de periódicos denotava a inserção do território no rol das cidades que acompanhavam os movimentos da vida moderna onde a palavra escrita e a cultura letrada assumiam papel hegemônico em detrimento da oralidade<sup>8</sup>.

Nesse sentido, no processo de transformação do jornal, de suas colunas, textos, artigos e editorias em fonte, faz-se necessária a problematização da relação entre o periódico e o seu período. Para isso, será pesquisada a origem de cada jornal, sua história, filiação ideológica, linha editorial, articulando tais informações ao momento e tempo em que estava inserido, “desvendando sua historicidade e intencionalidade”<sup>9</sup>, rompendo com o fetichismo diante do texto jornalístico, a fim de “reconhecer sua materialidade fugaz e parcial, sua vulnerabilidade, latentes em seu modo de fazer”<sup>10</sup>. Tais questões ajudam a compreender os elementos sociais que estavam em jogo durante a elaboração desses impressos, possibilitando que, partindo destes dados, possamos produzir conhecimento histórico sobre a vida teatral de Sobral.

A história sobralense é cortada pela presença de uma imprensa que alcançou vitalidade, com a consolidação de diversos periódicos e folhas, com alguns títulos experimentando relativa longevidade<sup>11</sup> e se espraiando por toda a região norte do estado, que tornaram Sobral uma referência na produção de periódicos dentro do estado. Assim, segundo

8 RAMA, Angel. *A Cidade das Letras*. São Paulo: Brasiliense, 1984.

9 CRUZ, 2007, p. 214.

10 *Ibid.*, p. 08.

11 Muitos dos jornais aqui pesquisados têm uma duração média de uma década de existência, como nos casos da Gazeta de Sobral e A Lucta, este último encerrado após o assassinato de seu proprietário e redator chefe, Deolindo Barreto em 1924. Outros alcançam expressiva longevidade, como o *Correio da Semana*, jornal da Diocese de Sobral, criado em 31 de março de 1918 por Dom José Tupinambá da Frota em 1917, ainda hoje estando em circulação.

Elza Marinho Lustosa da Costa, entre os anos de 1864 à 1940, Sobral contabilizou o considerável número de 120 jornais impressos<sup>12</sup>.

Pelo menos desde o ano de 1824, já eram dados os primeiros passos da imprensa cearense, com a produção e circulação de jornais na capital Fortaleza, ligados aos grupos e partidos políticos do estado. Sobral, por sua vez, só passa a contar com seu primeiro jornal 40 anos depois, com a publicação do periódico *Tabira*, em agosto de 1864, ligado ao Partido Liberal na cidade. E, somente a partir de 1874, ano da publicação do periódico *Sobralense*, a imprensa sobralense se consolida, de modo que, a partir de então, a “cidade nunca mais deixou de ter sua imprensa”<sup>13</sup>.

A associação entre jornal e teatro se relaciona – como propõe Heloísa de Farias Cruz ao tratar sobre a imprensa periódica de São Paulo na transição entre séculos – participando “ativamente do processo de formulação das novas linguagens do viver urbano”. A pesquisadora comenta:

Através da propaganda, a cidade-mercado penetra a imprensa periódica, denotando a crescente fruição de bens e serviços no espaço urbano. Afirmando novos valores, renovando as formas de dizer de antigas propostas, dirigindo as demandas e buscando criar desejos e necessidades no grande público, a propaganda participa ativamente do processo de formulação das novas linguagens do viver urbano. Nesse momento, caricaturas, fotos, slogans, etc., rompendo com os códigos e limites das escritas tradicionais, trazem para o interior do “texto” jornalístico inúmeras dimensões da experiência urbana da época<sup>14</sup>.

Nesse sentido, é necessário pensar a imprensa como um elemento ativo dentro do processo histórico e “não como mero depositário de acontecimentos nos diversos processos e conjunturas”. Muito mais do que noticiar e registrar acontecimentos, os jornais atuavam, conforme propõe Heloísa de Faria Cruz e Maria do Rosário da Cunha Peixoto, como “força ativa da vida moderna”, participando na formulação de

12 DA COSTA, 2011, p. 56.

13 ARAÚJO, 2005, p. 92.

14 CRUZ, 2013, p. 98.

modos de viver, leitura e posicionamento da e sobre a realidade<sup>15</sup>. Signo dos ideais de vida moderna e civilizada, a arte teatral se insere nos impressos sobralenses, noticiando e comentando ao público leitor os acontecimentos sucedidos nas ribaltas da cidade.

Embora a assertiva sobre a associação entre *theatro* e imprensa por meio dos periódicos locais, a inserção das expressões da vida teatral nos jornais sobralenses não se deu de forma homogênea. Apesar da constatação de uma considerável introdução de assuntos relacionados ao fazer teatral, as encenações e companhias dramáticas, bem como das apresentações como eventos sociais aos quais afluía a sociedade sobralense, sobretudo se considerado o silêncio da historiografia sobre o assunto, é notória a ausência de uma forma fixa de divulgação, apreciação ou crítica relacionada ao teatro, o que poderia ser divisado pela presença de seções, colunas ou redatores dedicados exclusivamente às questões relacionadas ao tema na imprensa sobralense, o que, por sua vez, não foi encontrado.

Desse modo, as informações e notícias que nos ajudam a construir um painel sobre a vida teatral sobralense do período se encontram espalhadas pelas diferentes folhas, normalmente em número de quatro, e pelas seções das publicações da imprensa local. Em alguns momentos, tais referências podem surgir em pequenas notas, comunicando uma apresentação acontecida, ou que iria “subir à cena” naquela semana, em ensaio ou, mesmo, na visita de uma companhia dramática ou de seu diretor/empresário à redação do jornal; bem como nas crônicas “sobre os acontecimentos teatrais que extrapolam os limites da ribalta”<sup>16</sup>, e que, em alguns momentos, encontram no teatro uma oportunidade de discutir os hábitos da população e os projetos de cidade que se almejava; e ainda entre os reclames publicitários, nos quais as encenações aparecem em sua matriz comercial, atividade que gerava renda a artistas e produtores, ou beneficente, visando angariar fundos para obras caritativas ou religiosas.

15 CRUZ, 2007, p. 05.

16 MEDEIROS, 2015, p. 04.

Dessa forma, a análise do corpus documental hemerográfico permite ao pesquisador inferir que a inserção do teatro nos jornais sobralenses não era uma questão central dessa imprensa, e sim circunstancial, haja vista a própria inexistência de uma atividade teatral ininterrupta que pudesse, por exemplo, garantir conteúdo para a elaboração de uma coluna fixa sobre o tema nos hebdomadários que circulavam na cidade. Isso é ratificado pela presença constante, entre os anúncios dos espetáculos, do argumento que considerava as apresentações como oportunidade de espantar “a insipidez de nossa terra tão pobre de divertimentos”<sup>17</sup>.

Outra questão essencial na apropriação dos jornais como fontes para discutir a vida teatral sobralense diz respeito à problematização sobre a relação entre os sujeitos que produzem os jornais, proprietários, redatores e articulistas e o próprio fazer teatral, em que podemos perceber diferentes matizes de aproximação com o tema, desde jornalistas envolvidos em encenações ou grupos que mantinham certos espaços cênicos da cidade ou companhias dramáticas locais, até a relação estritamente comercial entre as troupes visitantes e as folhas que, por meio de seus anúncios, solicitavam à população a “proteção” aos artistas, mediante sua presença às encenações.

Desse feito, a imprensa compõe um instrumento de interferência na construção da cidade e de sua realidade social, ou seja, uma “linguagem constitutiva do social”<sup>18</sup>. Sob este prisma é que encontramos as primeiras notas relativas à vida teatral em Sobral, a partir das quais o teatro é entendido como fazer artístico que necessitava de espaços propícios a seu desenvolvimento, palcos e casas de espetáculos, o que, por sua vez, iria colaborar com a educação e o “progresso moral” da população, aproximando a cidade dos ideais de modernidade e civilização. Assim, na consulta aos jornais, podemos categorizar alguns tipos de inserção de notícias e representações sobre o que temos chamado de vida teatral nos jornais sobralenses entre a segunda metade do século XIX e final do século XX.

17 *Jornal A Cidade*, Sobral-CE, 29 de abril de 1902.

18 CRUZ, 2007, p. 06.

A primeira delas diz respeito aos artigos e editoriais em que redatores, colunistas e articulistas se posicionam e tecem comentário em torno do teatro, enquanto fazer artístico e atividade social, pensando sua relação com a cidade e a sociedade local. São desse tipo os textos que tratam sobre o projeto de construção e de manutenção de casas de espetáculos em Sobral, bem como as linhas que refletem sobre a função social do teatro na formação da população, em um tipo de texto que busca pensar o teatro que não se esgota no palco e que insere a vida teatral nos sentidos e projetos para a urbe.

A segunda categoria diz respeito às tentativas de construção de crônicas teatrais, que buscavam comentar e tecer análises sobre o caráter social, dramático e artístico das apresentações acontecidas sobre os palcos da cidade. Nela encontramos explanações sobre as performances das companhias e seus artistas, sobre o enredo das peças, cenários, figurinos, músicas, coreografias, etc. Em algumas ocasiões, tais notas e artigos terminam por trazer à tona os embates em torno do tipo de arte e de temas que eram socialmente aceitos ou refutados, de acordo com os posicionamentos políticos e ideológicos dos periódicos.

Por fim, temos os materiais com fins de divulgação e propaganda que buscavam criar junto ao público leitor e aos *habitués* do teatro o desejo de se fazerem presentes às encenações que aconteceriam no Apollo Sobralense, no São João e no Theatrinho dos Democratas. São notas que, muito além do reclame tradicional com as informações sobre o programa dos espetáculos, horário, local e valores de acesso das apresentações, paulatinamente passam a trazer currículo de artistas e companhias e, em alguns momentos, até mesmo fotos de alguns destaques; notícias sobre os ensaios e articulação dos grupos locais em suas empreitadas cênicas, elencando todo o repertório das trupes que arribavam em solo sobralense, destacando feito dos artistas, sua trajetória de exibição em outros “centros modernos” e a boa aceitação de seus públicos.

A partir dessa categorização, buscamos consolidar uma abordagem metodológica que considera o fato de que a imprensa e os periódicos

não se situam “acima do mundo ao falar dele”.<sup>19</sup> São homens que viviam a cidade e seu tempo, que frequentavam suas casas de espetáculos, que tomavam o bonde da Ferro Carril Sobralense ou que caminhavam em suas ruas para chegar até lá, e postos na plateia observavam os artistas no palco, mas também seus concidadãos, e que levavam aos leitores por meio de colunas e artigos avulsos na imprensa local, seus comentários e considerações sobre a vida teatral de Sobral. Tratava-se de uma vida teatral praticamente desconhecida no presente, e que pode ser construída por meio destes espectadores e seus relatos e crônicas jornalísticas.

Os textos e relatos sobre o teatro em Sobral que estampam as páginas dos periódicos locais são interpretações tais como as que ocorrem no palco. Sobre esses relatos e sua inserção no tecido social por meio da produção jornalística, cabe refletir que:

Não adianta simplesmente apontar que a imprensa e as mídias “têm uma opinião”, mas que em sua atuação delimitam espaços, demarcam temas, mobilizam opiniões, constituem adesões e consensos. Mais ainda, trata-se também de entender que em diferentes conjunturas a imprensa não só assimila interesses e projetos de diferentes forças sociais, mas muito freqüentemente é, ela mesma, espaço privilegiado da articulação desses projetos. E que, como força social que atua na produção de hegemonia, a todo o tempo, articula uma compreensão da temporalidade, propõe diagnósticos do presente e afirma memórias de sujeitos, de eventos e de projetos, com as quais pretende articular as relações presente/passado e perspectivas de futuro<sup>20</sup>.

Assim sendo, entendemos que, por meio da produção jornalística de certa época, no nosso caso, a imprensa sobralense, podemos perceber como ela participou na delimitação de espaços, demarcação de temas, mobilização de opiniões e adesões em torno da vida teatral, estando ligados tanto às relações “presente/passado”, ao falar da importância da construção das casas de espetáculos, do esforço e mérito de seus idealiz-

19 CRUZ, 2007, p. 06.

20 *Ibid.*, p. 6-7.

zadores, dos primeiros artistas, como também às “perspectivas de futuro”, que se queria moderno e civilizado.

## O JORNAL *CORREIO DA SEMANA* COMO INTÉRPRETE DA CRÔNICA TEATRAL SOBRALENSE

Fundado em 31 de março de 1918, o jornal *Correio da Semana* constitui uma importante fonte para a construção da história da cultura de sobralense e da região em seu entorno, possibilitando conhecer cenas da história da cultura sobralense antes obscurecidas pelo transpor do tempo, como no caso da encenação da comédia *Advogado em Apuros*, encenação realizada por uma “pleiade de rapazes” em novembro de 1919 no Theatro São João, tendo sua bilheteria destinada em benefício dos pobres<sup>21</sup>.

Ao longo dos anos de sua produção e circulação, o periódico da Diocese de Sobral contribui na construção das narrativas sobre as atividades culturais e artísticas do estado, configurando-se como meio de comunicação bastante atuante, possibilitando notar as manifestações da “opinião pública” personificada nas edições deste jornal, em relação ao cenário manifesto pela conjuntura local.

Assim, podemos entender o jornal *Correio da Semana* como um relevante intérprete da história do teatro sobralense, concebendo o termo “interpretar” a partir de sua origem advinda do latim, *interpres*, usado para denominar aqueles que atuavam como mediadores ou intermediários, posto que, por meio de sua produção, o periódico pode ser apropriado pela pesquisa histórica enquanto mediador entre o fazer teatral passado e sua relação com a história e a cultura local, e as questões do presente.

Ao tratar sobre a relação da cidade, enquanto cenário e sua história, o historiador Durval Muniz de Albuquerque Junior afirma: “quem faz teatro sabe que não existe cenário que já não traga em si a virtualidade da cena que aí vai se expressar, e é a cena que realiza o cenário, pois é ela

21 *Jornal Correio da Semana*, Sobral-CE, 26 de outubro de 1915.

que o pratica”<sup>22</sup>. Nesse sentido, compreendendo a fonte jornalística como ferramenta para acessar a “virtualidade” do cenário social que adentra as manifestações cênicas, podemos perceber, no *Correio da Semana*, tanto as representações da cena, configurada nas notas e matérias de divulgação e de crônica sobre a vida teatral local, como as referências ao cenário, em seus âmbitos local, regional e nacional, compreendendo de que forma tais questões eram assimiladas e ressignificadas nas páginas do periódico.

Nesse sentido, são bastante relevantes as considerações tecidas pelo historiador João Mendes Lira, um dos mais produtivos pesquisadores da cidade. Em sua obra “Nossa História”, compilação do trabalho desenvolvido por ele entre as décadas de 1970 e 1980 quando escrevia semanalmente uma coluna no jornal católico *Correio da Semana*, o clérigo dedica um capítulo às artes em Sobral, intitulado-o “A Nossa Vida Artística”.

Em seu texto, o historiador toma o século XIX como marco do processo de surgimento do embrião artístico da cidade de Sobral, valorizando os esforços de seus “primeiros filhos”. Para ele:

A vida artística de Sobral foi uma consequência natural do dinamismo que lhe imprimiu seus primeiros filhos, do seu intercâmbio comercial com os centros elevados, da formação religiosa que os primeiros padres deram à sua gente. [...] O século XIX marcou época na vida artística sobralense. Viviam em Sobral homens idealistas cujo único objetivo de sua vida era promover a cultura e a arte<sup>23</sup>.

Em tom nitidamente passadista, em que o autor rende glórias ao pretérito, a vida artística da cidade é apresentada como uma consequência natural da presença e ação de homens notáveis em solo sobralense, onde a cultura e arte são amalgamadas dentro das narrativas que visam enobrecer o passado de Sobral, naturalizando os processos históricos e apagando suas contradições inerentes.

22 ALBUQUERQUE JR. 2010, p. 218.

23 LIRA, 1971, p. 10.

Todavia, o processo de estruturação de cada um dos citados espaços cênicos já mostra a pluralidade das motivações e usos que configuravam a vida teatral em Sobral no período entre os séculos XIX e XX. Senão, vejamos: temos a adaptação de uma residência às atividades teatrais, a partir de um grupo de amadores, no caso do Theatro Apollo; a construção de um edifício teatral ensejada como um projeto de estruturação e aparelhamento urbano expresso pelo Theatro São João; assim como a constituição de palcos para encenação dentro de clubes e agremiações, como no caso do Theatro Democratas.

Ao nos debruçarmos sobre as fontes que remetem ao momento de construção dessas casas de espetáculos, fica evidente que muito além da finalidade artística, a consolidação de espaços dedicados à realização de eventos cênicos, se aproximava das ideias de sociabilidade e civilização em voga naquele momento. Assim, o teatro enquanto estabelecimento social foi apropriado por setores que experimentavam uma mobilidade ascendente dentro do espaço urbanizado de Sobral, onde uma aristocracia rural se transmuta em burguesia comercial, e em profissionais liberais após algumas gerações, e que usam a vida teatral como artifício para “embelezar e iluminar com estilo social favorável as representações diárias do indivíduo”<sup>24</sup>, o que acabou ao longo do tempo, sendo apropriado e transformado em uma tradição de intelectualidade e de apreço às artes da população sobralense a partir da construção da historiografia oficial da cidade.

Não obstante, mesmo se estruturando de formas diversas, esses três palcos guardam entre si semelhanças que permitem pensar sobre a importância do teatro na vida social da cidade de Sobral, pensando sua existência e ressignificação no cotidiano da população. Nesse sentido, é de suma relevância se direcionar às falas dos interlocutores que viveram aquele período, expressas pelas vozes que ganham as páginas dos periódicos da cidade, comemorando ou criticando a presença desses theatros na cidade, estimulando a população a se fazer presente em suas programações, comentando os hábitos e comportamentos durante

---

24 GOFFMAN, 2002, p. 41.

esse momento, exortando melhores modos, tecendo explanações sobre o teor artístico das atrações, destacando as peças ensaiadas pelos amadores locais, noticiando e laureando os esforços dos grupos cênicos surgidos na cidade, dando conta das rotas das companhias que chegavam a Sobral e que circulavam pelas cidades do norte cearense e em outros estados, como Pernambuco, Maranhão e Pará.

Um interessante exemplo pode ser encontrado em nota publicada na coluna “Theatro”, da edição do dia 9 de agosto de 1919 do *Correio da Semana*<sup>25</sup>, dando um importante exemplo das notícias sobre as noites de encenação, nas quais o estreitamento das ligações entre os presentes acentua a observação e vigilância entre eles. Na nota, o articulista, não identificado, traz à público a advertência sobre a abstenção do consumo de cigarro dentro do Theatro São João, a partir do relato de um episódio presenciado durante uma sessão de cinema naquele recinto.

A nota diz o seguinte:

A muita familiaridade que existe entre nós faz-nos conservar alguns hábitos que nos tempos provinciaes eram perfeitamente explicaveis, mas actualmente já é tempo de extinguil-os. Esta familiaridade que, em certos casos particulares, permite-nos relaxar um tanto o freio das etiquetas sociaes em circumstancias outras já não tolera taes licenças. Um senhor de distinção, a semana passada, foi com sua família ao Cinema.

Sentou-se numa das galerias inferiores, por falta de logar na superior. Alli, no seu lugar, foi attingido successivamente por quatro ou cinco pontas de cigarro accesas que vinham de cima sujando-lhes as calças brancas.

No tempo que havia lá dentro os moleques que iam levar e vigiar as cadeiras e lá ficavam, ouviam-se constantes queixas de actos semelhantes. Os muleques achavam prazer naquella irreverência de que elles não podiam comprehender a gravidade. Essa gente não vai mais ao theatro.

Queremos crer que as pontas de cigarros que continuam a incommodar, não são atiradas propositalmente, longe de nós fazer um conceito de tal gravidade em pessoas educadas. Mas poder-se-ia perfeitamente evitar que se dessem esses factos desagradáveis, si os fumantes se abstivissem

25 Jornal *Correio da Semana*, coluna “Theatro”, 9 de agosto de 1919.

de fumar no recinto do teatro, cousa alias prohibida em todos os theatros em que há respeito. Nos intervalos, os fumantes poderiam afastar-se até o salão e alli fazerem o seu fumoir, livrando assim as senhoras e demais pessoas que não fumam, do incommodo da fumaça.

Hoje que o teatro se apresenta remodelado e asseiado muito convem aos nossos bons princípios que se extingam os hábitos pouco recommendaveis numa cidade civilisada.<sup>26</sup>

A admoestação aos bons princípios e a extinção de posturas não recomendáveis “numa cidade civilisada” se contrapõe aos excessos tolerados pela familiaridade entre os ocupantes da plateia do Theatro. Para o sociólogo canadense Erving Goffman, tal familiaridade pode ser entendida como uma decorrência da presença de um grupo de indivíduos que desempenha com certa frequência uma mesma representação, cooperando entre si, ao ponto de estabelecerem o que denomina de “intimidade sem calor”<sup>27</sup>.

A crônica jornalística sobralense também nos lembra de algo extremamente importante para pensar a vida dentro das cidades, o processo de ordenação e enquadramento dos espaços, que, dentre outros objetivos, vai buscar disciplinar os corpos e mentes dos seus habitantes. A cidade é, portanto, lugar de policiamento, como sugere o próprio termo de onde advém, “polis”. De tal modo, os agrupamentos citadinos, em primeira instância, foram uma forma de disciplinar e reprimir, tendo em vista um código de costumes e de convivência urbana, de cortesia, visando “polir” os sujeitos, chamando à ordem os que dela se desviavam, estabelecendo uma “espécie de integração social pela civilidade”<sup>28</sup>.

A adaptação das casas de espetáculos para a realização de exibições de filmes por meio do cinematógrafo e a vulgarização do acesso a esse tipo de divertimento através da diminuição do custo dos ingressos, terminam por exacerbar as brechas e a resistência ao discurso de civilização, mostrando os conflitos de classe dentro do espaço físico dos Ci-

26 *Idem.*

27 GOFFMAN, 2002, p. 81.

28 PECHMAN, 2002, p. 72.

nes-theatros, evidenciada pela separação do público dentro do recinto, chegando muitas vezes a confrontos físicos.

Nos jornais do início do século XX, são recorrentes as crônicas reclamando as transgressões “as leis da boa civilização” e alertando a necessidade de extinção de “hábitos poucos recomendáveis numa cidade civilizada”, como falar alto e fazer “a partes inoportunos”, cuspir no chão e fumar durante as sessões de cinema ou apresentações de teatro, e, até mesmo, jogar pontas de cigarros sobre os outros níveis de assentos. Esses conflitos são característicos de tal maneira que um articulista do jornal *Correio da Semana* chega a sugerir a restrição de acesso ao Cine-theatro por parte da “caboclada maltrapilha, suja, que passa todo o tempo fumando e cuspiendo transgredindo as leis de boa civilização.”<sup>29</sup>.

Portanto, os jornais se configuravam como o principal instrumento não somente de informação das programações artísticas e da vida teatral da cidade, mas, sobretudo, na formação e manutenção de plateia, buscando com que Sobral e a “brilhante platéia sobralense” estejam, através da prática de ir aos espetáculos teatrais, em sintonia com as “cidades civilizadas” e “centros mais adeantados”<sup>30</sup> do mundo. Todavia, nesse processo de divulgação, os jornais, na medida em que indicavam espetáculos e companhias dramáticas, também podiam discordar quanto à qualidade dos números dramáticos, especialmente no que tange às questões morais que poderiam envolver essas apresentações.

Tal questão pode ser percebida, com a temporada de apresentação do Trio Martha Gonviden (Gouvinden) no Theatro São João, no ano de 1924, que, após apresentação na cidade de Camocim, vem a Sobral empresariada pelo maestro Mozart Donizetti, nascido ali. O grupo chega à cidade para apresentar, segundo a imprensa local, um “vasto repertório de revistas, comédias, burletas e dramas, o qual tem alcançado algum sucesso no norte do Paiz”<sup>31</sup>.

29 *Jornal Correio da Semana*, Sobral-CE, 11 de outubro de 1918.

30 *Ibidem*.

31 *Jornal A Lucta*, Sobral-CE, 17 de maio de 1924.

No entanto, após a apresentação do grupo, o semanário diocesano, o jornal *Correio da Semana*, vem a público alertar as “famílias catholicas desta cidade” sobre as roupas e tipos de danças presentes nos trabalhos do grupo que se apresentava no Theatro São João. O periódico lança a seguinte nota sobre a apresentação de Martha e sua trupe na cidade:

Estreiou ante-hontem no Theatro S. João, o trio “Martha Gouvinden”. Constou a primeira parte da exhibição de um film cinematographico “Desvanecedor do Sonho”. A segunda parte de uma comedia – Mamãe Postiça – e por ultimo vários números de danças, monólogos, canções etc. Pondo de parte o valor dos artistas, que não discutimos não podemos deixar de lançar aqui o nosso protesto contra as não pequenas affrontas á moral que se fizeram exhibir no palco daquella casa de divertimentos. Ao que fomos informados, a actriz Martha Gouvinden veste-se com absoluta indecência, como si a nossa platéa estivesse habituada a espectaculos de cabaret. Alem disto, certas danças que se executaram ali são altamente indignas e condemnadas. Ficam, pois, as famílias catholicas desta cidade avisadas<sup>32</sup>.

O semanário diocesano, ao tratar da apresentação, não busca realizar uma crítica aos elementos artísticos, ao caráter cênico da apresentação ou mesmo ao “valor dos artistas”; seu “protesto”, uma espécie de aviso aos seus fiéis leitores, se direciona às vestimentas e às danças realizadas durante a apresentação, que não se achavam, segundo o jornal, adequadas a uma plateia que não estava habituada aos “espectaculos de cabaret”, permeados por danças “altamente indignas e condemnadas”. Nesse sentido, o *Correio da Semana* procura desaconselhar às famílias sobralenses que não compactuem com o que chamou “pequenas afrontas à moral”.

O “protesto” não ficou sem resposta. Na mesma semana, *A Lucta*<sup>33</sup>, que vinha divulgando e convidando seus leitores a prestigiarem as apresentações do “aplaudido trio”, inclusive trazendo uma foto da artista

32 Jornal *Correio da Semana*, Sobral-CE, 24 de maio de 1924.

33 Fundado em 1914, o jornal *A Lucta* figura na história da imprensa sobralense como exemplar de um jornalismo combativo, assumindo posições de crítica aos poderes constituídos, por esse motivo, portanto, terminando por gerar desafetos com os poderes locais. Tal posição questionadora desencadeou o assassinato de seu proprietário e diretor, o jornalista Deolindo Barreto Lima em junho de 1924.

Martha Grouvidem em um destes reclames, vem a público rebater os argumentos sobre os possíveis atentados à moral vigente, cometidos pelos números artísticos levados à cena na ribalta do São João.

Mau grado a propaganda de alguns puritanos de moral vasculante e ignorância firmada, esteve bastante concorrido o segundo espectáculo do trio Martha Govinden, que actualmente da vida e animação ao nosso velho theatro S. João. Estes espectáculos absolutamente não attentam contra a moral de um theatro e nenhuma similhaça têm com as scenas dos cabarets como alguns dispeitados procuraram fazer crer. As peças e cânticos e dansas exhibidas têm sidos todas dignas do mais moralizado salão, vasados na arte sem tutela indescente da pornographia. As toilettes de Martha Govinden, de que se maisina, são um pouco exageradas na moda, è verdade, mas podemos afirmar, sem receio de uma contestação sensata, que se são um pouco mais decotadas, não são mais indiscretas do que muitas que appareceram nos salões no ultimo carnaval.

Os decotes de Martha, não são o nu pornographico dos cabarets que levam ao débito e attentam contra o pudor; è o nu artístico e circumspecto que nem de leve arranha a epiderme da Moral. Felizmente, para bem dos nossos foros de cidade civilizada é esta a opinião das pessoas entendidas que assistiram aos dois espectáculos do applaudido Trio<sup>34</sup>.

O jornal de Deolindo Barreto, que, ao que tudo indica, estava encarregado de divulgar junto à população sobralense a dita companhia, desconstrói as condenações da matéria veiculada pelo jornal *Correio da Semana*, além de tecer críticas aos seus colegas de imprensa, como forma de defender seus protegidos.

O embate entre os jornais em torno da apresentação do Trio Martha Grouvidem e seus números dançantes nos permite pensar que, junto às ideias e concepção diferentes sobre teatro e os gêneros artísticos indicados ou desaconselhados às plateias sobralenses, estava em disputa um perfil de público idealizado a partir de duas perspectivas distintas e conflitantes. Uma delas era pautada nos parâmetros religiosos e da moral cristã,

---

34 Jornal *A Lucta*, Sobral-CE, 28 de maio de 1924.

que buscava guardar certas condutas, formas de vestir e se portar em público, em alguns aspectos, pouco afeitos aos modernismos e às mudanças de costumes oriundas do progresso material e da laicização do mundo social. Do outro, figurava um ideal de público mais ligado aos valores mundanos e modernos, em que um grupo de sujeitos ligados à cultura letrada e laica ansiava por se equiparar aos centros civilizados, às práticas de sociabilidades e de divertimentos impostos pela modernidade.

Assim, sobre a vida teatral apresentada e discutida nas páginas dos periódicos sobralenses, recai uma discussão mais ampla relacionadas a dois projetos de cidade, pautadas em valores religiosos e mundanos, que incidiam sobre a vida dos sujeitos, sobre sua forma de ser e de estar em público, além de como deveriam praticar suas sociabilidades e divertimentos.

Jornais como *Sobralense*, *Gazeta do Sobral*, *A Cidade*, *O Rebate*, *Pátria*, *A Ordem*, *A Lucta* e *Correio da Semana*, buscados por nós nos arquivos e hemerotecas, nos ajudam a tangenciar a vida teatral representada em Sobral, que, para além da ribalta e da materialidade dos espaços físicos dos theatros, ganhava a cidade e reverberava em sua imprensa, nos ajudando a pensar a circulação de pessoas, ideias, comportamentos e de uma produção estética por meio da arte dramática.

Portanto, podemos afirmar que o teatro se inseria na sociedade entresséculos como uma das ferramentas de reconhecimento e de legitimação social entre os sujeitos, ou seja, como um dos espaços estabelecidos para o exercício e o gozo das sociabilidades entre pares. Todavia, a constituição das atividades de caráter cênico, naturalmente, passou por momentos de acomodação e, mesmo, de resistência, expressos, como vimos, pelas constantes críticas ao mau comportamento de parte da plateia durante as encenações, assim como pela recorrência quanto à ausência de público em diversos momentos desta história.

Dessa forma, longe de ser uma expressão artística consolidada na sociedade local, como pretendem a historiografia e a memória local, o fazer teatral, até a metade do século XX, se encontrava em processo de

afirmação, como podemos observar por meio da imprensa, tendo como principais artífices os amadores e empresários locais, com participação efusiva de determinados setores da imprensa sobralense, que, ora por afinidade com a arte, ora por interesses comerciais, buscavam entusiasmar a frequência aos theatros por parte da população da cidade.

A relação entre fazer teatral e imprensa se mostra muito mais efusiva do que poderia se intuir por meio da produção historiográfica local e estadual. Mais do que um espaço de divulgação, os jornais locais, através de seus redatores, articulistas e diretores, desempenharam um relevante papel para o desenvolvimento das atividades cênicas por meio de uma relação de interesses que permite entender o teatro não somente em sua dimensão artística, mas também social.

## REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE JR., Durval Muniz de. O teatro da história: os espaços entre cenas e cenários. *In*: FREITAS, Nilson A.; Martha M.; HOLANDA, Virgínia C. C. de. **Múltiplos olhares sobre a cidade e o urbano: Sobral e região em foco**. Sobral: UECE; UVA, 2010.

BARBOSA, Marta Emisia Jacinto; LIMA, Jorge Luiz Ferreira. História, imprensa e redes de comunicação. **História e Perspectivas**, Uberlândia, v. 39, p. 37-57, jul./dez. 2008.

BRANDÃO, Tania. Ora, direis ouvir estrelas: historiografia e história do teatro brasileiro. **Sala Preta**, São Paulo, ano 1, v. 1, p. 199-217, 2001.

CAPELATO, Maria Helena R. **Imprensa e História do Brasil**. 2. ed. São Paulo: Contexto/EDUSP, 1994.

CRUZ, Heloisa de Faria. **São Paulo em Papel e Tinta: periodismo e vida urbana 1890-1915**. São Paulo: Arquivo Público do Estado de São Paulo, 2013.

CRUZ, Heloisa de Faria. Na oficina do historiador: conversas sobre História e imprensa. **Projeto História**, São Paulo, n. 35, p. 253-270, dez. 2007.

DA COSTA, Elza Marinho Lustosa. **Sociabilidade e cultura das elites Sobralenses: 1880-1930**. Fortaleza: SECULT/CE, 2011.

GIRÃO, Glória Giovana S. Mont'Alverne. SOARES, Maria Norma. **Sobral História e Vida**. Sobral: UVA, 1999.

GOFFMAN, Erving. **A representação do eu na vida cotidiana**. Petrópolis: Vozes, 2002.

GOFFMAN, Erving. **Ritual de interação: ensaios sobre o comportamento face a face**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

LIRA, João Mendes. **Nossa História**. Sobral: [s.n.], 1971.

LOPES, Antonio Herculano. **O moderno, o nacional e o popular no teatro oitocentista fluminense (1838-1908)**. Rio de Janeiro: Casa de Rui Barbosa, 2012.

LOPES, Antonio Herculano. Vasques: uma sensibilidade excêntrica. *In: Nuevo Mundo Mundos Nuevos*, Colloques, v. 5, n. 2, 2007. Disponível em: <http://nuevomundo.revues.org/3676#text>. Acesso em: 20 out. 2015.

MATOS, Maria Izilda Santos de; PATRIOTA, Rosângela. **Olhares sobre a História: Culturas, sensibilidades e sociabilidades**. São Paulo: Hucitec, 2010.

MELO, Francisco Dênis. **Abrem-se as cortinas: histórias e memórias sobre o Teatro São João de Sobral (1930-1980)**. Sobral: Edições ECOA, 2015.

NOBRE, Geraldo. **Introdução à História do Jornalismo Cearense**. Fortaleza: NUDOC, 2006.

PATRIOTA, Rosângela. A escrita da História do Teatro no Brasil: questões temáticas e aspectos metodológicos. **História**, São Paulo, v.24, n.2, p. 79-110, 2005.

PATRIOTA, Rosângela. O historiador e o teatro: texto dramático, espetáculo, recepção. *In: PESAVENTO, Sandra Jatahy (Org.). Escrita, linguagem, objetos: leituras de história cultural*. São Paulo: EDUSC, 2004.

PATRIOTA, Rosângela. Teatro: espaço do sensível e da sociabilidade. *In: Olhares sobre a história*. São Paulo: Hucitec, 2010.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **Escrita, linguagem, objetos: Leituras de história cultural**. São Paulo: EDUSC, 2004.

RAMA, Angel. **A Cidade das Letras**. São Paulo: Brasiliense, 1984.

VENÂNCIO, Giselle Martins. A arte no tempo: por uma perspectiva sociocultural dos objetos artísticos. **Fênix – Revista de História e Estudos Culturais**, v. 3, n. 1, 2016.

## **SOBRE OS AUTORES**

### **Aurélio Ponte Filho**

Graduado em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Ceará (UFC); Especialista em Gestão e Modernização Pública pela Universidade Estadual do Acaraú (UEVA); Mestrado em Sociologia pela UFC; Doutor em Sociologia pela UFC, com a tese intitulada “Dom José e o *Correio da Semana*: a ‘Boa Imprensa’ em Sobral (1918-1925)”. Pós-Doutor em Arquivologia pela Universidade de Brasília (UnB).

### **Carla Alexandra Coêlho Guimarães**

Graduada em Ciências Sociais/Bacharelado pela Universidade Estadual Vale do Acaraú (2015). Aluna do Curso de Especialização em Ensino de História do Ceará. Atualmente, participa do Grupo de Estudo de História Política vinculado à Universidade Estadual Vale do Acaraú. Suas pesquisas abordam os seguintes temas: Relações do catolicismo com a política e o Movimento Integralista, dando ênfase à História Política do Brasil no período de 1920 e 1930. E-mail: [cacg.carla@gmail.com](mailto:cacg.carla@gmail.com).

### **Carlos Augusto Pereira dos Santos**

Professor do Curso de História da Universidade Estadual Vale do Acaraú – UVA. Graduado em Estudos Sociais (1990) e em História (2015) pela UVA. Mestre em História Social pela Universidade Federal do Rio de Janeiro/Universidade Federal do Ceará (2000). Doutor em História do Norte e Nordeste do Brasil pela Universidade Federal de Pernambuco UFPE (2008). Pós-Doutor em Estudos Culturais no Programa Avançado de Cultura Contemporânea – PACC/UFRJ (2016).

### **Edilberto Florêncio dos Santos**

Historiador e educador com atividades nos campos da cultura, patrimônio e ensino. Professor efetivo da rede municipal de educação de Sobral. Mestre em História e Culturas pelo Mestrado Acadêmico em História-UECE (2018). Possui especialização em Ensino de História do Ceará (2013) e em Gestão Cultural pelo Laboratório de Gestão Cultural (2019) - UVA.

### **Edvanir Maia da Silveira**

Possui Graduação em História pela Universidade Estadual do Ceará (1997), Mestrado em História pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (2000), Doutorado em História pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (2013) e Pós-Doutorado pela UFC (2018). É Professora Adjunta da Universidade Estadual Vale do Acaraú. É líder do Grupo de Pesquisa – História e Cultura Política, cadastrado no CNPq. Tem experiência na área de História, com ênfase em História do Brasil, atuando principalmente nos seguintes temas: história, cidade e cultura política. E-mail: didisilveira@bol.com.br.

### **Francisco Dênis Melo**

Professor do Curso de História da Universidade Estadual Vale do Acaraú. Mestre e Doutor em História pela Universidade Federal de Pernambuco – UFPE. Pós-doutor no Programa Avançado de Cultura Contemporânea da Universidade Federal do Rio de Janeiro – PACC/UFRJ. Pesquisa as relações entre História e Literatura, Religião e Religiosidade Popular e Ensino de História, além de, atualmente, as sonoridades inerentes ao espaço urbano da cidade de Sobral.

### **Neycikele Sotero Araújo**

Graduada em História pela Universidade Estadual Vale do Acaraú-UVA (2010) e Pós-Graduada em Ensino de História do Ceará pela Universidade Estadual Vale do Acaraú - UVA (2013). Educadora no Equipamento Cultural Casa do Capitão-Mor: Centro de Referência Histórica e

Cultural, vinculado à Secretaria da Cultura, Juventude, Esporte e Lazer/ Prefeitura Municipal de Sobral-CE desde 2012, onde desenvolve ações na área da educação patrimonial e educação não-formal.

### **Ricardo Luiz Martins**

Graduado em História/Licenciatura pela Universidade Estadual Vale do Acaraú (2017). Atua no campo de pesquisa da Nova História Política, com ênfase nas repercussões e práticas do Partido Comunista Brasileiro (PCB) no Noroeste cearense entre as décadas de 1940 - 1960. E-mail: ricardoluz1993@outlook.com.

### **Rubens Francisco da Silva**

Especialista em Ensino de História do Ceará pela Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA). Graduado em História pela Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA). Tem experiência como professor na Educação Básica, precisamente, no Ensino Fundamental II e no Ensino Médio. E-mail: rubenshistoria21@bol.com.br.

### **Telma Bessa Sales**

Possui Graduação (1997), Mestrado (2000) e Doutorado (2006) em História pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo e Pós-Doutorado na Universidade de Évora Portugal (2015). Tem experiência na área de História, com ênfase em História Social, atuando principalmente nos seguintes temas: Brasil, experiências sociais, memória, cultura, história oral e reestruturação produtiva.

### **Thiago Braga Teles da Rocha**

Nasceu em Fortaleza em 30 de março de 1990. Depois de algumas migrações com a família, passou a viver na cidade que ama, Sobral, em 1997. Estudou graças aos esforços dos avós paternos no Colégio Sobralense e no Colégio Luciano Feijão. Foi coroinha na infância e parte da adolescência, onde conheceu o convívio político e religioso próprios dos clérigos. Sempre foi encantado por História, curso que amou e estudou na Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA) entre 2009 e 2013,

sendo da primeira geração de Bolsistas PET e também Secretário Geral do Centro Acadêmico de História (2010-11). cursou Especialização na mesma instituição em Ensino de História do Ceará (2016) e Mestrado em História e Culturas no Mestrado Acadêmico em História da Universidade Estadual do Ceará (MAHIS/UECE). É professor desde 2010, sendo desde 2014 do Estado, onde aprendeu muito mais que ensinou. Hoje trabalha no Centro de Educação a Distância do Ceará (CED), órgão vinculado à Secretaria de Educação do Ceará (SEDUC/CE), onde é responsável por atividades de formação dos professores da rede estadual de ensino do Ceará e também coopera na preparação dos alunos para o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM). É interessado em pesquisas no campo da História Política da Igreja Católica, em Historiografia Religiosa e em Teoria da História. E-mail: thiagorochoa90@outlook.com.

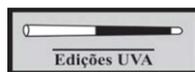
### **Viviane Prado Bezerra**

Doutora em História Social pela Universidade Federal Fluminense (DINTER UFF/URCA). Mestre em História Social pela Universidade Federal do Ceará - UFC (2008). Graduada em História pela Universidade Estadual Vale do Acaraú - UVA (2004). É Professora Assistente do Curso de História da Universidade Estadual Vale do Acaraú - UVA. Está vinculada ao Grupo de Estudos e Pesquisas de História Oral do curso de História da Universidade Estadual Vale do Acaraú - UVA, atuando nos campos de pesquisa de História Social, com ênfase em Movimentos Sociais, Camponeses, História das Mulheres, História Oral e História da Educação.

### **Yana Mara Vasconcelos da Ponte**

Atualmente professora na escola do SESI - Professora Silvana Machado dos Santos (Sobral), atuando na Educação de Jovens e Adultos, nas modalidades presencial e à distância. Graduada em História (Licenciatura) pela Universidade Estadual Vale do Acaraú, é aluna do Curso de Especialização em Gestão, Coordenação, Planejamento e Avaliação Escolar pelo Centro Universitário UNINTA e aluna do Curso de Pedagogia na Universidade Federal do Ceará.





Este livro foi composto em fonte Myriad Pro,  
em e-book formato pdf, com 284 páginas  
Agosto de 2021



**A importância do jornal *Correio da Semana* para a pesquisa em história**

*Telma Bessa Sales*

**O jornal *Correio da Semana* e sua contribuição como fonte de pesquisa para as produções acadêmicas do curso de história da Universidade Estadual Vale do Acaraú – UVA**

*Yana Mara Vasconcelos da Ponte*

**Catolicismo e política: a Liga Eleitoral Católica e o *Correio da Semana* (1932-35)**

*Carla Alexandra Coêlho Guimarães*

**Os comunistas e a ditadura no jornal *Correio da Semana***

*Ricardo Luiz Martins*

*Edvanir Maia da Silveira*

**“Se todos os mezes houvesse um 19 de março, quem era que falava mais em comunismo”? O circulismo católico como fenômeno associativo no Noroeste do Ceará**

*Carlos Augusto Pereira dos Santos*

**O “soldado” da Igreja nas páginas do “*Correio da Semana*”: fragmentos das performances do padre Sabino Guimarães Loyola na década de 1940**

*Thiago Braga Teles da Rocha*

**A “bôa imprensa” em Sobral - Ceará**

*Aurélio Ponte Filho*

**“A princesa adormecida”. A introdução de Sobral-CE no cenário político do patrimônio cultural nacional**

*Neycikele Sotero Araújo*

**Pobreza, sedução e defloramento: uma análise a partir dos processos-crime de sedução e do jornal *Correio da Semana* em Sobral-CE (1940 a 1945)**

*Rubens Francisco da Silva*

*Viviane Prado Bezerra*

**Sons do progresso e a cidade do barulho nas páginas do jornal *Correio da Semana* em Sobral-CE.**

*Francisco Dênis Melo*

**Jornal *Correio da Semana*, um intérprete da história do teatro sobralense**

*Edilberto Florencio dos Santos*

ISBN 978-658742996-0



9 786587 429960